
#DesPEGA
Agenda do dia:
- Marcar depilação;
- Comprar café e Gelol;
- Quebrar a cara do Matteo!
Um brinde ao Desapego!
da autora best-seller da Amazon
MÍDDIAN MEIRELES



MÍDDIAN MEIRELES

1ª Edição

2017

Copyright © 2017 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à autora. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Míddian Meireles

Revisão: Sara Rodrigues

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e

acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Sinopse

Melissa Brandão é uma famosa jornalista da revista DIVA, onde escreve uma coluna chamada #DesaPega. As leitoras são simplesmente apaixonadas por ela, que interage 24h por dia nas redes sociais com seus fãs. O grande problema disso tudo, é que os homens mesmo sem a conhecerem não a suportam, pois ela é praticamente uma Guru de Relacionamentos para as mulheres, que seguem a risca seus conselhos. Ou seja, a Mel é como a inimiga número 1 do sexo masculino.

Mel se orgulha do que conquistou, mesmo que seu melhor relacionamento seja com seus seguidores, pois até hoje nenhum homem soube lidar com o jeito "Mel de ser".

Ela não tem vergonha de dizer que foi culpada por acabar muitos relacionamentos com seus conselhos – inclusive os seus. Afinal, ela já ajudou e também separou muita gente com seu lema: *"Não tá bom? Desapega, menina!"*

Matteo Vogel é o filho mais velho da falecida Michelle Vogel, uma das ex-modelos mais famosas do mundo e Vice-Presidente da empresa da família, o Grupo Vogel. Ele não esconde ser um workaholic mal humorado, machista e careta, que comanda com mãos de ferro não apenas em seu trabalho, mas também tudo ao seu redor.

Até que tudo muda no dia em que seu pai diz que se casará pela décima vez, com uma modelo de lingerie mais nova do que seu irmão caçula e decide se aposentar. Isso faz com que ele tenha que assumir a Presidência da empresa e com ela, todas as Revistas da Editora.

Agora ele tem que lidar com uma das colunistas mais badaladas da editora, justamente a culpada pelo seu último término, pois sua ex foi mais uma que seguiu o conselho da Mel.

A disputa entre eles não será fácil, não quando ambos são orgulhos demais para dar o braço a torcer. E ainda por cima se tem amigos com parafuso a menos, ex-namorados loucos e para completar dois irmãos mais novos apaixonados na equação.

Um chefe com o ego ferido. Uma mulher decidida,

desastrada e temperamental. Duas pessoas que descobrirão que a arte de Desapegar pode ser a ajuda que o destino lhes deu para que encontrem a pessoa certa.

"Tô praticando a lei do desapego
Que diz que não preciso me apaixonar
Pra ser feliz eu não preciso me entregar..."

Lei do Desapego – Thiago Brava

Olá, Miga!

Tudo bem?!

Sei que você está ansiosa para conhecer a minha história, afinal, quem não está?

Mas primeiro anote ai uma Receita para você #DesaPegar, sua louca!

Receita para #DesaPegar:

- Refri de Limão

- Frutas cortadas

- Completar com gelo e Jurupinga

(Descanse por 20min na Geladeira)

Pronto! Agora você está pronta para #DesaPegar e fazer maldade!

Xoxo,

Mel ♥



BRINCANDO COM OS LÁBIOS POR ONDE PASSAVA, ele continuou a descer pela minha pele. Seus dedos acariciaram meu braço tão suavemente, que era como se plumas estivessem me tocando. Minhas pernas pareciam ter perdido o controle, já as mãos pareciam ter

vida própria, pois apoiei-me em seus bíceps rijos e fortes, precisando senti-lo. Os arrepios subiram e desceram por minha coluna, deixando-me cada vez mais ciente dele e querendo mais.

Mais por mais ansiosa que estivesse, instintivamente senti-me um pouco tímida. Era como se fosse a primeira vez que iria para a cama com um homem, quando na verdade eu já tinha dado para vários.

É... melhor deixar esse detalhe para lá!

Enrosquei os dedos em seus cabelos, trazendo-o ainda mais para mim. Suas mãos grandes e macias deslizaram pelo meu corpo, enquanto meu vestido virava apenas uma poça no chão. Minha boca voltou a encontrar a sua e o beijo se tornou ainda mais voraz. Com uma rapidez e agilidade impressionantes, ele me carregou no colo e comigo ainda em seus braços, andou em direção aonde nós dois nos queríamos.

Ele então deitou-me na cama, antes de pressionar seu corpo contra o meu. Ciente e ouriçada por ter o peso do seu corpo sobre mim, senti-o deslizar a mão grande pela lateral do meu corpo, correndo os dedos até minhas coxas.

E por fim rasgando a lateral da minha calcinha, como se ela não fosse nada, fazendo-me gemer em sua boca.

— Ainda sem nomes? — inquiriu com uma voz grave e gutural, que arrepiou ainda mais cada parte de mim.

— Sim. Para que nomes? Nomes não são importantes. — murmurei, ofegante, quando seus dedos febris encontraram meu centro pulsante.

Isso! Ai mesmo!

— Então já que não são importantes, se prepara porque essa noite farei você esquecer até mesmo o seu nome.

Ai Deus do céu!

“Não olhe para trás. Se a Cinderela tivesse voltado para buscar seu sapatinho, nunca se tornaria uma princesa.”



— MEU DEUS! EU PRECISO DAR! — as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las e ao meu redor tive que ver meus colegas de trabalho começarem a rir.

Não entendi por que eles estavam rindo!

Não, eu não costumava me sentir envergonhada com facilidade. Estava bem longe disso, em um nível mais elevado, porque na verdade, já havia me acostumado com o fato de que nasci para pagar os maiores micos e ainda por cima causar vergonha alheia. E bem, não seria agora, mesmo que em um refeitório lotado que me sentiria envergonhada por apenas estar dizendo a verdade.

— O que é? Até parece que todo mundo aqui tem uma vida sexual altamente ativa! — provoquei em voz alta, fazendo questão de olhar ao meu redor e a expressão envergonhada de uns e derrotada de outros, me dizia o que eu já sabia: Eu estava certa!

E estava mesmo. Eu era praticamente uma guru ou psicóloga em relacionamentos, não apenas para revista que trabalhava, mas também para meus colegas, que vinham chorar as pitangas comigo. Especialmente quando precisavam de algum conselho ou quando alguma coisa dava muito errado na vida amorosa deles. Ou seja: Sempre.

— Mel, mas o que aconteceu para você falar assim e justamente na hora do almoço? — Sara, que estava

sentada ao meu lado e era responsável pelas matérias de saúde perguntou.

— Veja isso. — falei, lhe entregando meu amado iPhone, para que ela pudesse ler a notícia que tinha acabado de ler e havia me deixado um pouco depressiva.

Sério. Era triste até para mim!

A noticia em questão, era sobre o nosso chefe, o grande Otávio, quase sexagenário bilionário, que havia acabado de anunciar seu décimo casamento, com uma modelo que inclusive era quarenta anos mais nova do que o dito cujo. E como se isso já não fosse impressionante e depressivo o suficiente, ela ainda conseguia ser mais nova do que seu filho caçula.

É, eu meio que trabalhava com Hugh Hefner[1] ! Só que mais novo e mais gato!

— Nossa! Essa foi rápida! Esses dias eles anunciaram o namoro! — Sara murmurou, também tão chocada quanto eu enquanto olhava para meu aparelho e logo tratei de pegá-lo de volta.

Não me julguem. Mas ter alguém mexendo no seu celular é quase como ser revistado, você sabe que não

tem nada demais, mas continua com medo de que achem algo! Melhor evitar!

— Bota rápido nisso. Eles estão juntos há realmente menos de um mês! — falei ainda chocada com a informação.

— É o amor! — Sara disse sonhadora e eu fiz uma careta para ela.

— Não sei por que insisto em ser sua amiga, cara. Na boa. — comentei revirando os olhos.

— Porque você me ama e no fundo acredita no amor tanto quanto eu. — apontou, me fazendo rir.

— Amiga, isso aqui é tudo menos amor. Aposto no chá de calcinha. Não creio que uma menina dessa idade possa ter uma pepeca tão poderosa assim, querida. — comentei, terminando de comer minha salada e Sara começou a rir.

— Sério. Não sei como uma pessoa tão cética no amor pode ser responsável pela coluna de relacionamentos de uma revista tão grande. — falou e eu sorri, adorava quando me diziam isso.

— Justamente por isso. Sou realista, não acredito em conto de fadas. Não digo as pessoas o que querem ouvir e

sim o que precisam. — dou de ombros.

Era verdade. Há dois anos eu era responsável pela coluna de relacionamentos da Revista Diva, onde os leitores pediam dicas e eu lhes mandava a real. As pessoas às vezes esperavam palavras bonitas quando me pediam conselhos amorosos, mas eu era diferente e lhes dizia a verdade nua e crua.

Quando uma leitora me procurava com problemas amorosos, esperando que lhe ajudasse a resolver e eu não via futuro naquilo, lhe mandava logo a real:

Desapega, menina!

A coluna #DesaPega era uma das colunas mais famosas da Revista Diva e eu tinha orgulho de ser a responsável por ela. Com a crise das revistas em papel, acabamos nos adequando a modernidade e também tínhamos além da revista online, um site cheio de entretenimento para os leitores. Lá eu também comandava um blog com o mesmo nome da coluna e através da página oficial do *Facebook* da Revista e *Youtube,* tinha um programa semanal para falar online com meus leitores e tirar suas dúvidas. Coisa que eu adorava.

Sem falsa modéstia, eu era um sucesso nas redes sociais. Quase 24h do meu dia passava entre *Instagram, Facebook, Twitter* e qualquer outra rede social do momento. Usava elas não apenas como lazer, mas também como fonte de trabalho e ajuda ao próximo. Adorava isso.

Eu tinha quase 10 milhões de seguidores e para uma jornalista com poucos anos de formada, era definitivamente muita coisa. Por causa desse meu sucesso com o público, eu tinha não apenas conseguido uma promoção na Revista, patrocinadores, fãs, mas também acabei ganhando o ódio de muita gente.

Os *haters* não eram realmente meus maiores problemas, mas sim os ex-namorados frustrados por terem pegado um pé na bunda por minha causa. E olha que não foram poucos. Por causa do que eu faço e escrevo, já separei e juntei muita gente. E exatamente por causa disso que havia ganhado uma página do *Facebook* intitulada "Eu odeio a Mel Brandão" e a mesma já tinha uma porção de seguidores.

Não me incomodava realmente. Muito pelo contrário, de vez em quando, eu mandava um "beijinho" para eles,

apenas para mostrar que não eram nada para mim.

Não bloqueio ninguém nas minhas redes sociais, Deus me livre de impedir de verem que eu sou feliz e estou cada dia mais maravilhosa!

Só que por ser uma pessoa conhecida, muitas vezes era abordada na rua por esses mesmos homens. Vez ou outra acabava tendo que lhes dar um soco na cara ou um chute no saco, porque eles tinham a audácia de vir me dizer que meu problema era falta de sexo.

Não que eu esteja com o sexo em dia, coisa que definitivamente não estou, mas isso eles não precisam saber, né?

Sorte a minha e azar o deles que eu seja faixa preta em Karatê. Porque quando eles abusam da minha paciência e benignidade, os coloco exatamente no lugar em que eles merecem: na sarjeta.

— Ah! Nem te contei quem encontrei hoje quando estava chegando. — comentei, quando estávamos indo em direção ao café, indo pegar meu suprimento.

— Quem? — perguntou, curiosa.

— Meu ex. — me virei para caixa. — Tudo bem,

Mary?

— Sim, Mel. O de sempre? — assenti. — Um expresso triplo bem forte saindo. — disse, anotando meu pedido e eu lhe passei meu cartão para que descontasse.

— O Bernardo? — Sara insistiu, curiosa, enquanto eu pegava meu recibo.

— O próprio. — revirei os olhos enquanto respondia.

— E ele falou contigo?

—Claro que falou. É o Bernardo, ele não perderia a oportunidade. — disse o óbvio.

— E o que ele disse?

— "Faz tempo que não nos vemos. Nossa, você parece estar muito bem. Está ainda mais linda, Mel." — o imitei com uma voz anasalada, que em nada tinha a ver com seu vozeirão, mas que me fazia sentir bem.

— E o que você respondeu? — perguntou rindo pela minha imitação.

— Aqui seu café, Mel. — a atendente me passou o copo de isopor com minha bebida preferida fumegando.

— Obrigada, querida. — peguei-o e enquanto adoçava, continuei a contar: — Primeiro pensei em dizer

que “estava bem”. Depois pensei em dizer que “estava levando a vida, ou deixando ela me levar”. Mas, cara, ele era Bernardo, aquele que tentou me fazer de trouxa enquanto namorávamos. Daí respirei fundo e olhando para ele com a maior cara de paisagem perguntei: “Eu te conheço de onde mesmo?" — contei, deixando-a chocada.

— Mentira que você fez isso! — disse agora sem consegui segurar o riso e aparentemente ela não era a única, porque algumas pessoas parecem ter escutado o que falei e também começaram a rir junto.

É, eu era uma atração!

— Claro que fiz! Até parece que não me conhece. — comentei, dando um gole no meu delicioso café.

— Meu Deus! Você não deixou nem o pobre falar? — perguntou, sem deixar de rir.

— De pobre ele não tem nada. Esqueceu que o pai dele é dono daquela fábrica de produção de álcool? Então, nem dinheiro e nem cachaça e muito menos cara de pau lhe faltam para que o impeça de uma vida feliz. — dou de ombros. — E além do mais, o que ele poderia me dizer?

— Não sei. Você não o deixou falar. — continuou e eu revirei os olhos.

— Não mesmo. Dei as costas para ele, deixando-o lá chocado e quando entrei no elevador, o ouvi gritando que depois me ligaria. Será que ele não entendeu que não estou disponível? — perguntei emburrada.

— Não custa nada dar uma chance dele falar. Vai que ele é o amor da sua vida e isso a está impedindo de ser feliz. — disse séria.

— Está falando sério mesmo? Me poupe dessa sabedoria barata, Sarinha. Entenda, a sua vida só vai pra frente depois que você se desapega das pessoas que te levam pra trás. Além do mais, amor verdadeiro é pizza bem quentinha, o resto é armadilha de satanás pra fazer você se iludir. — falei sem pesar.

#

Depois do expediente, o pessoal marcou de fazermos um *happy hour*. Eu não estava muito a fim de ir realmente. Tinha planos para meu sofá e a TV, mas as pessoas sabem ser convincentes quando oferecem drinques coloridos

para mim. E é bem assim, com esses amigos que parecem ter sido enviados de Satanás, mesmo que não queira beber, ainda assim eles te convidam, que você acaba bebendo todas.

O resultado é esse: Eu em um bar, seis doses a mais do que meu normal, cantando e dançando no Karaokê a música *Lei do Desapego* de Thiago Brava.

Sim. Cantando em um maldito Karaokê! E estava arrasando!

Deixa de dizer, amor
Que eu nunca te fiz feliz
Que eu não era nada
Do que sempre quis

E que não sente nada
Que eu não era nada
Que você pensava

Eu já decidi que hoje eu vou sair
Sem preocupar, eu vou me divertir
Já que agora eu não preciso me explicar
E com certeza você vai ouvir falar

Que eu já tô que tô

Eu tô pegando mesmo
Tô praticando a lei do desapego
Que diz que não preciso me apaixonar
Pra ser feliz eu não preciso me entregar

E eu já tô que tô
Eu tô pegando mesmo
E sei que você vai ficar sabendo
Que tô feliz sem você do meu lado
Hoje eu tô livre, leve e desapegado

Não importava que achassem que eu estava parecendo o Reginaldo Rossi em uma fusão com Kelly Key, euzinha estava me sentindo a própria Beyoncé enquanto cantava e colocava minha bunda para jogo naquele palco. Não sei se fui aplaudida por estar arrasando ou porque estavam querendo se livrar de mim, mas acabei saindo de lá decidida a me inscrever no próximo programa de música que lançasse na Tv.

Sim. Eu de certo seria sucesso!

— Mais uma coisa rosa dessa que eu não sei o nome, por favor. — falei para o garçom, que concordou, quando voltei à mesa.

Não importava o que tinha naquele troço, importava que era gostoso e estava funcionando!

— Estava esperando meus parabéns. — comentei, olhando para todo mundo da mesa, que pareciam completamente alheios ao show que eu havia dado.

— Deixa isso para seus seguidores. A Sara acabou de postar no *Instagram,* ninguém mandou deixar seu celular aberto. — Jaque, minha outra melhor amiga falou e eu fiz uma careta.

— Tenho certeza que eles vão concordar que arrasei. — disse, tentando não soar duvidosa.

— Mel, a Sara me disse que você encontrou com o Bernardo, como foi? — Jaque perguntou.

— Foi ótimo. Fingi que nem o conhecia. — comentei, fazendo-os rir.

— Você não namora há anos, não fica com ninguém. Está até mesmo dispensando o ex. Não tem medo de ficar sozinha? Tipo uma solteirona cheia de gatos? — foi a vez da Isa, uma das secretárias da Presidência, perguntar.

Quem é essa criatura mesmo?

— Eu não. Nem de gato eu gosto, então não corro esse

risco. Mas tenho um lema que levo para vida e você deveria se lembrar dele também: Quando uma porta se fecha, dois zíperes se abrem. — falei, tentando não soar tão irônica, mas as meninas não tiveram tanta sorte em esconder o quanto estavam achando engraçada a situação.

— Você realmente não se importa em estar sozinha? — insistiu.

Qual o problema dessa criatura?

— Claro que não. Gente, eu não me importo em estar solteira, me importo em estar pobre, isso sim é coisa pra se importar!

As pessoas na mesa riram e ela teve a decência de parecer sem graça. Ao menos isso. Não suportava esse tipo de pergunta. Acho indelicado, tipo perguntar quantos quilos a pessoa pesa. E outra, eu nem mesmo tenho intimidade com essa pessoa. Então para uma indelicadeza, uma resposta nada delicada da minha parte.

— Desculpe, não quero me intrometer. — se desculpou, embora ela não me parecesse realmente sincera.

Sim. As definições de vergonha na cara não foram

atualizadas!

— Então não se intrometa. — respondi simplesmente.

É. Tome vergonha na cara! Tome cachaça! Tome cerveja! Tome até no cu! Mas não venha querer tomar conta da minha vida!

— Falar em rico, soube que seu primo voltou. — Sara comentou com Jaque com a nítida intenção de acabar com nosso embate e esta respondeu com uma careta.

— É. Ele não está muito satisfeito. Nada feliz, melhor dizendo. Amo titio, mas dez casamentos em menos de dez anos, realmente é demais para qualquer pessoa. — comentou e tivemos que concordar.

Jaque era sobrinha do Otávio, nosso chefe. Nós nos conhecemos na faculdade e antes mesmo dela conseguir um estágio para mim na revista, nós viramos melhores amigas. Mas Jaque cuidava mais da parte editorial, enquanto eu era da parte "prática" da coisa. Ela era muito competente, boa no que fazia, mas obviamente o fato de ser sobrinha do dono da editora a ajudou a ter um cargo maior ali dentro e hoje ela era uma das editoras.

O primo em questão que estávamos falando, era

Matteo, filho mais velho do grande Otávio e provável herdeiro do cargo de Presidente da empresa. Ele morava fora há muitos anos, onde havia estudado e se especializado em diversas áreas e agora estava de volta para assumir o cargo de vice-presidente. Mas todos nós sabemos que era apenas questão de tempo para que ele assuma a cadeira do seu pai.

— Estava um alvoroço hoje sobre ele. As meninas não paravam de cacarejar o quanto ele era lindo. Ele é realmente tudo isso ou é apenas fogo no rabo delas? — comentei casualmente e Jaque fez uma careta.

— Matt é sim bonito. — respondeu, com o olhar baixo enquanto mexia em seu coquetel com o canudo.

O que eu perdi aqui? Será que ela tem uma paixonite pelo primo que eu nunca soube?

— Bonito? Ali é uma coisa de lindo e gostoso, se ele fizer isso, já tô indo para ele. — Isa voltou a falar, enquanto batia os dedos um no outro. — Anotem ai, até o final desse mês estarei na cama daquela delícia. — conjecturou, parecendo muito segura de si.

De onde essa mulher saiu mesmo? Ela não tinha

desconfiômetro?

Tudo bem, eu não era uma pessoa prepotente e me achava apenas pelo simples fato que se não for segura de mim mesma, quem iria "me segurar"? Então eu tinha mais que me achar mesmo, porque sou boa no que faço e sou linda mesmo. Mas em menos de meia hora de conversa com essa garota, já vi que ela estava além de ser intrometida ou prepotente, ela se achava a última bolacha do pacote.

— Calma, Mel. — Sara sussurrou, quando viu que eu estava prestes a responder alguma coisa.

— Eu acho melhor meu copo estar cheio, caso contrário, não darei conta da minha língua. — avisei e Sara muito sábia, logo tratou de chamar o garçom.

#

A maioria das pessoas já haviam ido embora, inclusive a *Galinha do Pescoço Cumprido* da Isa. Eu já deveria ter ido também, afinal também trabalhava amanhã, mas simplesmente estava aqui no meu drink não sei que número. Não posso ser julgada por isso. Sempre tento

parar de beber, mas não tenho culpa se minhas amigas são possuídas pelo espírito do alcoolismo.

Tá repreendida cachaça! Não, miga, tá não! Te amo!

Eu estava prestes a fazer mais uma piadinha para Sara sobre o gordinho que estava cantando Roberto Carlos no Karaokê, quando alguém me cutucou. Olhei para o lado para ver que era o garçom e fiquei feliz dele ser tão atencioso em trazer minha bebida, mesmo antes de pedi-lo.

Eu já disse que amo esse lugar?

— Sua bebida, Srta. — disse colocando sobre a mesa e quando estava prestes a lhe dar minha comanda para que somasse a minha conta, ele negou e me estendeu um bilhete. — Cortesia do moço do bar. — falou, me fazendo olhar para o local indicado.

Minha nossa! Eu deveria ter sido preparada para isso! Porque benza Deus!

Ao contrário do que pensei, não era um simples rapaz. Era um baita de um homem, uma coisa perfeita de mais de um metro e noventa. Os cabelos eram castanhos, bem penteados. O nariz reto e empinado que lhe dava um ar

puramente másculo. O queixo reto e encoberto por uma barba rala por fazer. Um sorriso tão sedutor e safado, que imediatamente fez um estrago na minha calcinha.

Mas o que realmente me pegou em cheio, foram os misteriosos olhos escuros, que de tão brilhantes, pareciam emitir luz própria. E que me observavam com uma intensidade que me deixou completamente desconsertada.

Uau! Mas que... Uau!

Sabe aquela parte em que o gostosão olha para a mocinha e uma coisa mágica acontece? Sim. Aconteceu. Mas não estou falando em amor à primeira vista, daqueles que vemos em filme ou nos livros, não mesmo. Mas sim de atração ou tesão a primeira vista mesmo.

Naquele momento eu tinha uma única certeza: Eu precisava dar para esse homem! E mais: Eu ia dar!

Decidida sobre o que iria fazer, respondi seu bilhete com um "Disponha" e pedi para que o garçom o entregasse junto com o que lhe pedi. Levantei a taça e com o movimento da minha mão agradeci para ele, que sorriu em triunfo.

Ah! Coitado! Mal sabia o que o esperava! Hora do

jogo, Mel!

— Você não vai falar com ele? — Sara perguntou e eu neguei. — Você está louca? Fumou orégano, mulher? Vai mesmo fingir que não viu que ele é um gato? — perguntou quase ultrajada.

— Sim. Faz parte do jogo. *Cê* sabe, tenho mestrado em fingir que não vi, mas eu vi, vi muito! Ahhh... Como vi e até agora minha calcinha sente as vibrações! — falei sonhadora e pisquei para ela, que pareceu entender menos ainda onde eu queria chegar.

— Então o que você vai fazer? — perguntou interessada.

— Sabe a teoria da Cinderela? É aquela que diz assim: *Não olhe para trás. Se a Cinderela tivesse voltado para buscar seu sapatinho, nunca se tornaria uma princesa.* — bebi mais um gole da minha bebida e continuei: — Vou pegá-lo. Mas primeiro ele vai vir atrás de mim.

— Como? — perguntou ainda rindo pelo meu ditado da Cinderela.

— Acabei de pedir para o garçom servir a ele um

copo de bebida em agradecimento a bebida que ele me deu. — disse simplesmente.

— E o que isso tem a ver?

— *Cê* já viu a cara dele, Sarinha? Esse homem exala masculinidade. É daqueles caras que gostam de mostrar para as mulheres que podem tudo e jamais permitiria que uma mulher pagasse uma bebida qualquer para ele. — levantei minha taça para ele, quando vi ele olhando para cá nitidamente irritado ao receber uma dose do seu uísque pelo garçom.

Ah! Isso ia ser fácil!

“Seja sincera. Diga o que quer. Depois culpe a bebida.”



O BAR JÁ NÃO ESTAVA MAIS AGITADO do que estava antes. Ainda haviam algumas pessoas ali, umas fofocando com as outras, outras falando ao telefone, provavelmente uma ligação impulsionada pela bebida e

que amanhã causará arrependimento.

Quem nunca?

As músicas cantadas no karaokê haviam baixado de nível completamente e o maluco da vez cantava uma música de *sofrência* de Pablo do Arrocha e sofria com sua própria interpretação. E o que estava mais do que claro para mim, era que todos estavam na mesma *vibe:* bêbados demais para se importarem com quem estava ao seu redor.

Eu já estava bêbada também e ficando entediada. O cara do bar era definitivamente muito lerdo e eu odiava lerdeza. A última coisa que queria fazer era perder meu tempo com um cara que não tem atitude. Além do mais, eu era meio adepta ao conselho de Ted Mosby [2] que diz que *"Nada de bom acontece depois das duas da manhã"*.

Paguei minha comanda e me despedi de Sarinha que ia para casa de carona com uma menina da contabilidade que era sua vizinha. Então decidi que iria passar mais uma vez em sua frente apenas para que ele visse o que estava perdendo.

Fui ao banheiro e já estava dando meia-volta para

saída quando alguém falou com uma voz grossa e imponente que me fez parar:

— Já vai?

Virei-me e dei de cara com o boy gostosão do bar.

— Sim. A noite já deu o que tinha que dar. — falei, esperando que ele me dissesse ao contrário.

— O que você acha de tornar as coisas interessantes? Você paga minha conta caso te prove ao contrário. — Ele propôs com um pequeno sotaque, e um brilho desafiador surgiu em seus olhos.

Hum... Isso estava ficando realmente interessante!

— Tudo bem. — respondi lhe tirando um sorriso, que certamente já deveria ter tirado muitas calcinhas.

E eu esperava que ele fosse bom o suficiente para tirar a minha também!

Sentamo-nos no banco do bar e ele chamou o garçom para que eu pedisse uma bebida para mim. Talvez não fosse boa ideia continuar bebendo, mas não me importei, afinal eu esperava destilar a bebida logo logo.

— Você me mandou uma bebida mesmo? — ele perguntou parecendo chateado e eu fiz a minha melhor

cara de inocente.

— Claro. Agradeci a bebida que você me mandou.

Ele sorriu, mas, com certeza, ele não estava feliz com minha resposta. De algum modo eu sabia que ele não havia gostado de saber que eu não era como as outras mulheres que se jogavam aos seus pés.

Tudo bem, eu me jogaria por uma boa gozada, afinal eu estava bem precisada, mas ele não precisava saber disso!

Por um momento pensei em apenas lhe dispensar, porque, pelo visto, eu viraria uma espécie de jogo para ele agora, mas então ele cruzou os braços sobre o peito atlético. Eu podia ver claramente através do terno escuro, seus ombros tão largos e o peitoral definido.

É. Não custava nada ficar mais um pouco certo?

— Oi. Tudo bom? Desculpe incomodar. Você poderia me dar um autógrafo e tirar uma foto? — uma mulher perguntou ansiosa e eu sorri.

— Claro. — respondi antes de fazer o que me pediu e ela me abraçar apertado enquanto tirávamos uma *selfie*.

— Sou muito sua fã. — ela disse antes de me dar um

caderninho para que eu autografasse e quando eu fiz em seguida se despediu, me deixando com um sorriso estúpido no rosto.

Ah! Como eu adorava meus fãs! Era tão gostoso receber esse carinho!

— Você por um acaso é atriz, ou coisa do tipo? — ele perguntou curioso e eu ri.

Ok. Ele então não me conhecia. Isso era bom, porque se ele fosse como muitos, já teria corrido!

— Não. — respondi simplesmente.

— Ela parecia realmente feliz em te ver. E você além de ter tirado foto, ainda deu autógrafo para ela. Por que isso então?

— Muito doido, né? Também não entendi nada. — disse rindo, deixando-o atônito.

Ahhh! Adoro quando me faço de doida!

Ele me encarou, a boca em uma linha fina, a respiração pesada. Estava decidida a não deixar de encará-lo, mas a profundidade dos seus olhos sobre mim deixaram-me meio desconsertada. Meu coração batia rapidamente e de modo descompassado.

Ele então sorriu e droga, isso foi difícil para mim. Por um momento, me senti completamente zonza. Impactada. Por alguma razão aquilo me perturbou profundamente. E em mais de um lugar. Continuei olhando para sua boca e dentes perfeitos ainda meio atônita. Meu estômago se revirou furiosamente. E como eu não estava acostumada a me sentir dessa maneira, tratei logo de dizer:

— Olha, vamos parar de enrolação, certo? Você quer me levar para cama e eu quero que você me leve, então vamos parar de ladainha. — falei logo, a bebida destruindo o restante do filtro da minha boca.

Ele pareceu completamente desconcertado quando terminei de falar. E como eu conhecia muito bem esse tipo de homem, sabia que eles estavam acostumados a comandar, então ele estava definitivamente chocado com a minha sinceridade.

O que? Eu também estava. Afinal nunca havia sido tão sincera antes. Mas culparei a bebida por isso amanhã!

— Hã... Nossa... Eu não quis dizer... Não imaginava que você seria assim... — ele começou, inseguro.

— Tão direta? — respondi com um sorriso. — Não tenho problema de dizer o que quero. Também não me preocupo com rótulos. Do tipo: Mulher que dá no primeiro encontro é uma puta. Sim, concordo, uma puta duma mulher bem resolvida! — terminei de falar e tratei logo de tomar um gole do meu drinque.

— E não vai perguntar nem mesmo meu nome? — ele perguntou, tentando esconder o quanto ainda estava surpreso e eu sorri.

— Para que perguntar seu nome se amanhã vamos esquecer? — devolvi a pergunta.

— Na minha casa ou na sua? — perguntou sem rodeios.

— No Motel.

#

O cara era realmente muito alto e todo aquele tamanho e pose meio que me intimidava um pouco. Mas eu tentei disfarçar enquanto ele nos levava para o motel de luxo mais próximo dali.

Meu Deus! Isso provavelmente custaria uma boa

parte do meu salário!

O quarto tinha uma cama gigante redonda e o lençol de seda branco forrado de pétalas de rosa vermelhas. Na mesinha de canto um balde de gelo com uma garrafa de champanhe e uma vasilha com morangos. As velas acesas ao redor do quarto e o aroma doce do ambiente conferia um clima de intimidade, romantismo e erotismo.

Com destreza e elegância, sem dizer uma só palavra ele foi andando até onde estava o balde com gelo, alcançou a garrafa de champanhe e a abriu, antes de servir duas taças e vir até onde eu estava e me entregar uma.

— Um brinde. — ele disse, tilintando nossas taças uma na outra.

— A que? — perguntei curiosa e ele sorriu de forma safada.

— A uma noite inesquecível.

Engoli em seco quando vi o brilho malicioso em seu olhar. Senti minhas mãos suarem, enquanto tentei muito duro não estremecer diante seu olhar sobre mim. Era ridículo ainda estar tão nervosa, quando ele era apenas mais um e havia sido eu quem havia convidado ele a vir

até aqui. Decidindo que eu estava começando a recuperar minha sobriedade, virei minha bebida de uma vez.

Ele então se aproximou de mim, encarando-me, até que eu ficasse perto demais dele. Assim de perto, pude não apenas ver profundamente seus olhos, como também algumas pintas meio esverdeadas ao seu redor. E também pude sentir seu cheiro, que me deixou ainda mais embriagada do que já me sentia naquele momento.

Porra! Ele era lindo, enorme, gostoso, cheiroso e lindo! Eu já disse lindo?

Seu polegar deslizou pelo meu lábio inferior, seu toque me fazendo estremecer. Não sei explicar a avalanche de sensações que me tomaram com seu simples toque, que quase me sufocou. Ele também não parecia alheio, a respiração acelerada, os pequenos sons roucos que saiam da sua garganta. Não consegui desviar o olhar do seu, suas pupilas estavam dilatadas e escurecidas.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca quando ele pegou minha taça vazia e a colocou no chão acarpetado. E sem hesitar, colou os lábios macios aos meus. Também não me fiz de rogada, agarrei-me a ele,

grudando meu corpo inteiro ao seu. Seu braço logo tratou de laçar minha cintura, apertando-me contra seu corpo forte.

O beijo não foi suave ou gentil, foi agressivo, exigente. E eu adorei isso. Não conseguia respirar, mas naquele momento a sensação que eu tinha, era que se nos afastássemos, eu morreria ali mesmo. Eu apenas precisava de mais. E ele me deu.

Suas mãos encontraram o zíper do meu vestido e deslizaram-no aberto. Seus lábios deixaram os meus, descendo para meu pescoço, os dentes provando minha pele e me deixando ainda mais em chamas e pronta para ele. Sua boca então alcançou o lóbulo da minha orelha e mordiscando-o, me fazendo estremecer e ansiar por mais.

Brincando com os lábios por onde passava, ele continuou a descer pela minha pele. Seus dedos acariciaram meu braço tão suavemente, que era como se plumas estivessem me tocando. Minhas pernas pareciam ter perdido o controle, já as mãos pareciam ter vida própria, pois apoiei-me em seus bíceps rijos e fortes, precisando senti-lo. Os arrepios subiram e desceram por

minha coluna, deixando-me cada vez mais ciente dele e querendo mais.

Mais por mais ansiosa que estivesse, instintivamente senti-me um pouco tímida. Era como se fosse a primeira vez que iria para a cama com um homem, quando, na verdade, eu já tinha dado para vários.

É... melhor deixar esse detalhe para lá!

Enrosquei os dedos em seus cabelos, trazendo-o ainda mais para mim. Suas mãos grandes e macias deslizaram pelo meu corpo, enquanto meu vestido virava apenas uma poça no chão. Minha boca voltou a encontrar a sua e o beijo se tornou ainda mais voraz. Com uma rapidez e agilidade impressionantes, ele me carregou no colo e comigo ainda em seus braços, andou em direção aonde nós dois nos queríamos.

Ele então deitou-me na cama, antes de pressionar seu corpo contra o meu. Ciente e ouriçada por ter o peso do seu corpo sobre mim, senti-o deslizar a mão grande pela lateral do meu corpo, correndo os dedos até minhas coxas. E por fim rasgando a lateral da minha calcinha, como se ela não fosse nada, fazendo-me gemer em sua boca.

— Ainda sem nomes? — inquiriu com uma voz grave e gutural, que arrepiou ainda mais cada parte de mim.

— Sim. Para que nomes? Nomes não são importantes. — murmurei, ofegante, quando seus dedos febris encontraram meu centro pulsante.

Isso! Ai mesmo!

— Então já que não são importantes, se prepara porque essa noite farei você esquecer até mesmo o seu nome.

Ai Deus do céu!

Com uma cara de safado, ele livrou-se do seu paletó, antes de começar a desfazer rapidamente os botões de sua camisa, me dando finalmente uma visão do seu dorso e seus braços fortes e atléticos e quando terminou de tirar tudo que lhe cobria, me faltaram palavras. E com a boca aberta diante de tudo aquilo, diante daquele corpo perfeito, me perguntei se esse homem era mesmo real, porque era definitivamente uma covardia diante de todos os outros que já conheci.

Como se não pudesse mais esperar, ele vestiu rapidamente uma camisinha em seu membro majestoso e

voltou a ficar sobre mim. Sua boca capturou a minha de forma firme, fazendo-me gemer. Não era apenas o contato puro, cru, de sentir seu corpo colado ao meu, eram as promessas, os olhares, os beijos, o todo que deixava tudo de uma forma diferente, como nunca antes experimentado.

Sem desgrudar os olhos dos meus, senti-o deslizar seu membro para dentro de mim. O prazer de senti-lo completamente e o desejo ferino e impetuoso que ambos sentíamos, era a única coisa que nos conduzia agora. Era uma necessidade pungente, voraz. Um tesão louco, irracional, sem igual, que apenas parecia aumentar a cada vez que ele arremetia contra mim.

Nossos movimentos deixaram de ser cadenciados e tornaram-se cada vez mais rápidos, exigentes e febris. A cada estocada, ele parecia ir cada vez mais longe, mais fundo, levando-me junto com ele. Como se alcançasse mais e mais de mim, um local até então nunca conhecido outrora.

Nossos sussurros, gemidos e os sons dos movimentos frenéticos dos nossos corpos eram os únicos sons que se ouvia naquele quarto. E parecia que nada mais importava

além desse momento. Foi então que eu não consegui mais me conter e senti as primeiras ondas quebrarem sobre mim, fazendo-me estremecer de uma maneira quase irreal enquanto eu gozava. Ele então me seguiu, explodindo no mesmo instante com um gemido gutural enquanto inundava-me com o seu prazer, prolongando ainda mais meu orgasmo.

Sem fôlego, seu corpo desabou sobre o meu, antes cair para o lado e me puxar contra ele. Nós estávamos suados, ofegantes e sem dizermos mais nada, desfrutei do calor do seu corpo nu e forte. Sua mão grande não desgrudou de mim enquanto brincava com minha pele, beliscava o mamilo ainda coberto pelo sutiã.

Ele então segurou meu queixo e virando-me para ele, pude ver mesmo após minha nuvem pós-orgasmo seus lábios se abrindo em um sorriso preguiçoso e sensual antes de descer para cobrir minha boca mais uma vez.

“Chegando a essa hora e ainda aparece feliz do nada? Ah! Pode ter certeza, transou e tirou todas as teias de aranha!”



ABRI A PORTA DO MEU APARTAMENTO eram quase seis da manhã. Como uma adolescente que saiu fugida de casa para balada, entrei pé ante pé, tentando de

alguma forma não fazer barulho e então ser descoberta era a última coisa que eu queria nesse momento.

Certo, eu era maior de idade, vacinada, pagava minhas contas sozinha, ou ao menos parte delas, mas tinha uma reputação a zelar dentro da minha própria casa. Não podia simplesmente chegar a essa hora se quisesse ter moral para falar alguma coisa.

— Fazendo a caminhada da vergonha? — minha melhor amiga perguntou segurando sua fiel xícara de café do Justin Bieber nú.

— Ai, Kamila! Que merda! Que susto, sua vaca! — falei, com a mão sobre o peito que batia descontrolado, enquanto a vaca desatava a rir.

— Safada! Deu a noite toda hein, danada? — perguntou, enquanto bufei.

— Eu? Por que você acha isso? — fiz minha melhor cara de inocente, o que certamente não colava muito quando sua melhor amiga da vida, te conhecia mais do que você mesma depois de 25 anos de amizade.

— Chegando a essa hora e ainda aparece feliz do nada? Ah, amiga! Pode ter certeza, transou e tirou todas as

teias de aranha! — concluiu e o rubor do meu rosto disse tudo.

— Te odeio. — murmurei, jogando minha bolsa e os sapatos que estavam em minha mão sobre o sofá, indo diretamente para nossa pequena cozinha me servir de uma grande xícara de café na cafeteira.

— Até parece. — riu, antes de voltar a falar séria: — Mas pense pelo lado bom, ao menos você transou. — disse amarga e imediatamente volto meu olhar para ela.

— Notei um leve tom de inveja. — franzi meu cenho, quando a vi ainda mais emburrada. — Agora que você falou que me lembrei. Você não iria dormir na casa daquele seu namorado *meia-bomba*? — indaguei e ela bufou, parecendo ainda mais irritada.

Se existe uma pessoa que tem o dedo podre para relacionamentos, esse alguém é Dona Kamila. Nunca conheci alguém com tanto azar para escolher um namorado quanto ela. E isso não é apenas uma maré de azar, começou muito cedo, lá no jardim de infância quando o menino pediu para namorar com ela apenas para roubar seu conjunto de lápis de cor de 48 cores da *Faber*

Castell.

É. O golpe dele foi cruel!

Depois disso, foi um pior que o outro. O último, Felipe, que eu tão carinhosamente chamava de *meia-bomba*, era um cara de um metro e meio, seco do nível gripe suína, quase careca e além de lerdo, tem uma cara de quem tem nojo o tempo todo.

— Exatamente. Era para estar. — bufou, antes de se sentar no sofá. — Não vai sentar também? — inquiriu e eu tratei logo de obedecer.

Sério. Tinha amor a minha vida!

Entenda, contrariar a Kamila em seu estado normal já não era algo muito sábio. Imagine uma Kamila estressada, parecendo realmente puta da vida. Tipo, estresse nível máximo, obviamente causado por um orgasmo frustrado.

É. Definitivamente não era algo inteligente de se fazer!

— Então, te contei que eu estava achando ele meio estranho, né? — concordei, mas me segurei mais uma vez para não comentar nada sobre isso.

Eu sempre acabava me metendo nos problemas de

relacionamento da Kami, ou seja, como ela tinha o dedo podre, isso acontecia de vez em sempre. Então eu havia prometido para mim mesma, depois do final do sexto término dela do ano, que não iria mais me meter. Por isso passei um zíper imaginário em minha boca quando ela falou:

— Às vezes parece que ele não sabe o que quer. — continuou a tagarelar.

Sabe sim, trouxa, e tá conseguindo: enrolar você!

— O que disse? — paralisou.

Merda! Eu disse isso em voz alta?

— Nada. — tratei de tomar um gole longo no café, apenas para manter minha boca fechada.

— Então. Decidi surpreendê-lo. Comprei uma lingerie nova e estava tudo bem enquanto estávamos no maior amasso e então...

— Então... — incentivei, quando ela abaixou a cabeça envergonhada.

— Ele brochou, Melissa. O filho da puta brochou comigo! — confessou indignada e eu juro que vi algumas lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Sabia que ele era meia-bomba!

— Não fica assim, amiga. Er... Isso é normal. — testei, embora eu realmente não achasse isso.

Talvez fosse a coisa certa a se dizer né?

— Não, não é normal. Eu não acredito que em pleno século 21 ainda existem homens que acreditam no "Calma, isso acontece". Não, cara, isso não acontece. Eu estava lá pelada, depilada e super gostosa. Isso não pode acontecer! — disse irritada e eu nem queria rir em solidariedade a ela, mas tinha que concordar.

— Meio clichê, mas a culpa não é sua! — tentei mais uma vez amenizar a situação e ela levantou do sofá, irritada apontando o dedo para mim e eu quase joguei minha caneca cheia de café no chão com medo da cara assustadora dela.

— Claro que não! Alôoooo! — Passou a mão livre pelo corpo, enquanto rebolava e eu revirei os olhos. — Eu sou gostosa e me garanto! Sou boa no que faço!

— Imagino que sim. — respondi, temendo suas próximas palavras.

— É pedir demais que ele me agarre e me tome sem

ter de perguntar*: "Tô te machucando?"* Não tá não, desgraça! Sou feita de porcelana não, continue. "*Mas se eu fizer isso, seus peitos não vão cair?"* Meu amor, eu não tô preocupada, por que você está? — rosnou irritada, enquanto eu tentava muito duro não rir. — Mas não, claro que isso não acontece comigo. E ele, nem mesmo fez a *dança da cobrinha.* Felipe me veio com a desculpa de que é por causa de um remédio para calvície que ele está tomando. — comentou e agora eu tive que rir.

— Isso é ridículo. Todo mundo com o mínimo de instrução sabe que remédio para calvície não causa impotência. Isso é uma desculpa fajuta do *meia-bomba!*

— Será? — ela pareceu meio insegura quando voltou a beber da sua xícara.

— Claro que sim! Se você acha que vale a pena, faça um teste! E por teste eu digo não comprar uma flauta e tocar para ver a *cobra subir.* — completei rapidamente quando a vi pensativa e ela concordou, porque certamente era isso que havia se passado pela sua cabeça. — Compre um estimulante sexual, Viagra, sei lá. — dei de ombros e ela concordou.

— Já acordadas? — Hortênsia entrou na sala já pronta para escola.

Eis o motivo pela qual cheguei querendo entrar sem fazer barulho!

Hortênsia Brandão, era minha irmã mais nova. O amor da minha vida e não era apenas porque ela era minha cara, era porque desde que ela nasceu, tínhamos uma ligação inexplicável. Ela tinha dezessete anos e há quase dois mudou-se do interior em que morávamos com nossa avó, desde que nossos pais morreram, há doze anos. E eu tinha que manter o respeito se quisesse que ela fizesse o mesmo, certo? Tinha que dar um bom exemplo dentro de casa.

Quando tinha dezoito anos passei no vestibular da federal para jornalismo e vim para capital. Desde então brigava com a vovó para trazê-la para morar comigo, mas como eu não podia lhe dar atenção por causa dos meus horários tribulados de trabalho e faculdade e muito menos me sustentar direito, quem dirá cuidar de uma menina de dez anos como ela tinha na época.

Demorou um pouco, mas Hortênsia acabou vindo para

cá para tentar uma bolsa de estudos para a melhor escola da cidade e, felizmente, ela conseguiu. Não uma bolsa integral como ela pensava, mas meia bolsa e o restante do valor eu me desbundava para conseguir pagar e ainda assim, nisso ia mais da metade do meu salário. Apenas valia à pena, porque eu queria o melhor para minha irmã e no que dependesse de mim, ela teria.

— Bom dia. — falei, tentando esconder minha cara na xícara de café e ela me olhou intrigada.

— Bom dia. Que cara é essa, Mel? — perguntou, já vestida com seu uniforme da escola, um conjunto de camisa e short-saia na cor azul marinho.

— A mesma de sempre. — tratei de colocar uma almofada sobre meu colo.

— Dormiu sem tomar banho, maninha? Na certa chegou caindo de bêbada. — disse rindo, antes de seguir para cozinha.

É. Cai em cima de outra coisa! E quiquei também! Mas ela não precisava saber disso!

— Para! — falei entre os dentes, repreendendo a Kami, que desatou a rir, certamente imaginando o que se

passava na minha cabeça agora.

Filha da puta! Quando eu gozar da cara dela por causa do brocha, ela não vai gostar!

— Você não me disse, e ai, como foi? — sussurrou a pergunta e eu suspirei sem tirar o sorriso do rosto, lembrando-me com detalhes da madrugada incrível que tivemos juntos.

Ahhh! Desconhecido delicioso!

— Caramba! Foi bom demais! É uma surpresa que eu ainda consiga andar depois disso, amiga. — respondi também em tom baixo, para que minha irmã não ouvisse.

— Já disse que te odeio? — resmungou e eu ri baixinho. — E vocês vão se encontrar novamente? — voltou a perguntar curiosa e olhei para ela com a boca retorcida em desdém.

Sério mesmo que ela estava fazendo essa pergunta?

— Claro que não. Até parece que não me conhece. Ele me pagou uma bebida e não ficou muito contente quando paguei uma para ele também. — Kami me cortou:

— A teoria da Cinderela. — revirou os olhos.

— Isso mesmo. Então, eu já estava indo embora

quando ele me chamou e disse que se me provasse que ainda valia a pena ficar, que eu pagasse sua conta. — dei de ombros. — E como realmente valeu, paguei a conta do Motel e ainda mandei entregarem um café da manhã para ele. — sorri, me sentindo ótima e Kami riu baixinho, antes de sorrir para mim e dizer com cara de desafio:

— Um dia desses, você vai ver que vai encontrar um homem que vai te pegar de jeito e você não vai conseguir desapegar. — apontou e minha resposta foi dar dedo para ela.

— Pare de jogar praga para cima de mim, sua vaca! Bate na madeira para não dar azar! — a puxei pelo braço. — Vem cá. Chega mais perto, que vou bater nessa sua cara de pau. — fui puxando ela para mim, que se esquivou rapidamente, rindo.

— Sai, Melissa! E cara de pau é você, rapariga! — falou, voltando a ficar de pé. — Anote ai o que estou dizendo, seus dias de "Abaixo o Amor" estão contados.

Deus me livre! Para que inimigos quando se tem uma melhor amiga dessas?

“Onde se ganha o pão não se come a carne! Ou sim!”



ACORDEI COM UMA DOR DE CABEÇA forte e um cansaço filha da puta depois de tantas horas de viagens. Tinha muita coisa para fazer hoje ainda, mas ainda assim, instintivamente, procurei um corpo para apertar. Eu não costumava dormir com mulher nenhuma, porque isso as

faria imaginar coisas que não existem, nem mesmo com Raka, minha ex-namorada. Mas depois da madrugada deliciosa com a gostosa sem nome, eu definitivamente não me importaria em repetir a dose e ter um pouco mais dela.

Ao invés de encontrar seu corpo, a única coisa que encontrei foi à cama vazia. Finalmente forcei meus olhos a se abrirem, e olhando ao redor, não vi nem sombra dela. Levantei rapidamente olhando por todo quarto, não a encontrei. Ela havia ido embora e não havia dito nada, nem mesmo se despediu ou me disse seu nome.

Puto da vida, liguei para recepção apenas para confirmar o que eu já sabia: ela realmente havia ido embora. Mas não foi até a campainha tocar que realmente me vi puto. Abri a porta e a camareira pediu licença antes de entrar com um carrinho cheio de café da manhã.

— Eu não pedi nada. — falei confuso.

— Foi a senhorita que estava com você que pediu que entregasse. — ela riu enquanto colocava as coisas sobre mesa. — Muito simpática ela. Na hora que pagou a conta, pediu que trouxesse tudo de melhor para o café da manhã. Disse que lhe devia isso, E que também o Sr. era meio

mole e estava precisando de sustança. — disse, sem conseguir parar de rir.

Filha de uma puta!

Além de fujona, ela ainda havia pagado a conta do motel sabendo que isso com certeza me deixaria puto. Tudo bem que eu havia dito isso para convencê-la a ficar no bar, mas não sabia que a danada levaria isso ao pé da letra. E como se isso já não fosse humilhante o suficiente, ainda havia dito para os funcionários que eu era muito mole, dando assim a entender que eu não tinha dado conta do recado?

Ah! Mas eu queria bater tanto naquela bunda perfeita e redondinha... E gostosa... Foco, Matteo! Foco! Não é hora de pensar com a cabeça de baixo, ela deu no pé!

Estava tão irritado com essa fulana sem nome, que não conseguia nem colocar em palavras o quanto. Embora no fundo soubesse que ela havia gostado, afinal, nosso acordo seria que ela pagasse a conta caso eu lhe provasse que a noite ainda valia a pena, saber que ainda assim ela foi embora sem deixar rastros, foi foda.

Ah! Se eu pego essa Fujona descarada!

#

Há mais de dez anos que eu não morava no Brasil. Londres foi o lugar escolhido por minha mãe para que fosse nossa casa logo após o divórcio dela e do meu pai. Eu estava terminando o terceiro ano do colegial na época, enquanto Micah, meu irmão mais novo, ainda era um menino de oito anos de idade.

A separação dos meus pais foi algo que mexeu bastante com todos nós, especialmente Micah que ainda era tão pequeno e não entendia direito o que estava acontecendo. Acho que justamente por causa dos seus filhos, especialmente o mais novo, que mamãe acabou levando o casamento por tanto tempo. Eu sabia que ela ainda era apaixonada pelo papai, mas a situação lá em casa estava tão descontrolada, que ambos não suportavam mais viver juntos.

Minha mãe nunca me disse realmente o que a motivou a se separar, muito menos meu pai. Apesar de hoje em dia ele trocar de esposa como troca de roupa, nunca vi ou

soube de traição de ambas as partes. Apenas via o quanto um era apaixonado pelo outro, mas as coisas simplesmente desandaram entre eles.

Como se as coisas já não fossem complicadas o bastante com a separação e tivéssemos perdido o convívio diário com nosso pai, acabamos perdendo nossa mãe também um ano depois. Foi, definitivamente, o pior momento de nossas vidas. Mamãe era uma mulher maravilhosa, cheia de vida e que se deixou abater pela depressão. Ela partiu e levou consigo um pedaço de nós, deixando conosco uma saudade profunda e um vazio que jamais fora preenchido.

Eu já tinha dezenove anos na época e por isso, quando meu pai trouxe Micah de volta para o Brasil após o enterro, apenas decidi continuar lá e seguir minha vida longe de tudo. Queria crescer por minhas próprias pernas. E fiz isso.

Eu sentia saudade da minha família, do Brasil e depois de tanto tempo fora, então era ótimo estar no meu país e em casa de novo. Esses anos longe tinham me permitido não apenas estudar ou conhecer lugares diferentes, como

também me especializar no mercado. Crescer como profissional e não apenas como herdeiro do Grupo Vogel.

Cheguei umas nove horas ao prédio que nada mais era do que um enorme arranha-céu, sede do Grupo Vogel, um dos maiores e mais influentes grupos de Comunicação e Distribuição da América Latina. O grupo foi fundado há mais de cinquenta anos por meu avô, que começara com uma pequena editora e hoje atuava por meio de suas holdings e empresas nas áreas de Mídia, Gráfica, Distribuição e Logística.

Achei que não conseguiria chegar a tempo, porque, depois que sai daquele maldito motel, fui ao meu apartamento para tomar um banho e comi alguma coisa rapidamente, porque eu não dei a ousadia em tocar em nada do que aquela fujona mandou para mim mais cedo. Estava com uma puta dor de cabeça, aquela espelunca certamente havia me servido uísque falso, mas se não fosse um cara comprometido com o trabalho como eu era, não sairia da cama. Como precisava estar nessa reunião de apresentação no Grupo, fiz um esforço hercúleo para chegar até aqui.

Quando meu pai me ligou e pediu que eu voltasse para ajuda-lo com os negócios, pensei que era apenas porque ele queria que eu assumisse meu cargo na empresa o quando antes. Mas então quando cheguei aqui não apenas descobri que em breve teria uma nova "madrasta", como ele também pretendia se aposentar nos próximos meses.

Otávio Vogel estava beirando os sessenta, como ele preferia que disséssemos, e não era apenas o fato da sua noiva ser mais nova que seu filho caçula que me deixava chateado com a situação. Era também porque com dez casamentos fracassados em menos de dez anos, eu tinha mais do que motivos para me manter reticente quanto a mais um casamento, especialmente quando ele mal conhecia a menina.

Meu irmão Micah, não parece se importar muito com esse rodízio de madrastas. Ele já estava acostumado e me disse que como sabia que não durava, não procura ter muito contato e algumas vezes nem mesmo se dava o trabalho de decorar o nome. Ele ainda estava na escola, no último ano do ensino médio, depois de uma fase meio rebelde, com advertências, suspensões e até mesmo sendo

reprovado, parecia estar entrando nos eixos, afinal nunca mais teve uma reclamação da escola.

Ele ainda não havia me dito, mas acho que tinha uma menina no meio dessa história!

Cá estamos de volta e agora tendo que assumir verdadeiramente meu lugar no Grupo da família. Sabia que tinha muito trabalho pela frente, mas eu não tinha medo. Até gostava demais, me dedicava integralmente e não tinha vergonha de assumir que era um *workholic*.

Segui andando até o elevador e subi até o vigésimo oitavo andar, andar da presidência e vice. A secretária do andar, Isa, uma ruiva bonita, mas que não escondia sua real intenção com seus sorrisos e olhares safados, decotes provocantes, se aprumou toda quando viu a porta do elevador se abrir. Eu conhecia muito bem o tipo, era bem clichê, e, infelizmente, para ela isso não causaria efeito em mim.

— Bom dia, Sr. Matteo. — me cumprimentou com um sorriso, que ela achava ser provocante.

Até era, mas eu realmente não gostava muito do tipo.

— Bom dia, Isa. Meu pai já chegou? — perguntei e

seu sorriso vacilou um pouco.

— Ainda não, mas ele não costuma se atrasar. Pediu para que lhe lembrasse que o Sr. enfim vai conhecer os colunistas e chefes editoriais. Ele provavelmente deve chegar aqui pouco antes das dez, que é o horário da reunião. Se quiser, posso informá-lo assim que ele chegar.

— Tudo bem. Estarei em minha sala. — falei e já estava me virando para ir até lá quando ela perguntou:

— Café, Sr.? — perguntou com aquele sorriso de novo em seu rosto, enquanto apontava para a cafeteira na sala de espera.

Por um segundo a observei. Com a cabeça inclinada, os lábios pintados de vermelho, o cabelo escuro e ondulado caindo sobre seus ombros, o decote tão insinuante quanto o sorriso, a deixava realmente sexy. Ela poderia ser uma mulher bonita e muito gostosa, e de fato o era, mas era lobo em pele de cordeiro. Isa não era a primeira e nem a última secretária tentando se dar bem para cima do chefe. Especialmente quando o chefe nesse caso era eu.

Se ela achava que eu faria esse joguinho, estava

errada. Não iria lá. Não mesmo. Não misturava negócios com prazer. Nunca. Como diz aquele velho ditado: *"Onde se ganha o pão não se come a carne"*.

Exatamente. Mesmo que essa carne seja deliciosa e tenha cara de ser bem safada na cama!

— Sim, por favor. E uma água com gás. Peça para a copeira entregar em minha sala, você certamente tem muito o que fazer aqui. — disse simplesmente e não esperei que ela dissesse nada, apenas virei de costas e caminhei diretamente para minha sala, esperando que meu recado tivesse ficado claro.

#

Um pouco na antes do horário marcado, meu pai me chamou para descermos até o vigésimo sexto andar, onde ficava o auditório. Ali aconteciam não apenas reuniões de equipe, mas também palestras e cursos de capacitação para nosso pessoal. Meu pai era um homem visionário, acreditava que fazer isso só ajudaria não apenas no desenvolvimento e crescimento do Grupo, mas também das pessoas. E ele estava mais do que certo.

Era a hora da reunião. Sabia que não havia nada

demais, afinal, eu seria apenas apresentado a todos e havia me preparado a vida toda para isso, ainda assim estava nervoso. Tentei acalmar o nervosismo súbito enquanto descia o elevador acompanhado de meu pai e sua assistente, mas foi em vão.

Meu pai pareceu perceber como eu estava, porque depois de uma olhada para mim, logo o ouvi perguntar:

— Você viu o relatório que te passei? — perguntou isso enquanto digitava algo em seu celular.

— Sim. Os números são bem promissores. Ainda assim, como falei antes, acho que podemos reduzir algumas coisas. — comentei e ele levantou o olhar da tela para me olhar.

— Eu já disse que não irei fazer cortes, Matteo. Especialmente na DIVA, que além de nos dar um grande lucro e ser basicamente a única revista feminina que temos no nosso quadro, você sabe muito bem que foi um presente que dei a sua mãe. Posso até mesmo chegar a falir e perder o império que nossa família construiu ao longo dos anos, mas a DIVA irá até o fim conosco. No que depender de mim, ela não sairá de circulação nem agora e

nem nunca. Entendeu? — disse sério.

Engoli em seco. Eu não queria realmente que ele se desfizesse da Revista, afinal a DIVA era a menina dos olhos da mamãe, que, depois de largar a carreira de modelo para casar-se com papai, dedicou-se integralmente a ela. O que estava lhe propondo, era apenas que algumas colunas fossem extintas. Especialmente a porra daquela #DesaPega.

Tudo bem. Eu não estava fazendo isso apenas por causa do Grupo. Era uma decisão quase puramente egoísta, eu odiava com todas as minhas forças a premissa da coluna e achava completamente desnecessário o programa feito semanalmente pela jornalista que comandava ela, embora nunca realmente a tivesse visto. De fato era muito lucrativo, mas meu ego ferido não me deixava esquecer que a tal Melissa Brandão era a única culpada por isso.

A história começou basicamente com uma ex-namorada que eu tinha. Uma modelo brasileira que morava em Londres e por quem eu havia sossegado um pouco. Pela primeira vez na vida tinha uma relação

monogâmica, mas Raka não parecia muito feliz e queria mais, porque, pelo visto, eu não era o modelo ideal de namorado para ela. E nem para tal Melissa. Foi então que as coisas desandaram.

A coluna era realmente muito famosa e o programa semanal online dela era visto por milhares de pessoas. Comigo de exceção, claro. Até mesmo a Raka, que morava em Londres e um dia resolveu pedir conselho dessa frustrada, que a fez terminar comigo.

Eu tenho minhas razões para ter um pé atrás com ela!

— Uma e outra coluna não fará diferença, papai. Muito pelo contrário, acho que iremos apenas lucrar com isso. Angariar novos patrocinadores. Deixar de ter dores de cabeça por causa de *haters,* etc. — tentei e meu pai me olhou de cenho franzido.

— Continuo não vendo razões para mudança alguma. No dia que você tiver um argumento convincente voltamos a falar sobre isso. No mais, quero apenas curtir a volta do meu filho e o início da sua jornada aqui na empresa da sua família e não me aborrecer. Espero que estejamos

conversados sobre isso, Matteo.

— Sim, senhor. — falei com o olhar para baixo, colocando meu rabinho entre as pernas.

Eu não era mais um menino, mas, definitivamente, ainda poderia me sentir assim quando meu pai levantava o tom de voz para mim!

Otávio Vogel, meu pai, era o típico homem decidido, que não deixava brechas para contestação. Eu sabia a hora de me retirar, embora não fosse do meu agrado, não adiantaria remar contra maré, papai não voltaria atrás.

A porta do elevador se abriu, meu pai passou com sua assistente no seu encalço e arrumando minha gravata, sai do elevador também. Foi então que um pequeno corpo colidiu direto comigo. Ela tropeçou sobre os próprios pés e caiu para trás.

Sua bolsa, voou para o outro lado e de lá saíram o que me parecia ser uma coleção de absorventes internos coloridos, camisinhas de todas as cores e sabores, bolas de pompoarismo, um par de algemas, lubrificantes e diversos outros produtos aparentemente comestíveis. E para meu completo horror, um vibrador enorme negro, que

parecia ter três vezes o tamanho do meu pau e parecia estranho e assustadoramente real.

Meu Deus! Como alguém poderia aguentar com isso? Kid-Bengala[3] *perdia feio!*

Apesar do susto e da raiva pelo encontrão, um lado cavalheiro falou mais alto e fui ajudar a moça, que, nesse momento, tinha os cabelos na cara. Abaixei ao seu lado passando meu braço ao redor de sua cintura, vi que ela estava ofegante e xingava baixinho. Apertei meu abraço segurando-a, ajudando-a a ficar de pé. Cabelos castanhos voaram diretamente na minha cara, o aroma adocicado de frutas que eu tinha a ligeira impressão que conhecia, me impregnou. Ela então se abaixou para juntar seus "brinquedos" e a ouvi murmurar para si mesma:

— Que merda, Universo! Tudo bem, já entendi que depois da minha madrugada deliciosa, eu não poderia esperar mais do restante do dia. Que você está realmente a fim de me sacanear! Desculpe, moço, eu realmente sinto muito...

Com o cenho franzido, agachei-me para ajudá-la a juntar as coisas, mas me mantive longe daquela coisa

preta.

Sim. Me desculpe, mas eu estava assustado com aquilo tudo!

Ainda estava meio aéreo e mortificado enquanto falava para ela:

— Deixe-me ajudá-la com isso.

— Obrigada. — falou, nitidamente sem jeito, parecendo não ser capaz nem mesmo de fazer contato visual comigo.

E como poderia depois de ser descoberta como uma possível pervertida sexual?

Nós nos levantamos, ela ainda meio desajeita, distraída, tentando se recompor e reorganizar as coisas na bolsa, embora não parecesse estar conseguindo enfiar todos aqueles troços lá dentro. Enquanto ela seguiu resmungando, sem prestar muita atenção em mim, eu ainda estava amedrontado.

Deveria ter medo dessa pervertida tentar me estuprar?

— Desculpe, eu estou, como sempre, atrasada...

Ela então finalmente ergueu o rosto e por alguns

segundos observou meu peito largo revestido em um terno. E foi assim que seus olhos cor de mel, aqueles olhos lindos que observei enquanto gozava horas atrás, se puseram nos meus e sua boca perfeita se abriu em choque.

Meu Deus! Era ela!

Nós dois ficamos sem palavras. Meu coração acelerou rapidamente. Estávamos os dois chocados demais para reagirmos de qualquer maneira. Sua bolsa caiu novamente e ouvi algumas coisas se esparramarem mais uma vez no piso polido sob nossos pés.

— Você. — murmuramos juntos.

Sua expressão muito incrédula apenas demonstrou que ela estava tão surpresa em me ver quanto eu estava em vê-la ali.

— Está tudo bem com vocês? — meu pai se aproximou e quando viu que eu não estava sozinho, sorriu para ela. — Então pelo visto vocês já se conheceram. — riu baixinho. — Filho, é com muito prazer que te apresento uma das nossas mais famosas e queridas colunistas, Melissa Brandão. Melissa, te apresento meu filho, Matteo.

Oh merda! Ele estava falando mesmo sério? Logo ela? Isso só podia ser sacanagem do destino!

“Não espere ter tanta sorte depois de tantos orgasmos!”



TUDO BEM QUE EU HAVIA TIDO UMA NOITE DELICIOSA. Uma noite como há muito tempo não tinha. Ou talvez não tivesse tido uma assim realmente, porque não era todo dia que a gente encontrava com um deus do sexo como o Desconhecido do bar. Mas então estava

atrasada para o trabalho e a vida começou a me lembrar que eu tinha uma vida de azar para cuidar e não ficar me prendendo em pequenos detalhes.

Minha menstruação desceu e isso significava cólicas. As mais monstruosas e horríveis delas. E ainda assim não poderia me jogar na cama e ficar enrolada em posição fetal, porque eu precisava ir para uma reunião na Revista.

Estava realmente atrasada para o trabalho, e tive que dar meu carro para Kamila levar a Hortênsia ao colégio, como a escola dela ficava do outro lado da cidade, eu não conseguiria chegar a tempo para a reunião por causa do engarrafamento horroroso que tinha a essa hora. Fora que eu chegaria muito mais rápido se fosse de metrô. E quando sai de casa achei que era uma ótima ideia.

Mas o que eu não contava era que pegasse o metrô lotado e tivesse que suportar aquele horror de gente unido, como se tudo fosse lindo e alguns não estivessem com o desodorante vencido. Passei do ponto da estação que tinha que saltar e como se isso não fosse o bastante, quando estava descendo do metrô, o salto do meu sapato ficou preso e quebrou.

Merda! Logo esse sapato que eu gostava tanto e não havia terminado de pagar?

Mantive a pose enquanto seguia mancando para esperar o metrô na direção contrária. Distraída com a última leitura da minha coluna para próxima edição que recebi por e-mail, não notei quando um homem se aproximou de mim e encostou uma coisa na minha barriga.

Olhei para baixo para então perceber que, na verdade, era o cano de uma arma.

Ai Jesus! Era só o que me faltava hoje!

— Perdeu, madame. Pode passar a bolsa. — murmurou baixo, para não chamar atenção.

Com o coração quase na boca, olhei ao meu redor e vi que algumas pessoas não apenas estavam vendo que eu estava sendo assaltada, como também não pareciam se importar que isso estava acontecendo comigo.

Bando de covardes!

— Acho que não. — respondi, enfrentando o ladrão, que pareceu surpreso com a minha resposta.

— Você não tá entendendo, madame. Quero sua bolsa. Então adiante aí e me passe logo, antes que eu meta bala

na senhora. — disse nervoso e eu ri sem humor.

— Só não estou entendendo porque logo a minha bolsa, dentre tantas pessoas. E a bolsa nem original é, sabia? Tenho dinheiro não, meu filho. Única coisa que você vai achar aqui é contas para pagar e você não sabe o favor que me faria se me livrasse delas.

— Oi? — o ladrão perguntou confuso.

Qual a parte que eu não tenho dinheiro que ele ainda não entendeu?

— Moço, tô dizendo que você está assaltando a pessoa errada. Não tenho dinheiro. Até a passagem desse metrô paguei com cartão de crédito e minha fatura tem mais juros do que você já pensou em ver na vida, de tanto que eu faço pagamento mínimo. Cê têm noção do absurdo que é a inflação dessas coisas? Deviam chamar esses pedaços de plástico de Satanás, porque me forçam a pecar, pois compro demais o que não deveria e quando as faturas chegam, é um inferno para mim. Pensando bem, acho que seria ótimo que você levasse. — comecei a abrir a bolsa e a procurar meus cartões na carteira. — Você faz umas compras com meus cartões e posso processar as

operadoras de cartão e assim finalmente pagar minha fatura com o dinheiro que receber do processo. Seria ótimo. — falei pensativa e me sentindo um pouco mais aliviada por ter achado uma solução para meu problema com as dívidas.

Por que eu nunca havia pensado sobre isso antes?

— Não, não. Quero cartão não. Me passe o celular então. — continuou a apontar a arma para mim, embora parecesse um pouco assustado.

Oi? Ele pediu o que? Ele estava brincando, certo?

— Não mesmo. Dividi esse pequeno aparelho em 24 parcelas e não cheguei nem na terceira ainda. E esse não é realmente o problema, o problema é que não fiz backup na última semana e minha vida está aqui dentro. Ouviu? Minha vida está aqui dentro, não posso perder minha vida. E tem outra coisa, você sabe que de nada adiantaria né? Eu ligaria para minha operadora, que bloquearia o chip e também ativaria o buscador do meu celular, que além de bloqueá-lo, faria com que a polícia te encontrasse rapidinho. E tenho certeza que você não vai querer ser encontrado.

— Olha aqui, madame...

— Não, já disse que não sou madame, moço. Sou assalariada e muito mal paga. Ajudo tantas pessoas a encontrem a felicidade e a se livrar do peso que carregam e ainda assim, não ganho o bastante para pagar minhas contas. Além do mais, tenho uma adolescente de dezessete anos para sustentar. A Escola está à hora da morte. E ainda tem curso de inglês. Cursinho pré-vestibular; Plano de saúde seria mais em conta se eu levasse um tiro. Não vou nem falar sobre alimentação, que você deve comer e sabe o quanto 1kg de tomate custa. Carne então nem se fala. — Comecei a tirar meus documentos da bolsa. — Só um instantinho, deixa eu tirar meus documentos, porque, embora odeie minha foto do RG, tirar tudo de novo me daria um trabalho da porra. — abri minha carteira e tirei meu RG e carteira de motorista. — Olhe como estou horrível. Aquela manhã foi tensa. Cheguei em casa cinco horas das manhã e tinha esquecido que tinha agendado para tirar o documento às sete. Quando meu despertador tocou, sai correndo para me arrumar rápido e até o shampoo tinha acabado, olha meu cabelo. — apontei para

o caminho de ratos da foto. — Usei sabão para lavar e acho que a mistura com a cerveja que derramaram no meu cabelo na noite anterior, fez uma reação química sinistra, porque ficou esse bolo aí, que nem pente deu jeito, depois dessa foto tive que cortá-lo bem curtinho. — ele fez uma careta enquanto olhava a foto.

— Moça...

— Eu sei, eu sei. Melhor tirar o quanto antes outra, né? — indaguei, antes de suspirar. — Mas não tem jeito. Eu e uma foto 3x4 simplesmente não nos entendemos. Prefiro evitar novas decepções. Não é a toa que fiquei meses sem transar. — sorri me lembrando da noite passada. — E nada vai tirar meu bom humor, porque dei ontem a madrugada toda. — voltei a tirar as coisas da bolsa. — O que você acha de um cheque pré-datado? Talvez isso possa te ajudar. Mas não saca antes da data, certo? — ele tocou em meu ombro de maneira gentil e então falou:

— Moça, isso é para você. — disse, estendendo uma nota de cem reais, mais amassada que cédula de bêbado.

— O que é isso? — perguntei, pegando-a.

O que? Era uma nota de cem! A gente não vê uma dessas todo dia!

— Fica com ela. Você precisa mais do que eu. — sorriu simpático e eu fiquei realmente emocionada.

— Obrigada, moço. Você é muito gentil. A última coisa que pensei que me aconteceria hoje depois da minha menstruação descer, de perder o ponto, do meu sapato quebrar e tudo mais, era que poderia conhecer alguém tão generoso. Deus te abençoe. — agradeci sinceramente.

— Vou colocar a moça nas minhas orações. Está precisada. Procura uma casa de Candomblé, dona, para fazerem um trabalho contrário, porque pelo visto o problema da sua vida estar bagunçada é esse. Até mais, dona. — me deu as costas e ia caminhando, quando eu gritei:

— Você não ia levar minha bolsa?

Ele me olhou surpreso e então riu.

— Não, moça. Sou ladrão, mas tenho vergonha na cara e meu próprio código de conduta. Tenho coração. Não roubo pessoas mais precisadas que eu. — respondeu, antes de continuar seu caminho.

Nossa! Mas que ladrão mais legal e de bom coração!

Sorrindo, olhei ao meu redor e vi que as pessoas me olhavam como se eu fosse louca.

— O que é? Vocês nunca fizeram amizade com alguém que tentou assaltar vocês não? — perguntei irritada.

#

— Belo show, Mel. — o décimo colega da redação falou, enquanto eu andava em direção a minha sala.

— Obrigada. — disse, sem constrangimento algum, enquanto continuava mancando.

Ele não havia sido o primeiro a me cumprimentar pela minha performance, não mesmo. Da portaria até o décimo sexto andar, acho que umas seis ou sete pessoas falaram comigo. E eu plena lhes agradeci.

Por que ficaria constrangida? Eu arrasei mesmo ontem à noite!

— O que houve com você? — Jaque me parou mais adiante quando me viu um pouco descabelada e mancando.

Ainda assim bela e plena, fingindo costume!

— O de sempre. — dei de ombros enquanto abria a porta da minha sala. — Menstruei. E por causa disso estou meio dopada com remédio para cólica. Sai de casa atrasada. Peguei o metrô lotado. Perdi o ponto. O salto do meu sapato quebrou. Quase fui assaltada...

— O que? — me cortou.

— Quase. Fui. Assaltada. — repeti bem devagar para que entendesse e ela começou a olhar cada pedaço de mim enquanto falava:

— Meu Deus, Mel! Você está bem? Fizeram alguma coisa com você? Te machucaram? Te estupraram?

— Não. Não. Ele me deu uma nota de cem reais. Paguei o táxi para vir para cá com ela. — sorri, deixando-a atônita.

— Como é? O ladrão te deu dinheiro? — perguntou incrédula, enquanto comecei a tirar meus sapatos.

— Sim. Sim. Contei a ele sobre meus problemas financeiros e ele foi bastante compreensivo. Além de me sugerir que procurasse uma Casa de Candomblé para que me livrasse do meu azar, ainda disse que me colocaria em suas orações. Gentil ele, não é? — continuei a tagarelar.

— Você está falando sério? — indagou ainda sem acreditar.

— Claro que sim. Estamos no final do mês, estou socando tudo no cartão. Aonde você acha que eu arranjaria uma nota de cem reais nessa altura do campeonato? — ri da sua inocência.

Até parece que ela não conhecia minha situação crepitante!

— Amiga, se você precisa...

Logo tratei de cortá-la:

— Não. Não preciso de dinheiro emprestado. A Tetê termina a escola esse ano e depois disso vou conseguir dar conta de tudo. Por enquanto vou me virando como dá. — falei simplesmente, recebendo uma careta em resposta.

— Você sabe que posso ajudá-la.

— Sei. Agradeço, mas não precisa. — sorri para ela.

— Mas sério que você aceitou dinheiro de um ladrão? — perguntou, tentando muito duro não rir.

— Claro que sim. Sou doida, mas nem tanto para negar dinheiro. — dei de ombros.

— Às vezes acho que você precisa de tratamento. —

comentou balançando a cabeça e eu ri.

— Já pensei nisso, nessa coisa de ir ao psicólogo. Mas por quatrocentos reais a hora de consulta, eu prefiro comprar um monte de blusinha e continuar louca mesmo. — gracejei, fazendo-a rir.

— Sério, louca, você está realmente bem? — insistiu e eu sorri pela sua preocupação.

— Sim. Tirando, claro, o fato de estar meio fodida e ter engordado um quilo no ultimo mês, tudo vai bem. Não bem, mas normal, como sempre. Afinal, eu transei. — disse as ultimas palavras orgulhosa.

Ok, acho que eu meio que cantarolei elas também!

— Você o que? Você transou? — ela gritou a pergunta.

Olhei ao redor e constatei o que já sabia: Todos ali na redação ouviram que eu havia transado. Não adiantava muito ter sido promovida de estagiária que tinha apenas uma mesa, para Colunista que tinha uma sala, quando essa sala na verdade, tinha paredes de vidro e a privacidade era zero. Não demoraria nada para que isso virasse fofoca nos corredores e todos os funcionários do Grupo Vogel soubessem que eu havia dado na noite passada e tirado

minhas teias de aranha.

Ah! Foda-se! Não vou me importar com isso! Eu transei, oras!

— Obrigada por contar para todo mundo, Jaque. — revirei os olhos e ela pareceu meio constrangida.

— Desculpa. Fiquei apenas surpresa. — ela pareceu sem jeito. — Não achei que você fosse demorar mais ontem a noite. — comentou, ainda meio surpresa.

— E não ia. Mas o cara era tão gato, amiga. Nossa! Foi ótimo! Não gozava assim desde que... Acho que nunca! Ainda bem que minha menstruação só veio hoje. — disse, começando a procurar meu sapato reserva no armário.

É. Eu tinha sapatos reservas. Conhecia não apenas a mim e meu azar, como também meus dois "pés esquerdos"!

— Er... Vocês vão se ver novamente? — insistiu.

— Claro que não! Nem mesmo sei o nome dele. — dei de ombros e ela sorriu.

— Você não tem jeito. — balançou a cabeça.

— Com licença. Posso entrar? — uma das secretárias

perguntou, batendo na porta.

— Claro, Kel. Entra aí. — sorri para ela, porque, ao contrário daquela criatura de ontem à noite, eu adorava a Kel.

— Parabéns por ter se dado bem, Mel. — ela disse, tentando não rir e eu revirei os olhos.

Eu mereço mesmo! As pessoas além de cientes da minha vida sexual, agora vão começar a me parabenizar como se eu tivesse ganhado um prêmio Nobel!

— Obrigada, Kel. — tive que agradecer.

— Chegou um pacote para você, Mel. — falou, colocando uma caixa de tamanho médio na mesa.

— O que é isso? — Jaque perguntou quando a Kel pediu licença e se retirou da sala e eu começara a abrir o pacote.

— Veio de um dos meus patrocinadores... Só espero que eles não tenham enviado novamente produtos...

— Ai meu Deus! — Jaque colocou a mão na boca assustada quando o conteúdo da caixa se revelou.

Eu não deveria esperar ter tanta sorte depois de tantos orgasmos!

Doce Tesão, era uma fábrica de produtos eróticos e um de meus patrocinadores. Mesmo que eu insistisse que não precisavam mandar nada, nem mesmo as novidades, eles aparentemente achavam que eu necessitava da ajuda deles, porque ao menos uma vez por mês recebia uma caixa recheada de produtos.

— O que é essa coisa preta? — Jaque perguntou ainda horrorizada.

— Um vibrador, até parece que você nunca viu um. Um feio, estranho e meio assustador vibrador. Sério que eles achavam mesmo que eu usaria esse troço enorme? — perguntei, segurando o negócio obsceno de tão grande e real.

Meu Deus! Eles supuseram, mesmo que por um segundo, que isso caberia em mim? Acho que isso me arrombaria e depois sairia pela minha boca!

— Guarda isso, Mel. Já está todo mundo olhando. — Jaque comentou e olhei para frente para ver os olhares curiosos novamente sobre mim.

— Nem esquenta. — comecei a falar enquanto guardava sem olhar as coisas em minha bolsa. — Não

tenho tempo agora, mas quando sair da reunião, vou sair distribuindo essas coisinhas, porque os desocupados aí, adoram quando dou coisas grátis. Especialmente quando elas têm teor sexual.

#

Não existe no mundo nada mais mentiroso do que propaganda de absorvente. Sério, era incrível a cara de pau deles em retratar uma realidade que não existe. Nem em outra dimensão. Nessas propagandas, as mulheres estão lindas, sorridentes, felizes da vida, livres de cólicas e parecendo super confortáveis consigo mesmas e com o troço que têm no meio das pernas. Usam até mesmo roupa branca e andam de bicicleta.

Piada! Até parece que ficamos assim!

Muito pelo contrário. Além das cólicas filhas da puta e do desconforto eterno, há o inchaço, o nervosismo, irritabilidade, sensibilidade e tantas coisas que vem com o período, que eu poderia ficar o dia todo citando-as aqui. É nessas malditas horas, em que eu me pergunto:

Por que merda existe a menstruação?

Os homens não sentem nada, nem mesmo a dor do parto e ainda nos acusam de loucas. Isso é tão injusto. A mãe natureza é uma vadia mesmo, ela poderia colaborar e simplesmente nos mandar uma mensagem ou um e-mail dizendo: “E ai gata, tudo bem? Pode ficar despreocupada. Você não tá grávida! Pode voltar a dar a vontade. Nos falamos mês que vem. Beijos."

Simples assim! Seria pedir muito?

Menstruação não era coisa de Deus. Definitivamente não era. Era apenas uma maneira escrota e covarde do capeta dizer “oi”. Felizmente essa maldição tinha dias contados e a minha durava exatos três dias. Caso contrário eu surtaria e não acho que conseguiria ser responsável pelos meus atos.

Antes da reunião, passei rapidamente no banheiro para trocar meu absorvente interno. O normal simplesmente não dava conta da minha *monstruação,* porque minha pepeka era exigente e a coisa era intensa. Minha situação era bem difícil nesses dias, porque de hora em hora eu o trocava.

Como sempre estava atrasada, sai correndo para pegar

o elevador até o vigésimo sexto andar, onde aconteceria a reunião. Como eu não tinha sorte mesmo, quatro andares depois ele parou e entrou em modo manutenção.

Oh azar filho da puta!

A última coisa que eu queria, era ter de subir seis andares pela escada. Mas como não podia esperar até que o próximo elevador viesse, o que poderia durar horas, não tive mais escolha a não ser tirar os sapatos e subir a pé mesmo.

Tinha que me lembrar de parar de ser sedentária. Apenas pagar a academia e não ir, definitivamente não estava mais fazendo o efeito esperado. Eu tinha vinte e cinco anos, pelo amor de Deus, não podia estar com a capacidade física de uma pessoa de oitenta.

Cheguei ao vigésimo sexto andar colocando os bofes para fora e decidida a tomar vergonha na cara e começar a caminhar para uma vida fitness. Afinal, não adiantava comer salada no almoço e fazer a fitness a maior parte do tempo e no jantar comer o hambúrguer mais gorduroso que existe no mundo do *fast-food*.

E foi então que o encontrão aconteceu. Minha bolsa

voou da minha mão enquanto eu ia de encontro a um paredão macio. Perdi o equilíbrio e cai ao chão, os produtos que estavam em minha bolsa, inclusive o vibrador obsceno, voaram em todas as direções. Comecei a resmungar sozinha enquanto o paredão, que, na verdade, se tratava de um homem bem-vestido e cheiroso, ajudava a me pôr de pé novamente.

Tentei juntar as coisas, muito mortificada porque ele certamente estava pensando barbaridades da minha pessoa vendo não apenas aquela quantidade absurda de produtos, como também a coisa preta. Como não poderia deixar de agradecê-lo formalmente por ter me ajudado, ergui o rosto e dei de cara com um peito largo.

Hum. Interessante... Trabalhar tendo uma visão privilegiada e gostosa definitivamente seria interessante!

Levantei os olhos e finalmente encontrei os seus, e eles já me eram muito conhecidos. Até demais. Porque me conheceram em momentos muito íntimos noite passada. Quatro vezes para ser mais exata. Aqueles olhos escuros e lindos, que me fisgaram completamente e eu achei que

jamais tornaria a vê-los.

Pela primeira vez na minha vida, me vi sem palavras. Meu coração acelerou de maneira tão absurda, que achei que seria possível que ele ouvisse. Mas minha mudez era o mínimo nesse momento e não chegava nem perto de como eu me sentia.

Ele parecia tão surpreso ou mais do que eu. Mas eu não poderia esperar que isso fosse tudo. Não tive nem tempo de processar esse reencontro, quando então o grande Otávio nos apresentou e descobri que não apenas tinha encontrado com o cara com que dormi noite passada, como também ele era filho do chefe.

Puta que pariu! Eu dormi com o filho do chefe! Tudo bem, Universo, já deu por hoje! Pare de me sacanear e me arranje um buraco para me enterrar!

“Para um doido, outro mais doido ainda!”



PUTA QUE PARIU! Ela era a tal da Melissa? Isso só podia ser castigo!

Meu coração palpitou e tremeu no peito, a raiva dessa petulante mal amada borbulhou em meu corpo enquanto

processava a novidade. Eu tinha acabado de falar com meu pai que queria acabar com sua coluna, porque a odiava. Mas nunca, nem mesmo nos meus sonhos mais loucos, poderia imaginar que havia levado essa mulher para a cama. E o pior, eu tinha adorado fazer isso. Só podia ser brincadeira

Ela estava ainda mais deliciosa do que a noite passada. Seu cabelo escuro estava solto caindo sobre seus ombros. Ela vestia um vestido comportado, mas seu decote definitivamente não deixava muito para a imaginação sobre os peitos dela. Peitos esses que me alegraram muito.

Que caralho, Matteo! Pare de pensar nisso!

Seus saltos faziam suas pernas douradas parecerem ainda mais sexy e a única coisa que eu poderia pensar, era nelas enroladas em minha cintura enquanto eu...

Não. Não. Matteo! Isso só podia ser brincadeira! Ela não podia ser mesmo a tal da Melissa!

Fechei os olhos e os reabri a espera de estar apenas imaginando isso, mas ela ainda estava lá. Ainda era Melissa. Ela ainda era a mulher com a qual eu passei a

última noite. E pior, ainda era a mulher que eu secretamente odiava.

Porra! O que eu havia feito para merecer isso?

Eu estava com raiva de mim por isso. Queria quebrar meu próprio pescoço por ter ido para cama com ela. Raiva do meu pau traidor. Mas então eu dei mais uma olhada para ela e por mais irritado que estivesse, estava tão próximo dela, o suficiente para tocá-la, que minha mão coçou para isso. Xinguei-me mentalmente pelo caminho dos meus pensamentos e, ao invés disso, fechei minha cara e tentei demonstrar o quanto não estava feliz com sua presença.

Embora meu pau traidor discordasse completamente disso!

Sério. Aquilo era muita sacanagem. Só podia ser um castigo do Universo com a minha pessoa, que de tantas mulheres no mundo eu tivesse escolhido justamente essa filha da puta para ir para a cama na última noite. E como se ainda não fosse o suficiente, ela ainda havia me deixado naquele motel arrasando com meu ego mais uma vez.

Melissa então falou tirando-me da batalha interna que eu travava:

— Um prazer conhecê-lo. — estendeu a mão para me cumprimentar, fingindo que não me conhecia.

Ah! Filha da mãe falsa!

Tentei manter a calma, mas a verdade é que eu mal conseguia me controlar naquele momento. Uma parte de mim ainda estava puto com ela por tudo, mas a outra parte não conseguia controlar essas emoções muito bem. E meu corpo pelo visto também era um traidor, pois reagiu a ela de maneira bizarra e, até então, desconhecida.

Que porra era essa?

Melissa, aquela que fora culpada não apenas pelos meus últimos orgasmos, mas também culpada por me deixar sozinho e ridicularizado naquele quarto de motel. E ainda por cima havia sido o motivo de minha ultima namorada terminar comigo, estava ali, à minha frente, fingindo que não me conhecia.

Cara de pau!

— Prazer em conhecê-la também, Melissa. — respondi, frisando seu nome, entrando em seu jogo e ela

sorriu, a filha da puta sorriu... Como se tivesse uma piada interna.

Porra! Por que a filha da mãe precisava ter esse sorriso tão lindo?

Eu me sentia cada vez mais frustrado, fodido e irritado comigo mesmo. Não queria me sentir de alguma forma mexido por ela. Mas inevitavelmente estava. Eu odiava Melissa Brandão antes mesmo de conhecê-la, e, apesar de como as coisas terminaram entre nós essa manhã, eu não esperasse encontrá-la jamais. Aquele encontro foi um golpe.

— Melissa é uma das nossas mais queridas colunistas, Matteo. Ela comanda uma coluna chamada...

— #DesaPega. — completei o que meu pai diria, meus olhos não saíram dos seus enquanto continuava: — É também uma das mais odiadas pelo que eu saiba. Afinal, já separou muita gente e pelo visto gosta de brincar com a vida das pessoas. — falei e esperei que ela assimilasse por um instante o que eu disse e observei seu belo rosto empalidecer.

É. Eu podia ser um babaca quando queria!

E preciso admitir que essa era justamente minha intenção naquele momento. Queria ser babaca. Queria vê-la sem graça. Mais do que isso, adorei a sensação de prazer que senti ao fazê-lo.

Sim! Foda-se o cavalheirismo e os bons modos!

Eu estava no meu direito de me sentir desconfortável e principalmente puto por estar diante dela. E ainda mais em falar o que pensava a seu respeito. Eu não sabia ser falso e muito menos agradar as pessoas apenas porque "deveria", não era hipócrita.

— Matteo, isso não é maneira de falar com a Melissa! — papai me repreendeu, enquanto meus olhos continuaram fixos nos dela, que ainda me olhava meio chocada.

— Tudo bem, grande Otávio. — ela logo recuperou a compostura enquanto falava. — Não me importo realmente. Estou acostumada com o ódio gratuito dos machistas que não aceitam que as mulheres não sejam suas submissas ou cachorrinhas. Muito me admira que um cara tão ímpar como você, tenha um filho tão retrógrado e machista. — me provocou e meu pai desatou a rir.

Filha de uma mãe! Era só o que faltava, meu pai adorá-la!

E eu não tive mais dúvidas que a adorava mesmo pela maneira que ele reagiu ao que ela disse. Principalmente quando ele a abraçou e seguiu para o auditório onde nos esperavam com seus braços sob os ombros dela. Depois de tanta informação, minha ressaca agora estava completamente esquecida e eu precisava de uma, ou de várias doses de uísque para conseguir passar esse dia.

#

A reunião foi tranquila. Meu pai me apresentou não apenas para diretoria executiva, como também para parte editorial das revistas. Jaqueline, minha prima por parte de pai, era uma das editoras da revista que pertencera à mamãe, isso eu já sabia, mas o que não sabia, era que ela aparentemente era amiga da tal Melissa.

Por mais esforço que eu fizesse, passei boa parte da reunião sem conseguir tirar os olhos dela. Melissa era realmente linda e embora minha raiva por ela

fosse latente, era difícil não admirá-la, especialmente quando aqueles belos grandes olhos cor de Mel olhavam para mim.

Exatamente por esse motivo, quando meu pai dispensou a todos e deu a reunião por encerrada, me pus em seu caminho e fiz o que tinha que fazer:

— Você tem um minuto? — perguntei, vendo seus belos olhos arregalados em surpresa.

— Vocês se conhecem? — Jaque perguntou franzindo a testa, olhando de mim para ela.

— Sim. Nos conhecemos mais cedo. Seu tio nos apresentou antes do inicio da reunião. — Melissa rapidamente respondeu, parecendo querer persistir na mentira.

Tão cínica!

— É. Preciso falar algumas coisas com ela sobre o que discuti mais cedo com papai. — completei.

Pude ver um certo desconforto brilhar nos olhos da minha prima, mas quando ela respondeu com um breve aceno, ele logo sumiu e ela saiu em seguida.

Enquanto o restante dos funcionários começavam

a sair, nós permanecemos ali a espera que todos fossem embora. Aproveitei esse tempo para estudar seu rosto e quando nossos olhos se cruzaram, vi e senti muito mais do que gostaria.

Com nossos olhos ainda grudados um no outro, nenhum de nós parecia querer ceder. Eu definitivamente deveria me acostumar com sua presença ali, porque era óbvio que esbarraríamos um no outro quase todos os dias.

— Então, o que você queria? — ela perguntou, quando a última pessoa finalmente saiu.

— Queria falar sobre o que aconteceu. — comecei e sua sobrancelha arqueou-se.

— Não entendi.

— Apenas quero ter certeza de que o que houve entre nós não interferirá em nosso trabalho. Senão teremos um problema. Quero deixar claro que não teremos um relacionamento e eu definitivamente não quero um. — afirmei sério.

Durante toda reunião, pensei em diversos tipos de reação que ela poderia ter quando tocasse nesse

assunto e deixasse claro minha posição sobre nós dois. Achei que, sei lá, que ela jurasse amor eterno e virasse uma louca, psicótica atrás de mim. Que ela se sentisse ofendida. Irritada. Mas nunca, nunca passou pela minha cabeça que ela tivesse um ataque de riso louco.

Sério. Nunca tinha visto nada parecido e estranho em toda minha vida. A forma como ela ria, era como se um porco tivesse cruzado com uma hiena e estivesse tendo uma convulsão.

Que porra era essa?

— O que foi isso? — perguntei, começando a ficar irritado pela sua reação.

Mas quem disse que eu obtive resposta? Melissa simplesmente continuou a rir sem controle. Nada tive dela além dessa reação. Enquanto aqueles sons estranhos saíam de seus belos lábios carnudos, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Você... Você... — ela começou, antes de desatar a rir novamente.

Filha de uma mãe!

— Não acredito. — não conseguiu completar o raciocínio.

Melissa simplesmente ria de soluçar. Sua bolsa já havia caído no chão, suas mãos foram para barriga como se quisesse se controlar. Enquanto isso, eu permaneci ali, feito um babaca, sem saber agir diante sua reação.

Essa porra era louca?

— Melissa, estou falando com você! — falei, perdendo a paciência e ela se forçou a tentar parar de rir.

— Me de-desculpa. — ela começou enxugando as lágrimas. — Mas por um momento pensei que você estava com medo de que eu me apaixonasse e grudasse no seu pé. — disse ainda rindo e eu permaneci sério. — Oh meu Deus! Você realmente acha isso! Como você é pretencioso! — murmurou, antes de voltar a rir.

— Se não acabou com sua ironia e gozação, ainda não terminei de falar. — falei entre os dentes.

— Oh, querido, depois do que você me disse, eu

nunca vou parar de te zoar. — disse entre risadas e lágrimas.

Naquele momento, decidi que não perderia mais meu tempo com essa louca. Melissa era definitivamente a mulher mais diferente que já conheci e olha que malmente a conhecia. Então, enquanto ela ainda ria, virei às costas e comecei a caminhar em direção à saída. No momento em que alcancei a maçaneta, ela gritou:

— E a propósito, Matteo. Meu nome é Melissa. Eu não o esqueci. — gritou ainda rindo, ao lembrar-me da promessa que fiz de fazê-la esquecer-se até mesmo o próprio nome.

Não. Ela não disse isso! Filha da puta! Essa louca ainda vai me pagar!

“Você aconselha sua amiga uma vez, duas vezes, na terceira você tira o sapato, mira na cabeça dela e arremessa!”



A VOLTA PARA CASA FOI TÃO INFELIZ QUANTO A IDA. Infelizmente não tive mais nenhuma alma bondosa para me dar um dinheiro para o táxi e também para comprar umas barras de chocolate. Porque era definitivamente tudo que eu queria

quando chegasse em casa, tomar um banho relaxante e bem quentinho, vestir meu pijama velho de poodles que eu costumava usar nesse período. Depois deitar na minha cama e me enrolar em um edredom quentinho, com uma panela de brigadeiro, barras e mais barras de chocolate, o suficiente para que meu exame de glicose desse descontrolado, colocar *Friends* para assistir na TV e curtir minha TPM em paz.

Era aquela coisa que a gente aprende na aula de Física: um corpo deitado, permanece deitado se a cama estiver quentinha e tiver *Netflix* na TV. Simples assim.

Mas ao invés disso, cheguei em casa e me deparei com uma cena lamentável: Kamila estava vestida de enfermeira sexy, enquanto chorava com um pote de sorvete na mão e um frasco de spray de chantili no outro enquanto cantava à plenos pulmões Cinquenta Reais.

Que diabos aconteceu com essa doida?

— O que aconteceu, amiga? — perguntei

preocupada, antes de jogar minhas coisas na mesa e me ajoelhar em sua frente.

Mil coisas se passaram na minha cabeça naquele momento. Que algo de muito grave tivesse acontecido com ela ou com seus pais, que eu tanto adorava. Que Adam Levine tivesse assumido que era gay. Que a conta do *Netflix* tivesse sido cortada. Mas definitivamente não esperava essa resposta:

— Amiga, eu tô t-tão triste. Tão arrasa-aaada... — soluçou. — Ele me traiu, cara. — completou aos prantos e a olhei com solidariedade.

Ah! Puta que pariu! Jura que era isso? Ela não podia estar falando sério!

— O que? — perguntei, esperando que agora ela me dissesse a verdadeira razão pela qual chorava assim tão desolada.

Não podia ser isso. Não mesmo! Ela não podia chorar pelo meia-bomba!

— Ele me traiu! — repetiu, antes de voltar a chorar descontrolada.

— Você tem certeza que quer me contar? Você

sabe que corre o risco de eu dar na sua cara, né? — perguntei.

— Sim. — suspirou, antes de apontar o dedo para mim. — Só não diga: Eu te avisei. Prometa, Mel.

— Tudo bem. Eu prometo. — cruzei os dedos nas costas, porque eu realmente não podia prometer isso.

— Fui fazer mais uma surpresa para ele. Comprei uma fantasia de enfermeira, esperando que as coisas funcionassem e ele pegasse no tranco. — fungou. — Mas então quando cheguei ao seu apartamento, ele não estava sozinho. — ela jogou mais uma camada generosa de chantili na boca.

O que eu diria? Passar as mãos nas costas? Não, tenho que ser sincera mesmo!

— Imagino. Ser corna é horrível, agora, ser corna de um homem feio é o fim, amiga! — Eu disse com pesar.

— Amiga, você não está entendendo a situação. Eu o peguei me traindo não foi com uma mulher não, foi com um homem! — gritou as últimas palavras.

Ai Jesus! O meia-bomba era gay! Hm. Pensando bem,

isso explicava tudo!

— Eu. Te. avisei. — falei através de sons e ela tacou a almofada em mim.

— Você prometeu. — ralhou e eu revirei os olhos.

— Tá bom. — levantei as mãos em rendição, antes de continuar. : — Kami, imagino o quanto deve ser difícil, mas pense assim, nessa história com o *meia-bomba,* aquela frase clichê cabe muito bem: "Não é você. É ele." Ele quem gosta do que você gosta. Ele que *dá ré no quibe.* Então definitivamente você não tem culpa dele ser meia-bomba. — tentei explicar da maneira mais sutil possível.

— Na hora de me comer com gosto ele brocha, mas na hora de me trair, ele toma no rabo com o pau em pé! — chorou enfiando uma colherada de sorvete na boca e eu me segurei para não rir.

Sim. Era difícil manter a seriedade com essa criatura falando assim!

— Me senti como se estivesse na música Cinquenta Reais. Só queria uns momentos de sacanagem, amiga. É pedir demais? — jogou mais um jato de spray de

chantili na boca. — Mas não, o Universo me odeia e resolveu me ferrar de vez. Ele parou e disse: Essa aí que vai se divertir? Vai nada, meu bem! Só vai arrumar embuste! — falou, antes de enfiar agora uma colherada de sorvete na boca e eu me levantei, começando a ficar irritada.

Você aconselha sua amiga uma vez, duas vezes, na terceira você tira o sapato, mira na cabeça dela e arremessa!

— Bora parar de frescura! Tu nem é apaixonada por aquele meia-bomba. Apenas aceite que aquele pit-bull é Lessie e vá viver sua vida! — gritei, fazendo-a engolir o choro.

— O que aconteceu? — Tetê apareceu na sala carregando sua mochila pesada, chegando apenas agora da escola.

— O meia-bomba a traiu. — sussurrei a resposta para minha irmã, que fez uma careta.

Eu havia tentado falar isso sem que Kamila ouvisse. Mas pelo visto não fez muita diferença, porque ela voltou a chorar e agora chorava junto com

Pablo que cantava:

— *"Eu desapegueiiiiiiiiiiiiiiii, eu mandei você ir..."* — gritou parecendo uma cabrita rouca e colocou mais uma dose de chantili na boca.

Ai meu Deus! Eu merecia agora ter que aguentar essa sofrência! Kamila cantando era pedir pra sofrer bullying!

— Ela vai ficar bem? — Hortência perguntou preocupada, enquanto fazia uma careta porque Kamila estava cantando alguns decibéis à cima do suportável.

— Calma, ela vai ficar bem. Só precisa de uma visita ao seu médico... Johny Walker, o Doutor! — garanti a ela, apontando para garrafa que nos esperava para noite de hoje.

Sim! Nada como umas doses de cachaça para esquecer esse drama!

E foi nesse momento que notei que minha irmã não estava sozinha e havia um garoto atrás dela. Olhei para Hortênsia esperando uma resposta e ela sorriu envergonhada.

O garoto era bem alto e forte para idade que eu imaginava que ele tivesse. Seu cabelo era escuro e um pouco mais comprido, a ponto dele coloca-lo atrás da orelha. Seus olhos tinham a mesma cor dos cabelos, mas tinham um brilho intenso e profundo. Para completar, o moleque ainda tinha um belo sorriso.

É. O garoto era definitivamente um belo projeto de homem!

— Ah! Mel, desculpe! Me distrai vendo a Kami assim. — começou a se explicar sem jeito. — Esse é Micah, ele é meu colega de classe. Ele veio aqui para fazermos um trabalho. — terminou de falar.

Notei algumas coisas naquele momento. Um: Hortênsia tinha corado, coisa que raramente acontecia, pois ela era tão desprendida e desavergonhada quanto eu. Dois: Ela falou isso rápido demais, uma característica nossa quando estávamos nervosas. E por último, mas o mais importante: Seus olhos grandes cor de mel e tão parecidos com os meus, não olharam para mim. E isso já me disse tudo que eu precisava saber.

— Desde quando você está namorando, Hortênsia Brandão? — perguntei de pé em sua frente, cruzando os braços sob os seios.

— Mel! Que vergonha! — ela disse chocada, cobrindo a mão com o rosto e o menino ao menos teve a decência de corar.

— Ainda nem comecei, Hortênsia. Estou esperando a resposta primeiro. — apontei e ela bufou.

— Faz algumas semanas. — admitiu, ainda sem olhar para mim.

— Como é? — perguntei, esperando que eu não tivesse ouvido realmente isso.

Ela não podia estar falando sério! Como ela não me contou?

— Cara, isso vai ser bom. — a Kami abaixou o som, sua "dor" e drama agora completamente esquecidos.

Não disse? Apenas dramática demais para meu próprio bem!

— Achei que nós tínhamos um acordo, mocinha. Você me comunicar e ser sincera sobre tudo que acontece com você. E você simplesmente se esquece

de me contar que está com um namorado desse tamanho? — perguntei aumentando minha voz gradativamente.

— E que tamanho... — Kami acrescentou baixinho.

Sim. Por mais irritada que eu estivesse, definitivamente não podia acusa-la de mal gosto, porque o menino era uma belezura!

— Mel, me desculpe. Juro que ia te contar. Só que não sabia como fazer. — tentou se explicar.

— Falando. Por e-mail. Mensagem de texto. Qualquer coisa. Mas você deveria me contar! — falei realmente magoada.

— Eu sei, me desculpe. Por favor. — pediu com aquela carinha de culpada que eu tanto amava.

Eu sabia que Hortênsia era uma adolescente já e que era óbvio que mais dia menos dia ela arrumaria um namorado, mas sinceramente não esperava isso agora. Hortênsia era uma menina linda, mas muito focada e eu sabia que entre escolher diversão e seu futuro, ela escolheria cuidar do seu futuro sem sombra de dúvidas. E exatamente por isso que para

ela estar namorando, era porque realmente ela deveria gostar muito desse garoto.

Sempre fomos muito unidas e ela sempre me contou tudo que lhe acontecia, mesmo quando ainda morava com a nossa avó. Mas quando ela veio morar aqui comigo, como eu passava boa parte do dia fora e algumas vezes ela tinha que se cuidar sozinha, nós realmente tínhamos um acordo de que ela me diria qualquer coisa. E jamais, em hipótese alguma, me esconderia nada.

— Er... Me desculpe me meter. Mas acho que em parte a culpa é minha. — o fedelho falou.

— Certamente é! — eu disse, fazendo o menino corar fortemente.

— Mel! — Hortênsia gritou envergonhada.

— Tudo bem, amor. — ele disse, acariciando seus braços, com a nítida intenção de confortá-la.

Amor? Esse fedelho chamou mesmo a minha irmãzinha de amor?

— Menos agarramento e mais explicações aqui. — exigi e Hortênsia revirou os olhos.

— Isso. Tire a camisa e nos conte tudo! — Kamila falou simplesmente, deixando o menino sem graça.

Oh meu Deus! Eu mereço a Kamila!

— Pare de deixar o menino sem graça, Kamila. — a repreendi e voltei a olhar para os dois. — Deixe isso para mim. — sorri, nem um pouco amigável.

— Então, eu gosto da sua irmã desde o primeiro ano em que ela entrou na escola. Tentei chamar sua atenção, mas ela não me dava muita bola. Ou melhor, nenhuma. — ele disse, os dois sorrindo um para o outro.

Sim. Essa era minha irmã!

— Foi aí que comecei a fazer algumas coisas que não me orgulho, apenas para que ela me notasse mesmo. — continuou a contar e eu o cortei:

— Criou problemas na escola? — ele assentiu, meio sem jeito.

— Mas juro que foi apenas para que ela me notasse! — se explicou rapidamente.

— Oh que bonitinho! Tão idiota! O amor é tão lindo! — Kamila disse com uma voz fofa e a mão sobre

o peito em um gesto teatral.

— Você não estava sofrendo agora mesmo por "amor", óh Dramática? — perguntei e ela revirou os olhos.

— Peço desculpas, Melissa. Mas eu disse a Hortênsia que falaria com você sobre nós. — continuou e permaneci encarando-o com seriedade.

— Você sabe que minha irmã é uma menina de família, né? — perguntei e Hortênsia bufou.

— Sim. Sim. Nunca a desrespeitaria. — o fedelho afirmou rapidamente e fui até minha irmã.

Segurei seu rosto e olhei profundamente em seus belos olhos cor de mel.

— Graças a Deus não aconteceu! — respirei aliviada e me afastei.

— O que foi isso? — ela perguntou sem entender.

— Nada. Apenas checando se você ainda está "inteira". — levantei a sobrancelha para dar ênfase ao que disse, deixando-a com a boca aberta em choque.

— Que absurdo, Mel! Nós não fizemos nada! — se defendeu rapidamente, parecendo insultada.

— Minha nossa! Você pode ver isso através dos olhos? — Kami exclamou também chocada e eu dei de ombros

— Claro. É um dom que eu tenho. — sorri.

— Ah! Faz comigo! Faz comigo! — pediu animada, se levantando rapidamente e fui até ela antes de fazer o mesmo.

— Ai Deus! Como você ainda pode andar? — perguntei agora chocada, fazendo-a rir.

“Pessoas que não se arrependem de nada na vida, certamente nunca beberam!”



— O JANTAR ESTÁ PRONTO! — gritei e Kami, agora finalmente vestida descentemente, fez uma careta.

— Qual a gororoba de hoje? — perguntou,

parecendo realmente preocupada.

— Pizza congelada. — falei e instantaneamente ela e Hortênsia, que vinha da varanda com o namoradinho, suspiraram nitidamente aliviadas. — O que foi isso? — perguntei séria.

Era impressão minha ou elas estavam subestimando meus dotes culinários?

— Nada, mana. — disse se sentando à mesa e desviando rapidamente do assunto ainda agarrada ao namoradinho, perguntou a Kami: — E como foi o teste hoje?

— Hoje foi apenas a primeira parte da seleção. O próximo teste é na semana que vem. — respondeu, enquanto se servia.

Minha melhor amiga doida era atriz. Havia se formado em artes cênicas e feito um absurdo de cursos de interpretação e oficinas de atores. Não era a toa que ela era tão dramática. Mas mesmo que tivesse um currículo de formação impressionante, a coitada tinha tanta sorte na carreira, quanto nos relacionamentos. Ou seja, nenhuma. Até hoje não

conseguiu mais do que alguns papéis de figurante e a única vez que foi protagonista, foi de propaganda de material de limpeza.

É. Ela é aquela garota do desinfetante, que lava o banheiro sorrindo!

— Vai dar tudo certo. — garanti.

— Vai sim, Kami. Você vai arrasar! — minha irmã reiterou o que eu disse e eu sorri para ela.

— Como foi na escola hoje? — perguntei mudando para ela.

— Bem. Mesma chatice de sempre. Uma porção de dever de casa para o final de semana. — resmungou.

— Isso é bom. Mantém você bastante ocupada. — falei realmente feliz e ela revirou os olhos.

— Temos o trabalho de química e física para terminar ainda, né? — o namoradinho perguntou e ela acenou, fazendo um alarme apitar na minha cabeça.

— Hummm... Química e Física. Adoro. — Kami murmurou com risinhos a insinuação.

Opa! Perai! Não mesmo!

— Acho que estamos conversados sobre as regras,

não é? — perguntei para os dois que concordaram.

— Sim. Nada de namoro durante a semana. — repetiu com a voz entediada.

— E? — insisti para que continuasse e ela revirou os olhos novamente.

— O quarto é zona proibida. E nada de ficarmos sozinhos no apartamento ou em qualquer lugar que tenha uma superfície que possa ser aproveitada. — falou carrancuda e eu sorri.

— Boa menina! E o que mais? — pedi que continuasse e ela bufou, enquanto a Kami se segurava para não rir.

— Eu não vou repetir o que você falou, Melissa. — Hortênsia disse carrancuda.

— Não tem problema. Eu repito: Não se esqueça que se você fizer alguma coisa antes de estar preparada, ficará com vermes!

O que é? Eu precisava garantir que a minha irmã permanecesse com sua pureza intacta?

— Pelo amor de Deus, Mel! — Tetê escondeu a mão no rosto nitidamente envergonhada.

Isso era bom! Era como uma lei. Minha função de irmã mais velha não era apenas cuidar dela, como também envergonhá-la!

— Vermes! — Kami repetiu, enquanto ria sem controle e eu aproveitei para chutar sua canela. — Aii! — gemeu e foi a minha vez de revirar os olhos.

— Então, que bom que nós estamos entendidos. Micah, o que seus pais fazem mesmo? — perguntei, mordendo minha pizza borrachuda.

Hm. Isso não estava muito bom não. Eu esperava que estivesse lido a data de vencimento certa!

— Aff, Mel. Você realmente está perguntando isso e não o reconheceu? — minha irmã perguntou e eu olhei para ele com mais interesse.

Ué, eu deveria reconhecê-lo? Ele por um acaso era famoso e esteve nas páginas policiais?

— Não entendi porque deveria reconhecer. Você não é aquele menino que orquestrou o roubo da casa dos pais, não é mesmo? — perguntei, começando a ficar alarmada.

Oh meu Deus! Se for ele, ele não deveria estar preso?

Deveria temer pela minha coleção de sapatos, única coisa de valor que tinha nessa casa?

— Claro que não. — ele rapidamente se defendeu e eu soltei o ar que nem sabia que estava segurando.

— Meu Deus, Mel! Você só pensa absurdo! Que vergonha! — negou com a cabeça, enquanto continuou: — Micah é filho do seu chefe, sua louca!

Ah! Isso também fazia sentido!

Olhando para ele com mais atenção, realmente não sei como não o reconheci no momento em que colocou os pés aqui dentro de casa. Não apenas porque ele era filho do grande Otávio Vogel e costumava estar presente nas páginas de fofoca, mas porque ele era a cara de Matteo. Assim como diziam que Hortênsia era minha cara, Micah era como uma versão mais nova, menos forte, mais simpática e bem menos mal humorada de Matteo Vogel.

Meu Deus! Qual o problema das Brandão com os Vogel?

— Espero que isso não seja problema. — Micah falou incerto.

— Problema? Problema nenhum! Mas as regras continuam as mesmas. Não é só porque seu pai assina o cheque para mim no final do mês, que as coisas aqui serão diferentes. Ouviram bem? — perguntei apontando o dedo para os dois, que concordaram sem hesitar.

— Hum... Um Vogel hein? — Kami comentou impressionada.

Peguei o outro, mas não acho que os dois precisem saber também!

— Tetê, deixa eu te contar um segredo. — Kami continuou: — Se você não se casar com ele, quando Micah fizer vinte e um anos eu caso. — disse, piscando para ele, que ficou vermelho de vergonha.

— Que horror, Kami. — minha irmã disse, nitidamente envergonhada, mas ainda assim riu.

— Só um aviso, porque agora terminei com o meia-bomba e estou na pista novamente. — falou simplesmente.

— Mas já está boa? — questionei impressionada por ela já estar recuperada tão rapidamente.

Não sei por que perguntei, pois Kamila era definitivamente a pessoa mais dramática que já conheci na vida!

— Claro que sim. A vida é muito curta para eu ficar chorando por um cara que gosta de outro cara. Existem outros para me fazerem chorar e por motivos completamente diferentes. — disse simplesmente.

— Kamila, olha as crianças na mesa. — a repreendi, embora tivesse ficado feliz e impressionada que ela estivesse falando assim.

Acho que pelo menos alguma coisa que falei ao longo dos anos e dos seus milhares de términos, parece ter finalmente entrado na cabeça dessa tonta!

— Até parece que eles não ouvem coisa pior na rodinha dos amigos. — falou dando de ombros.

Não gostava, mas sabia que sim. Mas não custava nada ser cautelosa né?

Afinal, eu já estava servindo uma pizza quase vencida para o menino, daqui a pouco serei demitida porque o estou levando para o caminho da perversão!

#

— Eu disse a você que não queria sair. — resmunguei, enquanto olhava para enorme fila na entrada da boate que Kamila havia me arrastado.

Depois de um final de semana quase todo em casa, aguentando a sofrência da Kamila, eu tinha meus planos para domingo à noite. Planos esses que foram definitivamente frustrados, pois Kami começou com o drama dela e acabei tendo que deixá-los novamente para depois. Tomei um banho rápido e vesti um jeans escuro e uma blusa preta rendada, que deixava boa parte do meu sutiã da mesma cor aparecendo.

E agora olhando para essa enorme fila, me lembrava do por que já tinha a "síndrome de vinte e tantos anos", eu definitivamente não tinha mais saco para isso. Já estava velha demais para viver essa vida de baladas.

— Não vou pegar essa fila, Kamila. — resmunguei.

— É open bar.

Opa! Palavrinha mágica!

— Acabou de me fazer mudar de ideia. — sorri.

Como sou uma pessoa inteligente, tratei logo de ir para o início da fila e mostrei minha credencial de jornalista. Era incrível como essa carteirinha querida abria portas nessa vida. Era numa hora dessas que eu tinha certeza da minha escolha.

Adorava coisas grátis!

O ambiente era escuro e enevoado, porém vibrante e animador até mesmo para quem estava saindo do seu pior período do mês. Fomos direto para o bar e lá tomamos várias. Eu não precisava procurar motivos para beber, tinha isso de sobra. E fazia isso com mais prazer ainda por ser de graça.

— Então, quer dizer que o cara que você transou, é Matteo Vogel? — assenti. — Meu Deus! Os Vogel tem pica de mel para as Brandão? — ela perguntou rindo.

Jamais admitiria para ela que havia me perguntado a mesma coisa!

— Então ele veio com aquele papinho de homem para cima de você? — perguntou e concordei.

— Pode acreditar naquele prepotente?

— Estou realmente chocada. Esse cara deve ser muito bom mesmo, afinal mesmo ele sendo tudo que você odeia em um homem, ele de alguma forma conseguiu te confundir. — comentou impressionada e eu dei dedo para ela.

"Bom" não chegava perto! Mas eu jamais diria isso em voz alta!

Fiz o meu melhor para mudar de assunto e felizmente consegui fazê-la mudar. Afinal a última coisa que eu queria fazer era dar ibope para aquele prepotente.

Quando tomou a terceira dose de tequila, Kamila começou a ficar meio depressiva novamente e não adiantou muito que eu a tivesse arrastado para a pista de dança. Simone, Simaria e Anitta cantavam Loka a plenos pulmões, lhe dizendo tudo que ela deveria ouvir:

Cadê você, que ninguém viu?
Desapareceu, do nada sumiu
Tá por aí tentando esquecer
O cara safado que te fez sofrer

Cadê você? Onde se escondeu?
Por que sofre se ele não te mereceu?
Insiste em ficar em cima desse muro
Espera a mudança em quem não tem futuro

Deixa esse cara de lado
Você apenas escolheu o cara errado
Sofre no presente por causa do seu passado
Do que adianta chorar pelo leite derramado?

Põe aquela roupa e o batom
Entra no carro, amiga, aumenta o som

E bota uma moda boa
Vamos curtir a noite de patroa
Azarar os boy, beijar na boca
Aproveitar a noite, ficar louca

Esquece ele e fica louca, louca, louca
Agora chora no colo da patroa, louca, louca
Esquece ele e fica louca, louca, louca
Agora chora no colo da patroa, louca, louca

Kamila então arrastou sua bunda para o bar novamente e eu achei que talvez fosse melhor dar um tempo para ela afogar suas mágoas. A música vibrava as paredes do local. Uma cascata de luzes néon

piscavam quase me cegando. Há muito tempo que eu não fazia isso.

Dancei mais algumas músicas e quando olhei para o bar novamente, Kami estava de papo com uma mulher que eu havia visto beijar outra mais cedo.

Deus abençoe as lésbicas!

Fiquei feliz de ver Kamila rindo, se divertindo, esquecendo que havia sido trocada por um homem. Mesmo que isso significasse que minha amiga tivesse sua primeira experiência homo. Depois do final da faculdade, talvez fosse a única chance dela de experimentar isso, né?

Pessoas que não se arrependem de nada na vida, certamente nunca beberam. Então por que não?

Voltei a me jogar na pista de dança, dando graças a Deus por me sentir um pouco mais eu. Algumas doses de tequila, já estava animada demais e carente demais. Madrugada é aquele momento mágico que ou você fica muito carente ou muito safada.

Tentei sacudir as imagens de algumas noites atrás da minha mente, determinada a não deixar que

aquele metido gostoso interferisse com o divertimento de hoje à noite. Não. Hoje eu queria apenas dançar e beber como se amanhã eu não tivesse que trabalhar e estivesse cheia de contas para pagar.

E foi justamente no momento em que admiti para mim mesma que estava definitivamente bêbada, que senti um olhar perfurando em minha pele, quando olhei para frente deparei-me com Matteo Vogel.

Quase tropecei em meus próprios pés quando tudo ainda continuou se movendo depois que parei de dançar. Os lábios dele formaram um sorriso perverso. Sua sobrancelha estava levantada, enquanto olhava para mim como se me desafiasse a alguma coisa.

Então ele começou a caminhar em minha direção. De alguma forma eu não conseguia desviar o olhar do seu. Era como se algo nos prendesse. Havia um brilho em seus olhos, que somente isso de alguma forma me fizeram tremer da cabeça aos pés.

Ai droga! Estou bem fodida agora com esse metido

ou estarei nas próximas horas!

“Linda, livre, leve,

solta, louca e... minha!”



POR HORAS CONTEMPLEI O LIQUIDO ÂMBAR DO UÍSQUE que havia em meu copo e agora, enquanto andava em direção à Melissa, eu sabia por que havia ficado tão inquieto durante o final de semana inteiro. Não importava o quanto ela me irritasse, ou o quanto tivesse

raiva dela, Melissa era um furacão, que derrubava tudo por onde passava e ela havia me derrubado. Eu a queria.

Os corpos ao nosso redor estavam balançando ao ritmo da música. Eu acho que era uma música da Anitta ou algo assim, mas não me importava realmente, meu foco era apenas em uma única pessoa.

"Você prepara, mas não dispara
Você repara, mas não encara
Se acha o cara, mas não me para
Tá cheio de maldade, mas não me encara

Você já tá querendo e eu também
Mas é cheio de história e de porém
Virou covarde, tô com vontade
Mas você tá demorando uma eternidade

Se você não vem, eu vou botar pressão
Não vou te esperar, tô cheia de opção
Eu não sou mulher de aturar sermão
Me encara, se prepara
Que eu vou jogar bem na sua cara

Bem na sua cara
Eu vou rebolar bem na sua cara
Bem na sua cara

Hoje eu vou jogar bem na sua cara

Cheguei
Tô preparada pra atacar
Quando o grave bater, eu vou quicar
Na sua cara vou jogar e rebolar

Eu tô linda, livre, leve e solta
Doida pra beijar na boca
Linda, livre, leve e solta
Doida pra beijar na boca

Linda, livre, leve e solta
Doida pra beijar na boca
Linda, livre, leve e solta
(Que eu vou jogar bem na sua cara)

Bem na sua cara
Eu vou rebolar bem na sua cara
Bem na sua cara
Hoje eu vou jogar bem na sua cara

Você prepara, mas não dispara
Bem na sua cara
Você repara, mas não encara
Bem na sua cara
Se acha o cara, mas não me para
Bem na sua cara

Se acha o cara, mas não me para
Bem na sua cara

Se você não vem eu vou botar pressão
Não vou te esperar, tô cheia de opção
Eu não sou mulher de aturar sermão
Me encara, se prepara
Que eu vou jogar bem na sua cara"

Linda, livre, leve, solta, louca e... minha!

Sua boca carnuda estava aberta em choque por me ver ali. Eu ainda estava chocado por vê-la na minha boate também. Mas não queria pensar demais nas enormes coincidências que a vida estava nos pregando, não quando sua roupa sexy estava colada ao seu corpo, os seios moldados no sutiã de bojo que podia ser visto através da blusa transparente e seus cabelos estavam molhados de suor, alguns fios colados em sua bochecha.

Porra! Eu a queria tão mal nesse momento!

— O que...

Eu não deixei que ela completasse o que diria, coloquei um dedo sobre sua boca e agarrei sua mão, puxando-a para junto de mim. Logo estávamos subindo as

escadas que levavam para o escritório que tínhamos ali em cima. Abri a porta e puxei-a para dentro, antes de fechá-la.

— O que você quer, seu prepotente? Diga logo, porque pretendo arranjar um cara para tentar me fazer esquecer o último idiota que dormi. — disse com a voz meio enrolada e estreitei meu olhar para ela, embora um sorriso tivesse teimado grudar em minha boca.

— O quanto você bebeu? — perguntei, tentando controlar a raiva na minha voz.

As quatro doses de uísque que eu tinha bebido anteriormente devem ter começado a turvar meu raciocínio.

— Não é da sua conta. — falou petulante, com a nítida intenção de me peitar. — Se você me der licença, tenho um homem para procurar. — disse simplesmente.

— Não vai mesmo! — falei entre os dentes.

Melissa sorriu e eu quase cai de joelhos quando ela fez isso. Eu deveria estar um pouco bêbado também, porque juro que vi todo seu rosto se iluminar enquanto ela sorria. E se eu já não conhecesse a perversa safada que

existia por trás do seu sorriso, acharia que ela é um anjo.

Minha calça se apertou na região da virilha, enquanto via-a sorrindo assim para mim. Quando ela começou a caminhar em minha direção, pensei que devia estar sonhando. Quando ela chegou a mim, quase podia ouvir as batidas do meu coração em meus ouvidos e minha boca secou em expectativa.

— Sabe qual seu problema, Matteo Vogel? É que você é prepotente e fala demais.

Ela não esperou que eu respondesse, seus lábios logo se encontraram aos meus e quando isso aconteceu, tremi, minha pele parecia ter entrado em erupção de tão arrepiada que eu estava ao sentir suas mãos em minha pele. Não posso negar, nunca havia sentido nada parecido enquanto sua língua deslizava pela minha. Segurei-a pela bunda e com suas pernas enroladas em minha cintura, comecei a andar até o sofá que existia ali.

Com ela em cima de mim, nossos lábios se devoravam enquanto suas mãos foram para o meu cabelo, puxando-o com força.

— Você é tão irritante também, Furacão. — sussurrei desgrudando os lábios apenas o suficiente para que me ouvisse e ela riu.

Meus lábios logo estavam de volta aos seus. Nossos corpos estavam no controle, o desejo inflamável nos movendo, nossas mãos tocando um ao outro como se precisássemos disso para viver. Seus lábios deixaram os meus de novo e Melissa totalmente desinibida levantou os braços apenas o suficiente para tirar sua blusa indecente.

Era impossível não admirar seu corpo de pele dourada. Seus seios fartos cobertos pelo sutiã. Sua barriga não tão plana quanto das modelos que eu costumava namorar, mas naquele momento eu a achava muito mais bonita do que qualquer uma que passou em minha cama, pois ela era tão real.

Como se não pudesse esperar, Melissa começou a abrir os botões da minha camisa antes de tirá-la completamente de mim. Nossas calças, seu sutiã e calcinha também encontraram seu lugar longe de nós. Seu corpo logo estava sob o meu novamente e mais uma vez me encontrei sem fôlego quando seus lábios devoram os

meus.

Minha boca deixou a sua e como se precisasse sorver do seu cheiro, meu nariz se moveu pelo seu pescoço entre lambidas e mordidas e o resultado é que eu a tinha como queria, sem conseguir deixar de gemer. Minha boca logo encontrou o caminho para seu mamilo direito e o chupei, fazendo-a gemer ainda mais.

— Exatamente isso, quero você fazendo esse barulho a noite toda. — eu disse, antes de me mover para seu mamilo esquerdo e a ter completamente entregue em minhas mãos.

#

Através da luz que vem da janela, eu podia ver cada centímetro dela deitada em minha cama. Transamos como dois adolescentes no escritório da boate e depois viemos aqui para casa. Até agora não sei como consegui dirigir com ela me agarrando, só sei que ela agora estava ali com os braços sobre a cabeça dormindo depois de mais uma rodada espetacular de sexo.

Lembrando-me do que nos trouxe até aqui, eu ri

silenciosamente para não acordá-la. Fechei a cortina e rastejei pela cama até deitar-me ao lado dela e puxá-la para mim. Melissa suspirou em seu sono e murmurou alguma coisa que eu não entendi, antes de colocar seus braços em volta de mim. Ainda sorrindo, não demorou muito antes de
eu cair no sono também.

#

— Bom dia. — murmurei entrando na cozinha pela manhã.

— Bom dia, mano. — Micah respondeu, enquanto comia seu café da manhã. — Você está se sentindo bem? Parece um pouco verde. — apontou e eu fiz uma careta.

Sei que meu irmão não perguntou isso gritando, porque diferente de mim, Micah era muito mais calmo, mas nesse momento a impressão que eu tinha era que ele estava falando com o megafone em meu ouvido.

Pela segunda vez em menos de uma semana meu desejo era permanecer em minha cama e tudo por causa de uma mesma pessoa. Mas como hoje era segunda-feira e

começava mais uma semana, quando meu despertador tocou, meus olhos se abriram e minha cabeça começou a doer, mas eu estava aqui tentando me preparar para o trabalho.

— Sim, eu estou bem. Apenas bebi um pouco além da conta. — respondi.

Tentei parecer disposto, mas tenho certeza que isso era a última coisa que eu estava nesse momento. Micah me olhou segurando o riso e balançou a cabeça em negação.

Meu café finalmente ficou pronto e ouvi ele levantar-se da cadeira. Enquanto adoçava meu pretinho, meu irmão mexia nos armários abrindo e fechando-os. Sentei na cadeira e algum tempo depois, ele voltou a sentar-se ao meu lado e colocou uma xícara com um líquido escuro e estranho dentro.

— Credo! O que diabos é isso? — perguntei-lhe e respirei o ar que ele soltava, sentindo que além de estranho, o líquido também era mal cheiroso.

— Confie em mim, apenas tome. Você vai se sentir melhor logo. —garantiu, voltando a tomar seu café da manhã.

Meu estômago se revirou fortemente enquanto eu cheirava aquele negócio viscoso. Não costumava beber e ficar de ressaca constantemente, mas depois de várias ressacas mal curadas nos últimos dias, hoje eu definitivamente estava um lixo.

Deus! Eu vou beber mesmo isso?

Apertei o nariz entre meus dedos e ainda sem respirar, engoli aquele troço de uma só vez sentindo descer queimando pela minha garganta. Tão estranho quanto aquele troço era, não demorou muito para que eu começasse a me sentir muito melhor.

— Nossa! Esse troço realmente funciona. Onde aprendeu isso? — perguntei a Micah, ainda impressionado.

— A Val fazia muito para o papai nos primeiros meses da morte da mamãe. Depois de um tempo, aprendi a fazer e comecei a preparar para ele. — contou, seu semblante antes sorridente, agora havia caído completamente.

Droga! Por que eu fui perguntar isso?

Às vezes eu me esquecia completamente que meu irmão quem havia sofrido mais em toda essa história.

Talvez esquecesse por ele estar sempre tão sorridente, parecendo ser um garoto feliz e sem complicação. Mas tínhamos algo em comum além de tanta perda, nós não gostávamos de falar sobre isso.

Apenas agora me dava conta que Micah, mesmo que ainda fosse tão pequeno na época, havia aguentado a barra de não apenas perder nossa mãe, como também aguentar a depressão que nosso pai ficou mergulhado durante esse período de luto. Otávio Vogel podia já estar separado, mas encontrou na bebida uma forma de tentar acalentar sua dor.

Foi inevitável não sentir-me culpado, porque eu havia deixado meu irmão sozinho, mesmo que com apenas nove anos, para cuidar do nosso pai. Fui egoísta e decidi me manter distante, ao invés de encarar isso junto com eles.

— Sinto muito não ter estado aqui. — confessei e ele olhou para baixo.

— Tudo bem. Não tem o que se desculpar. Faz muito tempo. E você tinha sua vida. — falou, embora não olhasse para mim nesse momento.

Porra! Por que eu havia feito isso com esse menino?

— Sim. Tenho. Eu não deveria ter deixado nem você e nem o papai sozinhos. — tentei falar e ele negou com a cabeça, antes de se levantar.

— Eu preciso ir. Você vai mesmo me emprestar o carro? — perguntou, com a nítida intenção de mudar de assunto.

Olhei para ele por um segundo e suspirei, sabendo que não adiantava insistir nesse assunto com ele. Micah acabou amadurecendo cedo demais e isso me doía. Embora nós tivéssemos uma relação próxima mesmo que eu morasse longe, ver o quanto nós precisamos um do outro apesar de tudo, apenas aumentou meu desejo de estreitar nossa relação.

Quando voltei para o Brasil, conversei com nosso pai e, mesmo que Micah já fosse maior de idade, pedi que ele pudesse ficar na minha casa de vez em quando. Meu pai concordou e quando fiz o convite para meu irmão, não esperava que aceitasse tão rapidamente.

Micah me ligou no sábado perguntando se poderia passar o final de semana comigo. E enquanto fazíamos coisas de garoto, ver futebol, jogar vídeo game, etc, meu

irmão confessou algumas coisas para mim. A primeira, foi que ele realmente estava de namorada e eu estava certo quanto a isso. Ele disse-me que era apaixonado por ela desde o primeiro ano do colégio e que fez de tudo para chamar sua atenção desde então, mas apenas agora ela havia dado uma chance a ele.

E a segunda, era que ele veio porque as coisas em casa estavam uma confusão. Aparentemente nossa nova madrasta estava de mudança para lá e isso em conjunto com os últimos preparativos com o casamento não estavam fazendo o ambiente não muito legal para ele.

Embora esse rodízio de madrastas ainda me enfurecesse um pouco, confesso que saber que meu irmão queria estar comigo, mesmo que fosse para fugir disso tudo, era bom demais. Eu adorava esse moleque e esperava que nossa irmandade apenas se fortalecesse com a minha volta.

— Tudo bem. Mas me deixe ir pegar a chave no quarto, porque não estou sozinho. — falei, me levantando rapidamente.

— Hum... Se deu bem a noite, hein? — perguntou com

um sorriso malicioso.

Sim. Mas por mais que ele fosse grande, eu definitivamente não estava dividindo isso com meu irmão!

— O que você entende disso seu moleque? — perguntei, definitivamente curioso, afinal eu nunca havia falado realmente disso com ele e vi meu irmão ficar vermelho.

— Não muito realmente. Já fiquei com algumas garotas, mas nunca cheguei a...

Fiquei chocado que um cara de dezoito anos e tão bonito quanto Micah, ainda fosse virgem nos tempos de hoje. Eu mesmo havia perdido minha virgindade aos quinze anos de idade. Micah era muito parecido comigo, provavelmente tinha uma porção de mulheres que se jogavam para ele desde que ele entrou na puberdade. E ele de fato nunca transou com nenhuma?

— Você realmente é virgem? — perguntei ainda chocado e ele assentiu, nitidamente envergonhado, sem conseguir olhar para mim.

Minha nossa! Isso era raro!

— Eu te disse que gostava dessa garota há três anos. Ela não me dava bola e quando eu tentava ficar com outras, apenas não conseguia... Ir em frente... Era como se não fosse certo... — respondeu, dando de ombros, deixando a resposta meio no ar.

Eu novamente me encontrava chocado, mas agora porque meu irmão de dezoito anos parecia tão maduro sobre seus sentimentos. Maduro a ponto de que o que ele sentia por essa menina fosse mais forte do que seus hormônios adolescentes.

— Não tem porque se envergonhar disso, mano. — eu falei.

— Não? — inquiriu duvidoso.

— Não. Não é porque quase todos os garotos da sua idade já transaram que você tem que transar também. Assim como as meninas podem esperar a hora certa, nós também. — fiz uma careta. — Se bem que alguns acham que a hora certa é atrás da quadra da escola. — falei lembrando-me de mim e meu irmão riu.

— Lembro que na época que você pegava aquela menina que era presidente do grêmio estudantil e iam se

pegar no quarto ao lado do meu, eu achava que você a estava matando. — disse, nos fazendo rir.

De certa forma estava, mas de um jeito completamente diferente!

— Enfim, o que quero dizer é que você tem que relaxar. Na hora certa vai acontecer. — garanti e ele acenou.

— Valeu. Acho que as coisas ainda vão demorar um pouco a acontecer. Mas não me importo realmente. A Hortênsia ainda é virgem também e ela tem uma irmã doida que é cheia de regras. — explicou com uma careta, me fazendo rir.

— E a irmã doida por um acaso seria eu? — a voz de Melissa se fez presente na cozinha, deixando meu irmão completamente chocado.

E nesse caso, eu também.

Puta merda! Só faltava essa! Meu irmão estava namorando com a irmã da Melissa?

“Às vezes, tudo que queremos para vida é a capa de Invisibilidade de Harry Potter.”



TUDO QUE VAI, VOLTA. Por isso que a merda da segunda-feira já voltou. O fim de semana deveria ser multado por excesso de velocidade, passou muito rápido e eu definitivamente não estava preparada para começar mais uma semana.

Sabe quando você tem certeza que aquela noite vai ser uma furada, que tem tudo pra dar errado e ser a pior saída do mundo? Até porque você tem uma amiga depressiva para te colocar lá para baixo. Mas aí, num suspiro lá pela madrugada, você se joga na pista de dança e não apenas se dá conta de que tá sendo uma noite incrível e que faz tempo que você não se diverte tanto, como também acaba transando o restante da noite.

Ted Mosby, duas vezes pude constatar que você não podia estar mais errado! E a teoria das duas da manhã foi por água abaixo!

Acordar em uma cama desconhecida não era algo que eu pretendia fazer, especialmente segunda pela manhã. As segundas-feiras eram definitivamente as piores para mim. Não apenas porque como hoje eu estava de ressaca, mas porque não existia nada mais depressivo do que começar uma semana, sabendo que você, ao contrário de muita gente, tem um monte de contas para pagar.

Sim. A vida poderia ser mais fácil ou a cerveja mais barata!

Mas convenhamos, eu havia transado. Louca e profundamente. Umas seis vezes por sinal. Então isso deveria valer ao menos minha ressaca do dia.

Oh se valia! Aquele traste do prepotente valia realmente o estresse e qualquer ressaca!

Levantei-me a contragosto, porque se existia alguma coisa no mundo que eu jamais me acostumaria, era acordar cedo. Estar bem disposta e sorridente tão cedo era definitivamente pedir demais. E eu não invejava as pessoas que amanheciam sorridentes. Não mesmo. Achava elas absurdamente inconvenientes e por vezes tinha vontade de matá-las um pouquinho. Ou muito.

Quem no mundo ficava feliz ao acordar?

Salvo a Gisele Bündchen, que acordava linda, magra, rica e ao lado do Tom Brady. E nós tínhamos que lhe agradecer por mostrar que a perfeição existe. Afinal, ela continuava sendo magra, milionária, bem casada, maravilhosa e de cabelo deuso. Fora ela, era biologicamente impossível. Talvez a Shakira, porque, né... o Piqué, minha gente!

Sim. Eu ficava assim pela manhã, doce igual um limão!

Pela primeira vez desde que chegamos ali de madrugada, me permito olhar seu quarto. O quarto era grande, quase o tamanho de todo meu apartamento. Os tons escuros imperavam, bem como as obras de arte frias e os móveis modernos. Era tudo a cara de Matteo.

Tomei um banho demorado e com uma toalha enrolada, escovei os dentes com a escova do prepotente. Afinal, já tínhamos trocado fluídos e usar sua escova nessa altura do campeonato era o de menos. Por isso também achei que ele não ligaria se eu pegasse uma cueca e uma camisa do seu imenso closet também.

Vesti sua cueca, a calça jeans e sapato da noite passada. E como não tinha cara de aparecer no trabalho com uma blusa de renda transparente, sem parecer que havia saído de um programa da esquina, vesti a sua camisa e dei um nó na mesma, ficando perfeitamente apresentável.

Por um momento pensei em sair dali sem lhe dar explicação outra vez. Eu mal conhecia o Matteo e mesmo

que tentasse negar, estava me envolvendo rápido demais, e uma parte minha queria que eu me afastasse o quanto antes. Mas algo mais forte que minha necessidade de cafeína me prendeu e embora não soubesse o que, decidi que não fugiria, não quando não tinha realmente por que fugir.

Mandei uma mensagem para Kami dizendo que estava viva e pedindo que enrolasse minha irmã sobre meu paradeiro. Eu sabia que era jovem e tinha que me divertir, mas me sentia um pouco irresponsável por não estar em casa quando tinha uma irmã para cuidar. Mesmo que essa irmã não precise necessariamente de mim, afinal ela cuidava mais de mim do que eu dela. Ainda assim me sentia dessa maneira, era inevitável.

Olhei-me no espalho e como raramente acontecia pela manhã, eu gostei do que vi ali. Estava até mesmo com um sorriso nos lábios. O que chegava a ser assustador para essa hora da manhã.

Eu havia transado, era isso! Apenas isso!

Resolvi deixar meus problemas e confusões de lado e depois de passar um batonzinho na boca, respirei fundo e

desci atrás do traste. Já que não tinha fugido, eu precisava desesperadamente da minha dose necessária de café pela manhã.

Quando finalmente consegui me encontrar na imensidão da sua cobertura, eu cheguei à cozinha. Pensei que fosse encarar o prepotente com minha costumeira ironia e que daí trocaríamos algumas farpas, o que talvez elas nos levassem para cama outra vez e eu estaria no lucro. Mas definitivamente não estava esperando ter que dar de cara com seu irmão, que, por acaso, também era namoradinho da minha irmã.

Meu Deus! Isso definitivamente não deveria ter acontecido!

Estava a poucos dias colocando regras para que ele não levasse minha irmã para cama e onde eu estava? Justamente na cama do seu irmão.

Quanta hipocrisia da minha parte! Que vergonha, Melissa!

Já que os dois ainda não haviam me visto, pensei em dar meia volta e sair rapidamente dali, mas o teor da conversa dos dois me fisgou. Fiquei realmente

impressionada, não apenas porque um menino na idade de Micah ainda fosse virgem ou porque ele me pareceu extremamente sincero ao falar sobre isso com o irmão e o modo como ele encarava a também virgindade da minha irmã. Mas também como Matteo o aconselhou.

Meu coração parou uma batida e em seguida acelerou rapidamente enquanto eu o olhava da porta da cozinha. Por um segundo esqueci-me completamente de tudo e só me lembrei quando ouvi Micah falando sobre mim. Não sabia se me sentia envergonhada pelo flagrante ou se ficava com raiva dele por me chamar de doida. Optei pelo número dois, porque eu adorava dar uma de doida e fingir que não era nada demais o fato de estar ali.

— E a irmã doida por acaso seria eu? — perguntei, deixando os dois irmãos Vogel surpresos com a minha aparição.

— Melissa? Você... Er... Não... — não conseguiu completar seu raciocínio, enquanto olhava de mim seu irmão.

— Sim. Fizemos o que você e minha irmã estão definitivamente proibidos de fazer. — apontei para ele

que engoliu em seco, parecendo não acreditar realmente que eu estava ali. — Matteo, preciso de café. Com urgência. — pedi e ele que ainda estava ao meu lado rindo da cara de surpresa do irmão, seguiu até a cafeteira para me servir.

— Vocês estão juntos ou o que? Porque se sim, você seria, tipo, minha cunhada ao quadrado? — Micah perguntou curioso, embora parecesse estar se divertindo com seu próprio pensamento.

— Não! Não estamos juntos! — respondi rapidamente com uma careta e na minha frente vi Matteo me olhar enquanto ria sozinho.

— Então é algo como sexo casual? — o garoto insistiu.

Ai meu bom Deus! O que eu diria?

— Acho que você está perguntando demais, mano. — Matteo finalmente veio ao meu socorro e duplamente, porque me estendeu a xícara grande de café.

Sério. Eu o amava nesse momento. Se o pirralho do irmão dele não estivesse ali, eu lhe daria um beijo. Eu queria desesperadamente lhe agradecer por tamanha prova

de amor para minha pessoa.

— Açúcar? Adoçante? — perguntou e eu neguei, já assoprando a bebida quente para em seguida tomar meu primeiro gole.

Segurei o gemido.

Só existiam três coisas tão boas quanto café pela manhã: sexo, comida e abraço quentinho.

Ah! Mas eu juro que poderia gozar apenas me deliciando com o gosto maravilho do café!

— Não. Não. — neguei com a cabeça, antes de tomar mais um gole e suspirar de alivio. — Não coloco açúcar no meu café pela manhã. Preciso dele bem amargo para conseguir acordar. Caso contrário, eu não rendo e nem presto para nada o restante do dia. — expliquei, diante seu olhar de questionamento pela minha falta de resposta.

— Fique à vontade. A mesa já está posta, pode se servir do que quiser. Vou pegar as chaves do carro para Micah. — assenti, enquanto meu olhar o seguiu e babei ao vê-lo desfilando com apenas uma boxer preta.

Oh homem gostoso meu Deus! E essa bunda deliciosa que dá vontade de morder!

— Mel! — ele me chamou e eu percebi que estava babando, mas fiz cara de paisagem e tomei mais um gole do meu café. — Veja se deixa meu irmão inteiro até que eu volte. — brincou e eu lhe dei dedo.

Sentei-me à mesa decidida de que eu gostava um pouco desse Matteo bem humorado e não o cara sério e prepotente, com sua carranca linda habitual que tanto me irritava. E também excitava, se fosse sincera comigo mesma. Era inclusive a primeira vez desde que nos conhecemos que ele me chamava de Mel e confesso que também gostei, embora jamais admitisse isso a ele. Apesar de que ainda preferia que ele me chamasse de Furacão.

Era tão... Não sei explicar!

Querendo manter a mente focada e também aproveitar a quantidade exorbitante de delícias que haviam ali em minha frente, apontei para cadeira em frente a minha e Micah logo entendeu que eu queria que ele sentasse.

— Você sabe mesmo dirigir, garoto? — perguntei para ele, que ainda parecia muito surpreso com a minha presença.

— Sim. Meu irmão me ensinou quando eu tinha doze anos. Eu já tenho carteira de habilitação. — respondeu rapidamente.

— Só checando. Afinal, você vai conduzir com minha irmã do seu lado. A Tetê me falou que com a proximidade do vestibular, as aulas vão começar mais cedo e se estenderão até tarde. E que por isso vai começar a fazer a vez de motorista, não é? — ele assentiu.

— É, sim. Meu pai disse que ainda tenho que melhorar mais minhas notas para que ganhe um carro de presente. Matt disse que já que é para escola, que me empresta um dos seus carros por enquanto.

Fiquei presa na frase "um dos seus carros", afinal, era impossível não comparar no quanto a vida deles era tão diferente da nossa, mas achei por bem lhe avisar logo:

— Posso ter permitido, você buscar e deixar minha irmã, afinal preso pela segurança dela. Mas estou de olho. Estou lhe dando um voto de confiança, espero que não a quebre. Também espero que não haja desvios nessa carona. — apontei para ele, enquanto começava a mastigar um brioche.

— Não se preocupe com isso, Mel. Sei da confiança e dedicação que você tem por ela e que a Hortênsia preza isso demais para quebrar. Eu respeito sua irmã. Jamais faria qualquer coisa que prejudique o que nós dois temos. — garantiu sério e por alguns segundos fiquei tocada com suas palavras.

É. Pelo visto esse menino gostava mesmo da minha irmã! Ponto para ele!

— Aqui. — Matteo voltou à cozinha, e antes de entregar a chave para seu irmão falou: — Cuidado, ok? — e olhou sério para ele enquanto dizia isso.

— Pode deixar. — Micah levantou mais animado. — Valeu, mano. — o abraçou e se virou para mim: — Tchau, Mel.

— Tchau, Micah. — ele estava se virando para sair quando falei: — Ei, moleque, vê se não fala para minha irmã onde você me encontrou, ouviu bem? Para todos os efeitos, sai mais cedo para o trabalho. — falei extremamente séria e ele segurou a risada, enquanto Matteo ria baixinho.

— Pode deixar. Não vi nada. Tchau para os dois. —

disse, antes de virar as costas e sair, deixando-nos sozinhos pela primeira vez, agora sóbrios.

Eu faria uma piadinha para quebrar o gelo, mas Matteo puxou minha mão para que eu me levantasse e meu corpo estúpido obedeceu. Ele então segurou-me pela nuca com uma mão, e com a outra abraçou minha cintura, me puxando contra ele. Seu olhar era quente, intenso, profundo e eu perdi-me na imensidão dos seus olhos escuros, sentindo-me meio hipnotizada.

Como se tivesse pressa, seus lábios tomaram os meus e sua língua dançou com a minha. Refém de seus braços, ele me apertou, fazendo-nos gemer. Quando minhas mãos tocaram seu corpo, ele me pegou no colo e me colocou sobre a bancada de granito e eu agradeci por isso, porque havia acabado de entender a expressão "de pernas bambas". Enquanto nossas bocas se devoravam, minhas mãos foram para seu cabelo, puxando-os, enquanto ele puxava os meus de maneira firme.

Matteo puxou meus lábios entre os dentes, nosso beijo se tornando mais e mais urgente, ao mesmo tempo em que nossas mãos se tocavam. Quando achei que fosse ganhar

um sexo matinal, Matteo se afastou e ainda ofegante encostou sua testa na minha enquanto dizia:

— Bom dia.

— B-bom dia. — gaguejei, ainda incerta de como agir diante dele e disso tudo.

Ele sorriu, seus dedos desceram então pelo meu rosto e com seu dedão ele passou em meus lábios.

— Eu queria que tivéssemos tempo para mais, mas tenho uma reunião daqui a pouco com meu pai. — comentou com pesar.

— Sem problemas. — respondi e ele sorriu.

Sem problemas? Sério mesmo, Mel? Qual o problema que seu cérebro para de funcionar para sua Pepeka comandar quando está com esse homi?

O problema era sério. Ele tinha feito uma mandinga bem brava. Não era possível. Deveria seguir o conselho do meu amigo ladrão e procurar uma mãe de santo.

Acho que está chegando a hora de #DesaPegar, dona Melissa!

#

Não seria a primeira vez que iria trabalhar depois de uma noite praticamente em claro na balada. Tudo bem que esse fato havia caído drasticamente desde que Hortênsia se mudou para morar comigo. Mas também era definitivamente a primeira vez que eu chegaria ao trabalho acompanhada por alguém e esse alguém nada mais era do que o filho do meu chefe. Por tabela, meu chefe também.

Tentei de todas as formas falar com Matteo para que eu soltasse, sei lá, alguns quarteirões antes do prédio, para que não fossemos vistos juntos. Embora andar com o salto que eu usava e com meu sedentarismo, era a última coisa que eu queria fazer na vida. Ainda assim, ele negou. Fora os motivos óbvios que ele não deu ouvidos, não consegui encontrar mais argumentos para que Matteo cedesse e ele apenas se negou.

Matteo estacionou o carro na garagem do subsolo e eu tentei de todas as formas manter-me o mais

distante possível dele, fazendo a egípcia, mas ainda assim me senti incomodada enquanto esperávamos o elevador. A impressão que eu tinha era que estava tatuado na minha testa: EU DORMI COM MATTEO VOGEL!

Não sei se eu já estava neurótica demais com a situação, mas eu tinha a sensação que Matteo estava achando muito engraçada minha reação.

— Matteo! — alguém gritou.

Ao contrário de Matteo, não virei para olhar para quem tinha gritado. Na verdade, fechei os olhos e comecei a rezar para todos os santos que eu estivesse enganada, porque eu tinha quase certeza de que conhecia muito bem a voz que ouvi.

Por favor, Deus. Não. Não... Eu juro que vou parar de comer salada apenas no almoço e tentarei ter uma vida fitness! Mas, por favor, que não seja ele!

Os passos foram se aproximando e minhas orações se intensificando. Cheguei inclusive a prometer que devolveria para Kamila aquela blusinha preta que eu havia roubado. Mas pelo visto depois de

tantos orgasmos na madrugada passada, eu já havia tido sorte demais para um dia.

— Oi. E aí, cara? Acabamos nos desencontrando na noite passada, mas precisava muito falar com você. — ele continuou a dizer e nesse momento meu desespero era tão grande, que pedi a Deus para ser invisível.

Sério, Deus. Ao menos coloque na minha bolsa a capa da Invisibilidade de Harry Potter. Era tudo o que eu queria para a vida! E a porra desse elevador que não chega?

— Mel? — a voz chocada dele indicou que apenas agora havia se dado conta que eu estava ali.

— Hum... Er... Oi? — me virei, fazendo-me de desentendida.

Finalmente voltei a abrir os olhos e olhei para o lado, vendo a expressão confusa de Matteo e claro, do meu ex-namorado, o mala do Bernardo.

Eles eram amigos? Era só o que me faltava! Merda de vida essa!

“Quem é ex,
sempre aparece!”



A VIDA É COMO UM "CONTO DE FADAS", repleta de merdas sem explicações e coincidências bizarras. Não importa que você more no Japão ou no Alaska ou que você não veja Fulano há décadas, o mundo é um ovo. Mais dia menos dia você vai descobrir que seu

melhor amigo namorou com a mulher que você está pegando em todo sentido da palavra.

E isso se chamava sacanagem do destino!

Eles não haviam dito isso com todas as letras. Na verdade, eles ainda estavam muito desconfortáveis com esse encontro para reagir ou dizer qualquer coisa. Mas eu sou um cara inteligente, graduado, pós-graduado e com MBA e com isso desenvolvi habilidades não apenas para me tornar um líder empresarial, mas também para aprender a entender vínculos profissionais e pessoais. Então definitivamente não foi difícil juntar dois mais dois.

A primeira pista foi a reação da Melissa. Ela pareceu apavorada ao ouvir a voz do meu amigo. Tudo bem que com o pouco que sei sobre ela, não foi difícil perceber que Melissa era a mulher mais diferente que já conheci. E sua reação foi tão exacerbada, que até mesmo parei de me ocupar em olhar sua bela bunda e reparar em seu rosto.

E segundo, claro, é que eu sabia que há alguns anos Bernardo havia namorado com uma mulher

chamada Melissa e eu não tive a oportunidade de conhecê-la na época. Namorada esta, que o flagrou comendo sua professora na sala dos professores, onde o mesmo deveria estar fazendo prova de segunda chamada. E para se vingar dele, fez uma montagem com sua cabeça em um corpo de um cara musculoso e de pau pequeno e além de espalhar essa foto por todo campus da faculdade, ainda deu um jeito de estampar essa mesma foto no jornal universitário em que trabalhava.

Sim. Louca desse jeito, sem sombra de dúvidas estávamos falando da mesma Melissa!

A sempre tão impetuosa e decidida Melissa Brandão, pareceu perder um pouco o compasso e não sabia onde enfiar a cara enquanto Bernardo olhava de mim para ela, nitidamente tirando conclusões certas ao nosso respeito.

Porra! Era só o que me faltava!

Melissa não era a única que não sabia como agir, eu também não sabia. Essa era definitivamente uma situação nova para mim. Não apenas porque eu não

saio com funcionárias, mas porque eu também não saia com mulheres e ex-namoradas de amigos. Nunca.

Essas são as duas únicas regras que tenho no que diz respeito a mulheres. Sobre as funcionárias eu já expliquei, aquela história de *"Onde se ganha o pão não se come a carne"*. Sobre as mulheres e ex de amigos, é tipo não andar no mesmo carrinho da montanha russa que já vomitaram. Se é que me entendem.

Havíamos feito esse pacto por causa de uma garota no ensino médio que quase brigamos. Ela podia ser talentosa oralmente e nós dois tínhamos comprovado essa fato, mas fizemos o pacto de que não deixaríamos que nenhuma garota acabasse com a nossa amizade e para nós, nenhum valia a pena esse sacrifício.

Sempre estive bem com isso, afinal, eu apenas não pegava as mulheres que o Bernardo pegava e ele idem. Era um acordo mútuo que funcionava para nós dois. Uma equação boa, que fez com que mantivéssemos o respeito e a nossa amizade mesmo depois de tantos anos e tantas mulheres em nossas camas.

— Ufa! O elevador chegou. — Melissa o ignorou e

praticamente correu até o elevador.

Ainda em silencio, nós dois também entramos e juro que li um "droga" em seus lábios. O silêncio constrangedor persistiu, enquanto eu ainda podia sentir o olhar do meu melhor amigo queimando em minha pele.

— Mel. — Bernardo a chamou, quebrando o silêncio que nos rodeava e pude vê-la franzir o cenho. — Tentei te ligar aquele dia e não consegui falar com você. Você por acaso mudou seu número de telefone? — perguntou e Mel bufou, colocando o cabelo atrás da orelha, ainda sem olhar para ele.

— Não, Bernardo. Meu número continua o mesmo. — respondeu impaciente, seus pés não paravam de bater ao chão.

— Ué, e por que não consegui falar com você então? — questionou confuso e pela primeira vez desde que entramos ali, ela virou-se para ele.

As mãos na cintura e o olhar ferino já deveriam ser o suficiente para fazer com que ele recuasse. E pelo menos nesse quesito meu amigo pareceu ser um pouco sábio, pois logo começou a andar para trás, suas costas logo

encontraram a parede de ferro do elevador.

Ah! Isso ia ser bom!

— Qual a parte do "eu não quero falar com você", que você ainda não entendeu, Bernardo Grimaldi? Você é surdo ou se faz de burro? Bloqueei seu número há muito tempo, assim como o bloqueei e o exclui da minha vida. Tá difícil entender ou quer que eu desenhe? — inquiriu, irritada como nunca vi.

Tive que segurar-me para não rir. Mas confesso que fiquei com um pouco de pena do meu amigo. Só um pouco. Porque, admito, uma grande parte minha, a maior parte dela, ficou muito satisfeita com a resposta que meu furacão lhe deu.

Meu furacão? Que porra é essa, Matteo?

Ainda estava muito confuso com a minha reação, quando o elevador apitou, anunciando que havíamos chegado ao andar da Mel.

— Bom dia. E obrigada pela carona Sr. Vogel. — sorriu para mim e se virou para meu amigo e falou: — Espero que não nos vejamos mais. Até nunca mais ainda é pouco para mim. Mande lembranças para sua professora!

— A Mel disse irônica, nos deixando ali chocados demais para reagir.

A viagem pelos andares que restavam foi feita em um silêncio sepulcral. Nós dois ainda sem saber como reagir diante do caminhão que havia passado ali. Saímos do elevador e logo encontramos com Isa na recepção do meu andar. Quando nos viu, ela logo tratou de se aprumar toda e estufar ainda mais os peitos em seu decote indecente demais para um ambiente de trabalho.

Pelo visto o melhor mesmo era começar a procurar uma nova secretaria que não estivesse interessada em abrir não apenas o sorriso, como também as pernas para mim!

— Bom dia. Sr. Vogel. Sr. Grimaldi, bom vê-lo novamente também. — nos cumprimentou com um sorriso insinuante tão grande quanto seu decote.

— Bom dia. — Bernardo respondeu no automático, seu olhar ainda perdido depois que o caminhão chamado Melissa o atropelou.

Sério. Depois de tantos anos de amizade, era completamente inédito para mim que ele não estivesse

olhando para o decote da minha secretária!

Eu conhecia muito bem o amigo que tinha e sabia que se fosse em qualquer outro momento, ele, com certeza, já estaria com seu número do telefone ou então já teria até mesmo levado a coitada da Isa para algum lugar qualquer aqui no escritório e que pudesse comê-la rapidamente. Tudo bem, a não tão coitada da Isa, porque eu tenho certeza de que ela iria com ele sem pensar duas vezes.

Decidi que não queria pensar demais sobre isso. Minha cabeça já estava uma bagunça. Por isso tentei manter a naturalidade e achei que não seria uma má ideia arranjar uma justificativa para fugir dessa conversa que não queria ter e que sabia que estava prestes a acontecer.

— Bom dia, Isa. Meu pai já chegou? — perguntei.

— Sim. Dr. Otávio está conversando com um produtor que pediu uma reunião de emergência. — ela respondeu, me deixando preocupado.

— Ele disse sobre o que era essa reunião?

— Mais ou menos. Ele parece estar interessado em algum assunto da Revista. Seu pai também pareceu interessado e pediu para lhe dizer que talvez a conversa

entre vocês tenha que ser adiada, porque depois que ele terminar a reunião com o produtor, parece que tem outra coisa para resolver. — informou.

Droga! Lá se foi minha desculpa para dispensar o Bernardo!

— Tudo bem, obrigado, Isa. Estarei na minha sala com o Bernardo. Assim que o pessoal do Editorial chegar, me avise. — pedi e ela assentiu entusiasticamente.

— Os senhores não aceitam um café? Uma água? Um suco? — perguntou novamente, embora soubesse que ela queria nos oferecer outra coisa.

Até mesmo nos oferecer ao mesmo tempo.

É. Um Ménage é exatamente isso que eu quis dizer!

Só que eu definitivamente não iria lá. Principalmente quando via estampado em seu decote que Isa era um problema. E dos grandes por sinal. Não descumpriria minha regra de não dormir com funcionária outra vez. Quer dizer, não com outra mulher para ser mais exato.

A pergunta de Isa, parece ter chamado atenção de Bernardo. Ele conhecia muito bem o tipo e gostava. Não. Na verdade, ele amava. Fácil, sedutora, gostosa e

secretária, esse era exatamente o tipo de mulher que meu amigo costumava demitir a cada semana quando começavam a lhe dar trabalho, depois que ele inventava de comê-las.

Mas então aconteceu algo interessante: Bernardo deu apenas uma olhada para Isa e logo desviou seu olhar dela. Ou seja, Bernardo Grimaldi, mais conhecido como TSD, traduzindo como o terror das secretárias e domésticas, estava tão entretido, ou melhor, tão desnorteado pelo golpe da Mel, que pareceu achar que a Isa não merecia uma segunda olhadela, quanto mais uma rapidinha.

Cacete! Para minha dor de cabeça, o negócio era sério mesmo!

— Por favor, peça para copeira nos levar. — pedi, antes de seguir em direção à minha sala, com ele ainda no meu encalço.

Não sei explicar o turbilhão que havia se formado em minha cabeça desde os últimos dias e principalmente com essa nova constatação. Eu definitivamente estava uma bagunça e não sabia o que fazer e como agir diante disso.

— Quantas vezes, Matteo? — ele disparou a pergunta

assim que a porta bateu atrás de nós e eu decidi bancar o inocente.

— Que? — Eu disse, tentando fazer uma voz de quem não entendeu.

— Deixa de ser cara de pau, que te conheço muito bem. — rebateu.

Eu não sei do que você está falando. Realmente preciso que você seja mais específico. — falei, tentando usar minha melhor cara de inocente.

Carona, sério mesmo, Matteo?

— Não entendi. — insisti.

— Matteo Vogel não é o tipo de cara que dá carona para mulheres. Na verdade, ele é mais do tipo que paga o táxi, para não se dar o trabalho com elas. Então, não, não sou um idiota.

Droga! Ele me conhecia tão bem!

Entenda. Nossos pais não eram apenas parceiros de negócios, eram também amigos de longa data. A amizade deles, na verdade, era mais velha do que nós dois. Então exatamente por isso fomos criados juntos e nos conhecíamos tão bem.

— Eu não sabia que ela era Melissa que você namorou. — me dei por vencido e tentei me explicar ao me jogar na minha cadeira.

— Quantas vezes? — ele rosnou a pergunta.

Sério que ele queria saber mesmo isso?

— Sente-se, Bernardo. — pedi apontando a cadeira em frente a minha mesa e ele negou.

— Não até você me responder. Quantas vezes, porra?! — exigiu em um rosnado.

Porra!

— Duas vezes. Saímos duas vezes. — suspirei.

— Duas? — ele gritou.

— Sim. Na primeira, nós dois não nos conhecíamos. Nem mesmo trocamos nomes por escolha dela. Foi uma surpresa para nós dois nos encontrarmos aqui na empresa. A segunda vez foi ontem. Novamente nada foi combinado, apenas aconteceu. — respondi e ele riu sem humor.

— Aconteceu. — repetiu a palavra de forma nada contente.

— Não estou mentindo para você, Bernardo. Você sabe que eu não faria isso. — garanti a ele, que bufou.

— Porra, Matteo, logo a Mel? Caralho! Você sabe que até hoje ela foi a única que mexeu comigo. A única namorada que eu realmente tive. Achei que nós tínhamos um pacto. Prometemos que jamais, em hipótese alguma, ficaríamos com a mulher do outro. — irritado lembrou-me o que eu não havia esquecido e agora me atormentava.

— Como eu ia saber que era ela, Bernardo? Não sou adivinho! Só percebi que era a mesma Melissa quando você chegou e notei sua reação. Quer dizer que agora antes de ficar com qualquer mulher, tenho que perguntar se ela já te namorou? — perguntei irônico.

— Qualquer uma não! Melissa não é qualquer uma! — disse puto da vida e eu tive que concordar.

— Não mesmo. Não disse isso. É engraçado você vir para cima de mim falando assim, como se eu fosse culpado dela ter lhe dado um pé na bunda, quando você sabe que eu estava há milhares de quilômetros e você foi o único culpado por estar comendo a professora.

Bernardo pareceu insultado quando eu disse isso. Ele não respondeu imediatamente e me julguem, mas eu fiquei feliz por isso, havia pegado na sua ferida.

— Eu te contei o que houve. Fui fazer a segunda chamada da prova e ela disse que iria ao banheiro. Quando voltou estava completamente nua. As mulheres têm que aprender que "não" quer dizer realmente "não.". — tentou se justificar e eu tive que rir da sua cara de pau.

Tudo bem que eu não era santo, na verdade, estava bem longe de ser um, mas eu não era tão cara de pau como Bernardo. Nunca enganei as mulheres que me envolvi.

— Claro. Ela foi à única culpada. — falei irônico.

— Ok. Eu sei que não fui totalmente inocente. — se deu por vencido, antes de me olhar com determinação. — Mas passei os últimos anos arrependido e me culpando por isso. Nunca mais tinha visto a Mel. Foi uma surpresa encontrá-la aqui no prédio. E desde então não consigo tirá-la da minha cabeça.

Porque se sentia culpado pela merda que fez! — eu quis dizer, mas nada disse. Apenas engoli em seco, porque definitivamente não estava esperando nada parecido vindo dele.

— Estou determinado a tê-la de volta. — continuou. — O que quero saber agora, é se meu caminho está livre

ou terei de passar por cima de você para isso?

Sua pergunta me chocou ainda mais. Eu nunca imaginei que um dia meu melhor amigo me colocasse em uma sinuca de bico como essa. Mas eu apenas não podia ignorar o que estava acontecendo comigo e com a Mel. Ela fez algo comigo, algo que eu não podia esquecer ou ignorar. Não assim. Ela era diferente e eu não podia tirá-la da minha cabeça.

— Seu silêncio já me respondeu tudo, Matteo. — voltou a falar, virando as costas para mim. — Meus advogados lhe procurarão com uma proposta sobre a Rede da Zoom. — disse simplesmente.

Porra! Era sério?

Quando não respondi, achei que talvez discutiríamos, mas jamais imaginei que ele realmente colocasse nossa amizade e tudo que construímos em jogo.

A Zoom, foi uma ideia que tivemos quando ainda éramos muito novos. Queríamos montar uma boate diferente de tudo que já havíamos frequentado e nossa ideia deu tão certo que já tínhamos mais de 20 espalhadas pelo Brasil. E agora ele simplesmente estava abrindo mão

não apenas da nossa sociedade, como da nossa amizade.

— Que porra é essa, Bernardo? — falei, me levantando da minha cadeira. — É apenas assim? — perguntei começando a ficar irritado pela sua falta de maturidade.

— Lhe dei uma chance de escolher, Matteo Vogel. Agora é guerra! — deu um aviso alto e claro, antes de bater a porta e sair dali me deixando atônito.

Caralho! Era só o que me faltava!

“Tem ex que não vale nem os peidos que você segurou na frente dele!”



PASSEI O RESTO DA MANHÃ SEM CONSEGUIR ME CONCENTRAR no que precisava. Estávamos na semana de fechamento das edições das revistas do próximo mês e havia uma infinidade de coisas que

precisavam ser feitas, decisões a serem tomadas, negócios a serem concretizados, mas eu apenas não conseguia.

Tentei não pensar sobre minha briga com meu melhor amigo e principalmente no que a motivou, mas foi difícil. Enquanto os Editores falavam na sala de reunião, eu apenas contava os minutos para que essa maldita reunião se desse por encerrada.

E quando finalmente isso aconteceu, eu estava prestes a sair, quando minha prima, Jaque, me chamou:

— Posso falar com você um instante? — perguntou e mesmo a contragosto concordei.

Despedi-me dos outros e quando a porta se fechou, voltei-me para ela.

— Você está bem? — ela perguntou, parecendo preocupada.

— Sim... Não... Estou bem. — respondi, sem saber como lhe responder essa pergunta.

— O que houve, primo? Você parece triste? — ela disse, acariciando meu braço.

Eu não estava triste. Estava confuso. Uma verdadeira bagunça. Mas apesar de Jaqueline ser minha prima, ela

não era a pessoa que eu descarregaria tudo. Principalmente quando eu sabia que ela era amiga da Melissa.

— Não. Estou bem. Apenas muito trabalho. — respondi e ela assentiu, mas não me pareceu muito convencida.

— É por causa do casamento do tio? — perguntou.

Meu pai estar se casando mais uma vez me chateava, mas não a ponto de me deixar como eu estava me sentindo. Tem pais que quando viajam trazem uma lembrança para o filho, meu pai nos trazia uma nova madrasta. Mas era isso, a Madrasta número 11 era apenas mais uma. Logo isso terminaria e viria outra. Já havia me acostumando com esse rodízio.

— Não realmente. — dei de ombros.

— É sobre aquela sua namorada com nome estranho? Ou outra mulher? — insistiu e eu não estava entendendo todo seu interesse.

Tudo bem que nós erámos primos, mas nunca fomos muito próximos, até porque eu morava longe. E definitivamente não erámos confidentes.

— Não, estou bem. — respondi, ainda sem saber como agir.

Jaque ia falar mais alguma coisa e, provavelmente, eu não estava a fim de ouvir e principalmente ser questionado por ela.

— Você sabe me dizer se a Melissa está na sala dela? — perguntei, deixando-a surpresa com a minha pergunta.

— Mel? A Melissa Brandão? — respondeu com outra pergunta, como se quisesse ter certeza de que eu havia mesmo perguntado isso.

— Sim. É exatamente dessa Melissa que eu estou falando. — respondi como se fosse óbvio.

— Está sim. Hoje também é dia dela finalizar sua coluna. — respondeu, ainda intrigada.

— Tudo bem. Vou até lá. Preciso falar com ela. — expliquei rapidamente e logo lhe dei as costas, deixando minha prima muito chocada para reagir.

#

Depois de pegar o elevador, desci até o vigésimo andar, onde ficava a redação da Revista DIVA. Passei

pela recepção e pela sala de estar da entrada, onde pedi informações sobre onde eu poderia encontrar Melissa. A recepcionista embora um pouco intimidada pela minha presença, me indicou onde ficava a sala dela.

Já dentro de onde funcionava o cérebro da revista, vi o que eu já sabia: Uma redação nunca é aquela calmaria que tentam pintar. As estações de trabalho preenchiam quase todo o local barulhento e bagunçado. Havia pessoas correndo com os últimos detalhes, papéis voando, o barulho das impressoras imprimindo sem cessar, outros gritando a procura ou a espera de algo. A paz era a última coisa que reinava por aqui, principalmente quando uma nova edição estava prestes a ser finalizada.

Cumprimentei algumas pessoas que notaram minha presença enquanto eu desviava delas e das estações de trabalho e seguia o caminho para o escritório da Mel. A porta de vidro com uma placa com o nome dela me indicou que havia chegado e as paredes também transparentes me deram uma visão total da sua bagunça, dela e de algo mais.

Ao redor da sua sala, buquês e mais buquês de flores

preenchiam praticamente todo o ambiente. E ali atrás da sua mesa também cheia de flores e bagunça, uma Melissa com uma carranca enorme, digitava sem parar no seu computador, parecendo resmungar alguma coisa.

Por um momento, eu não pude deixar de olhar para ela e imaginar tê-la em meus braços novamente. Melissa era tão pequena e mesmo com seus saltos altos, ainda assim não conseguia deixar de parecer pequena ao meu lado.

Ela definitivamente não era meu tipo em nada. Eu costumava pegar as loiras magras, altas e que pareciam ter a constante necessidade de manter o nariz em pé. No entanto, Melissa não era nada disso, muito pelo contrário. Seus cabelos ondulados eram castanhos e ela definitivamente deveria ter cerca de um metro e meio de altura ou um pouco mais.

Antes eu estava satisfeito com seios grandes e siliconados, não muitas curvas além deles, já ela tinha seios médios, do tamanho exato e curvas que a deixavam ainda mais bonita e tentadora. Eu realmente amava isso. E não culpava meu amigo por ter sido fisgado por ela.

— Posso entrar? — bati na sua porta, colocando a

cabeça para dentro e sorri.

Melissa não sorriu de volta. Na verdade, ela pulou ao som da minha voz e pareceu surpresa com a minha presença, mas nem tanto. Era como se de alguma maneira ela soubesse que eu viria. E novamente me senti sem saber como agir diante dessa situação.

Ela respirou fundo e finalmente respondeu:

— Fique à vontade, afinal, você é o chefe. Não posso impedi-lo de entrar. — falou irônica.

Porra! Essa doeu!

Apertei minhas mãos suadas nos bolsos da minha calça de linho italiano ainda sem jeito diante da sua reação, fechei a porta da sala e instintivamente olhei ao redor e vi que todas as cabeças da redação olhavam para nós. Meu rosto se enrubesceu e a timidez atípica me deixou confuso. Estava mais do que claro que teríamos uma plateia nessa conversa. Privacidade era definitivamente a última coisa que teríamos aqui.

Sério. Estava me sentindo dentro de um reality show!

— Gostaria de falar com você. — falei, tentando não

pensar nos olhares sobre nós e ignorando também sua ironia.

— Eu não posso falar agora, estou...

— Mel, chegou mais um. — a recepcionista que me atendeu a pouco falou, adentrando com mais um buquê.

— Ele só pode estar de sacanagem com a minha cara! — Melissa resmungou, enquanto olhei para aquele buquê intrigado.

Não podia ser. Podia?

— Você está mesmo de parabéns, viu? — a recepcionista disse rindo, como se tivessem uma piada interna, enquanto a Mel resmungava, visivelmente irritada.

Parabéns pelo que? Era aniversário dela?

A recepcionista então pediu licença e se retirou, deixando-nos sozinhos novamente. Quer dizer, não tão sozinhos, já que pela minha visão periférica podia ver que toda a redação ainda olhava para nós.

Droga! Isso ia ser mais difícil do que eu esperava!

— Preciso falar com você. — repeti ainda meio sem jeito.

Melissa pareceu tão irritada, que eu realmente

esperava que ela não me desse um soco. Já aprendi com o pouco que a conheço, que ela era o tipo de garota que não devemos contrariar. Contrariá-la realmente não era uma coisa inteligente a se fazer.

— Como estava dizendo, não posso falar com você agora, Matteo. Estou ocupada. — ela respondeu ficando de pé.

Melissa então caminha em direção à mesinha que a recepcionista havia colocado o novo arranjo de flores e o jogou na lata de lixo, que já tinha pelo menos mais um buquê lá dentro. Ela então voltou a se virar para mim, mudando o peso de um pé para o outro, como se estivesse nervosa.

Mal sabia ela que não era a única a estar assim e definitivamente não tinha motivo para estar. De alguma maneira, acho que o fato de ser seu chefe e amigo do seu ex-namorado, deixava-a temerosa em relação a nós dois. Mas ela não tinha nada a temer de mim. Não fora da cama pelo menos.

Instintivamente movi meus olhos para baixo, mais precisamente para suas calças jeans que se encaixam com

perfeição ao redor de seus quadris e pernas. Não importava o quanto as coisas possam estar complicadas, homens tinham duas cabeças e quase todo o tempo era a outra quem comandava quando se estava diante de uma mulher bonita.

Porra! Foco, Matteo!

— Eu queria...

Ela não me deixou falar, cortando-me rapidamente quando voltou a se sentar em sua cadeira:

— Eu realmente não posso falar, Sr. Vogel. Tenho que finalizar minha coluna em meia hora. Então se me der licença... — indicou a saída para mim.

Ela realmente me chamou de Senhor Vogel?

Demorou para que minha ficha caísse. Ainda estava estupidamente espantado quando ela termina de dizer.

— Espere. É impressão minha ou você está me dispensando? — perguntei.

Ok. Eu não tive o menor tato para perguntar, mas foi inevitável e a pergunta acabou saindo antes mesmo que eu pensasse sobre ela.

— Sim. — Ela sussurrou antes de completar: — Eu

acho que você, ao contrário do seu amigo — indicou as flores ao seu redor. — entende realmente o que "não" quer dizer. — disse irônica.

Aush! Essa doeu, porra! Alguém anotou a placa desse carro desgovernado?

— Entendi. Ok, então. Tchau, Melissa. — Foi tudo o que eu consegui dizer, antes de sair dali, sob o olhar atento dos seus colegas de trabalho.

#

Não olhei que horas eram quando finalmente dei meu dia por encerrado. Vi que não havia mais uma alma viva no prédio além dos seguranças e meu carro também foi o último a sair da garagem. Fiquei tão mergulhado no trabalho e tentei de todas as formas esquecer o pequeno e nada sutil fora que eu havia recebido mais cedo, o que definitivamente não foi bem sucedido.

Sim. Até agora ainda estava meio sem acreditar que eu havia deixado que ela fizesse isso comigo e não revidei!

Queria chegar em casa e depois de tomar um banho e

jantar, encher um copo de uísque e bebê-lo ao som de Sinatra, o cantor preferido da mamãe. Fazer isso me acalmava um pouco, era como se, de certa forma, trouxesse um pouco da calmaria que mamãe transmitia e eu gostava de fazer isso quando não estava muito bem ou quando estivesse um pouco confuso, o que era o caso.

Mas eu ainda não sabia que calmaria era a última coisa que teria quando chegasse ao meu precioso lar.

Abri a porta e dei de cara com meu irmão sentado no meu sofá confortável. Micah balançava os pés, parecendo realmente à minha espera.

— Oi, está tudo bem? — perguntei preocupado que tivesse acontecido alguma coisa.

— Oi. Está sim. E com você, tudo bem? — repetiu minha pergunta, embora ele não parecesse estar sendo muito sincero.

— O que houve? — perguntei-lhe diretamente.

— Temos visita. — ele respondeu com uma careta.

Eu estava prestes a lhe perguntar quem era, quando então a voz feminina e familiar respondeu:

— Olá, benzinho. Cheguei.

Olhei para cima e dei de cara com a bela loira de cabelos e pernas compridas.

— Raka. — minha voz saiu quase com um gemido de tortura, enquanto falava seu nome.

Que diabos minha ex-namorada estava fazendo aqui?

“Minha vida é como uma comédia romântica, um pouco mexicana, só que sem romance e só tem eu mesma rindo das minhas próprias piadas!”



ENGRAÇADO COMO A VIDA É. Um dia você se engana achando que é feliz namorando um cara que nem comparece direito, ou quase nunca comparece, para falar a verdade, e tenta apimentar as coisas, mas sem sucesso. No outro dia, descobre “duramente”, que literalmente, ele,

na verdade, gostava da mesma coisa que você.

Ok. Eu já sabia que tinha um dedo podre, já tinha experimentado todos os tipos de cara e deveria ter me lembrado que um gay enrustido ainda não tinha em minha lista. Então mais dia menos dia ele apareceu.

Claro que sim! Qual seria a graça para o Universo se ele não colocasse um gay no meu caminho? Nenhuma!

E agora olhando para trás, deveria ter suspeitado desde o início que o cara era mais mulher do que eu. Que às vezes em que achei que ele estava babando pelo meu corpo, na certa estava era babando de inveja da minha roupa ou sapatos. E com certeza, seu interesse doentio pelo Justin Bieber e a Beyoncé, era demais para que aquela criatura fosse *hétera*.

Minha vida é como uma comédia romântica, um pouco mexicana, só que sem romance e só tem eu mesma rindo das minhas próprias piadas. Rindo para não chorar, claro. Ou é idiota, ou cachorro, ou é feio. E claro, gay. Isso resumia toda a minha vida existencial de solteira.

Acho que o meu cupido gosta de matemática e acha

que eu gosto também, pois só me traz problemas. Na verdade, eu tinha uma teoria de que ele ou era apaixonado por mim ou me odiava duramente.

Eu ficava com a segunda opção, afinal, eu pelo visto era inamorável!

Dormir até meio dia e acordar de ressaca é dez vezes melhor do que de conchinha com quem faz que você tenha ressaca. Mas dormir até meio dia, quando se tem um teste às treze, era suicídio.

— Droga! Estou atrasada! — murmurei para mim mesma.

Sai catando minha bolsa e sapato, vesti a primeira roupa que vi. Olhei para o meu reflexo no espelho e percebi que eu parecia a morte. Minhas olheiras estavam tão grandes que eu parecia estar me escondendo atrás delas.

Meu Deus! Com essa cara e esse cabelo, o único trabalho que vou conseguir é como zumbi no The Walking Dead!

Taquei argamassa na minha cara e fiz uma maquiagem nada básica, para tentar esconder meu estado atual, com

um reboco de qualidade. Sai procurando meu celular pela sala antes de abrir a porta e o quando fiz, dei de cara com a Mary, uma garota que eu havia conhecido na noite passada.

Tudo bem que eu sabia que a Mel havia ido até lá para me fazer feliz e me tirar da fossa, mas ela logo encontrou o caminho da cama do chefe. E se eu não tivesse conhecido minha querida amiga lésbica, eu não acho que estava viva agora para contar historia.

— Oi, Mary, como está? — perguntei sem jeito e ela pareceu feliz em me ver.

— Estou bem, amiga. Vim aqui ver como você está e agradecer pela noite, foi bom demais te conhecer. — disse animada.

Ai. Meu. Deus. Eu fiz mesmo isso que estou pensando?

— Jesus! Eu bebi demais e não me lembro... O que aconteceu? — perguntei chocada.

— Não. Não. — ela riu, achando que eu estava fazendo uma piada e eu fiquei aliviada.

Graças a Deus nem mesmo bêbada eu não havia

esquecido minhas preferências sexuais!

— Mary, desculpa, eu adorei te ver, mas eu realmente estou atrasada. Tenho um teste em menos de uma hora. — avisei, tentando não soar indelicada.

— Imagina, não tem que se desculpar. Você está de carro? — perguntou e eu neguei. — Então vamos, te dou uma carona. No caminho aproveitamos para conversar um pouco mais. — se ofereceu sorrindo e eu assenti.

Por que não? Era apenas uma carona!

#

A Mary além de ser uma mulher muito bonita, também era realmente muito simpática. Se ela mesma não tivesse me contado sobre suas preferências sexuais na noite passada, eu acharia que o beijo que ela tinha dado em outra havia sido coisa da minha cabeça e bebedeira.

Ela era realmente muito querida. Também havia sofrido bastante nos seus relacionamentos, especialmente na época em que se negou a aceitar como era e insistiu em ter relacionamentos hétero. O que consequentemente fez não apenas ela, como também outras pessoas sofrerem.

Mary me deixou no local dos testes um pouco antes do horário marcado. Ela me desejou sorte, além de sem saber me deixou com muito para pensar sobre mim mesma.

Esse teste era apenas o prosseguimento do que eu havia feito na semana passada. Na primeira etapa, mas de cem mulheres, de todos os tipos e cores haviam participado e foram selecionadas apenas dez. Desta vez será feita mais uma seleção e apenas três finalistas passarão para próxima etapa.

Eu já estava há mais de seis meses sem conseguir um trabalho de verdade. E agora sempre que abro minha carteira sai uma voz dela cantando: *"É só isso, não tem mais jeito, acabou, boa sorte"*. Então sim, eu precisava desesperadamente arrumar um trabalho e esse em especial renderia não apenas uma boa grana, como também um contrato de garota propaganda dessa empresa.

Se eu conseguisse, talvez fosse a minha chance de ser vista e então quem sabe poderia conseguir uma pontinha em uma novela ou coisa assim.

— Você é a próxima. — a assistente do diretor que tinha uma voz de taquara rachada me avisou.

Eu sempre ficava nervosa nos testes. Não importava quantas vezes já tivesse feito isso. Era sempre como se fosse à primeira vez. Mas eu tentava bloquear qualquer nervosismo e me concentrava no que eu realmente sabia fazer de melhor: atuar.

Respirei fundo, entrei lá e sob as lentes das câmeras dei o meu melhor. O diretor me agradeceu e pediu que eu esperasse com as outras candidatas, pois eles de certo indicariam quais passariam para última fase.

Estava confiante. Embora tivesse acordado atrasada e *ressaqueada*, sabia que havia ido bem. Então tentei me acalmar e me distrair, para isso fiquei olhando na internet do meu celular, foto de celebridades nuas.

O que? Não me julguem! Quem nunca fez isso?

Eu particularmente adorava. Sabia apreciar a verdadeira obra prima artística, sensível, imponente e com a bundinha linda deliciosa. Então não, não aceito julgamentos.

— Já temos o resultado. — a assistente retornou com uma prancheta e eu cruzei os dedos a espera dela dizer meu nome. — A empresa que nos contratou, viu todos os

testes e decidiu que não haverá necessidade de mais uma etapa. Vamos apenas escolher uma de vocês.

Deus! Não se esqueça de todas as merdas de relacionamento que tive e todos os trabalhos ruins que não tenho conseguido! Faça as contas, eu mereço!

— Kami Carvalho.

— Oi? — perguntei ainda sem acreditar.

— Você foi a escolhida. — ela apontou o óbvio e então a minha ficha finalmente caiu.

Comecei a pular para cima e para baixo, sem conseguir me conter. Senti uma vontade louca de sair dançando e cantando *Despacito* em volta da sala e como eu não passava vontade, foi exatamente o que eu fiz. Recebi olhares de repulsa e inveja, mas não me importei. Eu havia ganhado esse contrato. Eu seria uma diva da TV.

Meu Deus! Eu seria uma Diva famosa! Quem seria Meryl Streep aos meus pés? Se prepara, Jennifer Lawrence, porque estou chegando!

— Moça, moça. — a assistente me chamou e então parei de dançar.

— Sim. — respondi meio ofegante, porque eu não era

muito fitness.

— O dono da empresa quer falar com você pessoalmente. — disse, me olhando como se eu tivesse uma terceira cabeça.

E quem liga? Eu ia ser uma diva! Chupa, Kim Kardashian!

Ainda sem conseguir me conter, continuei a cantarolar à caminho do meu futuro chefe. Esperava que ele fosse gato. Já pensou se eu desse a sorte que a Mel tinha dado de ir para cama com um chefe gato e gostoso?

Nossa! Isso seria incrível!

Minha mente era fértil. Se eu não fosse atriz, com certeza me daria bem escrevendo, porque era cada história que eu criava em minha cabeça, que até mesmo eu ficava impressionada. Só sei que quando cheguei em frente à porta da sala do meu novo chefe, já havia escolhido nosso destino de lua de mel e até mesmo o nome dos nossos futuros quatro filhos.

Haa! Eu nunca disse que era normal! Mas não custava nada sonhar, né?

A assistente bateu na porta e anunciou a minha

chegada. Já tinha até mesmo ruído minhas unhas e não tinha percebido.

— Ele pediu que entrasse. — ela avisou e eu assenti antes de entrar.

Quase cai para trás quando vi quem estava sentado à mesa, lindo, gostoso, delicioso, sorrindo para mim.

Ai caceta! Isso só podia ser brincadeira!

“Livrai-me de todos os homens canalhas, indecisos e sem atitude, porque de enrolado já basta minhas contas!”



DESDE PEQUENA EU ERA FÃ DE MARILYN MONROE. Ela para mim era uma das figuras mais emblemáticas que o mundo conheceu. No entanto, por trás do sorriso fotogênico, do símbolo sexual máximo, que incorporava tudo o que Hollywood

representava: glamour e *sex-appeal*, sua icônica persona loira e sensual revolucionou para sempre não apenas a indústria do cinema, como também influenciou na cultura popular e principalmente mulheres de gerações.

Não era à toa que uma foto sua enfeitava minha sala e meu escritório. Eu adorava essa mulher. Assisti e li tudo que dizia a seu respeito. E aprendi tanto. Uma vez li algo dela que dizia assim: *"Já notou como 'dane-se' é sempre a resposta certa?"* E ela estava mais do que certa e definitivamente essa era a frase do meu dia.

A felicidade que tive no dia foi quando descobri que meu fígado não estava tão zoado quanto imaginava que estaria quando acordasse de mais uma ressaca. E claro, quando entreguei satisfeita mais uma coluna para a próxima edição da revista e que eu sabia que levaria minhas palavras para milhares de leitores que esperavam ansiosamente por esse dia.

No entanto, o restante do dia foi apenas uma

palavra que girava em minha cabeça: Burra. Esse era o adjetivo que me qualificaria com toda certeza. Qual a porção necessária de besteiras para uma pessoa se sentir verdadeiramente viva? Eu fiz todas e até agora, nada. Eu já tinha feito muita coisa na vida, mas definitivamente eu estava começando a bater meus próprios recordes.

Como pude me deixar envolver pelo Matteo? Pelo melhor amigo do cachorro do Bernardo?

Tudo bem que me envolver com Matteo não havia sido uma coisa planejada, aconteceu, nós dois não sabíamos quem éramos na primeira vez. Mas depois que descobri quem ele era, o mínimo que eu deveria ter feito era ter ligado um ao outro. Se eu soubesse disso, certamente não teria ido lá mais uma vez. Não mesmo. Ao menos eu acho que não.

Conheci Bernardo na faculdade. Ele já estava fazendo pós-graduação e eu ainda estava na minha graduação. Ele era definitivamente o cara mais famoso do campus, todas as garotas o queriam. Eu acho que fui uma das poucas que não ligavam

realmente. Não que eu o achasse lindo e demais para mim, mas porque eu simplesmente nunca tive paciência para homem egocêntrico, que achava que o mundo girava em torno do seu pau. Ou como eu gostava de chamar de forma cientifica: *Paucentrismo.*

Costumávamos frequentar os mesmos ambientes. Acho que de alguma forma a minha falta de interesse chamou sua atenção. Jaque até tentou me avisar sobre ele, pois já o conhecia e realmente não liguei muito, afinal o cara lindo estava interessado em mim.

Quem nunca?

Acabamos ficando juntos, mas eu realmente não achei que fôssemos levar nossas ficadas para outro nível e depois de algum tempo juntos, ele então me pediu em namoro. Eu gostava de Bernardo, mas na época eu realmente estava muito focada na minha graduação, pois sabia que depois de tudo que minha vó fez para que eu chegasse lá, dependia apenas de mim conseguir meu futuro e da minha

irmã.

Não tive tempo de me sentir culpada por dar prioridade a minha carreira, porque acabei surpreendendo aquele embuste comendo a própria professora. Ele tentou se desculpar, teve coragem de colocar a culpa na professora, mas não rolou. Eu entendia do sentimento de traição. Simplesmente não aceitava. Então depois de me vingar espalhando uma montagem sua com o pau pequeno por toda faculdade, apenas o deletei da minha vida e nunca mais quis qualquer contato.

Depois que terminei com Bernardo, achei que talvez ele crescesse e amadurecesse, afinal eu havia mexido com o que ele tinha de mais precioso: seu ego. Mas não foi bem isso que aconteceu. Ele nunca mais conseguiu uma mulher de verdade, na verdade, ele nunca mais teve sequer um relacionamento sério. Posso confirmar isso pelas revistas de fofoca que adoravam comentar sobre a vida do herdeiro das Indústrias Grimaldi e pelo seu *Facebook,* que era tipo uma mistura de creche com

galinheiro.

E depois disso, decidi ser uma mulher mais feliz, afinal, quando você é feliz consigo mesma, você não põe toda a sua felicidade no outro e tudo fica mais leve. Se amar era bom demais. Amor próprio talvez seja o único romance que podemos ter certeza de que será eterno.

Não guardo mágoas, só não tenho amnésia. Quando deletava alguém da minha vida, ela não tinha mais volta. Cheguei numa fase da vida que nem discuto mais com as pessoas, apenas exibo minha cara de paisagem e mando à merda mentalmente. Mas depois desse reencontro e dele vir para cima de mim como se nada tivesse acontecido, definitivamente me irritou e eu tive que lhe dizer poucas e boas.

Sim. Você tem que fazer com ex a mesma coisa que faz com propaganda do youtube: Ignorar!

Estava irritada demais para pensar normalmente quando Matteo chegou à minha sala. De hora em hora chegavam novos buquês de flores

do embuste do Bernardo. E quando Matteo apareceu lá, tão gostoso daquele jeito, a única coisa que pensei que ele falaria, era que não poderíamos mais sair juntos por causa do seu melhor amigo.

Então justamente por isso decidi colocar uma pedra sobre o que nos aconteceu, antes mesmo que ele fizesse isso. Meu ego não merecia mais essa porrada. Por isso apenas falei sem pensar e depois passei o restante do tempo me revirando pela merda que falei. E definitivamente era muito mais simples ter pensado antes de falar ou simplesmente ter deixado que ele falasse primeiro.

Mas talvez fosse bom, certo? Eu tinha prioridades na minha vida. Prioridades estas que não incluíam um homem, por mais gostoso que fosse, nela. E também tinha a sua falta de pulso. Odiava isso. Talvez eu tivesse esperado que ele me jogasse sobre a mesa e tentasse fazer com que eu mudasse de ideia.

Livrai-me de todos os homens canalhas, indecisos e sem atitude, porque de enrolado já basta minhas contas!

Ainda tive que aturar meus colegas de trabalho me parabenizarem, porque todo mundo ainda parecia muito animado em comemorar a ausência das minhas teias de aranha. E depois de todos aqueles buquês que o babaca do Bernardo enviou e a presença inesperada do Matteo em minha sala, tiraram conclusões não tão precipitadas assim.

Então aconteceu o que eu definitivamente não queria e odiava: virei motivo para fofoca. Não que eu me importasse que falassem de mim, mas o que eu não queria era que o fato de ter ido para cama com nosso chefe fosse prato cheio para eles. Queria evitar fofoca, mas era tarde demais. Todos já sabiam. Então decidi não me importar mais.

Se alguém quer falar mal de mim pelas minhas costas, tem que no mínimo aproveitar e fazer uma massagem também!

O problema é que achei que me sentiria de uma certa forma bem quando colocasse um fim em qualquer coisa que eu e o Matteo tivéssemos. Mas não foi bem isso que aconteceu. Algo em seu rosto

não se encaixava perfeitamente à sua resposta indiferente e isso definitivamente estava mexendo comigo.

Não. Eu não estava apaixonada! Desilusão amorosa para mim é se apaixonar por um sapato e não ter seu número! Isso era apenas desejo sexual!

O problema estava no fato de que eu não suportava me sentir assim: confusa.

— Oi. Bença, minha vó. — Atendi ao meu telefone que começou a tocar.

— Oi, minha filha, Deus te abençoe. Como você está? — Ela perguntou.

— Bem, vozinha. E a senhora e o vovô? — Perguntei, passando pela portaria do meu prédio.

— Com saudades. E a Tetê?

— Também estamos com saudades. A Tetê está na escola, com a proximidade do vestibular, as aulas começam mais cedo e terminam mais tarde. Mas como sei que a senhora vai se preocupar dela voltar para casa, quero te dizer logo que não se preocupe que ela não vai voltar de ônibus, ela está

vindo com o namoradinho. — Comentei com uma careta.

— Ela me disse que está de namorado. Fico feliz. Só falta você, querida. — Disse, me fazendo revirar os olhos.

— Vó, não está nos meus planos nesse momento.

— Filha, você precisa arrumar alguém. Liguei domingo para sua casa e a Tetê me disse que havia saído. Você ser muito festeira vai fazer com que nunca arrume um namorado! — Falou como sempre repetia.

— Amém, vó, que Deus te ouça! — Falei sério e ela resmungou.

— Por que você é assim, menina? — Bufou.

— Porque a vida me fez assim. — Disse simplesmente, não querendo falar mais sobre isso.

— Mel...

— Vovó, eu tenho que desligar. Estou entrando no elevador e a ligação vai cair. Prometo tentarmos ir no final do mês fazer uma visita para vocês, tudo bem? — Falei rapidamente, querendo cortar

qualquer tentativa de falar sobre esse assunto e ela suspirou.

— Tudo bem. Estarei esperando vocês. Eu te amo, meu biscoitinho, não esqueça. — Ela disse as palavras que me dizia desde pequena e eu sorri.

— Eu te amo, vó, não esqueça. — Repeti, antes de me despedir e desligar.

Entrei no elevador pensando que realmente seria uma ótima ideia passar um final de semana na casa da nossa avó. E antes mesmo de chegar ao meu andar, já podia ouvir a música que tinha uma cacatua cantando junto com ela.

"Tá pra nascer alguém que manda em mim
Que possa me impedir de ser feliz
Tá pra nascer e não vai ser você
Sou vacinada e mando em meu nariz

Você teve sua chance e jogou fora
Só deu valor quando me viu embora
Da sua vida, fui
Da sua vida, fui

Eu não preciso de muito dinheiro

Só de um salto alto, uma escova no cabelo
E um vestidinho pra lhe deixar louquinho por mim

Vou rebolar na sua frente
Pra você ficar sem voz
Chora boy! Chora boy!

Se toca que cê me perdeu
Que já não existe nós
Chora boy! Chora boy!"

— Kamila. — Murmurei para mim mesma, um suspiro cansado escapando de meus lábios.

Abri a porta do meu apartamento e vi Kamila com um copo na mão e uma fatia de pizza na outra. Enquanto eu comprava ou lia, ou assistia filmes de terror para me desestressar, já que filmes de terror não me assustam, eu tinha medo mesmo era dos romances, pois neles as pessoas se casam. Minha melhor amiga era adepta a descontar ansiedade e sofrimento na comida e bebida como terapia.

Aproximei-me dela e tomei o copo de sua mão antes de cheirá-lo.

— Meu Deus! Às cinco da tarde de uma segunda-feira? — Perguntei, chocada, e ela me deu dedo. — Sabe, beber estraga o fígado. — Lembrei-a, embora eu também não ligasse realmente para esse órgão específico do meu corpo.

— E amar estraga o coração, a mente e a vida. Então, não enche. — Disse com amargura.

Eu poderia ficar quieta. Afinal, estava acostumada com o resultado dos dedos podres da minha amiga. Ela sempre ficava péssima a cada rompimento, mesmo que eu soubesse que ela realmente não gostava muito de nenhum deles. Mas amigo de verdade não é aquele que sempre te atura triste, denso e monotemático. Mas o que te fala:

— Minha irmã, tu tá mala.

— Foi o que a *Siri* [4] disse. Odeio vocês. — Comeu o último pedaço da pizza e me deu dedo.

— Ok, dona Kamila. Pode parar e me diga o que tá acontecendo. — Exigi, sentando-me ao seu lado.

— Sei lá. Tá tudo tão coisado. — Disse

exasperada.

— Primeiro: — Eu disse levantando um dedo. — Não sabia que existia o verbo "coisar". E segundo, explique-se de forma sucinta, que eu não estou te acompanhando.

— Amo o relacionamento que eu tenho com a minha cama. Não há cobranças de nenhum de nós, apenas dormimos juntos, sem responsabilidades! — Kami disse, nitidamente querendo fugir do assunto.

— Kami. — Chamei-a, olhando para ela, séria.

— Eu cansei, sabe? Cansei de me doar tanto para meus relacionamentos e só tomar topada. Mas ainda assim, também estou cansada de me sentir sozinha. — Confessou e eu a abracei.

— Você não está sozinha. Sabe que eu e a Tetê estamos com você. Amiga, sei que você às vezes tem saudades de ter um relacionamento, mas não adianta estar com alguém só para não estar sozinha, é tipo uma solidão mal administrada.

— Eu sei. Por isso que também sei que o

problema sou eu. Talvez eu esteja remando contra maré. — Choramingou.

— O problema não é você. Pare de dizer isso. — Garanti, séria, porque eu não deixaria que ela continuasse a pensar assim.

Não mesmo. Ela só tinha um péssimo gosto para homens! Só isso!

— Sabe qual é a pior parte de ter o dedo podre? — Começou a falar depois de tomar mais um gole da sua bebida, agora diretamente da garrafa de vinho. — É que continuo sonhando que vou morrer velha e com quarenta e sete gatos, que comerão meu corpo quando eu morrer e não tiver ninguém para me acudir. Mas eu acho que estou amadurecendo, porque no último, eles não comiam minha cara, apenas meus pés. — Comentou tristemente.

Oi? Ela estava bêbada ou o que?

— Talvez apenas não seja para ser realmente assim. — Continuou filosofando, me deixando sem entender bulhufas.

— Como assim? — Perguntei, com medo da resposta.

— Talvez seja a hora de realmente mudar. — Dá de ombros. — Acho que vou mudar de time. — Disse simplesmente.

— Não entendi, o que você deixar de torcer para o Botafogo tem a ver com sua vida amorosa? — Perguntei na maior inocência e ela riu.

Afinal, nada a ver uma coisa com a outra, certo?

— Não, amiga, você não está entendendo. Eu acho que vou me tornar lésbica.

Ok. Se eu não tivesse sentada, eu certamente teria caído no chão com essa sua afirmação.

Ela estava ficando mais louca?

— O que você bebeu, Kamila? — Perguntei, voltando a tomar a garrafa da sua mão e cheirando-a.

— Estou falando sério. — Disse, puxando a garrafa de volta e fazendo com que eu me levantasse de uma vez.

— Não. Você está ficando mais louca. Só pode. —

Neguei com a cabeça.

— Claro que não. É meio lógico. Nunca dou certo com os homens. Só arrumo embuste. O máximo que eu tive de prazer na vida, foram orgasmos meia-boca. Nunca achei nem um homem que me chupasse direito, que me deixasse louca. Cansei. Não quero mais nenhum homem idiota. — Disse, decidida.

Oh meu Deus! O que dizer para essa pessoa insana?

— Ontem foi bom, sabe? Conheci uma pessoa que realmente me ouviu e me deu ótimos conselhos. — Continuou a explicar e eu a cortei rapidamente:

— Você transou com aquela mulher? — Perguntei, chocada.

Tudo bem que eu havia dito que não me importava que minha amiga tivesse sua primeira experiência lésbica. Mas daí riscar os homens do seu caderninho já era demais para meu coração.

— Kamila. — Eu disse, séria. — Você não pode virar lésbica.

— Claro que posso! Por que não poderia? — Rebateu com outra pergunta e uma risada alta me escapou quando as razões começaram a se formar em minha cabeça.

— Para começar, você é a pessoa mais tarada que eu conheço. Não pode ver um homem bonito, que fica toda ouriçada. — Apontei para ela que deu de ombros. — E depois, seu ginecologista é homem, seu depilador é gay, justamente porque você prefere que os homens cuidem da sua área de lazer. E convenhamos, você não gosta nem da sua pepeca, vai gostar de outra? — Perguntei e ela tentou disfarçar sua careta, mas não passou despercebida para mim.

Haaaa! Eu sabia!

— São meros detalhes que a gente aprende a administrar com o tempo. — Falou como se não fosse nada demais.

— Meu Deus, Kamila! Isso não são detalhes! É o princípio da coisa toda! — Apontei o óbvio e novamente ela deu de ombros.

— Está decidido. A partir de agora sou lésbica! — Disse, decidida, e eu suspirei.

Eu mereço mesmo essa louca! Bora ver quanto tempo ela aguenta!

#

— Ei, pombinhos, já não está na hora de dormir? — Perguntei, adentrando ao quarto da minha irmã, que estava acompanhada do namoradinho.

— Que horas são? — A Tetê perguntou e o Micah olhou na tela do celular, assustando-se com o adiantar da hora.

— Meia noite. Preciso realmente ir. — Beijou minha irmã e eu enruguei o nariz. — Prometi ao Matt que chegaria cedo, mas ninguém merece ter que aguentar a Raka. — Foi sua vez de fazer uma careta e ele pareceu arrependido de falar esse nome quando olhou para mim.

— Quem é Raka? — Minha curiosidade venceu minha própria sensatez.

— Er... Ela...

— É a ex-namorada que não é bem ex do irmão dele. — Minha irmã respondeu por ele, que parecia perdido demais para responder.

Aquilo pegou-me de surpresa. Haviam se passado quatro dias desde que Matteo saiu da minha sala e desde então não nos vimos. Mas confesso que por mais que soubesse que não tínhamos nada, saber que sua ex ou atual já estava de volta em sua vida tão rapidamente, havia realmente sido uma surpresa para mim e não de uma maneira boa.

— Ela é modelo, está na casa dele faz alguns dias. — Minha irmã continuou falando, completamente alheia à bagunça que havia se formado dentro de mim.

— Hm. Que bom. — Tentei sorrir. — Hora de ir, não é, Micah? Seu irmão deve estar preocupado. — Falei, querendo acabar o quanto antes com esse papo.

O que eu diria? Pediria mais informações? Pediria para conhecê-la?

Claro que não. Para ser sincera, eu não queria saber não. Tenho nada a ver com isso e muito menos com a vida de Matteo. Na verdade, sinto um pouco de aflição quando me contam informação demais. Informações que eu definitivamente não queria.

Fui andando até a sala e me joguei no sofá. Não queria pensar sobre Matteo. Não mesmo. Olhei ao meu redor a procura de algo para me distrair e vi minha melhor amiga na cozinha, fazendo o almoço de amanhã.

Esses dias que passaram, Kami não mudou a cabeça sobre "mudar de time", mas ela tem feito tudo e qualquer coisa para se distrair. Isso quer dizer que nós temos nos alimentado melhor durante essa semana, porque ela vivia assistindo vídeos de culinária na internet e os resolveu colocar em prática.

Acho que qualquer dia desses sairemos rolando! Não que eu esteja reclamando!

— Tchau, Kami. Tchau, Mel. — Micah se

despediu sem jeito, parecendo querer falar algo, mas eu apenas dei-lhe um aceno e um sorriso em resposta.

Depois de tanto que passei, acabei tendo que aperfeiçoar minha cara de *"está tudo maravilhoso"*, porque nesse mundo que vivemos não podemos mostrar fraqueza em momento algum. E acreditem em mim, eu estava fazendo bom uso dessa cara bem aqui agora.

— Está tudo bem, mana? — Tetê perguntou, quando fechou a porta após se despedir do namorado.

— Estou sim. Por que não estaria? — Perguntei, voltando a sorrir.

— Porque sua cara está estranha. Você está parecendo o Coringa sorrindo. — Disse e eu rapidamente desfiz meu sorriso.

Droga! Eu acho que estava começando a perder a prática!

— Nada, só estou cansada. — Comentei e ela assentiu, embora parecesse não muito convencida

com a minha resposta.

— Tudo bem. Vou dormir. — Disse e pareceu se lembrar de algo. — Mel, está lembrada que amanhã vou com Micah no jantar de ensaio do pai dele, né? — Perguntou e eu assenti. — Ok. Então boa noite.

— Boa noite. — Sorri para ela.

— Boa noite! — Kami gritou da cozinha.

Fiquei vendo minha irmã se afastar, tentando em vão não continuar pensando no que não deveria. Eu não havia sido convidada para o jantar, que era para família, mas para o casamento no dia seguinte havia sido. O Grande Otávio me adorava e era mútuo, mas sabendo que Matteo estaria lá acompanhado com a tal Raka, estava fazendo com que eu pensasse duas vezes em ir.

Logo minha melhor amiga se sentou ao meu lado e eu tentei não olhar para ela.

— Esse orgulho não vai te levar a lugar nenhum. — Apontou e eu dei de ombros.

— Ótimo, adoro ficar em casa. — Respondi, irônica, e ela revirou os olhos.

— Por que você não vai falar com ele, Melissa? — Insistiu e eu ri.

— Para que, Kamila? — Respondi com outra pergunta e ela bufou.

— Porque você quer! — Ri novamente.

— Você não sabe o que eu quero. — Rebati e ela me olhou com desdém.

— Não? — Eu bufei, porque sabia que ela me conhecia bem demais.

— Tudo bem, você sabe, mas eu não posso.

— Por quê?

— Porque não. — Levantei do sofá, exasperada. — Além do que ele voltou com a ex.

— Como você sabe? — Perguntou, interessada.

— Acabei de saber pelo Micah. Quer dizer, pela Hortênsia, porque o Micah pareceu muito sem graça em me dizer qualquer coisa, afinal, ele me viu junto com seu irmão. — Dei de ombros.

— Ele não está casado. — Apontou e eu ri sem humor.

— Essa conversa realmente é necessária? — Ela

assentiu e eu bufei novamente. — Kamila, não importa que ele não seja casado. Eu não vou me meter em um relacionamento. Não temos nada. Nunca tivemos. Ele nada me prometeu também. E convenhamos, o cara namora com uma modelo. — Falei, sentindo um gosto amargo em minha boca.

O que é isso, Melissa?

— Ele tem fã clube? — Kamila perguntou, pensativa.

— Não. Por quê? — Perguntei surpresa pela mudança de assunto e ainda também porque eu não entendi nada.

— Porque definitivamente vou fundar um para esse cara. — Apontou e eu peguei a almofada mais próxima e joguei nela.

— Estou falando sério, Kamila. — Falei, irritada.

— Eu também. Nunca vi você tão perturbada por causa de um cara. Ele é bom. — Sorriu maliciosa, lhe dei dedo e ela voltou a ficar séria antes de continuar: — Sério. Vai atrás dele, Melissa. — Disse serenamente e eu franzi o cenho.

— Eu não corro nem atrás do ônibus, que me leva a algum lugar, imagine correr atrás de homem. — Falei irônica e foi a vez de ela tacar a almofada em mim.

Suspirei me jogando novamente no sofá e me lembrei não apenas que ele era lindo, gostoso e prepotente, mas também que ele era o melhor amigo de Bernardo. Por mais que nossa química a dois fosse incrível, nós dois certamente não daríamos certo. E embora Bernardo parecesse ter esquecido de mim novamente e tivesse me deixado em paz, duvido que Matteo também quisesse arriscar sua amizade por minha causa.

É. Eu estava certa! Melhor continuar onde estava!

Algumas coisas, por mais impossíveis, malucas e gostosas que pareçam, a gente sabe, bem no fundo, que foram feitas para um dia darem errado. Então era melhor que nós continuássemos onde estávamos, longe um do outro.

“Quem não tem pelo menos uma parte do seu passado que te condena, que atire a primeira pedra! ”



MINHA SEMANA HAVIA SIDO UMA MERDA. Mais precisamente um inferno na Terra. Para começar, papai já estava no “clima” do casamento e pouco apareceu. Estava com a ligeira impressão que ele agora viria cada vez menos para empresa. O que

consequentemente faria com que tudo ficasse sobre minhas costas. Na verdade, já estava começando a acontecer.

Eu amava meu trabalho. Amava colocar a mão na massa. Fazia com prazer. Meu escritório era praticamente uma extensão da minha casa para mim. Eu era realmente um *workaholic* e não tinha vergonha de assumir. Era aquela pessoa que dava prioridade ao trabalho acima de todas as outras coisas e me motivava pelas conquistas profissionais.

Eu amava meu irmão e meu pai, eles eram tudo que havia me restado desde a morte da minha mãe, mas confesso que desde então dediquei-me com afinco à minha carreira. Acabei colocando o trabalho acima da família, vida social, do lazer e até mesmo da minha saúde. Para mim, poucas coisas na vida eram mais gostosas do que concretizar ou fazer um negócio bem feito. Sexo por exemplo.

Por conta do meu trabalho e da minha dedicação extrema, há muito tempo não dependia do dinheiro da minha família. Minha ideia sempre foi um dia voltar para o Brasil e cuidar das empresas da nossa família, mas

primeiro queria me realizar com minhas próprias conquistas. Enquanto estive fora havia me tornado um profissional muito bem sucedido financeiramente e principalmente nos resultados do meu trabalho. E exatamente por isso achei que estava pronto para voltar.

Mas há dias que até mesmo nós, *workaholics,* precisamos de uma pausa, porque ficamos sem cabeça para nada. Eu odiava ver os problemas se acumulando, isso me deixava maluco e louco para resolver tudo. Só que nem sempre depende da gente para isso.

Bernardo ainda não estava falando comigo. Ele não me atendia e tão pouco respondia minhas mensagens. Mas eu ao menos achava que era um bom sinal não ter recebido a visita dos seus advogados. Micah parecia ter se esquecido de mencionar que havia se mudado definitivamente para minha casa. Não que eu estivesse achando ruim, porque na verdade não estava, o problema era que agora minha preocupação também incluía ter um adolescente morando sob meu teto.

Como se tudo isso não bastasse tinha Raka, que parecia decidida a voltar a me atormentar. E também tinha

Melissa, que simplesmente parecia estar fugindo de mim.

Desde aquela tarde que fui até sua sala e pedi para falar com ela e fui não tão sutilmente dispensado, que não nos falamos mais. Sempre que a vejo ao longe, a impressão que tinha era que ela dava um jeito de fugir de mim. E admito, isso estava me deixando incomodado e puto da vida.

Pensei em lhe procurar novamente, mas então chegaram as amostras finais das novas edições das revistas e como um obcecado, fui diretamente ler sua coluna.

“ EX-QUECE

Quem não tem pelo menos uma parte do seu passado que te condena, que atire a primeira pedra!

Antes de começar, quero dizer que não era minha intenção falar sobre esse assunto nessa edição. Não agora pelo menos, porque esse é um tema que ainda precisa ser muito bem debatido, porque algumas pessoas não entendem o real

significado que isso tem na sua vida. Mas um pouco antes do fechamento dessa edição algumas coisas me fizeram – ou me forçaram – a pensar sobre e é exatamente por isso que esse assunto está aqui.

Todo mundo tem um 'ex' em sua vida. Mesmo as pessoas que são colocadas lá em um pedestal. Até mesmo a Angelina Jolie tem, *miga*. Imagina nós, mortais? Em algum momento do seu caminho, seu cúpido foi lá com sua péssima mira e você como tem o dedo podre mesmo, foi fundo e cometeu a burrice de achar que ele poderia ser a pessoa certa. Mas na verdade, não sabia que estava apenas cometendo mais uma merda na sua vida.

Mais uma, porque eu duvido que você tenha apenas um ex!

Como eu sou uma pessoa que 'agrega' cultura, vamos definir a palavra para que possamos entender melhor o que quero dizer:

ex- |eis|

(prefixo latino *ex-* .ação de tirar, saída, acabament

prefixo

1. Indica fora de, derivação, saída, separação, afas
2. Quando unido por hífen a um substantivo, indic *mulher*) ou de exercer o cargo ou função que tinha *presidente*).

ex |eis|

(do prefixo *ex-*)

substantivo de dois gêneros

1. [Informal] Pessoa que já teve com outra uma re
2. Pessoa que deixou de ser alguma coisa.

Entendeu que isso quer dizer que não vale a pena? Tudo indica para o passado! P-A-S-S-A-D-O! ACORDA! DESAPEGA, MENINA!

É aquela história, pessoas morrem e relacionamentos acabam. O melhor que podemos fazer é respirar e reiniciar. Já reparou que quando você parece tê-lo esquecido, quando justamente sua vida parece ter reencontrado o eixo, aí seu ex então volta do inferno para lhes tirar da paz? Sim, você não é a única. É sempre assim. É como um

carma cósmico dos ex-namorados.

Às vezes estamos carentes, achamos que sentimos saudades. Mas não se engane, não pense muito sobre isso. Não vale a pena, amiga. Acredita em mim, tá? Saudade, fome e ex: só é bom quando a gente mata. Quando essa vontade louca de estar com ele novamente aparecer, basta sentar e esperar passar, porque uma coisa é certa: Vontade dá e passa. É só esperar.

Tá carente? Pega uma amiga sua que também está e passa uma tarde tentando entender porque os homens são tão idiotas e mesmo assim fazem tanta falta. Vocês não vão chegar à conclusão nenhuma, mas pelo menos passarão a tarde com alguém que, assim como você, tem cérebro. E sentimentos, devo ressaltar.

Não é ser amarga, é ser realista. Tem ex que não vale nem os peidos que você segurou na frente dele para fazer a fina, quanto mais encarar um *flashback* desnecessário. Ex além de estragar nossas vidas, também estragam certas músicas, lugares e até mesmo pessoas. Aí eu te pergunto:

Você vai continuar a deixá-lo estragar as coisas para você?

Ex é igual prisão: se você voltar é porque ainda não aprendeu. O que você tem que fazer com seu Ex é agradecê-lo, não apenas por ter se livrado dele, mas porque às vezes eles também ensinam você a enxergar idiotas de longe. E claro, fugir da próxima cilada, *Bino!*

Olha, eu não sou ingênua, porque eu sei que pra namorar comigo, a pessoa só precisa ter duas coisas: coragem e paciência. Pelo menos meu passado só me condena e não me prende. Então, não, sou muito bem resolvida quanto a ele. Não preciso e não quero que nenhum ressuscite. Desejo a eles apenas muita vergonha na cara e talvez aquela gripe bem forte que não desejo nem para meu inimigo.

Quando acontecer aquele momento satânico do seu ex reaparecer, não transe com ele, é apenas Satanás querendo te proporcionar lembranças ruins. Então feche os olhos e apenas recite a seguinte oração:

"Livrai-nos do salto quebrado, do bolo solado, do ex mal chutado! Amém!"

Aprenda, miga, passado é uma roupa que não me serve mais.
Uma música da sábia banda brasileira Chiclete com Banana diz assim*: "Valeu, foi bom, adeus!"*

Dica da Tia Mel: Deixe-o ir. Se seu ex voltar, mande-o pra puta que pariu!

Ou seja, *ex-cafedeu-se. Ex-quece.* Acabou. Fim. "

Porra! Eu acho apenas que li o maior fora que já aconteceu na história!

Não sei definir como me senti ao final da minha leitura. Primeiro estava verdadeiramente surpreso, porque via que não era à toa que a Mel fazia sucesso em sua coluna, ela realmente tinha o dom das palavras. A forma informal que ela escrevia, como se estivesse conversando com o leitor, era realmente inteligente e perspicaz. E admito, muito bom.

Deus! Só de pensar que até alguns dias atrás eu a

odiava!

Admito, também fiquei surpreso por vê-la falar dessa forma tão aberta sobre o maldito tema de ex-namorado. Já estava mais do que claro para mim que Bernardo era persona non grata para ela. E bem, ele era meu amigo, não deveria ter ficado surpreso pela sua reação em querer se afastar.

Eu queria ficar com ela. Isso era óbvio. Mas existe uma coisa que nós homens – quase sempre - prezamos mais do que o nosso pau: nosso orgulho. Ela havia sido clara sobre o que queria. Eu poderia ter contestado, mandado ela calar a boca porque devíamos ficar juntos e claro, tentado lembrá-la como era bom o que tínhamos, mas meu orgulho falou mais alto e tem falado desde então. Talvez o melhor mesmo era que isso acontecesse.

Eu acho que nessa guerra, quem ganhou não foi o Bernardo e muito menos eu. Foi a Melissa!

Cheguei em casa louco para ir para cama, mas quando abri a porta da sala e olhei para frente, lembrei-me que dormir era definitivamente a última coisa que eu faria

nesse momento.

Droga! Como eu havia esquecido?

— Até que enfim, Matt. Estava te ligando. Você pediu para te esperar e já estamos atrasados. — Micah disse, já todo arrumado, com um belo conjunto de terno.

Hoje seria o jantar que antecedia o casamento do nosso pai. Dr. Otávio havia sido bem claro em não aceitar desculpas para nossa ausência. Então por mais cansado que estivesse e nem um pouco a fim de estar presente em mais um casamento fadado ao fracasso, eu teria de ir.

Olhei para seu lado e vi que ele não estava sozinho. Havia uma garota que eu não precisei olhar duas vezes para saber que era a irmã da Melissa. A semelhança entre as duas era realmente absurda. Embora a mais nova tivesse menos curvas e os cabelos mais curtos.

Ou seja, meu irmão namorava uma mini Mel!

— Olá. Você deve ser a Hortênsia. — Sorri para ela, que sorriu docemente para mim.

— Olá. Sim. Eu mesma. — Fui até ela e a cumprimentei.

— É um prazer conhecê-la. — Fui sincero e vi seu

rosto bonito enrubescer.

— É um prazer também. Ouvi muito falar de você. — Falou.

Meu coração acelerou rapidamente. Por um momento supus que ela havia ouvido falar de mim pela Melissa. Mas então logo recordei-me do que ela havia dito para meu irmão na cozinha, para que ele não falasse com sua irmã sobre nós. Ou seja, era óbvio que ela não tinha falado sobre mim. Foi apenas meu irmão.

— Também ouvi muito falar de você. Só coisas boas. — Olhei para meu irmão e pisquei para ele, que sorria feito bobo olhando para sua garota.

Meu irmão parecia realmente feliz. Ele tinha em seu olhar um brilho que eu não via há muitos anos. Novamente me senti culpado por não estar aqui por ele, por ter me mantido longe. Eu não acho que um dia eu vá me perdoar por causa disso.

— Bem, eu só vou tomar um banho rapidinho e trocar de roupa. Em menos de dez minutos estaremos prontos para ir. — Eu disse, começando a ir em direção à escada.

— Mano, ela... — Foi então que a voz de Raka

simplesmente o cortou:

— Matteo, não acredito que você está chegando apenas agora! Estamos atrasados! — Resmungou, descendo as escadas que eu pretendia subir, ao mesmo tempo em que arrumava um vestido curto e colado ao corpo, que malmente cobria o que devia.

Mas o que? Ela ainda estava aqui? E onde ela pensava que ia?

— Onde você pensa que vai, Raka? — Perguntei, começando a ficar irritado.

— Como assim aonde eu penso? Vamos ao jantar do seu pai! — Respondeu como se fosse óbvio e eu senti meu ouvido zunir, porque ela havia falado isso alguns decibéis acima do suportável.

— Claro que não! Você não foi nem convidada! — Falei rapidamente.

— Na verdade — Meu irmão limpou a garganta para continuar: — Papai teve aqui mais cedo e a convidou. — Ele pareceu frustrado quando disse isso e eu olhei para ela que me olhava com um sorriso convencido no rosto.

Foda! Eu ia matar o meu pai!

Além de querer retomar um relacionamento que ela mesma acabou e eu não tinha interesse, ainda não sabia o que Raka queria aqui. De alguma maneira consegui evitá-la. Eu estava fazendo isso propositalmente. Sabia que estava sendo evasivo, quando, na verdade, eu tinha apenas que colocá-la para fora da minha casa, mas eu estava ocupado demais para me preocupar com a Raka.

Dormia no quarto de hóspedes e sempre saía cedo, antes dela sequer pensar em acordar. Saía do escritório tarde da noite, então ia para um restaurante qualquer encontrar com meu irmão e só voltava para casa, quando ele ia para lá primeiro e indicava que a área estava limpa.

É. Eu era um covarde, não sabia lidar direito com mulheres grudentas e antipáticas!

— Estarei pronto em dez minutos. — Anunciei, dando-me por vencido.

#

Olhei ao redor da casa que eu havia crescido e por um momento ignorei a decoração da festa e deixei que a nostalgia me dominasse. Esse era o lugar onde vivi

minhas melhores lembranças e que um dia, sem mais nem menos, a família perfeita de comercial de margarina que eu tinha, apenas se desfez.

Suspirei. Eu não queria continuar a pensar sobre isso, mas era difícil não fazer quando cada canto daquela casa ainda havia tantas lembranças e um pedaço da minha mãe em tudo ali. Era como se de alguma forma, ela estivesse ali e isso era tão tranquilizador quanto aterrorizante, porque eu me lembrava de que ela jamais voltaria para nós.

— Que bom que vocês chegaram! — Papai gritou do outro lado da sala.

A casa que já era linda agora continha lindos arranjos de flores, velas, uma quantidade razoável de gente e garçons indo e vindo com bandejas de petisco e bebida. Ao contrário dos outros casamentos do meu pai, que eram cerimônias simples, dessa vez as coisas pareciam diferentes. Meu pai parecia estar determinado a dar o melhor de todos.

Quando lhe questionei sobre isso, já que eu realmente estava curioso, ele me disse que ao contrário dele,

esperava que sua noiva só se casasse uma vez na vida e não queria deixá-la perder nada. Fiquei surpreso com aquilo. Pela primeira vez ouvia meu pai falar de um casamento seu como se fosse ser para sempre e isso realmente era novidade.

Então por mais que eu não acreditasse muito que fosse durar, tive a certeza ali que meu pai realmente gostava da minha futura madrasta. E não era apenas coisa de homem mais velho que quer uma ninfeta ao seu lado. Era esse meu medo, que quando esse casamento acabasse, que papai sofresse mais uma vez por causa do fim de um casamento como aconteceu com mamãe.

Não queria estar aqui. Tudo o que eu realmente queria fazer era voltar para casa e estudar alguns documentos da empresa, acompanhado de um copo de uísque, ao som de Sinatra. Mas ao invés disso, estava aqui e tratei de pegar um copo do primeiro garçom que passou para ter que aguentar isso.

Enquanto caminhava até onde meu pai estava, virei a dose do meu uísque em um único gole. Sabia que no que dependesse do meu pai, teríamos que ficar até o último

convidado ir embora. Mas eu não acho que exista quantidade de bebida o suficiente para isso.

— Estava achando que não viria mais! — Papai disse, com um sorriso nitidamente aliviado em seu rosto.

— Não poderíamos deixar de vir, papai. — Falei, tentando usar meu melhor sorriso.

— Fico feliz, filho. — Sorriu e se virou para olhar para sua noiva. — Lembra-se da Mila? — Perguntou e assenti.

— Claro. Como vai, Mila? — Eu apertei sua mão rapidamente, não querendo soar mal educado.

— Bem. Feliz por terem vindo. — Sorriu parecendo genuína.

Ao contrário de Raka, que era definitivamente uma cadela, Mila parecia ser realmente doce. Não sei se era porque ela tinha a idade do meu irmão ou porque ela era de alguma forma inocente, mas ela não tinha realmente um olhar de interesseira em seu belo rosto.

A garota era realmente linda. Na verdade, tinha que confessar que papai tinha um bom gosto. Todas as suas ex-esposas eram belíssimas. E Mila parecia verdadeiramente

feliz, com seus cabelos loiros caindo em ondas sobre seus ombros. Ela era alta, quase da altura de papai e sua figura esbelta estava coberta por um vestido vermelho, modesto e colado ao seu corpo.

— E você dever ser a Hortênsia... — Meu pai falou, ignorando sua timidez e a abraçou.

Pedi licença e saí rapidamente dali. Poderia estar aqui nessa festa, mas definitivamente não estava a fim de fazer sala e fingir que estava tudo bem, quando na verdade apenas o fato de estar de volta a essa casa mexia comigo de forma absurda.

— Para onde vai? — Raka perguntou segurando-me pelo braço, quando malmente tinha dado alguns passos.

Virei-me e olhando por cima do ombro discretamente me desvencilhei dela.

— Não é realmente da sua conta, Rakallene. — Respondi entre os dentes o nome dela de batismo que ela odiava e já ia me virar novamente quando aproveitei para falar logo o que queria: — Aproveite essa festa e depois desse casamento espero chegar em casa amanhã e não quero que nem suas coisas e muito menos você estejam

mais lá. — Disse sem dar brecha para contestação.

— Por que isso, Matteo? — Perguntou, nitidamente chocada com meu rompante.

— Apenas não tenho porque te aturar, Rakallene. Nós não estamos mais juntos e me preservo no direito de não ter que olhar para sua cara na minha casa. — Forcei um sorriso e mesmo que ela tivesse chocada, saí dali me sentindo muito mais leve.

Porra! Por que eu não tinha feito isso antes?

#

As próximas horas foram torturantes. Conversei com poucas pessoas. Estava sem humor para isso. Meu humor estava ácido demais. Preferi ficar no meu canto, sem ter que interagir realmente. Minha única interação sendo com a minha bela dose de uísque da melhor qualidade.

— Oh, Matteo. Desculpe, não sabia que você estava aqui. — Mila falou ao entrar na sala de cinema onde eu estava agora e que por tanto tempo havia sido um lugar onde nós nos reuníamos como uma família.

— Não tem que se desculpar. Afinal, a casa vai ser

sua a partir de amanhã. — Falei, tentando não soar tão amargo, mas falhando miseravelmente.

Sim. Eu culparei a bebida depois!

— Na verdade não. — Ela disse, se aproximando um pouco mais de mim. — Seu pai me disse que passou essa casa para o seu nome e o de Micah. Ele falou que esse lugar era de vocês. Nós vamos nos mudar em breve daqui.

Uou. Isso foi inesperado!

Eu realmente estava surpreso. Meu pai não havia falado nada sobre isso nem para mim, nem para Micah. Nem mesmo quando se separou da mamãe, papai abriu mão da casa. Quando as outras ex-esposas estavam em sua vida, ficavam pouco tempo ali, visto que a maioria dos seus casamentos não duravam mais do que dois meses. Quase o tempo que costumava demorar sua lua de mel.

Recusei-me a perder o foco, mas dei-lhe um pequeno sorriso em troca.

— Tenho certeza que ele estará de volta em um futuro próximo. — Falei, antes de dar um gole da minha bebida e vi seu sorriso dar espaço para palidez do seu rosto. — Eu...

— Não. Eu entendi. — Ela me cortou antes do meu pedido de desculpas e se pôs de pé novamente. — Achei que vocês pudessem me enxergar de maneira diferente, mas eu claramente estava errada. — Sorriu de forma triste. — Não vou esperar que você me entenda ou acredite em mim, afinal, você deve se perguntar por que uma garota com dezoito anos pode querer casar-se com seu pai...

— Na verdade eu me pergunto quanto tempo esse casamento durará. — Fui sincero, antes de tomar mais um gole da minha bebida.

O que? Nunca disse que era muito sutil! E falei que meu humor estava ácido!

Mila pareceu ainda mais chocada com o que eu disse e não conseguiu esconder as lágrimas, que as limpou sem nada dizer. Uma parte minha se sentiu culpada, mas a outra estava farta de tanta coisa já, que não me importei em descontar minha amargura em cima da pessoa que certamente faria do meu pai sua próxima vítima. Ela pareceu então tomar fôlego e então me respondeu:

— Já vi que falar com você é em vão, Matteo. Achei

que fosse diferente, mas vejo que assim como você, o julguei antecipadamente. Eu amo verdadeiramente seu pai, mas não espero que você acredite. Afinal, como esperar algo diferente de um cara mimado, que preferiu deixar sua família sozinho do que estar com eles no pior momento da sua vida? — Falou, tentando soar firme.

Aush! Essa doeu!

Minha futura madrasta não apenas me surpreendeu com sua resposta, como também por ter tocado na minha ferida. Eu sabia que ela estava certa. Mas eu estava bêbado, amargo. Repleto de lembranças nessa casa. E definitivamente cansado desse rodízio de madrastas interesseiras. A julgar pela sua resposta e tudo que eu conhecia sobre ela, sabia que Mila era diferente. Mas era tarde demais para tentar voltar minhas próprias palavras.

Eu não confiava na minha voz, então balancei a cabeça e fingi outro sorriso.

— E não se preocupe, eu não contarei essa conversa para o seu pai. Ele não merece se magoar assim. Tenha uma boa noite, Matteo. — Disse, antes de dar as costas e me deixar ali sozinho com a minha culpa.

Suspirei e me preparei para uma longa vida evitando estar na companhia da minha futura madrasta.

“Felizes para sempre que nada! Bebida e comida grátis era a melhor parte do casamento!



O NOVO CASAMENTO DO GRANDE OTÁVIO estava sendo realizado em um salão de festas, que nada mais era do que uma mansão incrível, em que a hora deveria ter custado mais do que recebo em um ano. Por incrível que pareça, a decoração não estava

luxuosa, era simples, singela, mas extremamente romântica. Tudo bem que pensar em casamentos me dava um pouco de palpitação, mas estava tudo tão lindo que me vi meio hipnotizada.

Estava em uma estufa do lado de fora e me assustei ligeiramente quando senti alguém se aproximar e uma mão me tocar. Virei a cabeça para olhar quem era e fiquei surpresa de ver o Matteo sorrindo para mim. Ele estava lindo em um conjunto de smoking que o deixou ainda mais delicioso.

Senhor! Assim ficava difícil!

Eu usava um vestido floral longo que moldava meu corpo e tinha meu cabelo preso em um coque formal. E mesmo que usasse um salto de mais de 10 cm, ainda conseguia ser muito mais baixa ao seu lado. Mas pela primeira vez na vida, não pensava nisso como um bullying, na verdade adorava me sentir pequena em seus braços.

Meu Deus, Mel! Que brega!

— Você está linda. — Sua voz grossa e cadenciada atingiu-me em cheio, deixando meus nervos em

frenesi.

— Obrigada. — Respondi, minha voz não saindo tão firme como eu gostaria.

Jesus! Essa quentura em minha pele é por que estou enrubescendo? Desde quando eu fico envergonhada?

Como não conseguia olhar para ele, olhei para o teto de vidro acima de nós e pela minha visão periférica vi Matteo seguir meu olhar. Pendurado sobre nós estava um enorme ramo de visco. Ouvi Matteo rindo e olhei de volta para ele que sorria malicioso para mim.

Eu sabia o que significava. Vi isso em Harry Potter e sabia que era meio que uma tradição dar um beijo sob o ramo de visco e nós estávamos sob ele nesse momento. Matteo agora estava olhando para o meu rosto e sua expressão me dizia tudo que eu não queria pensar, mas estava desejando desesperadamente que acontecesse.

Suas mãos macias e quentes logo me puxaram para ele. Cambaleei, tonta, confusa, mas tentei me

manter firme na expectativa do que viria. Meus olhos se arregalaram e meus lábios entreabriram-se à sua espera. A forma como Matteo olhava para mim me deixava completamente derretida por ele.

— Hum... Er... O que você está fazendo? — Perguntei, porque queria ter certeza de que era realmente isso.

Ele riu baixinho antes de se inclinar e acariciar meu pescoço com seu nariz, como se precisasse sentir o cheiro da minha pele. Sua respiração quente em mim, me provocando, arrepiando-me completamente.

— Há uma tradição em alguns países do hemisfério norte que diz que se um homem e uma mulher se encontrarem sob um ramo de visco, devem se beijar para trazer boa sorte, felicidade, celebrar o amor, longevidade ou qualquer outra coisa positiva neste sentido. Então como não quero arriscar a minha sorte, estou beijando você sob o visco. — Murmurou.

Por uma fração de segundo, pensei em resistir. Mas foi só por uma fração de segundo mesmo, porque

logo me vi completamente derretida em suas mãos, que agora circulavam minha cintura.

— Er... Ok. — Sussurrei em resposta.

Ok? Sério, Melissa?

Nossos lábios se tocaram levemente no início, como se quisessem se degustar. Matteo então apertou as mãos em meus quadris, colando nossos corpos, sem deixar mais espaço entre nós. Sua língua dançou em meu lábio inferior, onde ele mordiscou, para em seguida intensificar o beijo. Sem que pudesse me conter, um pequeno som saiu da parte de trás da minha garganta e nosso beijo tornou-se cada vez mais pecaminoso.

Eu podia sentir cada centímetro do seu corpo e com um rosnado que veio dele, senti-o roçar seus quadris contra mim. Matteo deslizou as mãos pelas minhas costas e segurou minha bunda, sua dureza comprovando o quanto ele "estava feliz em me ver", enquanto ele roçava novamente contra mim.

De repente, o som do violino trouxe-nos de volta para a realidade e nos lembrou que estávamos em um

casamento e definitivamente isso não era hora e muito menos lugar para saciarmos um desejo mútuo que obviamente ainda tínhamos.

Ele então se afastou lentamente, parecendo relutante em deixar que eu me afastasse. Nossos olhos se encontraram e tudo que eu queria agora era beijá-lo novamente e me entregar inteiramente.

— Er... Acho que devemos parar. — Sussurrei, limpando minha garganta e Matteo sorriu antes de se afastar um pouco mais.

— Mais tarde? — Ele faz a pergunta de um milhão de dólares e eu concordei.

Matteo e eu estávamos sorrindo um para o outro, e eu já estava começando a pensar que talvez eu estivesse sentindo um pouco mais do que desejo. Mas foi então que o destino resolveu me mostrar exatamente como estava errada em pensar em dar vazão a isso.

Vi quando uma bela, alta, magra, loira, de pernas enormes e cabelos longos se aproximou. Ela era muito mais alta do que eu, quase tão alta quanto

Matteo. E como se ignorasse minha presença e não tivesse nem mesmo me notado, foi até Matteo colocando a mão sobre seu braço. Seu toque foi de intimidade e eu como boba, apenas olhava enquanto ela beijava o canto de sua boca.

Como assim, produção?

Ela então pareceu se dar conta de que eu estava ali e virou os olhos azuis claros para mim.

— Oi, eu sou Raka, noiva de Matt. — Ela estendeu a mão para me cumprimentar e sorriu.

Oi? Noiva? Eu realmente ouvi o que ouvi?

Ainda em transe e sem saber como reagir, ignorando o aperto em meu peito, apertei a mão dela. Mas fiz questão de dar a Matteo um olhar que se eu fosse um X-Men com toda certeza o queimaria vivo.

Sério. Nunca quis tanto ser uma mutante na vida!

Eu estava puta. Não, eu estava muito puta. Ele simplesmente resolveu que não tinha que me contar que estava noivo enquanto me beijava e prometia algo a mais para mais tarde. Eu odiava com todas as minhas forças esse tipo de gente. Isso é uma regra.

Não olhe, cheque, cobice, ou babe e muito menos beije ou prometa uma noite quente, quando se tem outra em sua vida.

Sim. O prepotente era um vadio, que surpresa!

Matteo tentou dizer algo sobre o que a loira magrela disse, mas sou mais rápida em me apresentar:

— É um prazer conhecê-la, Raka. Sou Melissa. — Eu me forcei a sorrir, mesmo que eu quisesse rosnar e gritar umas verdades na cara de Matteo.

— Meu Deus! Você é Melissa Brandão? Eu sou sua fã. — Falou animada e respondi com um sorriso amarelo.

— Sim. Sou eu. Fico feliz que seja minha leitora. — Limpei a garganta antes de completar: — Eu não queria ser rude, mas eu realmente preciso ir. — Falei rapidamente.

Eu não confiava na minha voz e muito menos na reação que meu corpo tivera com esse encontro, por isso apenas fingi um sorriso e tratei de sair rapidamente dali. Ouvi Matteo chamar meu nome,

mas apenas ignorei. Quando soube que eles não podiam mais me ver, apenas saí correndo rapidamente dali.

Cheguei até o local onde seria realizada a cerimônia e dei graças a Deus quando um garçom passou pelos corredores, servindo taças de vinho para os convidados que aguardavam o início do casamento. Peguei rapidamente uma para mim e tomei um belo gole. Ainda não estava acreditando no que tinha acabado de acontecer.

Como lidar quando o boy não vale o que come, porém é lindo, gostoso, fode bem e beija bem pra caralho?! Só Matando!

Em meio a minha ira, eu estava com raiva de mim também. Eu já havia dito para mim mesma que não iria até lá novamente, mas apenas me deixei levar pelas sensações que Matteo me causava mais uma vez. Ignorando completamente minha sensatez de desapegar daquilo que nunca tivemos.

Eu já havia deixado de acreditar nessa historinha de amor há muitos anos. Essas esperanças e sonhos

tinham morrido de forma dolorosa há tempos. Eu agora tinha a vida que queria, com menos dinheiro que gostaria, mas com uma profissão que amava. Tinha minha irmã ao meu lado, por quem eu fazia tudo que pudesse para que tivesse um futuro maravilhoso. E também tinha minha melhor amiga, que apesar de louca, era minha melhor amiga e eu sabia que poderia contar com ela para tudo. Até mesmo para roubar um banco ou esconder um corpo.

Realmente não sentia falta de ter um relacionamento. Minha vida apenas havia provado que meu conhecimento sobre os homens era o suficiente para entender que eu estava bem sozinha. E era exatamente por isso que estava com raiva de mim mesma. Por um momento, esqueci-me de tudo isso e permiti que Matteo Vogel me envolvesse completamente em seu encanto.

Meu Deus! Quantos anos eu tinha? Dezesseis? Acho que deveria começar a usar os produtos que a fábrica de sexy shop me enviava! Estava carente demais!

Terminei meu vinho e achei que era melhor que eu

garantisse não apenas uma, mas duas taças, porque decididamente os homens eram como vampiros. Eles nos sugavam.

Não como Damon Salvatore[5]*, porque se fosse, não me importaria nem um pouco que me sugasse e me chupasse todinha!*

A música mudou para uma nova sinfonia e todos ficaram de pé, porque a cerimônia estava começando. Suspirei e me preparei para uma longa noite. Só esperava que eu conseguisse evitar Matteo Vogel o restante dela e, se possível, o restante da vida.

Grande Otávio entrou acompanhado de sua mãezinha e não acho que eu já o tenha visto tão feliz quanto agora. Matteo e Micah também entraram e logo começou a marcha nupcial. Mila era uma modelo que havia sido revelada há pouco tempo. Diferente das outras modelos que a Revista costumava trabalhar, ela era uma garota simples e supersimpática. Eu não a conhecia muito, mas o pouco que conheci havia a achado realmente encantadora. E não era a única.

Mila estava deslumbrante. Seu vestido simples e elegante, colado ao seu corpo magro, ressaltava suas pequenas curvas esbeltas. Enquanto ela ia em direção ao altar, era possível ver o quanto estava feliz, pois estava radiante e mais linda do que nunca.

Fiquei feliz demais por eles, pois era possível ver o amor emanando dos dois até mesmo antes dela chegar ao seu lado no altar. A cerimônia foi fofa e eu acabei chorando, pois os noivos estavam visivelmente emocionados também. O que definitivamente não era comum para mim. Como eu disse, normalmente a única emoção que os casamentos me davam era palpitação, uma parte minha sempre ficava meio apavorada por estar até mesmo testemunhando esse momento.

O Grande Otávio também chorou. Eu já havia ido a outros dois casamentos seus, mas esse definitivamente foi o único que ele havia se emocionado. Eu poderia ter feito piada sobre o assunto, mas olhando para ele, era possível ver que ele amava mesmo a Mila e não tinha vergonha de

deixar isso transparecer. E era recíproco.

Bebi a festa toda e fugi também, porque toda vez que via Matteo, a impressão que eu tinha era que ele estava procurando por mim. Vi também Bernardo, mas nem ele e nem a *Rakítica* estavam perto dele. Na verdade, eu não a tinha visto desde que os deixei mais cedo na estufa.

Então quando os noivos começaram a valsar, achei que já era hora de ir. Já tinha feito minha parte em ir ali e ajudar a acabar com parte da bebida da festa. Então o melhor mesmo era ir para minha cama e me deliciar com uma maratona de *Gilmore Girls* [6]

— Mana, estou indo. — Falei me aproximando da Tetê, que rodopiava suavemente com Micah no canto da pista.

— Mas já? — Perguntou, surpresa, porque estava mais do que claro que a festa estava apenas começando e ela sabia que eu era daquelas que costumava ficar até o final.

O que? "Felizes para sempre que nada"! Bebida e comida grátis era a melhor parte do casamento!

— Estou com dor de cabeça. A semana foi cansativa. — Tentei arranjar desculpa e ela assentiu, mas parecia me analisar.

— Tudo bem. Te vejo mais tarde. — Falou e eu levantei o dedo para falar:

— Daqui para casa, dona Hortênsia. Já te falei que você pode perder a orelha se fizer sexo às escondidas. — Apontei séria e ela revirou os olhos.

Sim. Não custava nada colocar medo para garantir que ela continuasse inteira, né?

Despedi-me dos dois e estava a caminho da saída do salão quando a noiva anunciou que jogaria o buquê. A mulherada foi à loucura. Parei até para olhar de tão absurdo que era. Parecia até mesmo que estavam indo para a guerra em uma loja de liquidação de roupas. Bufei. Isso era patético.

Tudo isso por uma merda de um buquê? Desnecessário!

Eu não sei o que essas solteiras desesperadas realmente esperavam. Talvez que junto com o buquê viesse o número do telefone do seu "futuro" marido,

quando na verdade essa expectativa logo será frustrada por um cara que de perfeito não teria nada. Nem mesmo o pau.

Estava quase desistindo de esperar, quando Mila praticamente me acertou com o buquê na cara. Olhei para o buquê de rosas azuis e ouvi os murmúrios de desapontamento de várias garotas desesperadas para arrumar um macho.

Que diabos!

— Olha, Mel, você é a próxima. — Mila gritou sorrindo e olhei ao meu redor para encontrar o olhar de Matteo, ele me encarava fixamente e não estava mais acompanhado da magrela comprida da *Rakítica.*

— Só se for a próxima na casa de Candomblé para me livrar de um encosto! — Sorri um pouco, antes de completar: — Obrigada, mas essa eu passo. — Disse, antes de jogar o buquê onde as desesperadas começavam a se dispersar.

Saí dali rapidamente, sem olhar para trás.

Deus me livre de ser a próxima!

“Matar um leão por dia é fácil,
difícil é conviver
com as cobras! ”



ESSA ERA UMA DATA TRISTE PARA NÓS. Há doze anos nossos pais haviam morrido em um assalto. Quando erámos pequenas, costumava passar esse dia com minha irmã, assistindo nossos filmes preferidos enquanto comíamos porcaria e essa era nossa maneira de tentarmos passar esse dia.

Mas com a vinda de Melissa para a capital, esse dia havia se tornado minha maneira de passar pelo luto. Minha irmã hoje não podia mais fazer isso e confesso que nem sei se ela realmente se lembrava que dia era hoje, mas eu certamente lembrava.

Quando vim morar com a Mel, acabei criando um dia só meu. Eu fingia que ia para escola, quando na verdade apenas voltava para casa um pouco depois tendo a certeza de estar sozinha. Mas quanto mais o tempo passava, menos eu parecia me lembrar deles e por isso aproveitava para mexer nas coisas da Mel e procurar por tudo que ela tinha guardado sobre eles.

Nosso álbum da família era a primeira coisa que eu procurava. As grandes páginas cobertas por fotos de cada fase das nossas vidas me traziam as melhores lembranças. Folheei cada página, olhando com carinho e saudade cada foto.

Enxuguei minhas lágrimas. Mesmo depois de tantos anos, ainda era estranho saber que eles tinham partido tão inesperadamente. As saudades eram realmente excruciantes. Ninguém está preparada para perder sua

mãe ou seu pai, muito menos os dois ao mesmo tempo.

Eu sabia o quanto vovó e Melissa se sacrificaram para cuidar de mim, engolindo suas próprias dores para que eu, que ainda era tão pequena, não sofresse tanto. Elas foram minhas mães e sempre estiveram comigo, mas ainda assim eu sentia a falta de Rosa Maria, minha mãe. Vovô também foi minha figura paterna, mas meu pai também me fazia falta demais.

Deus! Eu só esperava que um dia fosse mais fácil!

Continuei a folhear, passei página por página e meu peito ia se apertando ainda mais, sem que eu conseguisse entender porquê. Quando cheguei ao final, vi um envelope escondido no bolso da contra capa. Eu nunca tinha visto ele ali, então estranhei, e movida pela curiosidade decidi abri-lo, com lágrimas nos olhos, descobri que se tratava de uma carta da minha mãe, datada de um dia antes da morte deles.

Oi, sogra.

Como vai? E meu sogro? Por aqui tudo continua do

mesmo jeito. As meninas estão cada dia mais lindas e espertas. A Mel tirou 10 em Redação. Tetê acabou de perder o primeiro dente e está se desenvolvendo rápido demais na escola. Sempre que olho para elas, é inevitável não pensar em como estão crescendo rápido.

As coisas entre mim e o Paulo continuam da mesma maneira. Ele continua chegando tarde e tudo aquilo que a senhora já sabe. E quando chega, vem com aquele mesmo perfume enjoativo infestando toda casa. Tento a todo custo engolir, não brigar na frente das meninas, mas às vezes ele está tão bêbado, já chega à procura de briga e eu não consigo evitar.

A Melissa não é boba, a senhora sabe como ela é, está bem crescida e já sacou que está acontecendo alguma coisa. Hoje mesmo veio falar comigo, me perguntar o que realmente estava acontecendo, se nós dois iríamos nos separar. E para minha vergonha, me disse que eu não merecia continuar sofrendo como estava, porque eu era uma mulher linda e que se fosse para ficar feliz, que me separasse.

Imagina como me senti, Dona Laura? A pior das

criaturas! Senti-me envergonhada, humilhada, arrasada, porque até mesmo minha filha de 13 anos estava vendo não apenas que meu casamento estava desmoronando, mas que eu estava me acabando em insistir nessa relação fadada ao fracasso.

E é exatamente por causa disso que estou lhe escrevendo, sogra. Sei que prometi a senhora que faria seu filho feliz, prometi até mesmo a Deus que estaria até os últimos dias da minha vida ao lado dele, mas apenas não posso mais. Não posso mais fazer isso com nossas filhas e muito menos comigo.

Paulo já me fez muito feliz. Desde que me apaixonei pelo seu filho acreditava que passaríamos a vida toda juntos, me casei e passei nossos primeiros anos acreditando nisso. Mas hoje não acho mais. Na verdade eu tenho certeza que a nossa felicidade se dará longe um do outro. Que o melhor mesmo é que sejamos apenas pai e mãe das meninas.

Já falei com alguns parentes e amanhã mesmo vou embora para aí, iremos morar com eles. Estou mal por saber que minhas filhas terão que se readaptar não

apenas com as mudanças da escola e etc., mas principalmente por não ter mais a companhia constante do pai, espero que com o caminho livre ele possa fazer o que quer: Levar a pessoa por quem diz estar apaixonado para morar na nossa casa.

Sei que muitas pessoas me julgarão por sair sem exigir nada, sem lutar pelo meu casamento. Mas cansei. Não tenho mais forças. O que me importa é que terei minhas filhas ao meu lado. Não quero mais nada, apenas sossego e que esse peso em minhas costas e a dor em meu peito se esvaia.

Desculpe-me por desabafar e colocar o peso sobre a senhora, mas apenas queria ser honesta e dizer-lhe antes que tudo aconteça, porque sempre a amei e respeitei demais. Tenho a senhora como uma mãe para mim e senti que lhe devia essa explicação.

Agora preciso ir. Seu outro filho já está de partida, e preciso entregar-lhe a carta para que leve para a senhora, afinal se eu fosse colocá-la no correio, ela com certeza chegaria muito depois que nós já estivéssemos aí.

Então, se Deus quiser, nos vemos amanhã!

Obrigada pela força que tem me dado e de antemão por tudo que ainda virá.

Amamos vocês.

Rosa Maria Brandão Oliveira.

Meu peito doía enquanto eu lia e relia aquela carta, sem conseguir acreditar no que tinha escrito ali. Quando me dei conta de que aquilo era verdade, comecei a entrar em pânico.

Não! Não podia ser!

Comecei a andar de um lado para o outro, desesperada, sem saber o que pensar, como agir de agora em diante. Abri todas as caixas que continham as lembranças da nossa família e não encontrei mais nada que abonasse a fidelidade do meu pai e muito menos que desmentisse que éramos uma família perfeita antes deles morrerem, como passei a vida toda acreditando que fôssemos. Era como se fosse um pesadelo.

Melissa sabia disso e nunca me contou. Havia

escondido de mim tudo isso. Agora eu entendia porque toda sua implicância sobre relacionamentos e principalmente homens. Nosso próprio pai havia feito nossa mãe sofrer. Que ela estava inclusive o deixando e nos levando embora. Sabia que Mel não havia me contado porque provavelmente queria me poupar, mas eu havia crescido, merecia saber toda verdade.

Tentei ligar para Micah e seu celular estava na caixa de mensagem. Guardei todas as caixas e saí em disparada à procura da única pessoa que poderia fazer com que eu me sentisse bem novamente. Totalmente perdida e confusa, peguei o metrô e segui para a escola. Eu estava atrasada para primeira aula e não poderia entrar na sala antes que soasse o sinal, então achei por bem ir até o banheiro e lavar o rosto, antes de entrar lá.

Entrei no banheiro e dei de cara com Gisele, uma novata do segundo ano. Ela estava lavando sua mão na pia e quando me viu pareceu um pouco sem jeito, mas não me importei porque minha aparência não deveria ser das melhores. Ela era uma menina bonita com o cabelo loiro, olhos verdes e pelo que soube, seu pai era dono de uma

grande construtora. Ou seja, diferente de mim, era rica como quase todos que estudavam ali.

Tentei sorrir amigavelmente quando me aproximei, mas ela me deu um sorriso triste em troca.

— Oi. — Ela disse.

— Oi. — Respondi, não querendo conversar.

— Você é Hortênsia, não é? — Perguntou e assenti.

— Sim. O seu é Gisele, certo?

— Exatamente. Mas pode me chamar de Gisa. — Sorriu amigavelmente me fazendo sorrir de volta e decidir que gostava dela.

— Desculpe a intromissão, mas você está bem? — Perguntou, parecendo realmente preocupada.

Pensei em dizer que estava, mas o que adiantaria mentir, eu estava fragilizada demais para dizer ao contrário. Então lhe respondi com a cabeça em negativa.

— Foi por causa do que houve com Micah? — Perguntou.

— O que? O que houve com Micah? — Perguntei, preocupada, e ela pareceu surpresa com a minha resposta.

— Você não sabia? — Neguei e ela suspirou. —

Droga! Eu e a porcaria da minha boca!

— O que houve, Gisa? Por favor, me fale. — Insisti.

— Eu não deveria estar me metendo. Não é meu problema, mas quando vi você aí, parecendo estar sofrendo por algo, achei que fosse por causa dele. Hortênsia, não vou enrolar, irei direto ao assunto, porque não acho que você vá demorar a descobrir. Toda escola já está sabendo e comentando. Você não sabe o que houve ontem com ele?

Balancei minha cabeça. Ontem antes do término da aula eu havia ido para casa mais cedo, porque estava naqueles dias e quando isso acontecia, eu ficava com uma cólica absurda. Não deixei que Micah perdesse o restante das aulas, embora ele não parecesse feliz com a minha escolha, e peguei um metrô para ir para casa. O remédio para cólicas me deixava sonolenta, então acabei dormindo o restante do dia. Apenas troquei mensagem com ele pela manhã.

Agora que ela estava falando, tinha um mau pressentimento sobre onde isso iria dar e já não sabia realmente se queria saber.

— Ontem no final da aula Micah foi encontrado no banheiro dos meninos se pegando com a Daiane Mourão. Sinto muito. — Comentou, parecendo sentida.

Ela terminou de falar e eu só fiquei ali, parada... Atordoada. Era como se o tempo tivesse parado naquele momento e eu tivesse vivendo um pesadelo que não acabava. Eu não podia acreditar.

Não, isso não podia ser verdade! Não podia estar acontecendo!

Micah havia passado os últimos três anos tentando chamar a minha atenção. Eu sempre gostei dele, mas para mim ele me via apenas como um troféu ou algo do tipo. A menina pobre e bolsista que veio do interior e parecia inacessível. Então depois de tanto tempo, resolvi lhe dar uma chance porque eu pensei que ele era diferente.

Oh meu Deus!

— Lamento por isso, Hortênsia. Eu não queria vê-la magoada. Tenho que ir, porque tenho prova agora. Espero que você fique bem.

Limpei as lágrimas que nem sabia que estava derramando e respondi com um aceno fraco. Meu peito

doía, mas ainda assim tentei clarear meus pensamentos. Olhei para ela e agradeci:

— Obrigada por me dizer, eu agradeço isso. Não se preocupe, vou ficar bem. — Tentei sorrir para ela que suspirou e ainda parecendo preocupada, se despediu.

Olhei-me no espelho novamente e quando fiz isso, tentei engolir o bolo que estava em minha garganta. Lavei o rosto e tentei ficar composta antes de me virar e sair do banheiro. Enquanto andava pelo corredor da escola, dei de cara com Micah que provavelmente tinha lido a mensagem que mandei a caminho daqui, lhe dizendo para vir me encontrar.

Quando me viu, ele teve a coragem de sorrir e alguma coisa em meu rosto deve ter denunciado algo porque seu sorriso se desfez em um segundo. Andei até ele e dei o meu melhor para não desmoronar enquanto fazia isso.

— O que houve? — Perguntou preocupado e eu quase acreditei que estivesse mesmo.

Eu tirei coragem de algum lugar profundo e perguntei de uma só vez:

— Você estava com a Daiane no banheiro?

O olhar atordoado em seu rosto e sua falta de palavras me disse exatamente o que eu já sabia. Meu corpo começou a tremer de novo e senti as lágrimas ameaçarem voltar.

Não! Eu não iria mais chorar por ele!

Eu dei as costas para ele e me pus a correr em direção à saída. Não sabia para onde iria, apenas queria me ver longe dele. Daqui. De tudo. Eu mal conseguia respirar. Precisava sair de lá e rápido. Precisava ficar longe.

Não parei de correr, nem mesmo quando o ouvi chamando por mim:

— Amor, por favor. Me deixa explicar! Não é nada disso que você está pensando! Eu juro! — Ele continuou gritando, mas eu apenas apertei ainda mais o passo.

Sério? Ele realmente achava que eu cairia nessa?

Assim que saí pela portaria, havia um táxi chegando e coloquei a mão para que ele parasse e rapidamente entrei. Olhei para trás e vi Micah no meio da rua, parecendo desolado. Meus soluços voltaram e eu tentei me acalmar um pouco.

Eu não posso respirar... OH MEU DEUS! Por quê?

— Rodoviária. — Pedi, assim que o taxista acelerou. Eu precisava ir para longe daqui.

“Pimenta no cu dos outros é refresco!”



DESASTRADA ERA MEU CODINOME. Todos os tipos de desastres, acidentes com dedinhos de pé, quinas de mesa, micos e etc., sempre aconteciam comigo. Partir a alça da bolsa. Quebrar salto do sapato. Sujar ou molhar a roupa no meio da rua

também. Pegar uma chuva ou cair em uma poça de lama no caminho idem. Mas como sempre, parecia que eu conseguia a incrível façanha de bater meus próprios recordes e me superar. E hoje pelo visto, era um dia desses.

Sexta-feira depois do almoço, tive que descer para o RH da empresa. O RH ficava no mezanino do prédio e tinha algumas coisas a tratar. Até aí tudo bem, né? Depois de resolver o que precisava, tinha que voltar para minha sala. Mas como? Eu, como sempre, esqueci de trazer o cartão da porta de saída e entrada no prédio, então aproveitei que uma pessoa estava saindo e entrei.

Apertei o botão do elevador e felizmente ele não demorou a chegar. Enquanto eu entrava no elevador, meu celular escorregou e caiu se espatifando no corredor, o que fez com que eu tivesse que dar um passo para fora do elevador para pegá-lo.

Comecei a rezar para todos os santos para que meu bebê voltasse a funcionar depois do duplo twist carpado que ele deu.

Deus! Que ele esteja bem! Que ele esteja bem e vivo! Por favor!

Já se sabe que não sou uma pessoa com hábitos saudáveis e que atividades físicas, nem pensar, então quando me abaixei para pegá-lo, minha coluna doeu, o que me fez tombar para trás. Foi exatamente nessa hora que as portas do elevador voltaram a se fechar e por causa disso minha saia acabou ficando presa na porta fechada.

O que aconteceu a seguir, parecia uma cena bizarra de filme de comédia americana e eu com certeza teria rido se fosse com qualquer outra pessoa e não comigo.

Claro que sim! Afinal, pimenta no cu dos outros é refresco!

Minha saia simplesmente rasgou inteirinha e como se isso não fosse o bastante, foi toda levada pelo elevador, restando apenas o cós, como se fosse o cinto.

Meu pai amado!

Como desgraça pouca é bobagem e estar de

calcinha no meio da rua fosse algo normal, no final de semana eu tinha ficado com preguiça e não lavei minhas roupas e nem mesmo minhas calcinhas. Exatamente por causa disso estava usando uma daquelas calçolas de algodão, que havia roubado da gaveta de fofocas da minha avó e tinha quase certeza que ainda tinha um furo no meio da bunda.

Puta merda! O mico estava completo!

Mas eu não devia ter comemorado isso antes do tempo. Afinal, eu era Melissa. Um imã de desastre. Logo o portão de acesso apitou, avisando que algum funcionário do prédio estava entrando e eu não sabia o que fazer. Minhas mãos não cobriam minha calcinha, que era maior do que minha bunda e justamente naquele dia, resolvi não usar um maldito terninho que poderia me ajudar a cobrir-me de alguma maneira.

Não sabia se era pior ficar com os peitos ou a calcinha sexagenária de fora. Tentei me lembrar do que vestia como sutiã e decidi que preferia deixar a blusa onde estava.

Meu Deus! Há quanto tempo não lavo minhas roupas?

Tinha que me acostumar que a partir de hoje eu seria conhecida no prédio da Editora como "a mulher das calçolas da Vovó!" Mas aí qual minha surpresa quando a pessoa que estava entrando no prédio era ninguém menos do que Matteo?

Sim, Jesus! Eu devo ter Te ignorado e jogado pedra em Maria Madalena para merecer isso!

— Melissa? O que está acontecendo? — Ele perguntou assim que se deparou com a cena.

Santa mãe! O que eu diria?

— É que—que-que eu e-e-estava... — Gaguejei e simplesmente não conseguia mais falar.

Eu devo ter feito uma cara muito assustada ou muito feia, porque malmente consegui acreditar no que ele disse a seguir:

— Puta merda! Te assaltaram? Tentaram te estuprar? Filho da puta! Eu vou matar! — Bradou, completamente fora de si.

O que?

— Na-na-ão!

Mas eu acho que minha resposta não foi ouvida ou não sei se eu realmente falei. Matteo tirou seu paletó e enrolou em minha cintura, o que pelo menos me deixou coberta e fiquei aliviada em não estar mais tão exposta. Eu tentei explicar, juro que tentei, mas ele simplesmente não me escutava e me abraçou, enquanto fazia "Shhhhhii", como se tentasse me acalmar.

Como eu já estava vulnerável, afinal, não era todo dia que a gente ficava de calçola na rua, acabei me vendo soluçando, triste, por ser vítima do meu próprio desastre. Não disse mais nada. Conformei-me em estar em seus braços.

#

Não sei em que momento apaguei. Só sei que em um instante estava de calçola na rua e agora acordava em uma cama não tão desconhecida assim, a cama de Matteo.

A luz brilhante do Sol se infiltrava através das persianas, iluminando seu quarto escuro. Me espreguicei

nos lençóis de algodão macio e suave, e percebi que vestia uma grande camisa de Matt. Um barulho veio através da porta do quarto aberta e eu congelei. Ouvi vozes vindo do andar inferior e achei que talvez fosse melhor descer.

Fui ao banheiro rapidinho e enquanto descia sua luxuosa escada de vidro, pude ouvir claramente a voz inflamada de Matteo gritar:

— Já disse que não vou acordá-la! Ela estava péssima! Vamos aguardar a merda das gravações das câmeras de segurança e aí sim teremos respostas!

Ai, Deus! Não! Não!

— Ma...

Emudeci quando olhei para sala e vi que ele não estava sozinho. Não mesmo. Na verdade, o lugar estava repleto de policiais.

O que diabos esse povo todo está fazendo aqui?

— Você acordou? Graças a Deus! — Matteo chegou até mim em apenas alguns passos e colocou a mão sobre meu rosto. — Como está? Se sente melhor? Sente alguma dor? Está machucada? — Me atropelou com perguntas,

enquanto olhava cada pedaço meu, como se quisesse garantir que eu estava realmente inteira.

— Estou bem. — Garanti não tão segura quanto gostaria, sem conseguir deixar de olhar para todos que estavam ali.

O cara que parecia ter a patente maior e provavelmente era a pessoa a qual Matteo falava antes que eu aparecesse, se aproximou com cautela.

— Que bom que a senhora acordou, dona Melissa. Meu nome é Dr. Caio, sou o delegado que vai tomar conta do seu caso. Como eu estava falando com seu namorado, nós precisamos tomar seu depoimento sobre o acontecido.

Que acontecido? Ai, Deus! Como eu ia... Peraí. Ele disse namorado?

— O que? — Perguntei um pouco mais alto do que gostaria, olhando de Matteo para o cara, que aguardava minha resposta.

— Precisamos do seu depoimento, Senhora. Talvez seja necessário que façamos corpo de delito.

Corpo de que? Eu queria saber primeiro de onde ele havia tirado essa história de namorado!

— Não precisa. — Rapidamente falei.

— Senhora, entendo que esteja assustada — *Não. Ele não fazia ideia do quanto eu estava assustada!* — E depois da denúncia, que é o primeiro passo que deve ser tomado, indicamos para as vítimas que procurem acompanhamento psicológico, para amenizar o trauma sofrido.

Meu Deus! Que trauma além desse de saber que estava "namorando" com um cara comprometido?

— Moço, sinto muito, mas meus traumas não têm psicólogo ou psiquiatra que dê jeito. Também não tenho dinheiro para isso não, prefiro continuar doida mesmo! — Falei rapidamente para ele, que me olhava um pouco assustado.

— Mel, você tem que falar sobre o acontecido. — Matteo falou como se quisesse ter cuidado com suas palavras e eu suspirei.

Ótimo. Agora eu teria que explicar para esses policiais que vieram aqui achando que eu havia sido abusada, que na verdade eu era vítima apenas do meu próprio desastre.

Nunca uma visita para uma Mãe de Santo para me livrar desse meu azar me pareceu tão tentadora como agora!

Respirei fundo e com uma vergonha nunca sentida antes, comecei a contar o que realmente havia acontecido. E a reação que recebi não podia ser diferente. Matteo simplesmente explodiu em gargalhadas e eu fiquei puta da vida com sua insensibilidade.

Eu acho que só ficaria mais furiosa do que já estava, se ele começasse a me dar uns amassos agora! Filho da mãe gostoso!

O pior é que ele não era o único que ria. Com exceção do delegado, que tinha sua mandíbula transformada em uma pedra de tão rija, sem um único músculo do corpo sem se contrair, todos os outros policiais acharam minha história muito engraçada.

Que ótimo! Além de virar piada na editora, vou virar piada nesse DP também!

— Então, já que não temos um caso para investigar, acho melhor irmos. — O delegado disse, de forma austera, sem conseguir esconder sua insatisfação.

— Acho que você pode prender o elevador por assédio sexual! — Matteo gracejou, voltando a rir sem controle e tirando risada dos outros policiais que estavam ali.

Vontade de mandar esse filho da puta lá para puta que pariu e quando voltar, juro que mandarei esse desgraçado ser gostoso na minha cama só de raiva!

Mas então meus pensamentos pervertidos foram interrompidos pela porta do apartamento que foi aberta de forma abrupta. Achei que pudesse ser a *Rakítica,* mas por ela passou um Micah muito ofegante.

— Graças a Deus vocês estão aqui! Estou tentando ligar há horas! — Falou com a voz entrecortada.

Estava surpresa, mas comecei a sentir um aperto incômodo em meu peito. Um aperto que me deixou sem palavras.

— O que houve, Micah? — Matteo perguntou indo até ele preocupado.

— A Hortênsia... — Ele olhou para mim e meu coração foi para a boca quando falou o nome da minha irmã e com pesar continuou: — Ela sumiu.

“No amor e na guerra, vale tudo, não é mesmo?!”



É ENGRAÇADO COMO A VIDA É. Em um segundo achamos que queremos uma coisa, mas em um piscar de olhos nossas exatidões simplesmente mudam. Há poucos dias eu havia reencontrado minha ex-namorada e por causa desse encontro havia decidido reconquistá-la. Mas

então eu não sabia o que viria logo depois.

Melissa era uma mulher sem precedentes. Nunca havia conhecido alguém sequer parecida com ela. Ela realmente era única. Inteligente, sagaz, sarcástica, linda, gostosa, o tipo certo de mulher que eu precisava ter ao meu lado. E eu já tive, mas cometi a burrada de perdê-la. Mas quando a reencontrei prometi que não faria isso uma outra vez.

Na primeira vez que a vi depois de dois anos, ela havia fingido que não me reconhecia, mas não me importei. Melissa estava mais linda do que eu me lembrava. Sua recusa e o fato de não conseguir falar com ela no decorrer dos dias, apenas intensificou o meu desejo de recomeçar de onde havíamos parado e dessa vez sem mais pausas ou interrupções.

Só que alguns dias depois desse primeiro reencontro, eu não apenas a encontrei mais uma vez casualmente, como também descobri que o filho da puta do meu melhor amigo estava pegando ela.

Porra! Logo ela?

Fiquei fora de mim com essa constatação. Nós dois tínhamos feito um pacto há muitos anos. Nesse pacto, nós

nunca, em hipótese alguma, pegaríamos a mulher ou ex do outro. Eu poderia ser um cachorro e até mesmo um pouco escroto em muitos sentidos, mas nunca cheguei nem mesmo perto de pegar alguém que já havia passado na cama do meu amigo. Mas Matteo malmente havia retornado ao Brasil e o que havia feito: Pegado a única mulher que eu me importava que ele ficasse, a Melissa.

Porra! Fiquei muito puto. Não apenas porque ele havia descumprido nosso pacto, mesmo sem saber quem era ela, mas principalmente porque ele já estava tão envolvido com a Melissa que eu tinha certeza de que ele continuaria a quebrar a única promessa de amizade que nós fizemos na nossa longa amizade.

Saí do seu escritório decidido a lutar pela Melissa e se para ficar com ela eu precisasse entrar em guerra com meu melhor amigo, era exatamente isso que eu faria.

Melissa não era o tipo de mulher que gostava de flores. Mas para que eu pudesse reconquistá-la, primeiramente precisava chamar sua atenção, nem que fosse para ela vir gritar comigo por encher seu escritório delas. E era exatamente por isso que ordenei que

entregassem um buquê a cada hora para ela.

Quando cheguei ao elevador, já comecei a colocar a minha segunda parte do plano em prática. Liguei para Raka, a cadela da ex-namorada de Matteo e menti para ela dizendo que meu amigo estava com saudades suas e consegui convencê-la a vir atrás dele.

Entenda, Raka era uma cadela, mas era uma mulher linda e era a distração perfeita que eu precisava para que Matteo esquecesse a Mel e deixasse meu caminho livre.

Sim. No amor e na guerra, vale tudo, não é mesmo?!

Estava acostumado a ganhar. Já me sentia até mesmo vitorioso. Tinha certeza de que conseguiria reconquistar a Mel. Mas então não esperava que um novo reencontro fizesse com que eu esquecesse qualquer plano sobre essa "guerra" com meu melhor amigo e que logo me pareceu tão sem sentido.

Minha família tinha uma das empresas mais tradicionais no mercado de bebidas. Há alguns anos, a Indústria de Bebidas Grimaldi, passou de uma Indústria apenas de Cachaça para uma empresa de bebidas com outros produtos no seu Portfólio. Levávamos para o Brasil

e o para o mundo o sabor da autêntica bebida brasileira, além de vodkas, cachaças envelhecidas em barris de Carvalho, ice e energéticos. E hoje a Grimaldi estava posicionada entre as maiores empresas de bebidas do país.

Tinha orgulho de dizer que eu era um dos responsáveis pelo sucesso dela. Fazia questão de estar por perto de cada detalhe, especialmente quando esse detalhe estamparia a cara da empresa e levaria o nome dela em cada anúncio.

Exatamente por causa disso que eu havia ido aquela tarde acompanhar e ajudar a nossa equipe de marketing a selecionar as candidatas com o perfil ideal para tal coisa. No momento em que ela entrou para seu teste, meu coração disparou e minha barriga se retorceu. Enquanto eu olhava para ela dando o seu melhor, soube naquele mesmo instante: Ela seria a nova cara das Indústrias Grimaldi e mais, era a mulher que eu queria na minha cama!

Só tinha um único problema nisso tudo: ela me odiava. Sempre me odiou. Principalmente depois de ter traído sua melhor amiga. Eu poderia começar a lhes contar como

começou o meu drama mexicano, mas não vou dizer por quê, pois essa é uma história para outro momento. Mas adianto uma coisa sobre a minha história com a Kamila:

Eu.

Estava.

Fodido.

“Tão sutil quanto uma granada! ”



— COMO ASSIM MINHA IRMÃ SUMIU?! O que aconteceu?! — A Mel gritou desesperada.

A cor sumiu do seu rosto e eu tive que segurá-la, ela praticamente desmoronou com a notícia. Tivemos que esperá-la se acalmar para que meu irmão

começasse a nos contar o que havia acontecido.

Quando Micah começou a falar, eu tive que segurar meu furacão, ela ameaçou matar o meu irmão quando ele disse que de alguma maneira Hortênsia ficou sabendo que uma menina havia invadido o vestiário masculino e tentou agarrá-lo.

Micah havia me dito isso na noite passada. Os dois foram flagrados e acabaram na diretoria por causa disso, mas meu irmão havia sido inocentado porque a área social do banheiro havia câmeras de segurança. Ainda assim a fofoca se espalhou. Ele havia me dito que diria tudo para a namorada pessoalmente, pois não queria falar nada por telefone.

Obviamente a fofoca havia sido mais rápida e a história chegou distorcida nos ouvidos da Hortênsia, que nem ao menos deu a chance do meu irmão se defender. Ela simplesmente correu dele e entrou em um táxi que passava na rua e sumiu.

Meu irmão havia ligado, procurado ela durante todo o dia e tinha tentado entrar em contato conosco para nos avisar sobre o que estava acontecendo, mas

não havia conseguido falar.

— De manhã quando acordou, ela me mandou uma mensagem me dizendo que ainda não estava boa da cólica e que por isso não ia para escola. Quando foi um pouco mais tarde, me mandou uma mensagem avisando que estava chegando, que precisava falar comigo e foi quando tudo aconteceu. — Terminou de nos explicar.

— Então ela mentiu para mim dizendo que estava indo para a escola? — Mel perguntou ainda chocada com tudo e ele assentiu. — Se ela não foi para escola, para onde ela foi então? — Se perguntou em voz alta e nenhum de nós soube responder também.

Tinha algo que parecia não se encaixar nessa história. O pouco que eu conhecia sobre Hortênsia, sabia que ela era uma menina muito responsável e certinha demais. Sumir não era do seu feitio. Tudo bem que ela podia estar chateada com Micah, mas eu não acho que Hortênsia deixaria sua irmã preocupada por causa de uma briga com o namorado.

— Ela continua sem atender o celular! — Mel disse,

depois de tentar ligar para ela pela milionésima vez.

— Tem certeza de que ela não está em casa? — O delegado que ainda continuava ali perguntou.

— Sim. Depois que saí da escola, fui direto para lá porque achei que era para onde ela iria. Fiquei esperando por lá durante horas. O porteiro me confirmou que ela não havia voltado. Deixei com ele meu número de telefone para que me ligasse caso ela aparecesse. — Micah explicou.

— Não podemos registrar uma queixa com menos de 24h de desaparecimento. — O delegado disse, deixando Mel ainda mais transtornada.

— Como não? Minha irmã sumiu! Vocês não vão fazer nada, seus preguiçosos?! — Gritou a pergunta e eu tentei segurá-la.

— Sr. Matteo, sei que sua namorada está nervosa, mas sugiro que a mantenha calma, caso contrário a prenderei por desacato. — Ele avisou sério e eu puxei-a contra mim.

Quando achei que Melissa havia sofrido algum abuso de alguma maneira, chamei a polícia, quando

eles chegaram perguntando o que eu era dela, falei que era namorado e até agora não entendo realmente por que. Foi apenas automático. Mas confesso, ouvir isso da boca de outra pessoa foi bom.

O que? Não é crime, é?

— Calma, Mel. Sei que está preocupada, mas você presa não vai ajudar em nada. — Ela bufou. — Prometo a você que vamos encontrá-la. — Garanti e beijei sua testa, apertando-a contra mim e ela pareceu relaxar um pouco.

— Vou buscar mais um copo de água para ela. — Silvana, minha empregada que estava sendo tão atenciosa desde que cheguei com Mel desacordada, falou e logo saiu para fazer o que disse.

— Mais água não. Preciso de algo forte. — Melissa gritou de volta, parecendo cansada e Sil olhou para mim a espera de aprovação e eu assenti em resposta para que ela providenciasse.

— Não podemos mesmo fazer nada por enquanto, Doutor? — Insisti e o delegado negou.

— Infelizmente não. Por enquanto sugiro que se

certifiquem de que todas as possibilidades onde a garota pode estar sejam descartadas. Primeiro *ten*tar rastrear os últimos passos dela. Rede social, amigos, grupos, celular, na escola, no trabalho, etc. Depois, se vocês possuem familiares que residam em outras localidades, tentem entrar em contato com os mesmos, pois muitos desaparecidos costumam se refugiar em casas de amigos ou parentes que moram em outras localidades. E por último, conversem com as últimas pessoas que tiveram contato com ela para avaliar a sua situação psicológica e emocional, tentando obter uma possível indicação do motivo e/ou destino da mesma. — Explicou, enquanto Sil retornava com uma dose de uísque para Mel, que bebeu em um único gole.

— Mais. — A Mel pediu e Sil me olhou esperando autorização e eu neguei.

Tava bom de loucura já! O que eu não precisava nesse momento era desse furacão ainda mais descontrolado!

— Não há mais nada que possamos fazer? — Perguntei frustrado também.

— Me passem uma foto dela atual, que de qualquer maneira ficarei de sobre aviso e qualquer coisa lhes comunico. — Assenti e Micah se adiantou até ele.

— Te passo uma foto dela.

— Eu vou embora. — Mel falou desvencilhando-se dos meus braços. — Não vou ficar aqui parada esperando a Hortênsia aparecer. Vou atrás dela. — Disse, parecendo completamente arrasada.

— Vou com você. — Falei sem hesitar.

— Eu também. — Micah completou.

#

O apartamento em que Melissa e Hortênsia moravam ficava em um prédio de classe média em um bairro um pouco distante do meu. O lugar era pequeno, mas acolhedor e organizado, diferente do que imaginei que seria a casa que Melissa morava. As paredes brancas com quadros coloridos combinavam com os móveis simples da mesma cor.

Um grande sofá escuro dividia a área de jantar e estar, onde era possível ver uma cozinha americana com

armários amarelos e eletrodomésticos um pouco surrados. Era um contraste enorme com minha imensa cobertura, com móveis escuros, modernos e eletrodomésticos de última geração, mas ainda assim achei o lugar fofo e confortável.

A caminho daqui Melissa havia ligado para seus avós e descobriu que Hortência não estava lá. Mesmo não querendo, ela teve que contar o que estava acontecendo para sua avó, que obviamente ficou louca de preocupação.

E agora estávamos aqui. Melissa estava em seu quarto atrás de algo que pudesse dar alguma pista de onde sua irmã estava, enquanto Micah fazia o mesmo no quarto da fujona. Como tinha que esperá-los, sentei-me no sofá e observei a pilha de DVD's bagunçados e fiquei intrigado. Haviam apenas títulos de filme de terror, o que era estranho, afinal estava em uma casa onde moravam apenas três mulheres.

O que era isso? Isso era tipo um fetiche macabro?

— Ela não está no quarto? — Perguntei quando Melissa voltava para sala com uma aparência cansada e frustrada.

— Não. Nem um sinal dela. — Falou, antes de se jogar ao meu lado no sofá e instintivamente a puxei contra mim, a fim de confortá-la.

— Vamos encontrá-la. — garanti, beijando sua testa e ela se agarrou a mim.

Mel então olhou para mim com aqueles belos olhos.

Porra! Era difícil até mesmo respirar quando ela olhava para mim!

— Mel. — Micah chamou aparecendo no corredor. — Não sei se vai ajudar, mas eu encontrei isso. — Falou, trazendo consigo um envelope nas mãos.

Melissa deu um pulo do sofá e seus olhos arregalaram quando ela percebeu o que ele segurava.

— Onde você encontrou isso? — Perguntou, visivelmente assustada.

— No quarto da Hortênsia. — Ele respondeu ainda sem entender sua reação.

— Que dia é hoje? — Ela perguntou como se lembrasse de algo.

— 22 de junho. — Respondi.

— Ai meu Deus! Como eu pude esquecer? —

Perguntou para si mesma com os olhos fechados e a mão no rosto como se estivesse sofrendo.

— O que houve, Mel? — Perguntei, me aproximando dela.

— Eu sei aonde ela foi. — Respondeu, ainda sem abrir os olhos.

— Para onde? — Micah perguntou ansioso.

— Para nossa cidade. — Respondeu com pesar antes de completar: — Hoje é dia do aniversário de falecimento dos nossos pais. Hortênsia descobriu a verdade sobre a morte deles.

Porra! O que será que havia acontecido com eles para deixar a Hortênsia assim?

#

Melissa não explicou muito sobre o que a morte dos pais tinha a ver com o sumiço da irmã. Ela apenas repetiu o que eu já sabia, que depois da morte dos pais, havia sido criada pelos avós. Eu respeitei isso, afinal, era a história delas, não podia obrigá-la a me contar nada, especialmente quando ela parecia estar sofrendo tanto.

Eu também sabia que pelo seu estado e o do meu irmão, não os deixaria sozinhos e exatamente por isso não pensei duas vezes antes de acompanhá-los quando Melissa disse que estava indo até lá.

Melissa rapidamente fez uma pequena mala com roupas para ela e para a irmã. Voltamos para minha casa, onde eu e Micah arrumamos nossas coisas para enfim seguirmos viagem de carro para a cidade natal delas, Valencia, que ficava a cerca de quatro horas de viagem.

Eu não sabia explicar o que sentia por Melissa. Tinha essa vontade louca de tê-la comigo, de estar perto. Eu já havia me envolvido com muitas mulheres, muitas mesmo, devo ressaltar, mas nenhuma delas jamais me afetou ou mexeu comigo da maneira que Mel fazia. Sequer chegava perto.

Só o fato de estar ao seu lado já me trazia um sentimento que não sabia explicar. E tinha essa química louca e inexplicável entre nós. Sério. Era absurda. Bastava que nossos corpos se tocassem ligeiramente, que olha, lá estava eu arrepiado e com uma bela ereção.

Sim. Eu também estava surpreso!

Nessa última semana o que eu mais tenho pensado é sobre essa *coisa* que nós temos. Estava preocupado com ela, mas confesso que gostei da ideia de viajarmos, quem sabe quando acharmos a Hortência e as coisas tiverem mais calmas, aproveitar a distância da cidade e possamos conversar sobre nós.

Melissa estava nervosa, o que era compreensível, mas felizmente um pouco depois que pegamos a estrada, sua vó ligou para avisar que Hortênsia havia telefonado para dizer que estava a caminho de lá como Mel suspeitara desde o início.

— Viu? Ela está bem. — Eu disse apertando sua perna e sorri para ela em uma tentativa de distraí-la, com meus olhos indo e voltando da estrada para ela.

— Nem acredito que a Hortênsia fez isso! Deus, quando eu pegar essa menina! — Rosnou, visivelmente irritada e eu ri, seu olhar voltou sério para mim. — Estava tão nervosa, que nem mesmo tive tempo de te perguntar: A *Rakítica* não vai achar ruim o fato de você viajar assim? — Perguntou, mudando de assunto rapidamente.

Ai, Deus! Do que ela chamou a Raka?

— Rakítica? — Perguntei, sem conseguir deixar de rir e ela revirou os olhos.

— Sim. A magrela e cumprida da sua noiva. — Falou de forma ácida e eu fechei a cara na mesma hora.

Ainda estava muito puto com essa história. Nem acreditei quando a Raka disse aquilo. Nós não tínhamos nada há meses e ainda assim nunca sequer havia chegado perto de tê-la como noiva. Raka era uma cadela quando queria e muitas atitudes suas costumavam me irritar.

Embora eu tivesse ficado chateado e com o orgulho ferido após nosso término, quando olho para trás realmente não sei porque nós havíamos ficado tanto tempo juntos. Raka era uma mulher linda, mas além de se achar além da conta, tinha um ciúme chato e umas atitudes infantis que me irritavam profundamente. Mas como eu passava a maior parte do meu tempo trabalhando, apenas ignorava tudo porque era cômodo para mim ter uma namorada.

Prova disso é que bastou que eu a pressionasse para que ela me dissesse que havia dito aquilo propositalmente, pois havia visto meu beijo com Melissa.

Mas não foi apenas isso que me revelou. Primeiro foi que a ideia de terminar comigo me dizendo que havia sido uma dica da Mel, era para tentar de alguma maneira me pressionar a tomar iniciativa em pedi-la em casamento. O que, óbvio, saiu pela culatra.

Além disso, Raka ainda me disse que quem a havia incentivado a vir atrás de mim fora o meu querido melhor amigo. O cara de pau do Bernardo foi tão baixo nessa "guerra", que a procurou e mentiu lhe dizendo que eu sentia sua falta, mas que era orgulhoso demais para dar o braço a torcer.

Que raiva que me deu daquele filho puta!

Sério. Minha vontade foi de socá-lo. Ele fez questão de não falar comigo no casamento do meu pai, mas depois que a Raka me disse isso, fui tirar satisfação e ele apenas me ignorou.

Embora eu quisesse ser sincero com a Melissa sobre esse assunto, não falaria para ela que em parte a volta de Raka havia sido ideia de Bernardo. Porque lhe dizer isso apenas lhe daria munição não apenas para odiar mais seu ex-namorado, como também para que usasse essa

“complicação” para se manter longe de mim.

— Raka não é e nem nunca foi minha noiva. Na verdade, nós não temos nada há muito tempo. Ela já voltou para Londres. — Finalmente falei, meus olhos continuaram indo e voltando para ela.

— Então por que...

Eu cortei a pergunta que ela faria:

— Raka é uma cadela quando quer. Ela terminou comigo há alguns meses, depois de ouvir um conselho. — Comecei a explicar, enquanto ela olhava para mim sem entender: — O conselho foi: *Não tá bom!? Então #DesaPega, menina!* — Expliquei, repetindo o seu bordão que já era tão famoso e Melissa me olhou chocada.

— Eu não sabia. — Ela disse chocada e eu ri baixinho.

— Claro que não sabia. Admito que por meses te odiei. Afinal ela foi a única mulher que havia me dado um fora e para mim era por sua causa. — Olhei para a estrada e voltei a olhar para ela para completar: — Raka só estava aqui para perturbar meu juízo, achou que nós

voltaríamos. Mas nós não tivemos nada. Micah está de prova. — Garanti apontando para onde meu irmão estava sentado no banco traseiro, usando um *headfone*, completamente alheio a nossa conversa.

Ainda assim o filho da mãe respondeu fingindo não ouvir nossa conversa:

— Estou mesmo. — Continuou a fazer cara de quem não está nem aí para nós e eu ri baixinho.

— Você não me deve explicações, Matteo. — Mel enrubesceu e logo engoliu em seco quando completou: — Nós não temos nada.

Ai! Essa doeu!

— Sei que não, mas eu queria te dizer isso. Afinal, se quero ficar com você, tenho que ser sincero. Sinceridade é uma das coisas que você diz serem fundamental em um relacionamento, não? — Perguntei baixinho apenas para que ela ouvisse e quando vi seu olhar surpreso, expliquei: — Sim, eu leio sua coluna. *Sinceridade* foi o tema do seu blog nessa semana. — Sorri, deixando-a ainda mais chocada.

Seus lindos olhos cor de mel estavam arregalados.

Melissa tinha os olhos mais lindos e sinceros que eu já vi. E nesse momento eu via o quanto ela estava não apenas confusa ou surpresa, ela estava amedrontada.

Ela olhava para mim de uma forma que nunca tinha feito antes e seu rosto lindo havia ganhado uma nova tonalidade. Minha respiração ficou presa na minha garganta enquanto seus olhos seguraram os meus pelo que pareceu uma eternidade, apenas desviei para que pudesse olhar para estrada e foi quando ela finalmente falou:

— Eu adoro essa música.

Foi nítida para mim sua intenção em desviar dessa conversa e enquanto falava, aumentava o som e começava a cantar com ímpeto:

"Seu amor me pegou
Cê bateu tão forte com o teu amor
Nocauteou, me tonteou
Veio à tona, fui à lona, foi K.O.

Sempre fui guerreira, mas foi de primeira
Me vi indefesa, coração perdeu a luta, sim
Adeus bebedeira, vida de solteira, quero sexta-feira
Estar contigo na minha cama, juntos, coladin

Me beija a noite inteira, sexy na banheira
Vou te dar canseira, quero do início até o fim
E fixa o olhar, fico a te olhar
Vou te falar, fui à lona com o seu

Seu amor me pegou
Cê bateu tão forte com o teu amor
Nocauteou, me tonteou
Veio à tona, fui à lona, foi K.O."

Só digo uma coisa, Pabllo Vittar jamais chegará aos pés da interpretação de Melissa, que parecia ter engolido a Elza Soares e o Tiririca. O pior é que enquanto ela cantava, é como se ela tivesse entendendo a letra pela primeira vez e simplesmente me veio com essa:

— Enjoei dela. — Disse simplesmente antes de mudar para a próxima rádio.

— Sei. — Falei sem conseguir esconder o sorriso presunçoso que se espalhou instantaneamente no meu rosto.

Mel achava que me enganava. Mas não, ela era tão sutil quanto uma granada!

Eu sabia exatamente porque ela havia feito isso e não

pude deixar de sorrir pelas próximas horas.

“Antes você tinha o controle de sua vida e agora é como se tudo estivesse fora desse controle.”



OLHEI NOVAMENTE PARA O BANCO AO MEU LADO e por alguns segundos fiquei observando Melissa. Ela agora parecia mais confortável, com os pés em cima

do console, olhando pela janela com um sorriso no rosto, enquanto cantava uma música internacional com um inglês tão perfeito quanto o meu japonês. Ou seja, seu inglês era daqueles que possuem uma “linguagem própria" que apenas ela entendia.

“Você muda de ideia
Como uma garota troca de roupa
Sim, você tem TPM como uma vadia
Eu deveria saber
E você sempre pensa
Sempre fala enigmaticamente
Eu devia saber
Que você não era bom para mim

Porque você é quente, depois é frio
Você é sim, depois é não
Você está dentro, depois está fora
Você está por cima, depois por baixo
Você está errado quando está certo
É preto e é branco
Nós brigamos e terminamos
Nós nos beijamos e voltamos

(Você)
Você não quer realmente ficar, não

(Você)
Mas você também não quer ir, oh
Porque você é quente, depois é frio
Você é sim, depois é não
Você está dentro, depois está fora
Você está por cima, depois por baixo

Nós costumávamos ser
Como gêmeos, na mesma sintonia
A mesma energia
Agora a bateria acabou
Costumávamos rir sem motivo
Agora você está sem graça
Eu devia saber
Que você não vai mudar

Porque você é quente, depois é frio
Você é sim, depois é não
Você está dentro, depois está fora
Você está por cima, depois por baixo
Você está errado quando está certo
É preto e é branco
Nós brigamos e terminamos
Nós nos beijamos e voltamos

(Você)
Você não quer realmente ficar, não
(Você)

Mas você também não quer ir, oh
Porque você é quente, depois é frio
Você é sim, depois é não
Você está dentro, depois está fora
Você está por cima, depois por baixo

Alguém chame um médico
Temos um caso de amor bipolar
Estou presa em uma montanha russa
E não consigo descer
Você muda de ideia
Como uma garota troca de roupa

Porque você é quente, depois é frio
Você é sim, depois é não
Você está dentro, depois está fora
Você está por cima, depois por baixo
Você está errado quando está certo
É preto e é branco
Nós brigamos e terminamos
Nós nos beijamos e voltamos"

A impressão que eu tinha, era que quanto mais a gente se aproximava da sua cidade natal, mais feliz Melissa ficava. Parecia até mesmo estar esquecendo-se de toda

tensão que havia se formado diante o sumiço da sua irmã.

— Vou parar para abastecer. — Avisei um pouco antes de encostar o carro no primeiro posto que vi.

No posto de gasolina, Micah saiu direto para a loja de conveniência, onde certamente iria comprar algumas porcarias para comer. Melissa disse que ia ao banheiro e eu saltei do carro para esticar as pernas enquanto esperava minha vez na bomba para que o frentista abastecesse meu carro.

Escorei meus braços em cima do teto do carro enquanto observava a estrada à minha frente. Estava cansado da viagem, mas confesso que estava gostando dessa experiência nova para a gente. Melissa estava claramente fugindo, mas eu não acho que isso vá durar muito. Na verdade, eu não deixarei.

O frentista veio me atender e pedi para que completasse o tanque, afinal ainda tínhamos pelo menos mais uma hora de viagem. Virei-me e ao longe vi que Melissa vinha vindo. E mais do que isso, se não estava enganado, diria que ela estava verificando descaradamente a minha bunda coberta pelo jeans.

Sim. Eu acho que meu Furacão tinha uma fixação pela minha bunda!

Bem. Não posso culpá-la, porque eu também era louco na sua bunda redondinha. Dei-lhe um sorriso e um piscar de olhos e vi mais uma vez o rubor assumir suas bochechas por ter sido pega no flagra.

Tão linda envergonhada! Quem não conhece até pensa que é tímida assim! Que nada!

Logo estávamos de volta à estrada estadual. Enquanto Micah e Melissa se entupiam das porcarias que meu irmão havia comprado, a cada quilômetro que passava eu ficava nervoso de uma forma que nunca me senti antes.

Que porra é essa? Por que eu estava me sentindo assim?

Eu não sabia explicar meu súbito nervosismo. Talvez seja porque eu iria conhecer a família da Mel e de alguma maneira isso estava me fodendo todo.

O que? Isso era novo para mim! Estava no meu direito de me sentir nervoso!

Um pouco antes de chegarmos à Valença, o telefone de Mel tocou novamente e depois de trocar algumas palavras

com a avó, ela desligou o celular tremendo.

— O que aconteceu? — Perguntei vendo seus olhos grandes repletos de lágrimas.

— A vovó disse que a Tetê sofreu um acidente. — Disse, antes de começar a chorar.

Ela não conseguiu dizer mais nada, porque seu choro de desespero não cessou. Micah também ficou louco, pedindo para que eu acelerasse para que fossem até a Hortênsia. Tentei ser racional naquele momento, então pedi a Melissa seu celular e retornei a ligação para a sua vó, me apresentei e ela então me explicou tudo que havia acontecido.

Dona Lena, como ela era chamada, me disse que quando Hortênsia chegou à sua casa, repreendeu a atitude da neta de ter sumido deixando todos preocupados e as duas acabaram discutindo. Então Hortênsia pegou a antiga moto de Melissa para sair e como naquela tarde havia chovido, acabou derrapando e foi levada para o hospital um pouco machucada. Mas que felizmente estava bem.

Tentei acalmar os dois, mas foi em vão. Melissa ainda chorava baixinho e quando chegamos à cidade já era

noite. Ainda um pouco nervosa, ela foi me indicando o caminho para o único hospital da cidade. Nem bem tinha parado o carro e os dois saltaram desesperados para ver a fujona.

Estacionei o carro e só então os encontrei na recepção daquele simples ambiente hospitalar. Mel estava abraçada com uma senhora gorducha, um pouco mais baixa que ela, que eu tinha certeza que era sua vó, principalmente quando belos olhos cor de mel iguais àqueles que eu era apaixonado olharam para mim.

Apaixonado? De onde você tirou isso, Matteo?

— Pode parar de chorar, minha querida. Graças a Deus não foi uma fratura exposta, apenas uma fratura simples. Ela está bem. — Garantiu, tentando acalmar sua neta, que ainda não parara de chorar.

Meu coração se doeu por ela. Coloquei-me em seu lugar e imaginei que também ficaria louco se acontecesse qualquer coisa com meu irmão. Olhei para Micah e vi o quanto estava nervoso, apertei seu ombro e ele olhou para mim e deu um sorriso fraco quando fiz isso.

— Viu? Ela está bem. — Falei e ele assentiu,

parecendo não muito convencido disso.

Foi nesse momento que a avó de Melissa olhou para ele. Ela caminhou até Micah e lhe deu um abraço apertado, antes de cochichar algo em seu ouvido que o fez corar instantaneamente. Micah então soltou uma pequena risada olhando de mim para Melissa.

Meu Deus! É impressão minha ou ela sabia sobre nós?

— Você é ainda mais bonito pessoalmente, Micah querido. Que bom que você veio ver nossa menina. Por favor, me chame de vovó. — Ela falou docemente.

— Obrigado. Eu não podia estar em outro lugar agora... vovó. — Ele disse ainda meio sem jeito.

Ela sorriu parecendo satisfeita e então logo estava olhando diretamente para mim. Minhas mãos começaram a suar de novo e meus joelhos sentiram como se estivessem a ponto de desabar a qualquer momento. Eu podia até mesmo ouvir meu coração batendo em meus ouvidos.

Porra! Por que estou tão nervoso?

Mel e ela eram quase da mesma altura, o que quer dizer que eu era muito mais alto. As duas também

compartilhavam além da mesma cor dos olhos, também o mesmo tom de cabelo castanho, embora a mais velha não parecesse querer esconder os brancos que nasciam. Seu rosto era mais oval do que o da Melissa, e as rugas e marcas do tempo também não pareciam ser algo que ela queria esconder.

— Você deve ser Matteo. — Ela tinha um sorriso enorme no rosto e eu assenti. — Um prazer conhecê-lo, querido. Obrigada por trazê-los em segurança. — Disse, antes de fazer com que eu me abaixasse para receber seu abraço e um pequeno beijo na bochecha. — Pode me chamar de vovó também. Afinal... — Deixou a frase no ar, piscando os olhos para mim como se soubesse de alguma coisa.

Jesus! A velha era adivinha?

— Er... Não precisa agradecer. Prazer em conhecê-la também, vovó. — Falei meio incerto e para tentar tirar um pouco o foco sobre mim completei: — Melissa está muito nervosa, talvez seja melhor tomar um calmante.

— Não precisa. Ela vai entrar e ver que a irmã está bem, certo? — Falou olhando sério para Melissa que

acenou em concordância.

O médico que atendeu Hortênsia veio falar conosco e reforçou o que a avó de Melissa já havia dito, que realmente não tínhamos que nos preocupar. Além da fratura na perna, felizmente ela não teve mais do que alguns machucados e arranhões. Só que por causa da medicação forte que havia tomado para dor, ela estava dormindo e o médico achou melhor que não tivesse visitas por hoje e concordou que apenas uma pessoa passasse a noite com ela.

Melissa bateu o pé querendo ficar, mas a avó foi irredutível e disse que ela ficaria, enquanto a neta iria para casa descansar. Achei que Mel fosse discordar, afinal, ela não era do tipo que deixava de fazer o que queria, mas apenas aceitou. Agora eu já sabia da onde a Mel havia puxado sua teimosia.

#

— Vire na próxima rua. — Mel disse, apontando o local para que eu entrasse. — É aqui. — Falou, quando finalmente chegamos.

Paramos em frente a uma grande casa branca que tomava toda a rua. O lugar era rodeado de verde e mais parecia uma chácara de tão enorme que o terreno era. A casa de dois andares tinha varandas por toda a volta. Em frente à varanda, havia um balanço velho de madeira voltado para entrada, que logo me fez imaginar uma pequena Melissa arteira crescendo ali.

Seu avô, o Senhor Arnaldo, já estava a nossa espera e foi muito gentil ao nos receber. Ele nos deu um pequeno tour pela casa e prometeu que no dia seguinte nos mostraria o restante da propriedade, que parecia ser muito maior do que eu imaginava.

A maneira como Mel interagia com ele apenas mostrava o quanto eles eram unidos e a ligação que tinham era especial. E por mais cansada e chateada que ela estivesse, eu a vi sorrir e se sentir à vontade como nunca havia visto antes. Melissa apenas brilhava ao lado dele.

Enquanto ela ajudava o avô a colocar a mesa do jantar, eu não conseguia tirar os olhos dela. Meu coração batia mais rápido a cada segundo enquanto eu olhava para os seus belos olhos. Eles pareciam mais vivos... mais

vibrantes. Era como se agora houvesse um brilho que eu nunca tinha notado outrora.

Depois que jantamos, uma comida deliciosa por sinal, falei que eu e Micah iríamos para um hotel, mas nossa dormida fora foi terminantemente vetada. A casa, apesar de grande, tinha apenas quatro quartos, um era dos avós de Melissa, mais um de cada uma delas e apenas um de visita, que estava sem cama, pois eles haviam doado para uma vizinha que precisava.

Micah e eu então fomos levados para o antigo quarto da Hortênsia e a primeira impressão que tive quando entrei, era que um unicórnio havia comido arco-íris e vomitado ali. Sério. Havia cores por todos os lados e o rosa se destacava de uma forma impossível de descrever.

Não era uma coisa de doer os olhos, mas definitivamente era muito *Parada Gay* para o meu gosto. O quarto não era muito grande, mas a poluição visual era absurda. As paredes eram repletas de pôsteres de bandas e famosos e nichos repletos de Bonecas e ursos de pelúcia. Fora que ainda eram pintadas de um rosa choque, que fez com que me desse uma vontade incontrolável de

dançar *Ragatanga.*

Sério. Até mesmo senti meus joelhos tremendo tipo a coreografia do Aserehe!

Um guarda roupa pequeno, uma mesa torta e uma cômoda branca em um canto com um espelho cheio de adesivos preso ao topo, além de duas camas de solteiro, cobertas de lençóis de princesas da Disney, eram os únicos móveis que tinham no ambiente. O tapete que ficava no corredor entre as camas era de veludo rosa. Era definitivamente feminino demais, gay demais, mas dava para suportar por algumas noites.

— Desculpe toda essa coisa adolescente, mas minha irmã era meio menininha demais e obcecada pelos pôsteres das minhas revistas e colava em cada metro quadrado do quarto. — Melissa explicou diante nossa reação.

— Tudo bem, não tem problemas. Só tenho que me lembrar de não abrir os olhos durante a noite, porque acharei que essas figuras estarão olhando para mim dormindo ou que a Annabelle[7] está prestes a vir me pegar. Só por desencargo de consciência: Não tem nenhum

boneco do Fofão[8] não, né? — Perguntei, fazendo Melissa chorar de tanto rir.

O que? Ela achava mesmo que eu estava brincando?

Decidi que achava engraçado também, apenas para não pegar mal para mim. Mas no fundo eu estava realmente me cagando de medo.

É. Eu acho que esse quarto arco-íris demais acabou de sugar minha testosterona!

— Só espero que você não venha para minha cama, medroso. — Micah disse também rindo e apontou para uma porta que eu não tinha visto ainda: — Banheiro? — Perguntou a Melissa que assentiu e ele fez o caminho até lá.

— Tem toalha no armário embaixo da pia. O chuveiro quente funciona, é só dar duas batidas. — Mel gritou.

— Duas batidas? — Perguntou rindo antes de fechar a porta e ela concordou. — Ok.

Melissa parecia sem jeito quando se deu conta que estávamos a sós pela primeira vez depois de tanto tempo. Um pequeno silêncio se fez presente. Nós dois parecendo sem jeito.

— Eu preciso agradecer por tudo que você fez hoje. Obrigada, Matteo. Você foi um bom amigo. — Ela disse, sem conseguir olhar diretamente para mim ainda.

Ela queria o que? Ser minha amiga? Ela é louca! Friendzone era uma zona impossível de acontecer com nós dois!

A mensagem fora alta e clara. Mas o problema estava justamente aí, eu não queria ser amigo dela. Eu queria muito mais do que isso. Será que realmente ela não via isso? Nas últimas vezes deixei que ela desse a última palavra, mas dessa vez não seria assim.

Merda, o que precisava fazer?

Decidi não pensar demais. Em dois passos estava em sua frente e antes mesmo de tocá-la, já podia sentir o calor de seu corpo. Levei minhas mãos e segurei seu belo rosto. Inclinei-me sobre ela, malmente roçando meus lábios contra os seus, degustando daquela maciez que eu tanto adorava. Esperei um pouco para ver se ela me afastava, mas quando não o fez, levei isso como um incentivo e minha boca logo tomou a sua de forma voraz.

Beijei-a com tudo aquilo que sentia por ela desde que

a vi pela primeira vez. Semanas guardando esse desejo parecia ter nos deixado impacientes. Melissa apertou minha nuca e soltou um pequeno gemido que vibrou por todo o meu corpo e imediatamente meu pau começou a ficar duro.

Porra! O que esse Furacão fazia comigo era realmente coisa de louco!

Minha língua deslizava em sua boca vorazmente e eu estava prestes a me perder completamente ali. Melissa era muito mais baixa do que eu e por isso eu precisava me curvar e como ela estava sem salto, precisava ficar na ponta dos pés para que nos beijássemos, então passei meus braços em torno dela para levantá-la do chão.

Ela logo enrolou as pernas em torno da minha cintura e minha ereção pressionou contra seu centro, mas não dava a mínima. Queria que ela soubesse que eu a queria. Eu adorava o fato dela ser tão pequena e parecer encaixar-se perfeitamente em meu corpo.

— Matt, pega minha mochila para mim! — Micah gritou do banheiro, fazendo com que a gente se lembrasse que não estávamos sozinhos.

Porra de irmão empata foda!

Mesmo sem querer desgrudar dela, deslizei seu corpo de volta para o chão. Nós dois nos afastamos devagar, ambos completamente sem fôlego. Com a boca entreaberta, os olhos fechados como se quisesse se controlar, ela era a visão mais linda que já pus meus olhos.

Respirei fundo e olhei em seus olhos que se abriram lentamente e não consegui desgrudar meus olhos dos dela enquanto ela olhava para mim. Queria dizer muita coisa naquele momento, mas não consegui. O que eu sabia era que me lembraria desse momento para o resto da minha vida.

— Eu preciso ir. — Ela se afastou rapidamente, quase sem fôlego ainda. — Boa noite. — Falou, antes de fugir rapidamente do quarto.

#

O tempo estava realmente frio na cidade, mas depois do beijo que trocamos, eu definitivamente precisava esfriar as coisas. Após o banho, me vesti com um short de

dormir e voltei para o quarto. Micah jogava alguma coisa em seu celular e eu decidi que por mais cansado que estivesse, deixaria algumas coisas organizadas antes de finalmente dormir.

Eu havia deixado a empresa hoje sem cancelar meus compromissos, então tinha que me lembrar de fazer alguns telefonemas pela manhã e ia aproveitar que ainda estava acordado para responder alguns e-mails. Como sabia que nem meu irmão e nem a Mel iriam querer voltar agora, achei por bem cancelar meus compromissos para a próxima semana. Apenas por precaução.

— Cancelei minha agenda da semana. — Avisei para Micah, quando ele voltou do banheiro após escovar os dentes.

— Por quê? — Perguntou, curioso.

— Hortênsia certamente vai querer ficar mais alguns dias por aqui, então não vou deixá-los sozinhos. — Expliquei e Micah pareceu surpreso com a minha resposta. — O que? — Perguntei, sem entender a sua reação.

— Você cancelando trabalho? Sério? Está doente?

Mano, porra, parece até que você está apaixonado! — Ele olhava-me como se tivesse crescido outra cabeça em mim.

Apaixonado? Porra! Essa palavra não parava de voltar, não é?

— Er... Euu... não estou apaixonado. — Respondi apenas.

Droga! Eu odiava me sentir fora de controle e Melissa definitivamente me tirava completamente dele, porque ela já me tinha em suas mãos!

— Porra! Eu nunca pensei que veria esse dia. — Ele ria sozinho. — Bem que dona Lena falou. — Disse, se jogando na cama, voltando a rir da sua própria piada.

— O que ela falou para você? — Perguntei ao meu irmão quando deitei também e ele riu.

— Ela disse que estava feliz por Melissa ter finalmente encontrado o amor. Mas que esperava que vocês não fossem burros demais para admitir isso. — Disse, voltando a rir.

Sério. Essa mulher era vidente! Não era possível não!

Eu quase desmaiei de puro choque. Não poderia ser

realmente sério que ela tivesse visto tudo isso com menos de cinco minutos de conversa.

— Como você se sente? — Ele perguntou se virando para olhar para mim, parecendo um pouco sério agora.

— Como me sinto? — Repeti a pergunta.

— Sim. Como você se sente sobre a Mel? — Questionou.

— Não sei explicar. — Dei de ombros.

— É tipo como se você não tivesse a menor ideia do que fazer? — Assenti e ele sorriu como se tivesse lhe dado a resposta que ele queria. — Isso, meu caro irmão mais velho, é estar apaixonado. É gostar de alguém que não consegue tirar da cabeça, pois você dorme e acorda pensando nela. Antes você tinha o controle de sua vida e agora é como se tudo estivesse fora dele. Como se um furacão tivesse passado, bagunçado, derrubado tudo. Eu, pessoalmente, adoro me sentir assim pela Hortênsia. É como se ao seu lado eu tivesse encontrado o meu lugar. Me sinto feliz, realizado. Especialmente agora, estou mais do que feliz vendo você passar por isso, pois é muito sério o tempo todo e precisa de alguém como a Mel para

te tirar do prumo. — Ele riu e se mexeu na cama. — Eu só acho que você vai ter um pouco de trabalho. Mas acredite em mim, mano. Vai valer a pena.

Eu sei que ele está certo, mas a lógica da coisa seria eu aconselhar meu irmão mais novo e não ao contrário. E cá estávamos, eu em uma cama de solteiro pequena, onde mal me cabia e meus pés ficavam para fora, há horas de distância da minha casa, praticamente confessando a meu irmão como eu me sentia, mesmo sem saber como explicar.

Dona Lena e Micah estavam certos. Em algum momento nessas últimas semanas, Melissa, com sua sagacidade, ironia, com seu humor ácido, seu jeito desastrado e com sua beleza fenomenal, havia roubado meu coração. Com aqueles olhos cor de mel que veem minha alma, aquele corpo sexy que me deixava louco, ela havia mexido comigo mais do que julguei ser possível.

Eu nunca estive apaixonado antes e justamente por não saber explicar esse sentimento insano que ela me despertava que achava que era exatamente isso que eu estava sentindo por ela.

Deitado na cama velha da minha cunhada eu sabia que, no fundo da minha alma, Melissa era minha e eu não conseguiria e nem queria desapegar desse sentimento jamais.

“Você pode não ter controle sobre muita coisa, mas tem que ter controle sobre sua periquita!”



— DEVO ME PREOCUPAR COM ALGUÉM TROCANDO DE CAMA durante a noite? — Vovô perguntou, me assustando.

— Ai, vô, que susto! — Falei com a mão sobre o

peito, enquanto me afastava da porta do quarto onde eu tentava ouvir a conversa de Matteo e Micah.

O que? Quem nunca quis ouvir o que o boy falava pelas costas, que atire a primeira pedra!

Vovô ainda estava à espera de uma explicação por estar ali e com meu coração ainda batendo disparado fiz minha melhor cara de inocente. Aquela que já havia me dado muitas coisas. E eu esperava sinceramente que funcionasse agora.

— Hm. Não entendi, vovô. — Murmurei, esperando que minha resposta fosse o suficiente para ele não perguntar novamente.

Mas uma coisa eu não podia negar, meu avô realmente me conhecia muito bem. A verdade é que desde o momento que viemos para casa, que eu estava pensando que uma visita noturna inocente de Matteo ao meu quarto seria a melhor coisa que poderia acontecer hoje.

— Bem, se você acha que não percebi a maneira como vocês estavam olhando um para o outro, então você acha que sou muito burro. Estou velho, minha filha, mas não cego. Coloquei cinco filhos no mundo e ainda criei vocês

duas. Ou seja, foram sete. Sete filhos de personalidades, manias e peraltices diferentes. Uma coisa que não sou nessa vida é besta. — Disse, esperando que eu o contrariasse.

Droga! O que eu diria?

Me fingi de desinteressada e continuei a fazer o caminho até meu quarto.

— Não sei do que você está falando, vovô. Acho que vou dormir. Estou cansada, a viagem foi longa e amanhã vou cedo para hospital com a Tetê. — Fingi um bocejo e ele me olhou feio, mas desviei o olhar do dele.

Evitei olhar para meu avô porque senão ele saberia o quanto eu estava confusa no que dizia respeito à Matteo. Vovó também me conhecia bem demais, mas vovô parecia ter a capacidade de me ler como se eu fosse um livro aberto.

— Filha, desacelere. A Hortênsia está bem e amanhã estará em casa. Por que você apenas não dá atenção ao seu namorado? — Meu avô perguntou, fazendo com que todo meu corpo se enrijecesse.

— Ele não é meu namorado! — Respondi rapidamente

e ele riu.

— Desculpe, então acho que confundi os sinais. Afinal, vocês não tiravam os olhos um do outro. Ouça seu velho, aquele garoto está completamente louco por você. E você por ele. Talvez seja por isso que você parece querer fugir. — Voltou a me encarar seriamente. — Não faça isso, querida, não quero que perca isso apenas por esse medo bobo que você insiste em manter. — Terminou de falar, me fazendo engolir em seco.

— Er... Bem, eu não sabia que você era tão romântico, vovô. Acho que o senhor está com saudades da vovó. — Falei lhe dando meu melhor sorriso de "está tudo bem".

— Querida, posso estar com saudades da sua vó, mas estou lhe falando isso de coração. Eu sei o que meu filho fez, sei o quanto suas escolhas machucaram a todos nós e principalmente vocês que são filhas dele. E ainda machucam, afinal as saudades que sentimos deles ainda serão eternas. Tentei por muitos anos lhe provar que não era errado e muito menos traição ter sentimentos por alguém, mas você sempre foi cabeça dura demais para aceitar isso. Só quero que tenha em mente que nós não

mandamos no nosso coração. Se não entende que nós não mandamos nele e se nega a aceitar que todos nós podemos amar alguém, então você é mais idiota do que julga serem os outros que amam. Quer dizer, eu estou casado com a sua avó há quase sessenta anos. Sessenta anos de felicidade e muitas alegrias, então sou suspeito de falar qualquer coisa. Você acha que somos idiotas por nos amarmos? Mas que tipo de lógica teria o amor quando todos nós somos frutos de um amor e vivemos através dele a cada dia?

Vovô segurou meu rosto com as mãos e olhou no fundo dos meus olhos enquanto dizia isso. Suas palavras tocaram no lugar exato que fizeram meus olhos lacrimejarem.

Porra! Por que ele estava fazendo isso?

— Você tem que deixar o passado ir, querida. Não importa que tenha visto o amor da forma mais pura e também da mais dolorosa possível. Você precisa parar de olhar para trás e olhar para frente. Olhe quantas pessoas ao seu redor te amam e querem que seja feliz. — Ele beijou minha testa e deu um passo para trás.

Enquanto meu avô olhava para mim com um sorriso que fez meu coração se aquecer, senti as primeiras lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu nunca chorei na frente das pessoas. A última vez que tinha chorado antes de hoje, foi no enterro dos meus pais e foi justamente naquele dia que eu havia prometido que não derramaria mais uma lágrima sequer por amor.

Vovô me tomou em seus braços e me abraçou. Eu realmente não poderia dizer que nunca havia me sentido amada, porque não importava que eu não fosse mais uma menininha, mesmo com a partida dos meus pais, amor nunca me faltou.

Eu poderia estar errada? Eu poderia dar uma chance ao amor?

#

“ Você é luz
É raio estrela e luar
Manhã de sol
Meu iaiá, meu ioiô
Você é "sim"
E nunca meu "não"

Quando tão louca
Me beija na boca
Me ama no chão

Me suja de carmim
Me põe na boca o mel
Louca de amor
Me chama de céu
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
E quando sai de mim
Leva meu coração
Você é fogo
Ou sou paixão"

— Puta que pariu! — Rosnei me levantando da cama louca para tacar a vitrola que tocava a música no fundo do lago ou mandar ela de volta para os anos cinquenta, que era o lugar de onde ela nunca deveria ter saído.

É. Quando estava aqui sempre me lembrava do porquê havia decidido ir embora dessa casa!

Vovô costumava acordar toda manhã animado no nível *"parece ter tomado uma garrafa de absinto"*, apesar de que ele só bebia cachaça mesmo. Sua animação matinal era tão surreal, que ele de quebra ainda nos acordava com

esse tipo de repertório brega. Do nível Wando e Reginaldo Rossi para baixo.

Depois de esvaziar a bexiga, olhei para o relógio e não fiquei surpresa em saber que não eram nem sete da manhã ainda. Vovô era uma pessoa extremamente matinal, coisa eternamente incompreendida pela minha pessoa. Enrolei-me no meu velho edredom com estampa de jornal e fui em direção à cozinha, parecendo aqueles desenhos animados que flutuavam em direção à comida, mas no meu caso, foi o cheiro de café que me atraiu como ímã.

— Não é muito fogo ou paixão para essa hora da manhã não, vovô? — Perguntei com um murmúrio irritado, vendo-o cantarolar sentado à mesa enquanto tomava seu desjejum.

— Fogo e paixão nunca são demais! — Respondeu simplesmente, antes de se levantar e vir em minha direção.

— Quem preparou essa mesa de café da manhã? — Perguntei, vendo a mesa repleta de gostosuras.

— Sua avó teve aqui cedo, tomou um banho e fez sua mágica, preparando o café para nossos convidados. Mas

em seguida voltou para o hospital. — Explicou e eu olhei para ele com um bico.

— Por que ela não me chamou para que fosse para o hospital em seu lugar? — Perguntei como uma criança birrenta.

— Porque ela disse que você precisava descansar. — Beijou minha testa. — Bom dia, querida. Dormiu bem? — Perguntou, mudando de assunto.

— Bom dia, vovô. Sim, dormi. — Respondi, embora houvesse uma pontada de mentira aí, porque eu fiquei com a periquita coçando para ir até Matteo.

Depois que lhe respondi, vovô retirou minha coberta e a colocou na cadeira ao meu lado, antes de fazer com que eu começasse a dançar com ele. Revirei os olhos, porque vovô era assim desse jeito. Vez ou outra o encontrava dançando com a vovó. No início comecei a dançar a contragosto, mas o sorriso do meu querido avô era tão contagioso que logo eu me vi sorrindo, rindo da sua alegria e me envolvendo no ritmo da melodia.

— Bom dia. Já vi que o dia nessa casa começa animado. — Matteo falou da porta e imediatamente

paramos de dançar, meu rosto logo esquentando pelo flagra.

— Bom dia. Aqui sempre amanhecemos animados. Sinta-se em casa, garoto. — Vovô disse enquanto voltava a se sentar à mesa.

Olhei para Matteo e ele parecia ter saído do banho agora, não apenas porque seu cabelo estava molhado e penteado para trás, mas seu cheiro delicioso emanava frescor essa manhã e criou umas palpitações que eu certamente não queria ter na frente do meu velho avô.

É, danada!

Ele já estava completamente vestido com uma calça jeans e uma blusa branca manga longa de algodão e tinha que admitir que adorei vê-lo parecendo tão à vontade, enquanto se sentava à mesa da casa onde eu havia crescido.

— Bom dia, Mel. — Ele disse com uma voz profunda que me fez derreter enquanto me olhava com um sorriso de canto.

— Bom dia, Matteo. — Me forcei a responder, enquanto me sentava à mesa também.

— Como passou a noite, garoto? — Meu avô sondou, quando ele começou a se servir das delícias da dona Lena.

Senhor Arnaldo não dava nó em pingo d'água. Ele estava realmente sondando Matteo para estudar nossas reações diante as perguntas. Mas infelizmente meu desejo de nos encontrarmos durante a noite se resumiu a desejo apenas, porque depois do confronto com vovô no corredor, qualquer ideia que eu tivesse de fazer isso acontecer foi abortada. Eu definitivamente não queria ser flagrada pelo vovô. Confesso, nossa conversa me deixou definitivamente intimidada.

— Muito bem. Tive ótimos sonhos. — Falou sorrindo maliciosamente para mim.

Senti uma sensação de calor percorrer meu corpo quando me lembrei do nosso beijo. Meu rosto esquentou diante dos pensamentos impróprios que se formaram em minha cabeça praticamente pura. Olhei para minha xícara de café como se todos pudessem ler os meus pensamentos.

Meu Deus! Eu preciso aprender a me controlar diante desse homem!

#

Depois do café, Matteo e Micah me acompanharam até o hospital onde minha irmã estava internada. O médico disse que Hortênsia estava bem, que teria de usar o gesso por cerca de um mês e talvez precisasse de fisioterapia após o uso, mas que só teríamos certeza quando os exames fossem refeitos. E também nos deu a feliz notícia de que ela então poderia ir tão logo terminasse seu desjejum.

Micah estava ansioso para vê-la também, mas eu precisava conversar com ela antes disso. Eu tinha que ter a conversa que por tanto tempo tentei evitar. Por mais que eu não quisesse magoá-la, eu sabia que ela merecia saber.

Quando entrei no quarto, Hortênsia estava sentada na cama terminando de tomar seu café da manhã. Ela parecia um pouco pálida, mas com exceção do gesso que agora carregava em sua perna esquerda, minha irmã parecia bem.

— Oi. — Murmurei quando os olhos tão parecidos com os meus se fixaram em mim.

— Oi. — Respondeu parecendo sem jeito e eu achei

que era seguro me aproximar.

— Como você está? — Perguntei, sentando na cadeira ao seu lado.

— Na verdade, não estou nada bem. — Suspirou. — E não digo da dor apenas física, essa eu sei que vai passar. Estou falando da dor de saber que mamãe não está mais aqui por causa do papai. — Ela olhou agora para mim, os olhos repletos de lágrimas e pude sentir meus olhos se encherem de lágrimas também.

— Não é assim... — Tentei falar, mas ela me cortou:

— Por que não me contou, Melissa? Eu tinha direito de saber! Entendo que quando eles morreram eu ainda era muito nova para que me contassem isso, mas vocês não acharam que eu merecia saber? — Questionou, magoada, suas lágrimas agora caíam sem pedir permissão.

— Aquela carta que você leu, não é a única que fala da traição do papai. — Ela começou a chorar ainda mais quando eu disse isso. — Essa eu roubei da vovó algumas semanas após a morte deles. Mamãe estava sofrendo há meses por causa disso. Ela estava tão quebrada, Hortênsia, que eu não aguentava mais ver seu sofrimento.

Muitas vezes me peguei odiando o papai por isso.

— Me conta, por favor. — Pediu e eu assenti.

Meu coração estava doendo por me lembrar de cada detalhe. Por lembrar que nós perdemos nossos pais por causa de um erro, um erro estúpido que poderia ter sido evitado desde o início. Era foda, realmente foda e me quebrava a cada vez que me lembrava disso.

— Foi aquilo que você leu. Papai estava tendo um caso e se dizia apaixonado. Mas ele não queria separar, dizia amar nossa mãe também e chegou até mesmo a fazer a proposta absurda de querer trazer sua amante para morar conosco. Como se mamãe fosse aceitar esse disparate. — Comentei com amargura. — Mamãe obviamente não aceitou, então, depois de muito suportar, decidiu vir embora para cá, exatamente como você leu na carta. No dia que mamãe escreveu, papai tinha descoberto naquela manhã que estava com câncer, mas ninguém sabia da sua suspeita. Quando chegou em casa e viu que ela estava preparada para deixá-lo, ele viu a besteira que estava cometendo. — Contei, já sem conseguir segurar as lágrimas.

— Como você sabe disso? Se ele estava tão apaixonado como dizia estar, por que então mudou de ideia? Quem garante que isso não foi invenção de alguém para que nós não tivéssemos mais raiva dele? — Questionou com raiva, suas lágrimas escorrendo sem sessar.

— Vovó não foi a única que ouviu nossa mãe dizer isso para ela, Hortênsia. Eu ouvi. — Apontei para mim. — Mamãe achou que estávamos dormindo, mas eu não conseguia dormir antes que papai chegasse, porque eu sabia que eles sempre brigavam quando ele chegava e eu queria estar lá por ela. Quando nosso pai chegou em casa e viu nossas malas prontas para partirmos, ele desmoronou. Pediu perdão a nossa mãe de joelhos, disse que estava arrependido, chorou diante dela e em seu colo. — Funguei, tentando não chorar mais do que já chorava por me lembrar desse momento. — Ela chorou, disse que estaria ao seu lado durante o tratamento, mas apenas como amiga e mãe das suas filhas. Nossa mãe o amava tanto, Tetê, e ela foi tão forte ao lhe dizer isso. — Chorei e enxuguei as lágrimas da minha irmã enquanto dizia isso.

— Ele aceitou, mas disse que provaria a ela que a amava, que lutaria para tê-la de volta e simplesmente aconteceu. — Terminei de contar e nós duas nos abraçamos chorando pela dor que compartilhávamos.

Era como ver um filme passar em minha cabeça. Vez ou outra ainda tinha pesadelos com essa cena, porque depois eles simplesmente sumiam da minha frente, deixando um rastro de sangue onde se encontravam. Era horrível. Era como perdê-los outra vez.

Nós duas nos afastamos, enxuguei novamente suas lágrimas e com a voz embargada ela perguntou:

— Você acha que o papai é culpado pela morte dela?

Engoli em seco, não gostava de pensar nisso, mas eu tinha que ser sincera com ela.

— Durante muito tempo eu o culpei. O culpei porque se ele não estivesse traindo-a em primeiro lugar, hoje poderíamos estar com eles aqui ainda. O culpei principalmente quando eu sofria e via você sofrer pela perda deles. Mas hoje não o culpo mais. — Suspirei. — Ainda tenho mágoa, porque a vi sofrer tanto, mas o que aconteceu com eles depois foi uma fatalidade. Papai pode

tê-la traído, mas eu vi e ouvi naquele dia que ele realmente ainda a amava e estava arrependido pelo que houve. Ele amava nossa mãe e morreu tentando protegê-la no assalto, se colocou em sua frente para tentar impedir que ela morresse também. Sei que eles tinham vários problemas acontecendo naquele tempo, mas ele ao menos morreu sabendo que havia errado com ela e tentou provar seu amor colocando-se em sua frente. Eu acho que essa é a razão pela qual não o culpo mais. Eu só lamento que eles não estejam mais aqui.

— Então, você está dizendo que a culpa é dela? — Perguntou, confusa.

— Não, Tetê. Ele foi culpado sim, por tê-la traído. Não estou dizendo que isso justifica, mas, assim como nós, ele era humano e todo ser humano comete erros. E ele estava disposto a tudo para tentar consertar isso. Até morrer provando. Mas nós estamos aqui, mana. Nós estamos juntas e por causa deles, esse amor que nós herdamos, não há nada mais forte do que isso. — Falei sorrindo para ela, que me abraçou apertado.

— Eu te amo, mana. Obrigada por cuidar de mim. Por

me amar. — Sussurrou emocionada.

— Sempre, Tetê.

#

— Oh, meu Deus! Não é Matteo Vogel pescando no lago? — Kami gritou na minha cara, onde estávamos sentadas no balanço que ficava em frente a minha casa.

— Sim, ele mesmo. — Eu puxei minhas mãos para o meu rosto para
bloquear o acidente de trem que aparentemente havia acabado de entrar na minha casa. Vulgo, Kamila.

Como ontem ela havia passado o dia todo começando as gravações das propagandas da empresa que irá estampar, Kami só pôde vir hoje e havia chegado à cidade há pouco mais de uma hora. A louca da minha melhor amiga nem ao menos havia parado na casa dos pais, que não via há mais de dois meses, apenas os arrastou da rodoviária até aqui, com a desculpa de que queria ter certeza de que a Tetê estava bem.

Minha irmã estava ótima. Achei que ela não iria querer dar ouvidos à Micah, e não quis a princípio, mas eu falei com ela e fui surpreendida por ela aceitar

facilmente ao meu pedido. Hortênsia realmente gostava muito do caçula dos Vogel. Mas fui mais uma vez surpreendida pela sua sagacidade, que havia conseguido até mesmo o vídeo que comprovava sua inocência.

E com minha irmã deitada no meu quarto sendo paparicada pelo namorado, longe de nossas vistas, estava começando a achar que a Kami havia vindo era mesmo para babar em Matteo, que agora estava pescando com meu avô no lago no fundo da casa.

Mas, convenhamos, como não babar?

— Meu Deus como ele é gostoso! — A cara de pau disse babando completamente.

— Sim, muito gostoso. Mas você não era lésbica? — Perguntei tentando segurar o riso.

— Claro que sou. Completamente lésbica. — Parou por um segundo, mordeu os lábios e completou: — Ok, confesso que talvez eu deixasse de ser lésbica por uma chance com ele. Porque, porra, Mel, ele é super gostoso! Olhe aquela merda de tanquinho! Que caralho! Estou babando realmente! — Ela exclamou toda animada.

— Do que vocês duas estão falando?— Cris, a mãe da

Kami, perguntou-nos sentando ao nosso lado no balanço.
— Oh meu Deus! Quem é aquele gostoso pescando com seu avô? — Perguntou, literalmente babando, nos fazendo rir.

Sim. Tal mãe, tal filha!

— É o novo peguete da Mel. — Kami explicou, entortando a cabeça para olhar Matteo de um novo ângulo.

Deus me perdoe, mas tomara que ela pegue um torcicolo!

— Pare de olhar para ele como se ele fosse um hambúrguer suculento! — Bati na sua cabeça, antes de completar: — E não, ele não é meu peguete. — Expliquei rapidamente para a mãe da Kami.

— Claro. Claro. — Tia Cris disse, rindo com ironia.

— Ain, se você não amarrar esse homem, perderá meu respeito. — Kami falou.

— Nossa! Como poderei perder uma coisa tão importante como o seu respeito, acho que não terei mais motivos pra viver depois disso. Murmurei ironicamente.

— Droga, Mel, deixe de ser cabeça dura. Ele é super gostoso, veio até aqui, e ainda continua, apenas para estar

com você. Já disse que ele é gostoso? Eu certamente não me importaria de me arriscar tomar umas palmadas do meu avô se isso significasse que ele me pegasse de jeito. — Kami continuou.

Suspirei. Eu não queria pensar sobre isso. Tudo bem que eu sabia que Matteo queria ajudar e tal, mas ele ainda continuava aqui depois de tudo. Ele poderia ter ido embora se quisesse, certo? Mas não, ainda estava aqui e ainda por cima estava pescando com meu avô. E como se isso não bastasse, havia me dito mais cedo que havia avisado na empresa que eu teria uma semana de folga e ficaria comigo até lá.

O que isso significava?

— Certo, eu não acho que seu pai vai se importar caso eu dance um pouco com ele mais tarde, não é? — Tia Cris perguntou, nos ignorando completamente.

— O que terá mais tarde? — Perguntei curiosa, também sem conseguir tirar os olhos dele, que parecia realmente muito interessante usando apenas um short e segurando uma vara de pescar.

— Uou, esqueceu do Arraiá da sua vó? — Sua

pergunta foi quase acusatória.

Droga! Como é que eu poderia ter me esquecido?

Todos os anos na véspera do dia de São João, vovó fazia uma superfesta na sua casa, em comemoração à essa data, e quase toda cidade participava. O Arraiá da Lena era quase uma tradição da cidade já, que ansiavam tanto por essa data quanto para a festa que a prefeitura proporcionava na praça apenas no dia seguinte.

Cada um trazia um prato de comida e bebida, além de contribuir com 1kg de alimento não perecível, que vovó doava para instituições de caridade. A chácara que meus avôs moravam era enorme e por isso espaço não faltava para todas as barracas que eram montadas, além da fogueira e a bandinha que trazia a música para o povo forrozear. Eu adorava.

— Por que você acha que vim então? Para ver a fujona é que não foi! — Kami disse, embora eu soubesse que era brincadeira, pois ela quase havia morrido de preocupação quando soube sobre a Tetê.

— Então o arraiá, né? — Perguntei, olhando de volta para Matteo no exato momento que ele caminhava de volta

para casa com meu avô.

Meu Deus, por que esse homem é gostoso desse jeito?

O silêncio se seguiu enquanto observávamos os dois caminhando em nossa direção. Nossos olhos se encontraram e Matteo piscou para mim. Senti minha frequência cardíaca acelerar. Seu cabelo sempre tão arrumado, agora estava bagunçado e tinha aquela maldita barba por fazer. Eu podia ver os músculos dos seus bíceps e as veias grossas em seus braços e isso não me ajudou em nada.

Tremi ao me lembrar do seu corpo sobre o meu. Sua mão em minha pele. Seu toque me queimando, incendiando. Sua boca na minha. Inalei forte o ar, tentando controlar não apenas minha respiração, como também meu raciocínio, que definitivamente era a última coisa que conseguia ter quando olhava para ele.

Ok. Se controla, Melissa! Você pode não ter controle sobre muita coisa, mas tem que ter controle sobre sua periquita!

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis... — Ouvi a

Kami contar enquanto eu acordava do meu torpor.

— Que diabos você está contando? — Perguntei curiosa, mas sem desviar os olhos dele.

— Seus gominhos. — Disse simplesmente. — Ô lá em casa lavando minhas roupas nesse teu tanquinho! Se espirrar, saúde! Me chama de plano de saúde que eu acabo com a sua carência, seu lindo! — Falou, me fazendo rir.

—Sim. Ele é gostoso. Todas nós já entendemos isso. Agora, cale a boca, porque aí vêm eles. — Falei, quase ao mesmo tempo em que vovô parou em nossa frente com Matteo ao seu lado.

— Cris, Kami, não sabia que estavam aqui. — Vovô falou, antes de cumprimentá-las e então se virar para Matteo e falar: — Quero que vocês conheçam Matteo Vogel. Tenho certeza que já ouviram falar dele, já que além de ser irmão mais novo de Micah, namorado de Hortênsia, ele também é chefe de Melissa. Kami, querida, eu acho que você já conhece Matteo, não é mesmo?

— Não, senhor, o que é uma pena. — Ela disse se levantando do banco para cumprimentá-lo. — Infelizmente

não tive o prazer de conhecer Matteo. O prazer ficou todo para Mel mesmo. — Falou, terminando de acabar comigo.

Oh, Senhor! Me mate agora e mande essa pseudo-lésbica fantasiada de melhor amiga para o inferno!

— Er... É bom conhecê-la. — Matteo falou sem jeito, enquanto minha amiga atirou-me um sorriso arrogante e eu tive vontade de matá-la.

— Sinto muito pela minha filha. Meu nome é Cris, prazer. — Tia Cris falou, babando completamente sobre ele.

— É muito bom conhecer a senhora também. — Ele piscou para mim quando viu o quanto estava envergonhada.

— Kamila, né? — Matteo sorriu para mim e eu olhei para ele sem entender. — Já ouvi muito falar sobre você.

— Oh, Senhor, eu tremo de pensar nas coisas que você pode ter escutado sobre mim. — Ela acariciou seu bíceps sorrindo de orelha a orelha.

Merda, eu conheço esse sorriso!

— Sim. Mel falou muito bem sobre você. — Ele disse, sem entender muito bem a atitude da minha melhor

amiga.

— Falou foi? Mas não se preocupe, tudo o que ela disse não é verdade, provavelmente... Mas de qualquer maneira eu tenho algumas histórias sobre minha querida melhor amiga que provavelmente lhe farão correr para mim ao invés dela. — Kami jogou sobre ele, antes que Matteo pudesse falar qualquer coisa e eu revirei os olhos.

É. Não tem como confiar em amigos que não se xingam, se esculhambam ou dão em cima do nosso boy apenas para provar um ponto!

Eu já disse hoje que eu a odiava? Sério. Eu odiava essa dissimulada. Odiava que ela estivesse querendo esfregar na minha cara que estava certa. Odiava que ela quisesse me provocar ciúmes. E odiava ainda mais saber que isso estava funcionando.



AGORA QUE EU CONHECIA A HISTÓRIA dos pais da Hortênsia, sua reação fazia sentido para mim. Por mais chateado que tivesse ficado por ela não ter dado à chance de me defender, não era de se admirar que ela tenha ficado tão arrasada e corrido para longe de mim. Eu tentei

colocar minha cabeça no lugar enquanto íamos em direção a sua cidade, pois eu queria estar com ela. Queria explicar-lhe tudo. Mas então quando estávamos perto de Valencia, soubemos do acidente e eu sabia que precisava, definitivamente, precisava estar com ela.

Praticamente corri até a sala de espera quando meu irmão chegou em frente ao hospital e felizmente sua avó nos disse que ela tinha apenas uma perna quebrada e alguns pequenos machucados. O médico nos dispensou e sua vó quase nos expulsou de lá, passei a noite praticamente em claro, contando unicórnios gays, que pareciam combinar perfeitamente com seu quarto, ao invés dos clássicos carneirinhos. Queria dormir, porque eu não via á hora de poder vê-la no dia seguinte.

Fomos para o hospital cedo. A Mel foi a primeira a entrar e eu fiquei na sala de espera com meu irmão. Matteo foi buscar um café enquanto esperávamos a conversa das duas, pouco depois ele caminhou de volta sentando na cadeira ao meu lado.

— Ela está bem. Vai ficar tudo bem entre vocês também. — meu irmão falou e eu assenti.

— Sei que sim. — suspirei e ele me olhou intrigado.

— E o que leva você a ter tanta certeza sobre isso? — perguntou curioso e eu tive que rir.

— Porque eu tenho como provar que foi aquela louca quem tentou me agarrar. — respondi, deixando-o estupefato.

Contei-lhe tudo sobre como consegui uma cópia do vídeo no exato momento em que a louca da Daiane Mourão entrou no banheiro e tentou me agarrar. Não tenho orgulho de dizer que tive que usar um pouco de persuasão, mais conhecida como ameaça, para que o diretor me desse o que eu precisava. Mas não estava blefando quando lhe disse que sairia da escola caso ele não o fizesse.

Agora eu estava sentado no sofá, com os olhos fechados, ainda esperando que a Mel saísse do quarto, quando ouvi a enfermeira vindo novamente. Não sei quanto tempo havia passado, mas para mim pareciam horas. Estava prestes a fechar os olhos novamente, quando a porta se abriu e por ela a Mel passou, com os olhos um pouco vermelhos, que acusaram que ela certamente havia chorado, mas ao menos estava com um sorriso no rosto. O

que devo confessar, me aliviou sobremaneira.

— Ela está bem? — perguntei, pondo-me de pé imediatamente.

— Sim. Ela estava um pouco cansada e acabou dormindo, mas já pode ir quando acordar. Conversei com ela, Tetê está esperando você. Sei que ela vai ficar feliz em seu rosto ser a primeira coisa que verá quando acordar. — piscou para mim e eu sorri de volta para ela.

Respirei fundo com meu coração batendo acelerado, antes de seguir até onde estava à menina que eu não tinha duvidas de que era o amor da minha vida.

Hortênsia estava dormindo quando entrei no seu quarto. Caminhei até ela e puxei a cadeira, chegando o mais perto possível da cama. Desde o momento em que ela saiu correndo sem me deixar dar explicações, tive um medo terrível de perdê-la e eu sabia que faria qualquer coisa para não deixar isso acontecer.

Eu tinha plena consciência de que éramos jovens demais, mas ainda assim tinha certeza de que o que sentíamos era muito maior do que um amor adolescente. Eu me apaixonei por Hortênsia desde o primeiro momento

em que coloquei meus olhos sob ela e quando ela sorriu para mim, daquele seu jeito meigo e tímido, eu soube que era ela. Ainda tínhamos muito que viver, afinal, nossas vidas estavam apenas começando, mas eu não tinha duvidas de que viveria minha vida ao lado dela.

Peguei sua mão e levei a minha boca para beijá-la. Sua mão esquerda tinha um cateter que levava o restante da sua medicação e já sua perna engessada estava estirada aparentemente nem um pouco confortável. Não gostei da sensação de vê-la em uma cama de hospital, mas ao menos eu sabia que ela estava bem e isso aliviava um pouco a pressão que sentia em meu peito.

Acariciando seus cabelos castanhos macios com a outra mão, continuei a beijar sua mão enquanto começava a falar tudo que ainda não tinha coragem de dizer com palavras:

—Amor, eu preciso que você acorde. Preciso te dizer o quanto te amo e te provar que não fiz nada para magoá-la. Eu nunca poderia, porque você significa o mundo para mim, bebê. Simplesmente não posso viver essa vida sem você. Quando você sair daqui, vamos planejar a nossa

vida juntos. Sei que ainda é cedo e você provavelmente me achará um louco, mas um dia, mesmo que demore a chegar, eu quero casar com você e passar o resto da minha vida amando-a.

Inesperadamente senti o aperto da minha mão que acariciava seu cabelo e em seguida ouvi sua voz doce responder:

— Eu também quero.

Chocado olhei para ela que estava olhando para mim. Seus belos olhos cor de mel me encaravam com amor e ternura e então ela sorriu, daquele jeito que me desarmava completamente a cada vez que fazia.

— Você quer o que? — perguntei, envergonhado por talvez ela tenha escutado o que eu disse. — Precisamos conversar. Tenho como provar que não fui culpa...

— Não precisa. — ela me cortou. — Acredito em você. Mas como eu ia dizendo, também quero. — repetiu.

— Também quer o que, Hortênsia?

— Também quero me casar com você e passar o resto da minha vida sabendo que você me ama. — Eu sorri para ela quando sorriu para mim e me levantei para beijar

suavemente seus lábios.

Puta que pariu! Estávamos apenas começando, mas eu já tinha o mais importante: O "sim" para nosso futuro juntos!

“Quando é pra ser, meu querido, nem os ventos contrários, nem a cabeça dura e muito menos o medo, podem atrapalhar o que a vida nos preparou!”



MINHA FAMÍLIA SEMPRE SE RESUMIU A

POUCAS PESSOAS. Além dos meus pais, Micah e minha avó paterna, apenas alguns tios e primos, mas não muitas pessoas. Ainda assim, nunca fomos tão próximos como descobri que a família de Melissa era.

Nós havíamos chegado há apenas um dia e eu já tinha conhecido além dos seus avós, obviamente, seus tios, primos, vizinhos, amigos e até mesmo a primeira professora da Mel, ainda do jardim de infância. Valença era uma cidade pequena, com pouco menos de dez mil habitantes e a impressão que eu tinha era de que era ainda menor, visto que a notícia sobre o acontecido com Hortênsia havia se espalhado rapidamente e ela começou a receber visitas tão logo retornou para casa.

Quando soube que dona Lena daria uma festa e me disseram que toda cidade viria, achei que era apenas eufemismo, mas eu não podia estar mais errado. Eles realmente estavam falando sério quando disseram isso.

No final da tarde, depois de pescar com Sr. Arnaldo, fui com Micah até o comércio para comprarmos uma roupa para usarmos mais tarde. Mas aparentemente os vendedores já sabiam quem erámos e fomos atendidos de

forma surpreendente.

Agora já era noite e o extenso quintal gramado que a família Brandão tinha, havia se tornado em um piscar de olhos palco para o Arraiá da Lena, uma festa beneficente que ela dava todos os anos para arrecadar alimentos para doação. E como ela havia me dito: *Para população de Valença arrastar o pé e forrozear até o dia amanhecer!*

Bandeirolas coloridas, balões de papel, fios iluminados por lâmpadas, árvores cheias de luzes brancas, pequenas tendas enroladas em tecido de chita, onde tinham aquelas antigas brincadeiras típicas de interior e até mesmo uma grande fogueira faziam parte da festa.

Quando desci e abri a porta da casa para o quintal, quase não o reconheci com a nova decoração. As pessoas haviam começado a aparecer e o lugar já estava repleto de gente com seus copos de licores na mão. A música estava tocando e gente dançando, contagiadas pelo som da sanfona e dos instrumentos musicais tipicamente nordestinos.

Olhei ao meu redor a procura de quem eu precisava

desesperadamente ver e todo meu corpo se ouriçou quando ao longe avistei que Melissa já estava aqui. Ela estava sorrindo e conversando com a louca da sua melhor amiga, aquela que eu, definitivamente, tinha medo e mais uma mulher que eu não conhecia.

E Puta que pariu, ela estava linda!

Mel estava com seu cabelo amarrado em um rabo de cavalo alto, enquanto usava uma blusa xadrez amarrada a sua cintura, short jeans curto e a porra de uma bota preta até o joelho, que, com toda certeza, deveria ser um crime.

Porra! Ia ser foda tentar me manter nobre!

Meu coração estava batendo tão rápido que eu podia ouvi-lo em meus ouvidos. Essa louca havia me pegado de jeito. Havia feito realmente o estrago de um furacão dentro de mim. E, Deus, eu esperava que ela ao menos nos desse uma chance de tentar.

Respirei fundo e caminhei decidido em sua direção. Sorri para ela quando me aproximei e ela olhou para mim. Seu sorriso cresceu e pareceu espelhar o meu. Não parecia haver nada ao nosso redor. Era como se tudo tivesse sumido e nada mais importasse além de nós dois e,

no fundo, eu sabia que ela se sentia da mesma maneira comigo.

Porra! Eu precisava beijar sua boca!

Tentei me controlar e pude ver a Kami rir e falar alguma coisa em seu ouvido, que parecia completamente alheia ao que a amiga falava. Eu esperava sinceramente que ela tivesse comentado algo sobre nós dois, porque saber que Melissa estava dividindo algo com sua amiga significava que ela estava pensando sobre isso. Senão, eu trataria de fazer com que esse cenário mudasse rapidamente.

Quando parei em sua frente, Mel ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na bochecha. E quando ela fez isso meu coração bateu ainda mais rápido e senti meu pau se apertar no meio da minha calça jeans.

Merda! O que eu não precisava era ficar de pau duro nessa maldita calça apertada!

— Olá, caubói. — Ela me cumprimentou com aquele sorriso lindo dela.

— Olá, *cowgirl*. — Beijei o canto da sua boca apenas para provocá-la e meu gesto "inocente" teve o efeito

esperado, já que ela pareceu um pouco desestabilizada quando me afastei.

Muito bem, Matteo!

Nem tentei disfarçar, queria que ela soubesse mesmo o que eu queria. Olhei para o lado para ver a Kami me dando uma um sorriso de quem sabia exatamente da minha intenção.

Então, sim, meu Furacão deveria ter lhe dito sobre nós!

— Olá, Kami. Bom revê-la — Cumprimentei a louca, que sorriu maliciosa para mim.

Droga! Isso não era bom!

— Olá, garotão. — Disse passando à frente de Melissa e engoli em seco. — Bom para mim revê-lo, isso sim. — Terminou com uma piscadela que me deixou completamente sem graça.

Estava sentindo que essa não era uma afirmação hipotética. Na verdade, eu meio que acreditava que ela estava dizendo a verdade, pois sua intenção para mim estava mais do que clara: pirraçar a amiga cabeça dura. E por mais assustado que ficasse ao seu lado, tive que rir,

porque se era essa sua intenção, eu definitivamente gostava dessa louca.

Kami então me deu mais uma piscadela e se afastou, antes de uma Mel bicuda se virar para me apresentar sua outra amiga:

— Matteo essa aqui é Sara, ela também trabalha na DIVA comigo. Sara, Matteo Vogel, nosso chefe.

Ah! Então era essa a Sara que ela tinha comentado que viria!

Sabendo que essa tal Sara trabalhava conosco, foi difícil não me sentir um pouco desconfortável ao pensar que logo nossos nomes poderiam estar nos corredores por causa de fofoca. Não gostava desse tipo de "atenção", era muito reservado com minha vida particular. Mas Melissa parecia ser uma pessoa muito desconfiada, então por causa disso consegui encarar bem sua presença.

Sara tinha um cabelo curto loiro na altura dos ombros e usava um vestido xadrez e botas marrom, que mostrava seus atrativos muito bem.

— É um prazer conhecê-la, Sara. — Cumprimentei-a com um sorriso.

— O prazer é todo meu, chefe. Temos ouvido muito sobre você, Sr. Vogel. Acho que você e a Mel têm si dado bem, não é mesmo? — Perguntou com a clara intenção de pirraçar a amiga e foi impossível não rir quando vi Mel dar uma olhada brava para Sara.

— Acho melhor vermos se não estão precisando de ajuda. Fique à vontade, Matteo. — Puxou as amigas, antes de completar: — Vamos, meninas. — Disse, com a nítida intenção de fugir de mim e eu sorri.

Sim. Ela estava na minha!

Depois consegui me servir com um licor delicioso, conversei com alguns parentes de Melissa e depois de um tempo voltei a revê-la e suas amigas, que já estavam de volta ao quintal e começaram a dançar. Eu tive que sorrir, pois, por mais desastrada que meu Furacão fosse, ela realmente sabia o que fazer com os quadris. Dentro e fora da cama.

Merda! Eu não precisava dessa constatação nesse momento!

Foi quando Seu Arnaldo e Dona Lena se aproximaram de mim e o avô de Melissa bateu em meu ombro.

— E aí, garoto? Desfrutando do seu primeiro Arraiá de verdade? — Perguntou enquanto sua esposa me dava um sorriso cúmplice, como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo antes da chegada deles.

— Sim. É muito diferente de qualquer festa que já fui, mas estou realmente adorando. — Respondi sinceramente com um aceno de cabeça e em seguida tomei um generoso gole do meu licor.

Meu olhar foi diretamente de volta para Melissa, que agora havia sido puxada por um primo e dançava com uma destreza que me deixou literalmente de boca aberta.

— Eu acho que minha menina está conseguindo o que queria. Pelo olhar em se rosto, eu diria inclusive que está funcionando. — Seu avô se virou para mim e então perguntou: — Você está realmente apaixonado por ela não é, meu rapaz?

Uou! Essa pergunta foi realmente inesperada!

Por mais que fosse algo completamente novo para mim, já havia aceitado que a confusão de sentimentos que estava, definitivamente só podia ter apenas um nome. Exatamente por isso que respirei fundo e olhei para duas

das pessoas mais importantes da vida da Mel e fui sincero:

— Sim. Estou.

Eu apenas coloquei para fora o que sentia e balancei a cabeça, como se ainda não conseguisse acreditar no que havia lhes confessado. Não tinha nem mesmo falado isso para Mel e estava dizendo para seus avós. Mas como já havia começado, pelo visto não pararia tão cedo:

— Sei que é inesperado, para mim também foi. Não planejei que isso acontecesse. — Expliquei rapidamente e a vó dela sorriu, como se achasse graça.

— E quem é que planeja se apaixonar? Ninguém, meu querido. Apenas acontece. — Falou, ainda sem tirar o sorriso do rosto.

— Me desculpe, sei que vocês provavelmente acham que é muito precipitado me sentir assim. E talvez seja, mas...

— Calma, garoto. Desacelera. Me ouça e me ouça bem. — Sr. Arnaldo riu enquanto apertava meu ombro para tentar aliviar meu nervosismo e chamar minha atenção: — Como minha amada esposa disse, essas coisas

não planejamos, apenas acontecem. Não importa quando, onde, como. Por mais que você tente fugir ou demore para entender o que essa confusão dentro de si significa, você vai saber. Eu mesmo sabia que ia passar o resto da minha vida com minha amada esposa. — Ele beijou a mão de dona Lena que sorriu ainda apaixonada pelo esposo. — E ela, bem, minha Leninha queria me matar, mas quando decidi conquistá-la, sabia que não demoraria para que ela sentisse o mesmo por mim. Então confie em mim, sei muito bem do que estou falando. — Piscou para mim.

Eu tomei uma respiração profunda e então libertei meu maior receio:

— Tenho dúvidas que o sentimento é recíproco. Quer dizer, sei que mexo com ela de alguma maneira, mas não tenho certeza se ela realmente está apaixonada por mim como estou.

Uau. Esse licor era bom mesmo!

— Besteira! — Seu Alberto disse, rindo. — E ainda assim qualquer um com olhos pode ver que como minha Melzinha olha para você.

— Então por que tenho a sensação de que ela está

sempre fugindo de mim? — Perguntei, frustrado.

— Não gostaria de ser eu a pessoa a falar sobre isso com você, mas conheço a minha neta, não acho que ela virá até você sem saber que pode vir por inteira e exatamente por isso que vou falar isso agora. — Dona Lena suspirou antes de continuar: — Você já deve ter reparado que a Mel tem um problema sério com relacionamentos. O que aconteceu, foi que um pouco antes do meu filho e minha nora falecerem, a Mel viu o sofrimento da sua mãe quando seu pai teve um caso extraconjugal. — Explicou, deixando-me em choque: — A Mel só tinha 13 anos, mas de tanto vê-la sofrer, chegou até mesmo a incentivar sua mãe a se separar, apenas para que não a visse mais como estava. Meu filho se arrependeu, mas não teve tempo de tentar reconstruir o casamento que ele mesmo havia quebrado. Eles morreram e foi tarde demais. Imagina o quanto isso foi difícil para ela? — Perguntou pesarosa e eu assenti. — E justamente por conhecer minha neta, que peço a você que antes de tomar qualquer atitude, que saiba onde está entrando. Se você quer entrar em sua vida apenas para brincar com ela e

magoá-la no processo, então é melhor nem entrar. Não precisa nos dizer nada, responda a si mesmo o que você quer.

Porra! Essa foi foda!

Eu imagino o quanto fora difícil para ela. Se para mim, que já era mais velho, já foi doloroso ver o sofrimento dos meus pais após uma separação sem traições, imagine para Melissa que viu o pior lado. Era mais do que compreensível que ela tivesse o pé atrás com relacionamentos. Era sua defesa.

— Eu a entendo, mas jamais entraria nessa se minha intenção fosse magoá-la. — Garanti e eles sorriram, me dizendo que essa era a resposta que esperavam que eu desse.

— Matteo, só se lembre que a Mel mesma se bloqueou, se fechou, durante anos. — Dona Lena continuou. — Tenho certeza de que ela sente o mesmo que você. Você só precisa ser paciente e mostrar a ela que pode não apenas confiar, mas também se entregar a você. Mesmo que não admita para si mesma, Matteo, Melissa está apaixonada por você, querido. Basta dar-lhe o tempo,

espaço e ser paciente. Muito paciente, mas muito paciente mesmo, porque aquela lá é osso duro de roer. — Jogou a cabeça para trás e riu, antes de voltar a ficar séria e completar docemente: — Quando é pra ser, meu querido, nem os ventos contrários, nem a cabeça dura, nem o passado e muito menos o medo, podem atrapalhar o que a vida nos preparou.

Suas palavras me emocionaram, por um momento esqueci-me das minhas inseguranças tão atípicas e confiei no que ela estava me dizendo. Eu ainda estava pensativo, quando Mel se aproximou com um lindo sorriso no rosto. Mas então vendo a seriedade que nós estávamos após nossa conversa tão profunda, ela parou para nos olhar mais atentamente.

— Desculpem, interrompi alguma coisa? Está tudo bem? — Mel perguntou, olhando para seus avós e depois para mim.

— Lógico que está tudo bem, querida. — Sua avó respondeu por nós e sorriu, em uma tentativa de acabar com a sua preocupação.

— Eu estava apenas dizendo para seus avôs que eu

achava que sua próxima dança seria minha. — Menti e ela me olhou ainda mais surpresa. — A senhorita me dá a honra dessa dança? — Perguntei, fazendo uma mesura um pouco exagerada, que a fez rir.

Deus! Ela era a coisa mais linda quando ria!

— Claro, Prepotente. Quero ver se você dá conta. Só não vale pisar no meu pé. — Disse de forma arrogante e foi a minha vez de rir, antes de acompanhá-la.

“’Pra caralho’
não é palavrão, é advérbio de intensidade.”



MATTEO ME ESTENDEU A MÃO E, MESMO COM O CORAÇÃO DISPARADO, não consegui deixar de sorrir de volta. No momento em que nos tocamos, minha pele toda se arrepiou. Afastamo-nos dos meus avôs

e perdi o ar quando ele me puxou, colando seu corpo ao meu enquanto sorria para mim quando começamos a dançar.

E sim, o garoto da capital realmente sabia dançar!

Matteo tomou uma respiração profunda e aproveitei o momento para sentir seu cheiro, tão másculo, tão dele. E eu amava isso. Amava também a forma como nossos corpos se moldavam perfeitamente um no outro. Parecia apenas tão certo, um encaixe tão perfeito, que isso me assustava. Pensar sobre isso me deixou tensa, mas ver seu sorriso nos primeiros acordes da música que tocava, apenas me fez relaxar.

Porra e era aquele sorriso que praticamente arriavam minhas calcinhas!

Seu sorriso fez também com que o rubor das minhas bochechas se espalhassem e temi que ele percebesse como me fazia sentir com apenas isso. E mais: como fazia meu coração estúpido acelerar.

Mas então *Vidinha de balada* começou a tocar e eu juro que quase tive um ataque cardíaco ali.

Realmente? Por que essa música de todas as

músicas? Isso só podia ser sacanagem!

Oi, tudo bem?
Que bom te ver
A gente ficou, coração gostou
Não deu pra esquecer

Desculpa a visita
Eu só vim te falar
Tô a fim de você
E se não tiver, você vai ter que ficar

Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada
E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca

Vai namorar comigo, sim!
Vai por mim, igual nós dois não tem
Se reclamar, cê vai casar também
Com comunhão de bens
Seu coração é meu e o meu é seu também

Vai namorar comigo, sim!

— "Vai namorar comigo, sim!" — sussurrou a última estrofe da música sem deixar de olhar em meus olhos, deixando-me completamente chocada pelo significado

implícito na letra da música.

Não é indireta, é a porra da música, caralho!

Mas eu sabia que ele realmente queria dizer isso. Nesse momento eu queria duas coisas: Um, eu queria beijá-lo. Muito. Muito mesmo. E dois, eu também queria, queria muito, desesperadamente fugir.

E você advinha o que eu fiz? Sim. Eu fugi!

Eu não queria chamar a atenção para mim, então tentei correr o mais sutil possível, o que quer dizer que eu soei apenas como uma pata usando patins.

Oh Deus... Eu só queria correr o mais rápido que podia!

Antes que me desse conta, estava em frente à casa da árvore que meu avô tinha feito para mim há tantos anos e ficava na lateral da casa. Lembrava-me de ter insistido tanto para que ele a construísse, que meu querido avô tinha mandado fazer como meu presente de aniversário de oito anos. Eu amava tanto o lugar, que quase sempre era tirada dali a pulso.

A lembrança me deixou um pouco mais calma e com cuidado comecei a subir a velha escada de corda. Cheguei

ao andar superior e olhei ao redor da casinha, sentindo aquele cheiro tão familiar de madeira. Meus avôs fizeram questão de manter tudo naquele lugar, porque diziam que um dia seria de seus bisnetos.

Meus brinquedos antigos ainda estavam ali, bem como alguns desenhos colados à parede e fantasias e tiaras enfeitadas. Ignorei a minha antiga cama de solteiro, que era praticamente a única mobília que tinha .e sentei no pufe, apoiando minhas costas na parede.

Fechei os olhos e lembrei-me do jeito que Matteo estava me segurando tão perto durante a música. A maneira como me olhava e como sorria para mim. Eu sabia no momento em que ele me pediu para dançar que talvez isso fosse uma má ideia, mas ainda assim arrisquei. O fato dele ter escolhido a música para falar algo sobre nós dois, me deixou atônita, completamente fora de mim.

Deus! Por que eu apenas fodi tudo? Por que eu saí correndo?

Ouvi passos se aproximando e não ousei me mexer. Não queria ser pega, mas pelo visto não teria tanta sorte, pois logo ouvi o barulho do sino que ficava no topo da

corda, indicando que alguém estava subindo-a para vir até aqui.

Merda! Fui pega!

Encolhi-me ainda mais. Era provavelmente um dos meus avôs, que vieram até aqui para brigar comigo pela maneira como agi como louca com Matteo. E eu não os julgaria por isso. Não sabia nem como me desculparia com ele quando o visse novamente.

— Mel, está tudo bem? — Matteo perguntou, no momento em que atravessou a porta da minha casa da árvore e eu pulei ao som da sua voz.

Eu apenas havia deixado ele na pista de dança sem nenhuma explicação. E Deus, ele merecia uma. Se fosse qualquer outra pessoa, uma pessoa que não me fizesse sentir como ele me fazia, eu poderia mentir. Mas não, eu sentia que precisava ser honesta com ele.

— Ei, me desculpe. Eu só precisava de um pouco de ar. — respondi, embora isso não fosse realmente mentira.

Matteo apenas me olhou sentada ali e sem nada dizer, entrou um pouco curvado na pequena casa de madeira e quando estava lá dentro, sentou-se no pufe ao meu lado.

Ainda em silêncio, olhou tudo ao nosso redor.

— Eu sempre quis uma casa na árvore quando era pequeno. — murmurou.

— E provavelmente teve. — respondi o óbvio e ele negou.

— Na verdade, não. Na minha casa não tinha uma árvore. — riu, me fazendo rir também.

Ele não estava exigindo uma explicação pelo meu surto e isso fez com que eu me sentisse ainda mais culpada do que já me sentia. Matteo não tem feito mais do que ser além do cara prepotente que eu achava que ele era, ele era mais do que eu tinha visto sob a casca. Ele merecia uma explicação.

— Meu avô me deu essa casa no meu aniversário de oito anos. Eu sempre a quis. Acho que ganhá-la foi o dia mais feliz da minha vida. Ela era como meu lugar preferido do mundo. Eu nunca queria sair daqui. Por vezes ouvi ameaça de cortarem essa árvore para que eu saísse. — ri, sentindo as primeiras lágrimas. — Mas aqui também era o lugar a qual eu usava para fugir. Como você soube que eu estava aqui? — perguntei, enxugando uma

lágrima teimosa e Matteo respondeu com um sorriso:

— Sua avó me disse que você certamente estaria aqui e me indicou o caminho. — bateu na sua perna: — Vem cá. — me chamou e eu fui.

Fechei os olhos por um segundo, ainda sem conseguir olhar para ele. Então os abri e o vi olhando para mim. Eu apenas sorri para ele, ainda envergonhada demais para fazer mais do que isso. Se ele queria acabar comigo, ele fez um excelente trabalho quando então sorriu de volta. Sem poder me conter, abaixei-me e rocei os lábios suavemente com o seus.

— Vou te beijar. — ele murmurou em minha boca.

— Graças a Deus. — respondi antes dos seus lábios tomarem os meus.

Eu queria mais e ele pareceu querer o mesmo. Deus, no momento em que senti sua língua contra a minha, gemi pelo contato. Agarrei seu cabelo e o puxei, beijando de volta com a mesma paixão. Sem nunca quebrarmos o beijo, Matteo me apertou contra si e sentada em seu colo podia sentir sua ereção.

A dor entre minhas pernas estava crescendo, enquanto

lentamente começamos mover nossos quadris um contra o outro instintivamente, precisando, necessitando de mais. Matteo lentamente puxou sua boca para longe da minha e olhar em seus olhos era incrível, mas logo seus lábios estavam de volta distribuindo pequenos beijos. Ele então se afastou, mas manteve os lábios apenas roçando nos meus enquanto dizia com uma voz rouca de desejo:

— Mel... Te quero tanto... Você não faz ideia...

— Eu também, Matteo. Eu também.

— Por que você fugiu? — perguntou, parecendo receoso e eu respondi.

— Porque sou medrosa. Mas não fale nada agora. E me pegue logo, antes que eu cometa a burrice de fugir novamente.

Matteo puxou a cabeça para trás e com um sorriso brincando em seus lábios, olhou para mim um pouco chocado. Na verdade, eu também estava muito, muito chocada comigo mesma por ter dito isso em voz alta.

— Não perca mais tempo. Preciso que você me beije, tipo agora. E não pare. — insisti para ele, que me respondeu com um sorriso que tenho certeza que derreteu

meu coração ali mesmo.

— Nada me daria mais prazer do que isso, meu Furacão. — ele respondeu enquanto abaixei meu rosto e sua boca tomou a minha mais uma vez.

Movendo-se agilmente, ele se colocou de pé comigo me carregando e procurou pela única superfície confortável que tinha ali. Sentando na cama comigo ainda em seu colo, parei até mesmo de pensar quando senti suas mãos quentes nas minhas costas. Respirar então de repente se tornou muito desafiador naquele momento. Seus dedos levaram um tempo provocando minha pele e colocando meu cabelo para fora do caminho, enquanto ele tentava tirar minha camisa e sutiã traidor, que quase não se abriu.

Sério! Quase mandei que ele rasgasse essa porra logo!

Meus lábios encontraram os seus novamente e abaixei minhas mãos para abrir os botões da sua camisa, só quebrando nosso beijo para tirá-la. Minhas mãos tremiam e eu levantei apenas para tirar minhas botas, meu short jeans e calcinha, antes de me ajoelhar em sua frente e começar a desabotoar sua calça jeans.

Uma vez que ela estava desabotoada, tirei suas botas e com sua ajuda puxei sua calça jeans para fora. E logo em seguida sua cueca. Inclinei-me e mordi sua coxa enquanto ele soltou um pequeno rosnado. Sentei novamente sobre ele e acabei gemendo ao sentir seu corpo sob o meu. Aquele contato quente, cru, que fez meu corpo praticamente entrar em ebulição.

Matteo mordeu meus lábios e o puxou, fazendo-me voltar a gemer enquanto me esfregava nele.

— Tem certeza? — murmurou a pergunta.

No fundo eu sabia que ele não estava perguntando apenas sobre o que faríamos a seguir, mas sobre nós. Ele queria ter certeza de que eu estava cem por cento certa do que eu queria para mim, para nós. Estava deixando claro que estava perguntando mais do que nós dois poderíamos falar nesse momento.

Não respondi. Automaticamente puxei seu cabelo e voltei a beijá-lo para que ele tivesse a certeza que dessa vez eu não me afastaria. Não mais. Eu não queria. Ele de imediato correspondeu e eu quase pude senti-lo sorrir em minha boca.

Matteo correu o dedo ao longo do meu ponto pulsante e senti todo meu corpo tremer pelo seu simples toque.

— Oh Deus, Matteo! — gemi em sua boca, antes de jogar a cabeça para trás.

— Eu sei, meu Furacão.

Voltamos a nos beijar e logo sua boca desceu para chupar meus seios, enquanto sua caricia se intensificava onde eu precisava dele. Esfreguei meus quadris contra ele, fazendo com que ele soltasse um gemido rouco.

Droga! Eu o queria logo, mas eu acho que ele gostava de me ver desmoronando apenas por causa do seu toque!

Sua boca deslizou para beijar e chupar ao longo do meu pescoço e clavícula, enquanto ele lentamente colocava um dedo onde eu precisava de outra coisa, me fazendo gemer como uma prostituta na igreja. Outro dedo seu deslizou para dentro de mim, mas logo me abandonou, me fazendo olhar para ele confusa.

— Eu quero que você goze, mas apenas quando eu estiver dentro de você, Mel.

Nós dois estávamos ofegantes quando seus olhos

capturaram os meus e me deixaram perdida neles. Eu sabia que nós já havíamos transado outras vezes, mas dessa vez seria diferente. Nós estávamos prestes a fazer amor pela primeira vez. E pela primeira vez eu faria isso de verdade. Eu faria isso com o único cara que me apaixonei verdadeiramente. Meu coração se encheu de tantas coisas gostosas nesse momento.

Deus! Eu estava tão nervosa!

Matteo lentamente empurrou a cabeça do seu membro contra mim. Sempre com os olhos presos aos meus, ele deslizou lentamente para dentro de mim. A emoção que me causou esse ato, que era tão grandioso para nós, trouxe-me lágrimas nos olhos. Não era apenas o desejo que nos conduzia agora. Dessa vez era tudo diferente. Havia algo muito maior. Era delicadeza, o carinho, a paixão...

Oh doce Jesus! Eu nunca tinha me sentido tão nas nuvens em toda a minha vida!

Nós dois gemíamos a cada movimento e a impressão que eu tinha era que ele alcançava mais e mais de mim, inundando-me de prazer, tocando minha alma, tocando meu coração. Desde a nossa primeira vez juntos, já havia

constatado que nunca ninguém me fizera sentir o que eu experimentava com ele. Mas agora, Matteo havia elevado isso a um outro nível para mim.

Nossos quadris se encontrando num sincronismo e ritmo perfeitos, tudo se tornando a cada segundo mais e mais frenético, incrível. Suas mãos passeavam pela pele, seus lábios sugavam os meus, tudo isso combinando o fervor inegável de prazer que nos inundava.

Não demorou para que eu fosse atingida pela força das ondas de prazer que se quebraram sobre mim. Estremeci violentamente, fogos de artifício cegaram minha visão, enquanto meu corpo se entregava completamente e encontrava sua libertação de uma forma que eu não julgava ser possível. Matteo explodiu em seguida, com um gemido gutural, que apenas postergou o prazer que ainda ondulava em meu corpo.

Ainda sem fôlego, sua boca encontrou a minha, nossos corpos lustrosos de suor, arquejantes, mas sem conseguir se desgrudarem. Não parecíamos ser capazes de dizer uma só palavra. Eu pelo menos não conseguia. Apenas não queria largá-lo, não queria que acabasse, queria

apenas continuar desfrutando da sensação deliciosa que ele me causava. Era tão bom, tão certo, tão perfeito estar com Matteo.

Ele lentamente saiu de dentro dela e nós dois gememos com a perda desse contato. Matteo então me puxou para cama e deitei a cabeça no seu peito. Antes que acordasse do transe que ainda me encontrava, meus pulmões voltaram a trabalhar suavemente e em pouco tempo me vi caindo no sono.

#

Acordei com beijos deliciosos em minha pele e por um momento achei que estava sonhando, mas então senti as mãos grandes e suaves de Matteo acariciando minha pele, provocando-me e isso me fez gemer como uma gatinha no cio.

Hm. Eu poderia me acostumar com aquilo facilmente!

Mas por mais delicioso que fossem seus toques e por mais vibrações que isso me causava no lugar onde eu deveria ter uma calcinha, foi o aroma de café impregnado

no ar que realmente me despertou.

— Bom dia, minha Fufuzinha. — Matteo murmurou e eu virei-me, me enroscando em seu pescoço, olhando-o confusa.

— Bom dia. — olhei para ele novamente, totalmente gostoso, mas completamente vestido e perguntei: — Fufuzinha?

— Sim. — ele sorriu. — Os casais normalmente têm um apelido meigo e como costumo te chamar de Furacão, achei que talvez um diminuitivo ficaria mais fofo e meigo. — se explicou dando de ombros.

Fufuzinha? Ele estava falando sério?

— Fuzinha não é fofo e muito menos meigo. — resmunguei e ele riu.

— Mas eu gosto. — beijou a ponta do meu nariz. — Como sei que você precisa, fui até a casa do seu avô e peguei uma xícara de café para você. — ele mordiscou meu queixo.

Café? Ele poderia ser mais perfeito?

— Se eu já não soubesse que era apaixonada por você antes disso, teria certeza agora. — falei simplesmente,

enquanto ele me entregava à caneca de café e então me olhava chocado.

Ah merda! Não! Eu não disse isso!

Levei a mão à boca chocada também, sem conseguir acreditar que eu tinha lhe dito realmente isso. Não conseguia acreditar que havia acabado de confessar que eu era apaixonada por ele. E a próxima coisa que soube, era que ele estava me beijando. Seus lábios foram tão suaves que foi um dos beijos mais ternos que já recebi. Ele sorriu contra meus lábios, antes de se afastar.

— Fico feliz que não seja o único apaixonado, Fufuzinha. — falou e a minha vontade foi de pular em cima dele novamente, mas meu rosto também queimava de vergonha.

— Foi por isso que você correu ontem? — ele perguntou acariciando meu rosto e dei-lhe um pequeno aceno em resposta.

— Não apenas ontem. Eu estive correndo esse tempo todo, porque apenas não queria permitir que você entrasse. Eu não queria sofrer o que minha mãe sofreu um dia. — confessei, agora derramando minhas primeiras

lágrimas.

— Mel...— Matteo disse meu nome com tal tristeza que eu quase não conseguia falar.

— M... Matteo... — eu não conseguia falar.

— Oh, minha Fufuzinha não... Não precisa falar se isso for difícil. — ele me abraçou apertado.

— Eu sinto muito... eu... Eu só... — falei contra seu peito.

— Não... Você não tem que pedir desculpas por nada, Mel. Por favor, não, eu também fugi... Apenas não chore, amor, por favor.

Eu fiquei lá agarrada a ele por um tempo e apenas chorei, tentando colocar para fora todos os meus medos e receios. Matteo esperou pacientemente para que eu pudesse falar, enquanto me abraçava forte e mostrava que estava ali comigo.

Sim. Eu ia colocar para fora como eu me sentia agora!

Só rogava a Deus que estivesse não apenas segura com este homem, mas também comigo mesma.

— Matteo, a verdade é que eu estou assustada. —

voltei a falar. — Assustada demais. No início foi fácil fingir que estava tudo bem, porque eu achei que você era um babaca prepotente praticante do *Paucentrismo*.

— *"Pau"* o que? — ele perguntou, tentando muito duro não rir.

— *Paucentrismo,* nome cientifico que inventei para os homens que acham que o mundo gira em torno do seu pau. — expliquei, fazendo com ele soltasse uma gargalhada alta.

— Meu Deus! Só você mesmo! — disse ainda rindo e eu bati nele.

— Continuando. — falei, fazendo com que ele voltasse a ficar sério rapidamente. — Eu estava e ainda estou com tanto medo dos sentimentos que tenho por você. Nunca me senti assim antes, Matteo. Meus sentimentos por você são tão fortes e estou me cagando de medo de te dar meu coração, porque sei que o que nós dois temos é muito maior do que qualquer outra coisa que terei algum dia. E por isso tenho medo de que você me magoe, como minha mãe foi magoada. Eu não posso deixar isso acontecer... Mas... Eu também não quero deixar de viver isso com

você. Eu estou tão confusa.

Ouvi Matteo resfolegar e em seguida tomar uma ingestão aguda de ar. Ele voltou a me abraçar, antes de lentamente soltar o ar, como se quisesse controlar sua própria respiração. Ainda comigo em seus braços, ele se afastou apenas o suficiente para me olhar e começar a falar:

— Mel, eu nunca na minha vida... Nunca... E eu realmente quero dizer "nunca", experimentei esses sentimentos que tenho por você. A cada vez que olho para você, tenho que recuperar a porra do meu fôlego apenas ao vê-la. Seus olhos são os mais lindos e sinceros que já conheci e me mantêm presos nele, como um maldito idiota. Um sorriso seu para mim e não há absolutamente nada nesse mundo que eu não faria por você. E quando você ri? Porra, Mel, seu riso se move através de meu corpo como um choque de eletricidade e tudo que eu quero é poder escutar mais. Seus lábios me deixam louca. E sua boca esperta? Meu Deus, mulher! Não há nada mais sexy do seu humor ácido e sua ironia genial! Eu quero ter cada parte de você, Mel. Quero ter você em minha vida.

Acredite, estou tão confuso por esses sentimentos loucos e insanos, como você está, meu amor. Mas ainda assim, por mais confuso que seja, uma parte minha tem certeza do que sinto e isso é mais do que paixão. Eu sei que você tem razões para se manter reticente, mas também quero que você saiba que nunca vou magoá-la, prometo que jamais faria isso. Por favor, Mel, deixe-me entrar. Deixe-me provar a você o quanto quero estar com você.

Oh meu Deus!

Nem mesmo em minhas mais profundas fantasias ocultas, aquelas que eu certamente escondia de mim mesma, cheguei a sonhar em ouvir e mais do que isso, queria ouvir, alguém dizendo essas palavras para mim. Nunca. Meu coração parecia que ia saltar para fora da minha garganta.

Deus! Ele realmente estava apaixonado por mim!

Eu tinha um problema sério, sempre que estava nervosa, eu ria. Esse probleminha já tinha me colocado em apuros algumas vezes. E agora eu queria rir, mas também não queria que Matteo pensasse que eu estava rindo do que ele disse para mim.

— Hummm... Mel, eu acho que é agora que você diz alguma coisa. — falou incerto e eu bati-me em pensamento para me tirar do meu torpor.

Limpei a garganta e enxugando rapidamente as lágrimas teimosas que escaparam respondi:

— Sim, Matteo, eu acho que é agora que eu falo. — ri de nervoso. — Eu... Eu não sei mesmo o que dizer. Isso tudo é muito novo para mim. Mas... Mas... Eu amei ouvir isso de você. Eu tenho medo de estar errada e... — não consegui completar, eu simplesmente não sabia o que dizer.

Sim, isso era uma surpresa até para mim!

Ele parecia saber o que eu queria dizer, porque estava olhando para mim com um sorriso bobo em seu rosto, que certamente espelhava o meu.

— Então a partir de hoje nós estaremos juntos. Não me importo que você surte ou que você me xingue de vez em quando, estarei com você. — disse sem conseguir tirar o sorriso e eu ri.

— Não sou maluca. — resmunguei, embora também não conseguisse deixar de sorrir.

— Pouco não. — disse rindo, antes de beijar suavemente meus lábios e quando se afastou e olhou para mim, eu tentei falar mais uma vez:

— Matteo...

— Mel, não adianta. Nós vamos fazer isso!—falou sério, achando que eu contestaria.

Como se eu não quisesse o mesmo que ele!

Eu tive que soltar uma risada pela sua inocência. Aquelas clichês borboletas que eu lia nos livros, mas me pareciam uma manada de rinocerontes dando piruetas no meu estômago.

— Ainda estou assustada pra caralho. — confessei e ele riu.

— Eu também, mas não me importo com esse medo, porque vou estar com você. — sorriu, fazendo com que eu me derretesse. — E pare de falar palavrão. — puxou meus lábios.

— "Pra caralho" não é palavrão, é advérbio de intensidade. — apontei e ele riu.

— Ok, minha Fufuzinha da boca suja. — disse e eu fiz uma careta.

— Fufuzinha é horrível. — falei o óbvio.

— E você adora. — apontou e eu tive que concordar, porque estranhamente, por uma razão que jamais poderia entender, eu realmente adorava. — Vamos. Dê-me uma chance de provar a você que podemos. — pediu.

— Podemos o quê? — perguntei sem entender.

— Nos amar.

Oh. Meu. Deus! Podia ser mais lindo e gostoso?

Suas palavras me pegaram em cheio mais uma vez. E foi impossível não me emocionar.

Como eu não ficaria mexida com um homem maravilhoso e viril me olhando desse jeito e falando essas coisas para mim?

— Tudo bem. — finalmente concordei.

— Só "tudo bem", sem ter que gritar comigo e eu te amarrar até que você mudasse de ideia? — brincou e eu revirei os olhos, enquanto negava com a cabeça.

Hm. Embora essa ideia de amarrar, tipo Grey, não seria má ideia!

— Sim, só tudo bem. Embora precise te avisar, que eu realmente sou louca. Minha TPM é uma das piores coisas

que você conhecerá na sua vida. — avisei e ele sorriu, o sorriso mais lindo que já vi em minha vida.

A vantagem de ser mulher é poder usar "tô de TPM" como desculpa para qualquer surto psicótico. Mas por mais lindo e delicioso que ele fosse, eu tinha uns probleminhas sérios de vez em *sempre*, precisava ter certeza de que Matteo sabia onde estava se metendo.

— Não me importo, Fufuzinha, contanto que você esteja comigo. — Matteo disse tão suave e docemente, que a minha vontade foi de começar a chorar novamente, mas então eu o beijei.

Ok, Mel. Você realmente estava realmente fazendo isso!

Eu estava lhe dando meu coração e pedindo a Deus que ele guardasse ele com sua vida.

“Onde se ganha o pão, se come a carne e se chupa também! ”



TRÊS MESES, VINTE E NOVE DIAS, esse foi o tempo que havia passado desde a conversa com a Mel na casa da árvore e que havia mudado minha vida

completamente desde então. E quando digo que mudou, não estou usando eufemismo, estou apenas afirmando um fato.

Porra! Quem era Matteo Vogel? Nem me lembro desse pobre rapaz!

Estar em uma relação era sempre complicado. Mas estar em um relacionamento com Melissa Brandão era como andar constantemente em uma montanha russa: cheia de altos e baixos, outros momentos em que você tem vontade de gritar apavorado ou chorar como um bebê, período mais comumente conhecido como TPM, e também outros em que você tem vontade de vomitar, que normalmente aconteciam quando ela inventava de cozinhar.

Sim. Com exceção do café, até seus ovos mexidos, cheio de cascas de ovos, devo ressaltar, conseguiam ser catastróficos!

Mas apesar dos pesares, era exatamente ai que estava a questão. Todo mundo sabia que passaria por essas emoções ao andar na montanha russa e ainda assim ninguém deixava de ir ao brinquedo, não é mesmo?

Brincando de *Jogos Mortais*[9], era dessa maneira que me sentia diante meu relacionamento com a Mel. Mas não importava quão louca, assustadora, louca, péssima cozinheira e também louca que ela era, eu jamais trocaria o que tinha com meu Furacão por qualquer coisa nesse mundo.

Eu falei aqui que ela era louca? Então anota ai para não esquecer!

Desde que voltamos de Valencia, nós meio que não conseguíamos nos desgrudar. Não tinha um dia sequer que não dormíamos juntos, seja na sua casa ou na minha. Até mesmo no seu período assustador, como o cara inteligente e genial que sou, eu passava com êxito. Eu poderia lhe dar esses dias para ela? Poderia. Mas para mim era muito mais fácil ficar sem sexo e suportar seu mau humor e loucura do nível *Jason*[10], do que conseguir passar a noite sem dividir a mesma cama que ela.

Sério, não estou brincando. Freddy Krueger[11] *era um Ursinho Carinhoso*[12] *ao lado dela na TPM!*

Eu também estava surpreso comigo mesmo. Não

apenas porque eu, aparentemente, agora conhecia os maiores assassinos da história do cinema por sua causa, ou porque estava completamente apaixonado e amarrado por Melissa Brandão, mas também porque eu gostava disso. Em pouco tempo eu já havia me tornado completamente dependente dela. Amava estar ao seu lado, louca ou não, ela era a mulher que eu queria para mim.

Poético, né? Estava até mesmo pensando em começar a escrever um livro para ensinar outros homens a conquistarem e conseguirem sobreviver a uma louca! Seria um best-seller, com certeza!

Hoje de manhã mesmo, havia acordado com o desejo matinal de fornicação que todo homem tem. Mas então Mel gritou comigo, apenas porque a chamei pelo seu nome e não pelo apelido, que ela dizia odiar, mas eu sabia que ela adorava. Então depois da sua explosão não rolou nada – e eu nem tentei -, além de "migo" comigo mesmo no banheiro.

Mas depois que começamos a namorar, isso definitivamente não era o bastante para mim. Eu não era um adolescente. Mas também era um cara com tesão de

adolescente, que realmente precisava dela como louco. Por isso mesmo depois de tentar me *aliviar* sozinho, ainda estava com dor nos ovos quando cheguei ao escritório para um longo dia de trabalho.

Como hoje era nosso "mêsversário" de namoro – sim, um pouco gay –, havíamos combinado de jantarmos juntos e eu estava pensando no que faria para "amaciá-la". Eu gostava de agradá-la, não necessariamente com presentes caros, porque do jeito que Melissa era, isso não a comovia nem um pouco, mas sim com pequenos presentes, gestos, atitudes, que falavam mais do que palavras. E antes mesmo do ocorrido já havia providenciado algumas coisas, que confesso, havia copiado descaradamente do meu irmão mais novo, agora eu tinha plena certeza que precisava de mais.

Com exceção de flores, que além de Melissa odiar por causa do cortejo fúnebre e ter quase sido soterrada pelos buquês que o Bernardo enviou para ela, Melissa não era o tipo de pessoa que gostava de plantas. Então, definitivamente, flores estavam riscadas da minha lista. Na verdade, ela não era uma pessoa que tinha "sorte",

como ela dizia, para qualquer tipo de animais ou plantas, porque até mesmo um cacto ela conseguiu matar.

Isso deveria me assustar, não é? Mas não era exatamente isso que acontecia! E por vezes eu acreditava que eu tinha sérios problemas mentais!

Antes das dez da manhã, sem que eu tivesse feito nada para tentar reverter o ocorrido, Melissa estava invadindo a minha sala e descontando sua "frustração" em cima de mim.

Graças a Deus ela fez isso! Definitivamente estava sem ideias do que fazer para convencê-la a voltar às boas comigo!

Depois de quase uma hora e três orgasmos, agora estávamos deitados no pequeno sofá da minha sala. Enquanto acariciava seus cabelos, estava pensando seriamente em comprar um sofá maior, porque esse não nos comportava confortavelmente, já que as sessões de sexo aqui eram constantes depois que começamos a namorar.

E no que dependesse de mim, continuaria a ser assim! Afinal, hoje para mim o ditado era claro: Onde se

ganha o pão, se come a carne e se chupa também!

— Me desculpe por essa manhã, estou meio chata esses dias. — comentou, acariciando o meu peitoral.

Meio? Totalmente chata! Mas eu também tinha amor pelas minhas bolas e não tinha coragem de lhe dizer isso jamais!

Eu não ligava realmente que ela tivesse seus ataques. A biologia já havia me ensinado ainda no colégio, na teoria da Evolução de Darwin, que a seleção natural propõe que apenas os mais aptos, geniais e fortes sobrevivem. Tudo bem, eles não nos ensinam com essas exatas palavras, mas a porra que quero dizer com isso, é que nós homens temos que nos adaptar a essas oscilações horríveis de humor, bem como o perigo iminente que era viver ao lado de uma mulher com TPM, caso contrário, não seremos capazes de sobreviver.

A história do mundo prova que eu tenho razão. Como por exemplo, Eva certamente estava não apenas entediada no Paraíso, como também estava de TPM e por causa desse pequeno detalhe, praticamente obrigou que Adão provasse do fruto proibido e ele fez isso porque não era

besta nem nada.

A mesma coisa digo da safada da Dalila, que havia enjoado do cabelo um pouco gay de Sansão e jamais a julgaria por isso. Convenhamos, ela certamente deveria ter um pouco de inveja do segredo que ele tinha para cuidar dos seus cabelos também, enquanto os seus deveriam ser secos demais. Por pura inveja e amargura do marido, o traiu fazendo seus inimigos cortarem seu cabelo e assim ele perdeu sua força. E uma coisa que eu tenho certeza que ela deve ter feito: um mega-hair com seu cabelo. Ou seja lá como isso se chamava na época.

Mas ele perdeu a fé depois disso? Jamais. Um dia ele se vingou de seus inimigos. Bem como Adão definitivamente deve ter ficado aliviado de ter sido expulso do Paraíso e passou o resto de sua longa vida "pecando" com Eva.

Acho que já estão entendendo o que quero dizer. Então tenho para mim que quando Darwin fez essa grande descoberta que revolucionou o mundo, não tenho duvidas de que ele tinha uma mulher um pouco – ou muito - louca em casa. Caso contrário, sua teoria não faria sentido

algum.

Sim. Estar em um relacionamento era tipo a porra da seleção natural acontecendo! Darwin me amaria e seriamos melhores amigos!

Já havia consultado o calendário e sabia que meus dias de "cu piscando", mais comumente conhecidos como TPM, se aproximavam. Por mais assustador e aterrorizante que minha namorada se tornasse nesse período, eu procurava me precaver e comprava todo chocolate que podia para que estivessem à mão no seu primeiro ataque.

Fiz-me entendido? Viram a coisa da adaptação aqui? Pois bem. Eu sei, sou o cara mesmo!

— Eu preciso falar sobre algo com você. — Ela suspirou. Parecia meio nervosa.

— Fala. — pedi, beijando seu ombro.

Podia sentir que ela estava realmente nervosa, mas então ela acariciou os gominhos da minha barriga, me fazendo abafar um gemido, pois meu pau logo despertou para o combate, reagindo com ímpeto de um guerreiro.

Sim. Ele nunca me decepcionava! Sansão era um

otário mesmo! Não deveria dar conta da mulher, caso contrário ela nunca teria se preocupado com seus cabelos!

Nesse momento, queria tomar sua boca novamente. Queria deslizar minha língua entre esses lábios deliciosos, até que nos perdêssemos um no outro novamente. Queria colocá-la para cavalgar sobre mim, vê-la gozar loucamente, mas esse momento pedia seriedade.

Infelizmente! Temos que ter a porra de tato quando as mulheres dizem que querem conversar. Mesmo que estejamos nos cagando de medo como agora!

— Sobre a palavra com "A". — ela começou incerta.

Meu coração disparou no momento em que ela terminou de falar. Nós ainda não havíamos falado a temida palavra. Na verdade, queria dizer a cada momento que estava ao seu lado ou quando estava longe, porque sentia sua falta, ou quando estávamos transando, porque era como a porra de um pacto cósmico que acontecia ali naquele momento de entrega, mas me segurava. Segurava-me, porque não sabia como a Mel iria encarar isso. Sendo

sincero comigo mesmo, me cagava de medo que ela fugisse como uma louca quando eu falasse que a amava.

Qual problema? Já provei que historicamente todo homem tem medo da mulher! Não se esqueça da Teoria da Evolução, cacete!

Mas então Mel estava falando agora e confesso, esperei ansioso que ela dissesse, mas então o que ouvi foi:

— Sr. Matteo. Seu pai pediu que o avisasse que está chegando e que precisa ter uma reunião com o Senhor urgentemente.

Porra! Obrigado, Isa! Ótimo jeito de estragar o momento perfeito!

Não bastava que minha secretária me enchesse os culhões, quase se oferecendo de bandeja para mim, agora ela tinha que atrapalhar um momento especial para gente. Mel se levantou do sofá em um pulo e ela parecia um pequeno *Taz Mania*[13] catando suas roupas pela minha sala. Enquanto se vestia, ela se recusou a me olhar nos olhos e isso me incomodou sobremaneira.

— O que foi, Fufuzinha? Parece que você acabou de

ver um fantasma. — perguntei, quando comecei a vestir minhas roupas também.

— Puta merda, Matteo! Seu pai saberá... — abaixou sua voz para quase inaudível enquanto completava: — que fizemos sexo!

Mentira que ela estava preocupada com isso!

Não me aguentei e cai na gargalhada. Ela realmente era tão bonitinha achando que era meiga e inocente. E o pior: Acreditando que as pessoas realmente achavam isso dela.

Melissa realmente esquecia que as pessoas sabiam que ela era aquela que ensinava outras mulheres a pisar em nossas bolas? E que meu pai era quem pagava seu salário para fazer isso?

— Me poupe, Mel. Até parece que meu pai não sabe que fazemos isso. E muito. — complementei, terminando de abotoar os botões da minha camisa. — Nós somos adultos, não temos que lhe dar satisfação. Acredite em mim, ele teve uma conversa séria comigo depois que anunciamos que estávamos juntos. — falei, lembrando-me das pequenas ameaças que meu próprio pai me fizera.

Sim. Ele realmente adorava minha Fufuzinha. E quem não?

— Sério, amor, eu te disse que não queria transar com você assim do nada e ainda por cima em pleno expediente. — falou na maior cara de pau.

Como é que é? Que cara de pau!

— Disse? — perguntei dando-lhe um olhar cético.

— Tudo bem, eu não disse com palavras, mas pensei. Juro que pensei. — completou emburrada e eu tive que rir de novo.

— Sei. — falei sem conseguir deixar de rir, porque eu praticamente fui atacado pelo meu Furacão.

— Porra, Matteo. Estou falando sério. Não queria que ele pensasse mal de mim. Afinal, você é meu patrão e eu estava transando com você em pleno horário de trabalho. — comentou, beirando a desespero.

Tive que sorrir pensando no quanto ela ficava linda assim toda nervosa. Aproximei-me e a puxei para mim, antes de tirar uma mecha de cabelo que havia saído do seu penteado, que depois do sexo quente que fizemos em alguns cantos daquela sala, era de se esperar que

estivesse assim. Na verdade, ela estava até muito penteada.

— Fufuzinha, papai te adora. E não se deixe enganar pelo grande Otávio. Mamãe falava muito quando ficava bêbada e me confessou que ela e o papai foram pegos em situações constrangedoras por diversas vezes enquanto namoravam. Até mesmo nos bastidores de um desfile que ela participava. — falei e Mel começou a rir.

Depois de um tempo abraçado com Melissa, brincando, ouvimos o toque na porta e em seguida meu pai entrou em minha sala. O perfume que meu pai usava há mais de vinte anos, misturava-se com o cheiro almiscarado do sexo que, inevitavelmente, havia ficado no ar.

Ok. Talvez não conseguíssemos disfarçar realmente o que estávamos fazendo aqui!

Mesmo que a Mel tivesse estado nervosa em continuar aqui enquanto meu pai vinha até minha sala, depois da nossa pequena conversa ela parecia mais à vontade agora. O que me aliviava sobremaneira. Eu tinha namorado muitas garotas. Nunca houve um relacionamento sério

como a Mel e o mais próximo que cheguei disso havia sido com a Raka, ainda assim nem se comparava. Mas a forma como meu pai nos olhava quando nos via juntos, me deixava um pouco envergonhado.

— Oi, filhos. — ele foi diretamente até Melissa lhe dar um abraço apertado. — Que bom vê-la, minha querida. Que bom que está aqui.

Sinceramente, não sei por que Melissa chegou a cogitar que meu pai não gostaria que nós dois namorássemos. Ficar louca – ou mais louca – pensando nisso como ficou, foi definitivamente um desperdício de tempo. Papai já a amava antes de qualquer maneira, então depois das ameaças que fez para mim, ele praticamente estava sonhando com um casamento nosso.

Não estou brincando. Estava mesmo. Meu pai era como uma mãe alcoviteira que quer casar a filha com um bom partido. Mas no caso, para ele o bom partido era ela.

Sério. Nem meu próprio pai me dá o valor que mereço!

— Oi, papai. — falei, cumprimentando-o em seguida.

— Estavam em uma reunião? — papai perguntou, com

uma expressão divertida em seu rosto.

Merda! Fomos pegos!

— Pai. — resmunguei, enquanto Melissa adquiria alguns tons novos de vermelho em seu rosto.

— Estou brincando com vocês. Sei como é maravilhoso o início dos namoros. Não é atoa que casei tantas vezes. — riu da sua própria piada, enquanto revirei os olhos e Mel parecia querer morrer. — Mas como você está, minha filha? — Papai perguntou voltando sua atenção para ela.

— Vou bem, sogro. — ela respondeu, balançando a cabeça educadamente, chamando-o como ele havia pedido que o chamasse.

— Temos que marcar um jantar lá em casa. Toda a família. Você e a doce Hortênsia também, claro. Mila ficará encantada. — meu pai continuou e eu reprimi o gemido que queria sair da minha garganta.

Apesar de não termos muito contato, minha relação com a madrasta número 11 não havia melhorado desde a festa que antecedeu seu casório. E olha que já haviam passado mais de quatro meses e ineditamente o casamento

ainda não havia acabado. O que me levava a dar o braço a torcer que talvez, ao menos dessa vez, esse enlace daria certo.

A cada encontro, Mila foi educada, mas preferiu se manter distante e até mesmo um pouco fria comigo. Ao contrário da maneira que ela tratava a Mel, quem ela parecia gostar realmente, bem como o Micah e a Hortênsia.

— Vai ser ótimo. Só marcar. — Mel respondeu com um sorriso e eu quis matá-la, pois ela sabia que eu me sentia como se estivesse em uma sessão de depilação de pelos pubianos nesses momentos.

Ela me pagava! Sim. Me pagaria! Eu mostrei com quantos paus "derruba" sua canoa!

— Bem, eu estou adorando revê-los, mas não foi exatamente para isso que vim aqui hoje. — ele disse animado.

Todos os funcionários do Grupo amavam meu pai, tanto que há muito tempo o chamavam de Grande Otávio e a verdade é que ele os amava também. Essa devoção e lealdade foi o que levou o Grupo Vogel ao sucesso

absoluto que era hoje. Mas desde que se casou, meu pai não havia voltado até ao escritório sem que não fosse de fundamental importância sua presença aqui e exatamente por isso sua visita sem aviso prévio me deixou imediatamente preocupado.

— Sentem-se, por favor. Tem algo que gostaria de conversar com vocês. — falou e nós logo tratamos de obedecer.

Meu pai parecia feliz quando disse isso, mas ainda assim fiquei um pouco incomodado. Preocupado até. Apesar da Mel ser uma das nossas maiores colunistas, eu achava que conversar sobre negócios com ela aqui não iria ser algo que a deixasse a vontade. Não que não confiasse nela, porque eu confiava de olhos fechados e ainda por cima usando tanguinha, mas Melissa não gostava de misturar as coisas, na verdade, ela costumava ficar um pouco incomodada com essa questão de chefe-funcionária.

— Acabei de falar ao telefone com Roberto Azevedo. Você deve se lembrar Matteo, que ele entrou em contato comigo há algum tempo. — assenti, quando meu pai

esperou minha confirmação. — Na época ele me disse que estava querendo diversificar e pediu que eu recebesse um dos seus produtores. Nós conversamos sobre algumas coisas na ocasião e ele me disse que tinha algumas ideias em mente e queria que eu analisasse essas ideias. Roberto Azevedo é um dos herdeiros do maior canal de comunicação e TV do país. E apesar de ter inúmeros funcionários para fazer isso por ele, Roberto escolhe pessoalmente cada novo programa que adiciona a sua grade.

Eu sabia disso. Geraldo Azevedo, pai de Roberto, fora um cara visionário na televisão brasileira, havia revolucionado a história de todo um país. Não era a toa que eu havia escolhido ele para ser o tema do meu trabalho de conclusão de curso da faculdade. O cara era um gênio. E seu filho, havia seguido seus passos. Mesmo após a morte do pai, com a ascensão da TV a cabo, havia diversificado o ramo e hoje era dono de canais de diversas categorias. Era o magnata da televisão.

Sabe um paga-pau? Eu me encaixo completamente nesse adjetivo quando se tratava da família Azevedo!

— Roberto está vindo até aqui com seu produtor, para que possa mostrar as ideias que tiveram a respeito do que conversaram comigo. Quer dizer, conosco. — meu pai continuou.

— Eu tinha uma reunião daqui a pouco, mas sem problemas, posso remarcá-la...

Claro que poderia! Era Roberto Azevedo, porra!

Podia sentir a agitação pulsar em minhas veias. A adrenalina bombeando meu coração. Eu era um *workaholic,* estava excitado apenas com a expectativa dessa reunião, porque sabia que dela viria algo grande. Muito maior do que qualquer coisa que todo o Grupo Vogel tinha atualmente.

— Matteo… — meu pai me interrompeu, mas escutá-lo nesse momento parecia difícil demais quando minha cabeça fervilhava.

— Também ia almoçar com a Mel, mas ela, com certeza, não se importa de deixarmos esse almoço para depois. — olhei para ela que assentiu em silêncio. — Eu não sei realmente o que ele poderia querer fechar conosco, porque as possibilidades são infinitas, mas não

importa, daremos um jeito de fechar da melhor forma possível... — continuei a tagarelar.

— Filho… — meu pai tentou falar mais uma vez, mas eu estava animado demais para conseguir lhe dar ouvidos e continuei falando sozinho:

— A TV aberta parece cada vez mais fechada, no entanto, a fechada, tem se aproximado cada vez mais do público. Temos uma diversidade de possibilidades que certamente seriam sucesso...

— Matteo Vogel, o que eu estou querendo dizer, se você calar sua boca e me escutar, é que Roberto Azevedo já sabe o que quer. Ele quer a Mel. — disse simplesmente.

Como? Ele quer o que?

— Ele quer a minha namorada? — perguntei, confuso, enquanto meu pai sorria de orelha a orelha olhando para mim e depois para ela.

— Sim. Ele viu o sucesso que a Mel faz nas redes sociais, assistiu seu canal e adorou. Roberto quer que #DesaPega vire um programa de TV e que a Mel vire apresentadora dele. — explicou, deixando-me chocado.

Olhei para o lado e a Mel, que até então se mantinha calada, estava com o queixo lá embaixo. Ela parecia tão surpresa e chocada quanto eu. Eu poderia ser fã deles, mas nós dois sabíamos que conseguir algo parecido com isso com os Azevedo não significava apenas realizar um ótimo trabalho, significava para eles que erámos os melhores para isso.

— Eu? — Mel perguntou ainda sem acreditar e meu pai sorriu.

— Sim. O que você me diz de ir parar nas telas de TV de todo país, Melissa Brandão? — ele perguntou orgulhoso.

Porra! Seria errado eu dizer que estava excitado de tão orgulhoso? Era minha namorada caralho!

#

— Meu Deus! Um programa de TV! Ainda não estou acreditando! — A Mel falou animada, enquanto almoçávamos.

Havíamos acabado de sair da reunião com o Roberto Azevedo e seu produtor. Roberto foi muito educado e se

mostrou não apenas entusiasmado, como também encantado com Melissa. Não de uma forma homem mulher, porque senão, mesmo sendo fã do cara, o teria colocado para correr, pois nos últimos meses tenho me descoberto um cara realmente ciumento, mas sim de uma forma respeitosa, como uma pessoa que admira o trabalho da outra.

Então o resultado não poderia ser outro: A reunião foi um verdadeiro sucesso. #DesaPega em breve viraria um programa de TV.

— Pois é. E você ainda vai receber, e muito dinheiro por sinal, para continuar falando abobrinhas para as mulheres. — provoquei-a da forma habitual e Mel revirou os olhos.

— Lá vem você com suas piadas machistas baratas. — rebateu e eu ri.

— Não mesmo. Afinal, você é a mulher hipócrita que manda as mulheres queimarem os sutiãs e também desapegar dos coitados dos seus homens, enquanto está de boas, jogando o sutiã na minha cara e pegando e muito esse gostosão aqui. — balancei as sobrancelhas, antes de

piscar para ela e rir.

— Prepotente idiota. — resmungou, antes de começar a rir também e eu aproveitei o momento para lhe roubar um beijo rápido.

Nós dois éramos assim. Sempre nos provocando, nos alfinetando. Não importava que estivéssemos juntos e apaixonados, não acho que essa pequena "rixa" entre nós dois acabará um dia. E admito, eu adorava muito isso. Era fodidamente excitante provocá-la e receber suas respostas espertas e irônicas de volta.

Caralho! A verdade é que havia descoberto que não havia nada mais excitante do que mulher inteligente e com a língua ferina!

Apesar de termos pouco tempo juntos, uma coisa que eu realmente não podia reclamar era que nosso relacionamento tinha chance de cair na rotina. Não digo apenas no quesito cama, que era bom para caralho, mas também no nosso dia-a-dia.

Tudo bem que a Mel era uma pessoa naturalmente difícil, mas ela também era a pessoa mais autêntica, sincera e também excêntrica que eu conhecia. Então

entediante era uma palavra que não se encaixava quando o assunto era nós dois.

Excêntrica, esse era o segundo adjetivo que melhor definia o jeito "Mel de ser". Depois de louca, claro. A Mel tinha umas manias estranhas, que eu havia desistido de tentar entender. Como, por exemplo, sua *tanatomania,* pois ela era uma pessoa obcecada não apenas por filmes de Terror, mas principalmente pelas mortes dos personagens.

E como se isso não fosse louco o suficiente, enquanto eu era obrigado a assistir cada barbaridade cinematográfica, a Mel ainda por cima fazia comentários, tipo Galvão Bueno narrando o futebol. Mas no caso ela narrava de forma estranhamente concisa e contundente, tipo por qual veia, artéria, órgão, o diabo a quatro, detalhando especificamente como e porque o personagem estava sendo assassinado.

Eu deveria temer o fato de estar dormindo com uma possível psicopata, escolada em vinte temporadas de Law and Order[14]*? Ou que também tenha hibristofilia, ou seja, uma atração macabra por criminosos? Ou ambos?*

Só que essa não era sua única mania, Mel era aquele tipo de pessoa que não podia escutar uma música, que rapidamente era teletransportada para dentro do clipe. Às vezes eu passava uma vergonha danada nos engarrafamentos. Ela meio que se sentia a bailarina da Beyoncé, ou se achava a própria Mariah Carey, mesmo que estivesse mais para a Tetê Espíndola com dor de barriga.

Era, tipo, cinco minutos de uma agonia maravilhosa!

Só que por mais estranhas e loucas que fossem essas suas particularidades e manias, que eram tão dela e de certo poderia passar o dia todo citando-as, eu não conseguia imaginar porra nenhuma que fosse melhor do que Melissa Brandão. Não havia dúvidas, eu amava essa louca.

“O que era o tempo diante das coisas loucas e inexplicáveis que sentimos?”



— COMO ESSA PORRA PODE TER ACONTECIDO? — perguntei para ninguém em particular, enquanto segurava o exemplar da concorrência em minhas

mãos.

— Ainda não sabemos. Mas nossa equipe de T.I. está trabalhando para tentar descobrir isso. — Jaque informou, enquanto eu soltava um suspiro cansado.

Havíamos acabado de dar início a uma reunião de emergência, que havia sido convocada a pedido do Editor Chefe e todos os responsáveis da parte editorial e colunistas estavam presentes. A *Femme Fatale,* segunda maior revista feminina do país, que ficava atrás apenas da nossa, simplesmente havia publicado uma edição especial com matérias que eram praticamente cópias das matérias da DIVA que sairia nas bancas na próxima semana.

Porra! Como isso poderia estar acontecendo? Isso não podia ser a porra de uma coincidência!

— Solicitem que a gráfica pare as impressões imediatamente. Quero também além da nossa, uma equipe de fora especializada investigando. Está óbvio para mim que essas matérias vazaram de alguma maneira. — falei, tentando controlar o tom da minha voz.

Eu estava puto. Muito. Muito puto.

— Estou solicitando isso agora mesmo, Sr. Vogel. —

O Editor chefe disse, se virando em seguida para seu assistente, provavelmente lhe passando as ordens a esse respeito.

— E o que iremos fazer? — um dos editores perguntou e eu suspirei.

Eu não sabia. Mas tinha que pensar rapidamente, tínhamos que fazer alguma coisa. A tiragem mensal da DIVA era de 400 mil exemplares e como ela estaria nas bancas na próxima semana, com certeza mais de 98% dessa tiragem já estava impressa e embalada, apenas no aguardo da coleta das transportadoras para irem para seus leitores de todo o país. O que significava não apenas que precisávamos reformular a edição em tempo recorde, como também teríamos um prejuízo gráfico enorme esse mês.

Caralho! O que faríamos agora?

— Alguém propõe alguma solução? — perguntei, sentindo a minha cabeça doer.

Olhei para as pessoas que estavam sentadas nas cadeiras na grande mesa de reuniões e todas as cabeças responderam em negativa, parecendo tão perdidos quanto

eu. Exceto uma pessoa.

— Diga, Melissa. — pedi e meneei com a cabeça incentivando para que ela falasse.

— Então, enquanto a Equipe de T.I. tenta encontrar qualquer coisa, além de sugerir o óbvio, que as matérias que foram copiadas sejam refeitas com uma nova temática, e que o restante de nós façamos novas matérias, sugiro também que assim como eles surpreenderam os leitores com uma edição especial, que façamos o mesmo. Tipo uma edição econômica, com um preço menor, mas justamente por isso faríamos uma tiragem maior, porque sabemos que dessa forma a vendagem será maior pelo preço ser mais acessível para os leitores. Isso talvez ajude a cobrir o rombo gráfico da edição que jogaremos no lixo ou ao menos parte dele. Mais ou menos isso. Tenho outras ideias sobre essa edição especial também, caso optem por ela. — disse, com uma timidez atípica.

— Não sei se essa é uma boa ideia. — Jaque falou e eu olhei para ela sem entender.

O que? Ela estava louca? A ideia era sensacional!

— Na verdade, é uma ótima ideia. Continue, Mel. —

incentivei.

— Então, nós temos centenas de patrocinadores, se entrarmos em contato com eles, certamente conseguiremos alguns brindes para irem juntamente com a edição. Isso, com certeza, aumentará a visibilidade da revista. Todos adoram coisas grátis. — sugeriu e eu sorri orgulhoso dela, que ainda pareceu um pouco tímida.

Eu já disse que minha namorada é foda? Então faça nota disso também, porque meu orgulho dela vai valer de alguma coisa mais para frente!

— Ótima ideia. Mais alguém tem alguma sugestão? — perguntei, olhando ao redor e ninguém respondeu. — Então colocaremos a ideia da Melissa em prática. Quero as reformulações e a base das novas ideias até amanhã, como já temos praticamente a próxima edição pronta, colocaremos ela em prática também. Qualquer novidade quero ser avisado imediatamente. Estão dispensados. — ordenei, antes de me levantar da mesa e os outros fazerem o mesmo.

— Você gostou mesmo da minha ideia? — Mel perguntou, se aproximando de mim, enquanto os outros

saíam da sala de reuniões.

— Claro que sim. — respondi o óbvio.

— Matt, posso falar com você? — Jaque perguntou, se aproximando de nós dois.

— Sim, claro. Pode falar. — falei e ela pareceu meio sem jeito enquanto falava:

— Na verdade, eu achava melhor falar a sós com você, primo. — falou enquanto olhava para amiga.

— Eu vejo você depois então, amor. — Melissa começou a se retirar, mas a detive.

— Não, amor. Pode ficar. — olhei de volta para Jaque. — Pode falar na frente da Mel, Jaque. — falei e ela pareceu ainda mais sem jeito.

— Então, é sobre o ocorrido na DIVA, eu realmente acho que as informações foram vendidas. Tenho uma colega que trabalha lá. Você deve lembrar-se da Juliana, não é, Mel? — perguntou diretamente para minha namorada, que fez uma careta. — Quando soube do ocorrido, mandei uma mensagem para ela, que respondeu imediatamente, falando que as matérias foram realmente repassadas por alguém daqui de dentro. — Jaque falou,

deixando-nos em choque.

Puta que pariu! Então realmente tínhamos um X-9 entre nós!

#

Por mais puto e estressado que estivesse depois dos acontecimentos da tarde, decidi que não deixaria isso me mover e estragar os planos que tinha para hoje. Mel e eu não iriamos apenas comemorar nosso aniversário de namoro, mas também a novidade sobre seu programa de TV, que era definitivamente uma coisa maravilhosa para festejarmos.

Por isso, tinha combinado com Melissa que quando o expediente se encerrasse, iríamos diretamente para minha casa, onde lá nos arrumaríamos para nossa saída e depois seguiríamos para passar a noite na casa da Mel. Ela não gostava muito de dormir fora por causa da irmã e costumava ficar um pouco preocupada quando dormia na minha casa, então até eu mesmo preferia evitar.

Ainda não tinha falado com a Mel sobre isso, na verdade, estava pensando em alguma maneira de como

começar essa conversa, mas isso realmente estava me incomodando. Não o fato de dormir no seu apartamento e ainda com toda a bagunça das três, na verdade, eu até gostava, pois o lugar era cheio de vida e passar um tempo com elas, era certeza de risada na certa. Embora a maluca da Kami me desse um pouco de medo às vezes.

Um pouco não, muito mesmo!

Só que o problema estava justamente no fato de que como nós dois passávamos todas as noites juntos, não tinha porque mantermos dois apartamentos. Especialmente quando elas pagavam um aluguel absurdo para aquele apartamento tão pequeno.

Pensei muito sobre isso. Sabia que estávamos juntos há pouco tempo, mas o que era o tempo diante das coisas loucas e inexplicáveis que sentimos? Nunca antes eu havia tido a vontade de dividir não apenas uma casa, mas uma vida com alguém. Nem mesmo com a cadela da Raka, que hoje sabia que só havíamos ficado tanto tempo juntos porque ela viajava a maior parte dele.

Mais o meu medo sobre tocar nesse assunto, era o mesmo sobre falar o "eu te amo", eu definitivamente

morria de medo da Mel surtar e me dar um pé na bunda. Não importava que já tivesse cedido uma gaveta e ela tivesse pegado uma parte do meu closet, Mel era um tanto complicada. Por isso eu queria ter certeza de como falar. Precisava ter tato e paciência quando se tratava de Melissa Brandão. Ela era uma incógnita. A minha incógnita.

Só que eu não esperava que as coisas saíssem um pouco mais fora do controle que já estavam. Em um momento eu estava em meu escritório, lendo alguns contratos e relatórios, quando Isa entrou. Ela trazia consigo alguns documentos que eu havia solicitado, mas até ai tudo bem, afinal, ela era minha secretária e por mais inconveniente que ela fosse vez ou outra, estava cumprindo sua obrigação. A dispensei sem lhe dirigir uma segunda olhada, mas antes que desse por mim, ela estava ajoelhada diante das minhas pernas e tentava abrir meu cinto.

— Que mer...

Meu xingamento e advertência foram cortados por uma boca um pouco mais suja do que a minha:

— Que porra é essa aqui, caralho? — Melissa perguntou com a voz alterada, me deixando completamente sem saber como reagir, a não ser pular da cadeira e levantar as mãos em rendição.

— Não acho que precisamos explicar. — Isa falou cinicamente, antes de limpar o canto da boca como se estivesse alguma coisa para limpar.

Puta merda! Ela era louca?

Com o coração na boca, desesperado, fiz menção de me aproximar, mas a Mel fez sinal com a mão para que eu parasse.

Porra! Eu estava fodido!

— Como é a história, vadia? — ela perguntou se aproximando perigosamente, com a voz quase mortal.

— Desculpe-nos por você descobrir assim, Mel. Mas eu e o Matteo temos um caso. Eu sabia que era errado, mas estou apaixonada e por isso acabei me rendendo. — respondeu na maior cara de pau.

Como é que é, caralho?

— Mel, não escuta essa louca! Ela está mentindo. Eu juro por Deus que nunca encostei nessa mulher uma só

vez! — falei desesperado, quase arrancando o cabelo da minha cabeça.

Traição era o ponto fraco da Mel. Sua mãe havia sido traída e o idiota do Bernardo também havia feito o mesmo com ela. Eu poderia nunca ter tido um relacionamento sério como o que eu tinha com ela, mas jamais seria capaz de traí-la, especialmente sabendo como ela se sentia sobre o assunto. Além do mais, nunca, em todo esse tempo de namoro e até mesmo antes de assumirmos nossa relação, tive vontade de estar com outra pessoa que não fosse ela.

O desespero me golpeou. Agora eu poderia estar perdendo a melhor coisa que já tive na minha vida e o medo dessa perda me deixou sem saber como reagir diante disso.

Em alguns passos Melissa estava diante dela e antes que me desse conta, escutava o estalo do tapa que ela dava na cara da Isa. O som ecoou pela sala, juntamente com o grito da vadia, que a olhava com espanto.

— Sua safada! Você acha mesmo que eu ia acreditar nesse seu papinho de quinta? — Mel gritou com ela, me

deixando voltar a respirar.

— Eu juro que é verdade. — a dissimulada continuou.

— Não sou idiota, Isa. Na verdade, sou esperta demais. Você acha que me esqueci de tudo que você me disse sobre o Matteo quando ele chegou? E principalmente que tenho visto a maneira que você se comporta diante dele? Só não lhe dou uma surra, porque não vale a pena perder meu tempo com você e muito menos estragar as unhas que fiz ontem. Mas se você continuar a respirar perto do meu namorado, eu juro por Deus, por Buda, por Alá, até por Satanás, o que você quiser, mas eu acabo com a sua raça! — gritou na cara da outra e eu tive que me segurar para não rir.

Isa arregalou os olhos e praticamente correu até a porta e antes que ela fosse eu aproveite logo para lhe dizer:

— Passe no RH na saída. Eu tentei ser paciente, mas você abusou da minha bondade. Está no olho da rua. — avisei para ela, que agora parecia tentar segurar o choro.

— E, Isa, só um conselho: Vergonha na cara faz você ficar mais bonita do que maquiagem! Amadureça, vadia!

Vá procurar algo melhor para fazer além de querer pegar os homens que tem dona! Valorize o que você tem no meio das pernas e não nos envergonhe! — Melissa disse, antes de bater a porta, literalmente, na cara dela.

Seu corpo tremia de raiva, mas mesmo temendo sua reação, fui até ela e a abracei por trás, mas recebi um empurrão em resposta.

— Ei, você sabe que não fiz nada. — tentei lembrá-la, com as mãos em rendição e ela bufou, irritada.

— Fez sim. A culpa é sua! — praticamente apontou o dedo na minha cara.

— Minha? Não fiz nada! — reafirmei incrédulo e ela riu sem humor algum.

— Claro que fez! Além de não ter demitido essa vadia antes, ainda é lindo e gostoso desse jeito. Custava alguma coisa não ser assim? — perguntou puta da vida e inevitavelmente cai na gargalhada.

Eu já disse que amava essa louca?

Eu nem queria rir, mas como não fazer quando ela fala uma coisa dessas? Melissa me batia irritada com a minha explosão e acabei tendo que segurar suas mãos, porque

ela podia ser pequena, mas era forte para caralho. Sua mão era realmente pesada e apenas um tapa seu me deixava dolorido. Então a puxei pela cintura para mim e com a mão livre segurei seu queixo firmemente, fazendo nossos olhos se encontrarem.

— Não acho que você tenha algo a reclamar sobre isso. Mas de qualquer forma, acho que preciso ser claro para você: Só quero ser lindo e gostoso para uma mulher. A única mulher que quero e a única a qual eu amo é você e não preciso de mais nada além do seu amor. ¯ falei sinceramente.

Porra! Eu falei! Caralho! Eu finalmente falei! Porra!

Com o coração batendo descontrolado, esperei sua reação. Mel estava com os olhos arregalados e a boca aberta em um "o" perfeito. Eu também estava muito chocado comigo mesmo por ter dito isso pela primeira vez em voz alta e ainda mais dessa maneira. Era verdade e talvez não houvesse momento perfeito para dizê-lo, então simplesmente fiz.

Esperei que saísse correndo para que eu pudesse correr atrás dela, mas dessa vez não aconteceu. Na

verdade, sua boca logo encontrou a minha em um beijo apaixonado. O beijo começou suave e lento, mas quando a Mel deslizou suas mãos em meus cabelos e os puxou, nossos lábios se devoraram com voracidade, enquanto nossas línguas duelavam de uma maneira deliciosa e sublime.

O gemido que escapou dos seus lábios aqueceu meu corpo, minha ereção parecia estar prestes a explodir dentro da calça. E a única coisa que queria nesse momento, não era somente me entregar ao desejo explosivo que sentia, mas provar para ela que não apenas agora, mas pelo resto da vida, minha vida se resumiria apenas a ela.

Minhas mãos foram para os seus quadris e apertei-a contra mim, levantando-a, automaticamente suas pernas logo se enrolaram em volta da minha cintura. A parede mais próxima foi nosso destino, nossos corpos juntos, se encaixando, como se precisássemos nos fundir. E eu queria. Queria mais do que tudo me prender a ela, apenas a minha linda Fufuzinha.

— Repete. — ela pediu em meio a gemidos, enquanto

eu mordia por cima da blusa um mamilo rijo.

Minhas mãos apertaram seus quadris, fazendo com que ela sentisse ainda mais meu membro duro contra ela. Uma mão minha correu até seu rosto lindo, acariciando suavemente a bochecha levemente rosada, sua respiração pesada e o olhar de necessidade me pedindo, me implorando pelo que eu queria tanto lhe dar: o meu amor.

— Eu te amo. — afirmei, fazendo-a fechar os olhos e logo rocei meu nariz ao seu.

— De novo. — pediu em um fôlego só, esfregando-se contra mim.

— Eu.te.amo. — minha voz saiu quase um rosnado quando repeti.

Sua boca encontrou com a minha mais uma vez e antes que pudesse perceber ou pudesse nos parar, nossas mãos exploravam nossos corpos, com a necessidade inexplicável que tínhamos um pelo outro. Ela poderia não ter dito que me amava também e não precisava que me dissesse com palavras. Eu sabia.

Confessar meu amor por Melissa, parecia ter derrubado algum muro que ainda nos separava de alguma

maneira. Mas agora, que já não havia mais nenhuma barreira entre nós, nos amamos mais uma vez e foi ainda mais perfeito do que um dia foi.

#

— Eu acho que vou querer assistentes de palco sarados e usando apenas uma sunguinha no programa. — A Mel falou com a nítida intenção de me provocar, enquanto eu abria a porta do meu apartamento.

— Nem fodendo! — respondi carrancudo, mesmo que soubesse que isso era apenas provocação.

— Por que não? Serão apenas assistentes de palco e colírios para os olhos das minhas queridas telespectadoras. Se você pode ter uma *secretina* gostosa, por que não posso ter um ou dois ou quatro, sim, definitivamente quatro assistentes de palco gostosos? — perguntou na maior cara de pau, antes de passar por mim e adentrar ao meu apartamento.

Porra! Posso bater na bunda dessa provocadora? Até quando serei crucificado por algo que não tenho culpa?

— Já que o problema é esse, agora que demiti a Isa,

arrumarei uma senhora senil e gagá para ocupar o seu lugar. Está bom para você? — perguntei, antes de trombar com seu corpo paralisado no meio da porta. — O que foi? — perguntei antes de seguir seu olhar e dar de cara com o que eu sabia ser motivo suficiente para um desastre iminente.

Porra, Universo! Sério isso? Agora? Logo agora? Já não havia acontecido pouca coisa para um dia não?



TUDO QUE FALAM SOBRE A PRIMEIRA VEZ de uma garota não era inteiramente verdade. Minha irmã, por

exemplo, me colocava mais medo do que uma sessão de depilação a cera, que convenhamos, doía para caramba. Mas a quantidade de disparates que ouvia da sua boca no que diz respeito a sexo, ia de vermes, crescimento excessivo dos pelos das pernas à a perder as orelhas.

Sim. Foi exatamente isso que você leu. Ela chegou a dizer que eu perderia as orelhas!

Claro que a louca da Kami riu quando ela disse isso, mas então parou subitamente sua crise de risos, antes de levar imediatamente as mãos para as orelhas, para ter certeza de que as suas estavam lá. Ao mesmo tempo em que corria para o espelho apenas para confirmar que não era *mouca,* como Jorge Weasley.[15]

Bem, ela, com certeza, tinha "perdido a orelha" para vários homens!

Outro dia havia tentado falar com a Mel sobre isso. Mas a verdade é que nossa conversa quase fez com que eu me arrependesse de falar com ela.

— Você não deveria estar dormindo? Está tarde, amanhã você tem aula. — A Mel perguntou, quando me aproximei da sua mesa, onde ela provavelmente

trabalhava em sua coluna.

— Sei que sim. E também está tarde para "lavar roupa". Mas sei que terei que "lavar" uma hora, porque é natural, não é mesmo? — Falei, esperando que ela entendesse o que eu queria dizer com isso e minha irmã me olhou confusa.

— O que?

— Estou tentando dizer que eu e o Micah... Nunca "lavamos a roupa". — Dei ênfase as últimas palavras.

— Não se preocupe com isso. Eu estava sem calcinhas novamente e lavei ontem as suas também, Tetê. E Micah, bem, ele tem mil pessoas que podem lavar por ele. — Deu de ombros, sem entender o que eu realmente queria dizer.

Droga! Isso seria difícil!

— Mel, preste atenção. Eu e o Micah namoramos há quase cinco meses, é de se esperar que "lavemos roupa" em algum momento. Mas o problema está nisso, nós dois nunca "lavamos a roupa". Mas todos os nossos amigos já "lavaram". Você já "lavou". O Matteo também. E a Kami, é uma tremenda "lavadeira". — Tentei mais uma vez.

— Hortênsia, você está querendo me dizer que está

com TOC para lavar roupa? — Perguntou simplesmente e eu bufei, antes de dizer de uma vez:

— Segue os farelos de pão, *óh* Maria! Estou querendo dizer que eu e o Micah somos virgens!

Pronto. Falei!

— Virgens? — Perguntou e eu assenti. — Bem, você eu até entendo, afinal sempre te disse os malefícios do sexo precoce. Mas o Micah? Isso foi realmente inesperado. É sério? — Perguntou um tanto desconfiada e eu assenti, percebendo que isso parecia uma espécie de teste, porque ela não me pareceu nem um pouco surpresa realmente.

— Isso não é esquisito? Quer dizer, nós dois ainda sermos virgens depois de tanto tempo juntos? — Inquiri envergonhada e ela negou.

— Não, vocês não são esquisitos. — Ela me abraçou e me fez revirar os olhos quando murmurou para si mesma em voz alta: — Obrigada, Deus!

— Não? — Perguntei querendo ter certeza e ela negou.

— Vou te dizer aquela velha frase clichê: Você não é

todo mundo. Não pode se basear no que os outros fazem ou fizeram. — Explicou.

— O que eu faço? — Perguntei, ficando nervosa e ela sorriu.

— Não posso te dizer o que fazer, Tetê. Como você sabe se está pronta ou não para "lavar roupa"? — Voltou a pergunta de volta para mim.

— Quando eu não tiver dúvidas e não precisar vir te perguntar sobre isso? — Mais perguntei do que respondi.

— Sim. — Ela sorriu e voltou a me abraçar. — Está vendo? Não foi difícil. — Comentou ao se afastar de mim.

— Não mesmo. Eu acho que sou muito melhor nisso do que a Kami, que vive perdendo as orelhas para os caras. — Comentei orgulhosa e ela riu.

— Claro que é. Aquela pseudo-lésbica não é referência para ninguém. Principalmente se tratando de relacionamentos. Fico feliz que você tenha vindo falar comigo, maninha, pois eu tenho experiência e já passei por isso.

— E passou e passou e passou. — Provoquei, antes de ela me encher de cócegas, mas logo ficou séria

novamente.

— Só me prometa uma coisa, não importa o que você decida. Quero que seja sincera comigo. Não vá para cama com ele apenas porque acha que deve. Ou que se não fizer isso as coisas entre vocês não vão dar certo. — Pediu e eu sorri.

— Não se preocupe com isso, mana. Quem é *expert* em fazer isso é você e não eu.

— Como assim eu? — Perguntou, chocada.

— Mel, vamos lá, quando você ainda brincava de bonecas, você fez a Barbie terminar com o Ken, porque deu uma de Kami e disse que a Barbie estava gostando da Suzy. Mas convenhamos, você estava era com medo dele abandonar ela. — Apontei e ela pareceu insultada.

— Que absurdo! Isso é um ultraje. Ela terminou com o Ken apenas para facilitar sua vida, porque ele não tinha nenhum material entre as pernas e certamente gostava do Beto, namorado da Suzy! — Tentou se defender e eu revirei os olhos para ela.

Enfim, o que quero dizer é que por mais que eu amasse essas duas e que elas fossem as pessoas mais importantes

para mim, no que dizia respeito a relacionamentos, não podia muito contar com seus conselhos. Caso contrário, eu poderia me tornar uma solteirona, virgem e cheia de gatos. Tipo *Bridget Jones*.[16]

Era a noite do meu aniversário de dezoito anos. Micah era sempre um cara romântico, na verdade, ele era o romântico da relação, enquanto eu era um pouco ogra. Ele havia me convidado para jantar em um restaurante chique, que ficava em um hotel mais chique ainda. O que eu não sabia, era que ele tinha reservado um quarto naquela noite para nós dois.

Depois de meses juntos, nós dois já havíamos avançado em algumas coisas, mas nunca fomos muito além. Não por minha causa, que estava praticamente implorando para que ele fizesse logo, mas por Micah, que insistia em dizer que queria fazer da nossa primeira vez perfeita.

Para mim esse momento era perfeito: Eu já podia fazer sabendo que Micah não seria preso!

Mas confesso que hoje eu achava que definitivamente havia valido a pena a espera. A maneira como ele não me

olhava durante todo o jantar devia ter sido minha primeira pista de que as coisas entre nós estavam prestes a mudar. Só que a tonta aqui ainda era muito deslumbrada pelo lindo namorado para notar qualquer coisa.

Depois de pagar a conta, nós levantamos da mesa e deixamos o chique restaurante de mãos dadas e adentramos a luxuosa recepção do hotel. Mas ao invés de seguirmos em frente para a saída como pensei que faríamos, ele me levou até o balcão da recepção.

Assisti em silêncio à recepcionista entregá-lo um cartão de acesso, que tinha certeza de que era chave de um quarto.

— O que você acha de subirmos? — Ele perguntou, um pouco incerto e parecendo até mesmo envergonhado.

Não tive dúvidas do que aconteceria quando ele me fez essa pergunta. Ao contrário do que pensei, que iríamos nos encontrar com nossos amigos em uma boate, Micah havia programado esse momento para nós dois. Ele havia planejado tudo.

Saber disso me deixou um pouco nervosa. Eu tinha certeza do que queria, mas ainda assim senti minhas

pernas bambearem, meu coração acelerar e minha mão suar com a expectativa do que viria.

— Eu acho ótimo. — Tentei inserir certeza na minha voz, mas não sei se fui muito bem-sucedida na tentativa, até porque logo em seguida engoli em seco.

Micah assentiu parecendo não apenas aliviado, mas também tão nervoso quanto eu. Ainda assim parecia decidido a fazer da nossa noite especial. Entramos no elevador de mãos dadas, instantaneamente me senti tímida, diferente da menina que até alguns dias estava praticamente implorando para que o namorado fosse até os finalmentes.

Não me ajudava muito o fato de Micah parecer também nervoso. Depois de parecer que nunca chegaríamos, descemos no andar que nos foi indicado e seguimos em direção ao quarto 313, onde ele parecia um pouco impaciente ao introduzir o cartão na fechadura que abria a porta.

A porta finalmente se abriu e sem desgrudar os olhos dos meus, Micah me carregou em seus braços e fechou a porta com um pontapé, antes de seguir até a antessala e eu

arfei olhando ao meu redor. O quarto era perfeito. Micah realmente havia preparado tudo. O lugar estava rodeado de velas de LED e pétalas de rosas se espalhavam por toda a cama. Havia óleos de massagem, loções, uma garrafa de champanhe e morangos cobertos de chocolate.

— Nossa! — Murmurei impressionada.

— Eu só queria que nossa noite fosse especial. — Explicou e eu ri emocionada, antes de beijar sua boca e lhe garantir:

— Está ainda melhor do que imaginei! — Garanti e seu sorriso foi o melhor presente que ganhei nesse dia. Até mesmo melhor do que a aliança de compromisso que ele havia me dado.

Depois de nos servir de champanhe, engoli em seco quando ele se sentou ao meu lado. Tomei um longo gole, porque minhas mãos suavam e meu coração palpitava só em pensar no que estava prestes a acontecer. Esvaziei o resto da bebida em um só gole e Micah deve ter percebido que eu não estava no meu normal, porque indagou:

— Está com medo?

— Não medo. Estou apenas nervosa. — Confessei, lhe

dando um sorriso amarelo em seguida.

— Amor, se você não tiver certeza, podemos esperar. É isso, você não tem certeza? — Inquiriu com a testa vincada e eu neguei com a cabeça veementemente.

— Na verdade, eu nunca tive mais certeza do que quero.

Micah sorriu com a minha resposta e depois de colocar nossas taças no criado-mudo ao lado da cama, senti sua mão acariciar meu rosto e logo em seguida ele se inclinou para me beijar. Meu coração parecia estar em um ensaio da escola de samba enquanto nossos lábios se enroscavam com urgência.

Meus dedos foram para seus cabelos, enquanto sentia suas mãos abrirem o zíper do meu vestido. Então Micah diminuiu o ritmo do beijo, deixando-o mais delicado, como se quisesse fazer esse momento durar. Ele então tirou meu vestido pela cabeça e me deitou na cama devagar, antes de subir em cima de mim.

— Ainda nervosa, amor? — Perguntou, com a voz mais grave que o normal.

— Não. — Respondi ofegante, quando senti seu dedo

fazer círculos na pele da minha cintura, fazendo-me estremecer.

E, Oh Deus... Foi mágico!

Foi realmente mágico, não apenas porque Micah foi tão doce e gentil, mas porque foi com ele. Foi ele. E é ele. Porque nós podíamos ser muito novos, mas nos amávamos e juntos tivemos nossa primeira vez. Juntos. Foi incrível.

Só que o que ninguém diz, é que nossa primeira vez pode ter consequências e eu não estou falando da dor, que é suportável e depois de um tempo é rapidamente esquecida. Quer dizer, talvez digam bastante, mas tanto, que acabamos passando por cima de tudo que aprendemos até mesmo na escola.

Eu e Micah havíamos acabado de descobrir uma pequena surpresa. Uma que nós, definitivamente, não estávamos preparados para receber. Eu o amava e sabia que ele me amava tanto quanto eu o amava, esperava que o que tínhamos não mudasse ao longo do tempo. Agora, não tinha muita certeza.

Oh, cara, a Mel ia ficar muito puta comigo! Não... Ela ia me matar!

“Seu ego já era do tamanho proporcional ao seu pau! Então não, obrigada, miga!”



"UMA GAROTA SÁBIA BEIJA, MAS NÃO AMA, escuta, mas não acredita e parte antes de ser abandonada." Essa era uma frase da Marilyn Monroe que eu deveria ter continuado a levar para minha vida, mas então conheci Matteo e acabei esquecendo-me de quem eu

era e principalmente de como costumava ser.

Mas antes que chegue nessa parte da história, precisamos recapitular o que havia acontecido antes, até eu chegar a essa amarga conclusão.

Meu dia tinha tudo para ter sido um desastre completo, afinal, eu havia quebrado não apenas mais um salto e usado quase todo tubo de *Gelol*[17] na minha bunda, por causa da queda que havia tomado com o sapato. Mas a Revista havia tido sua próxima edição, que por sinal ainda não tinha ido para as bancas, descaradamente plagiada pela concorrência.

E como se isso não fosse foda o suficiente, ainda tinha flagrado a tentativa patética da *Secretina* do meu namorado, tentando agarrá-lo e ainda veio tentar mentir para mim sobre isso.

O que aquela vadia achava? Que eu acreditaria nas suas mentiras deslavadas?

Ok. Confesso que no primeiro segundo cheguei a pensar que eles estavam realmente tendo um caso. Mas foi apenas por um segundo, juro. Em minha defesa, eu tinha a *Síndrome das Ex-Cornas Desconfiadas*, então meu sensor

trabalhava um pouco rápido demais.

Os homens escrotos não eram a única espécie que eu conhecia bem e, infelizmente, eles tinham a sua variação feminina. As mulheres escrotas poderiam ser ainda piores que os homens escrotos, que sua grande maioria não fazia mais do que trair suas parceiras. Já as escrotas tinham como plano de vida não apenas serem vadias, como também tentarem acabar com os relacionamentos e pegar o macho alheio.

Quando se entra em um relacionamento, você não apenas aprende a sobreviver a ele, você também tem que aprender sobre o mundo ao seu redor e principalmente as suas inimigas. Na vida real você não é Valeska Popuzuda, você não deseja vida longa a elas, você tem que aprender a neutralizá-las.

Tenho para mim a teoria de que todo homem, por mais gostoso que seja, parece ainda mais gostoso quando muda seu estado civil. Sério. Era impressionante. A impressão que eu tinha, era que apenas o fato de uma mulher ter escolhido um homem para ser seu, o tornava ainda mais interessante aos olhos de outras fêmeas.

Esse era um grande problema no meu namoro com Matteo. Que nós dois costumávamos nos provocar, todo mundo sabia. Mas depois que começamos a namorar, parecia que ele queria marcar sua possessividade sobre mim. Mas o desgraçado era sortudo por eu compartilhar do mesmo sentimento que ele.

Era como se um monstro louco, ciumento e irracional houvesse nascido dentro de mim, sem permissão. Não que eu tivesse coragem de lhe admitir isso, porque isso nunca, nunca aconteceria de eu admitir para aquele prepotente gostoso que eu morria de ciúmes dele.

Seu ego já era do tamanho proporcional ao seu pau! Então não, obrigada, miga!

O que estou querendo dizer com isso, é que quando namoramos homens bonitos, aprendemos, como os crentes, a vigiar. Não apenas observamos a concorrência, nós respondemos as seguintes perguntas sobre elas: As vadias. Como elas vivem? Como se comportam? Do que se alimentam? E isso não passará no Globo Repórter.

As vadias vivem a espreita da primeira oportunidade para dar o bote. Elas são descaradas, ousadas, a cara de

pau e a dissimulação não têm limites. As vadias se alimentam da nossa infelicidade. Elas querem o que é nosso. E exatamente por isso que temos que ficar atentas, caso contrário, podemos perder o boy para a primeira vadia escrota que aparecer.

É exatamente isso que estive fazendo, especialmente quando se tem um boy gostoso como Matteo Vogel. E quando é assim, temos que ter o cuidado redobrado, porque a concorrência e ousadia das vadias, é ainda pior.

A vadia da Isa sempre esteve na minha lista. Estive observando caladinha tudo que dizia respeito a ela. Seus olhares furtivos, cínicos. Seus sorrisos cheios de dentes para cima do *meu homem*. Fora que sexto sentido de mulher é foda. Nunca podemos deixar de ouvi-lo, pois, se todas as mulheres usassem-no, muita decepção e também muitas lágrimas seriam evitadas.

Estar apaixonada é como fazer uma progressiva. Depois de três meses passa o efeito e tudo volta a ficar enrolado. Então se você passou dos três meses, significa que o que você achava sentir, é muito, muito maior do que realmente é. E, confesso, eu estava me cagando de medo

de admitir isso para Matteo.

Quando ele disse que me amava, algo me bateu e me bateu mais forte do que jamais esperei que poderia ser possível. Eu não apenas estava apaixonada por Matteo, eu o amava. Eu amava mais do que julguei ser possível amar um dia.

E eu queria dizer isso a ele. Esperava que nossa noite especial de hoje, fosse o momento ideal para que eu pudesse lhe dizer como me sentia nesse momento.

Mas então nós dois chegamos a sua casa. E o encanto se quebrou. Eu não estava preparada para ver isso.

-- Que porra é essa? — Perguntei, fazendo minha irmã e Micah pularem do sofá, onde se agarravam despudoramente.

Com direito a mão naquilo, aquilo na mão e roupas espalhadas pelo chão.

Alguém me cegue agora!

— Oi... Er... oi, Mel. — Minha irmã tentou parecer despreocupada, como se não estivesse fazendo nada demais ao vestir sua blusa, mas dava para perceber pelo tom de voz que ela era tudo, menos inocente.

Não quando Hortênsia estava de sutiã e seu namorado apenas de cueca. Nesse momento eu me senti não apenas a inocente, como também a traída.

— Tem algo que eu deva saber? — Perguntei para ela, fuzilando-a com o olhar.

— Nós tínhamos planejado contar tudo para vocês hoje à noite... — Micah começou a falar.

— Mel. Me desculpe, eu juro que ia contar para você. Juro. — Ela continuou.

— Você me prometeu, Hortênsia! — Falei, tentando manter meu tom de voz. — Você prometeu que me diria! — Completei, magoada.

— Eu não sabia quando ia acontecer! Juro que não sabia! — Responde num tom excessivamente defensivo.

Virei a cabeça para o lado e revirei os olhos, porque eu estava me sentindo insultada.

— Mel, calma. — Kami, que chegou praticamente conosco, apenas para pegar um sapato meu emprestado que estava aqui, agora tentava me acalmar.

— Eu acho que não é o momento de ter calma. — Matteo falou, antes de levantar algo que me deixou no

chão. — O que é isso? — Seu tom de voz agora era irritado enquanto perguntava isso aos dois.

Meu Deus... Não. Não. Não!

— Nós íamos contar. Acabamos de descobrir. Não foi planejado. Eu juro que não. Nós dois não fazíamos ideia. — Hortênsia agora chorava, sendo contida por Micah.

— Por quê? O que você fez, Tetê? Isso, nesse momento, agora, pode
arruinar a sua vida e tudo que temos construído para você. — Eu disse, agora sem conseguir controlar minhas próprias lágrimas.

Rapidamente ela tenta vir até mim, em uma tentativa desnecessária de se explicar. Eu já havia entendido tudo.

— Mel, por favor. Deixe-me explicar tudo. Eu não queria isso agora. *Por favor*. — Pediu e eu ri sem humor, me afastando da minha irmã.

— Mel, por favor. — Foi a vez de Micah pedir. — Eu juro que vou estar sempre com ela. Sempre.

E isso era o bastante? Ele achava que bastava isso para me acalmar?

Eu não respondi. Simplesmente não podia. Ainda

chorando, apenas fui em direção ao sofá e me sentei. Todo o sacrifício que fiz, todos os sonhos, todas as esperanças de que minha irmã tivesse uma vida maravilhosa, se esvaindo completamente pelos meus dedos.

Ok, vida, já entendi que eu sou forte o suficiente pra suportar tudo isso. Já pode parar com os testes!

— Micah, como você pôde ser tão irresponsável assim? — Ouvi Matteo perguntar.

— Nós achamos que estávamos seguros. — Respondeu, nitidamente envergonhado.

— Vocês não usaram nem mesmo camisinha? — Kami perguntou também alterada.

— Vocês sabem que mesmo nos prevenindo, ainda pode acontecer. — Micah voltou a responder.

— Sim. 1% de chance. Com dois métodos, essa chance é ainda menor. — Matteo apontou, perdendo quase todo seu controle.

— A Rachel de *Friends* engravidou de Ross mesmo usando camisinha. — Hortênsia tentou responder e eu me virei para perguntar:

— Em *Friends,* Hortênsia. Não na vida real e não com

dezoito anos e uma vida toda pela frente. — Gritei. — Vai me dizer agora que você usou camisinha? — Inquiri e ela abaixou a cabeça, sabendo que não tinha o que contestar e Matteo suspirou, cansado.

Meu Deus! Por que isso estava acontecendo?

Era a primeira vez desde a morte dos nossos pais que me sentia de mãos atadas. Sem saber o que fazer. Como seguir. Naquele dia do enterro deles, recordava-me de ter sentado na frente da casa dos meus avós e eu tinha tanta coisa para pensar naquele momento, mas a primeira coisa que me preocupei foi com o que seria do futuro da minha irmã.

Eu tinha treze anos na época, mas ainda assim isso não me impediu de traçar as metas e idealizar o que eu faria para esse futuro ser possível. Apenas sabia que faria tudo que tivesse ao meu alcance, para que ela tivesse o melhor. E era para isso que tinha batalhado desde então.

Agora, eu olhava para minha frente, e de tudo que imaginamos para agora, definitivamente não era com minha irmã grávida aos dezoito anos, que idealizei naquele momento. Por uma falta de responsabilidade. De

maturidade.

— Nós vamos nos casar. — Micah falou, cortando o silêncio que havia se instalado.

Como é que é?

— Claro que não vão! — Respondi imediatamente.

— Sim. Nós vamos. — Hortênsia afirmou.

— Não. Eu não vou permitir isso! — Disse me pondo de pé.

— Não preciso da sua autorização. Tenho dezoito anos agora. — Rebateu, fazendo minha boca cair aberta.

Não, ela não disse isso!

— Sua pirralh...

— Parem com isso as duas! — A Kami me cortou, se pondo entre nós. — Tem um jeito maduro de resolvermos isso! — Gritou e paralisamos.

— Qual? — Perguntamos em uníssono.

— Eu sei lá. Estou começando a me sentir à adulta aqui e não é assim que a nossa dinâmica funciona. — Respondeu parecendo realmente revoltada e nós bufamos com sua resposta

— Vou ligar para meu pai. Vamos nos sentar e

conversar. Todos nós. — Matteo falou de forma que não dava brecha para contestação.

Voltei a sentar de forma tensa no sofá. Matteo caminhava falando ao telefone pela sala, enquanto Hortênsia e Micah estavam calados, sentados no sofá oposto. Minha melhor amiga sendo minha melhor amiga, me trouxe uma dose de uísque, que eu tomei em uma única virada.

— Mais. — Pedi e ela apenas assentiu, antes de ir até lá fazer o que sabia que eu precisava agora.

— Meu pai está vindo e já está muito puto com você, Micah. — Matteo falou, fazendo com que o irmão engolisse em seco.

Ele então se sentou ao meu lado no sofá, colocando um braço seu ao meu redor e sua mão livre segurava a minha. Não demorou muito e o grande Otávio chegou. Ele veio sozinho e estava sério como nunca vi outrora. Um turbilhão de emoções se passava dentro de mim. Eu estava até mesmo envergonhada nesse momento, não tinha nem mesmo coragem de olhar direito para o pai do meu namorado.

— Não planejamos nada disso. — Micah disse com um tom de voz sério e respeitoso.

— Sei que não. — Respondeu Sr. Otávio calmamente.

— Em resumo: também fomos pegos de surpresa. Nós ficamos juntos a primeira vez no aniversário de 18 anos da Tetê. Eu planejei algo especial para ela. Como ela usava anticoncepcional, pensei que estivéssemos bem, visto que nós dois éramos virgens.

— Ainda assim deveriam ter usado camisinha. — Resmunguei.

— É, eu... Agora eu sei disso. — Ele respondeu, lançando um olhar na direção da minha irmã.

— Hortênsia começou a passar mal no colégio, então por mais que não tivéssemos pensado que poderia acontecer, pelos seus sintomas eu simplesmente supus que ela estava grávida. Fizemos o teste e deu positivo. E, então vocês chegaram, quando tínhamos acabado de descobrir e eu tinha pedido ela em casamento. — Resumiu.

Segurei minhas lágrimas dessa vez, mas sem conseguir me conter, me levantei e respirei fundo algumas vezes. Eu

estava começando a achar que estava tendo um ataque de pânico.

Meu Deus! Meu Deus!

Kami foi até a cozinha e voltou com um copo d'água dessa vez. Tomei um gole e sem conseguir olhar para eles, me virei para a janela da sala de estar que dava vista para as ruas movimentadas da cidade.

Não conseguia dizer mais nada. Por algum motivo, por mais que soubesse que eu estava certa, me sentia pequena diante dessa situação. Como se tivesse falhado. Era assim que me sentia. Meu sogro também se pôs de pé e com um suspiro cansado, se vira de volta para eles.

—Então me digam, vocês acham que o casamento é a solução dos seus problemas? Porque acreditem em mim quando digo, ele não é. — Afirmou olhando sério para os dois.

— Nós não estamos querendo tapar o buraco como você tem feito desde a morte da nossa mãe, papai. Eu e Hortênsia realmente nos amamos e queremos fazer isso juntos. — Respondeu Micah e eu e Matteo nos olhamos chocados com sua resposta.

— É isso que você pensa de mim? — Ele perguntou para Micah, que assentiu e quando ele fez isso, repetiu a pergunta para Matteo: — Você também pensa isso? — E ainda que sem jeito, assentiu.

Porra! Isso era foda!

Otávio Vogel começou a caminhar de um lado para outro da sala, enquanto todos nós ali permanecemos em silêncio, como se cada um de nós precisasse assimilar as informações.

— Vocês então estão dizendo que sabem o que querem e que irão se casar? — Ele voltou a perguntar para eles, e os dois confirmam com a cabeça. — Bom, e o que diabos vai ser depois disso? — Perguntou, esperando uma resposta da parte deles.

Matteo e eu ficamos em silêncio, aguardando a resposta dos nossos irmãos. No fundo, torcendo para que eles tivessem um pouco de juízo e soubessem aonde estavam se metendo.

— Bom — Micah começou — Como eu falei, nós dois vamos passar por isso juntos. Quer vocês queiram ou não.

Mas que ousadia desse fedelho!

Eu estava prestes a responder, quando Matteo me segurou e pude ver o pai deles o fulminando com um olhar de acusação.

— *Caso queiramos ou não?* E o que vocês farão depois do casamento sem o nosso apoio? Como dois adolescentes, que ainda nem terminaram o ensino médio, que não têm emprego, casa, que não têm nada, acham que podem cuidar de uma criança? — Ele praticamente gritou as perguntas, fazendo com que Micah fitasse o chão e limpasse a garganta, incapaz de olhar nos olhos do pai.

Suspirei, antes de voltar a sentar ao lado de Matteo no sofá.

— Vocês precisam encarar a gravidade da situação. — Matteo tomou a palavra.

— Exatamente isso que quero que vocês entendam. Se casar não é brincadeira. Especialmente quando envolve uma criança. — Grande Otávio observou os dois. — Sei que vocês são maiores de idade agora, e já que é o que querem, no que depender de mim não os deixarei na mão. — Disse, voltando sua atenção para mim. — Imagino o quanto deva ser difícil para você, minha querida. Sugiro

que pensemos em algo juntos.

— Com certeza. Concordo totalmente — Respondi para ele.

— Eles continuam com a escola. Não há razão para parar, afinal a gravidez ainda está no início e falta tão pouco. Se eles querem o casamento, não farei objeção. — Fiz uma careta. — Não se preocupe que resguardarei sua irmã e meu neto quanto a isso. A faculdade prossegue o plano. Não abrirei mão de que vocês continuem os estudos. Concorda, Melissa?

— Até aí está quase tudo bem. — Admiti.

— No entanto, Micah irá começar a trabalhar no Grupo Vogel na área escolhida e à noite fará seu curso. Hortênsia também fará sua faculdade quando o bebê estiver um pouco maior. Vocês terão uma casa e uma babá na sua ausência enquanto estudam. Durante os primeiros anos, não há necessidade que você trabalhe, Hortênsia, vou garantir uma mesada para que você fique em casa e cuide do meu neto. — Continuou.

— Parece ótimo. Obrigada, sogro. — Minha irmã disse e eu bufei.

Sabia que o Grande Otávio estava tentando pensar na melhor solução para a situação, mas ainda assim não estava confortável com tudo isso.

— Meu filho é um bom garoto, Mel. Não tem com o que se preocupar. Cuidarei pessoalmente da sua irmã. — Ele me garantiu e eu suspirei.

— Nunca disse que não era, sogro. Caso contrário, nunca teria permitido que ele namorasse minha irmã. Mas o problema é que fui pega de surpresa. Não era assim que eu via a vida da minha irmã... — Não consegui terminar a frase.

— Mel, nós estaremos com eles. — Matteo garantiu e seu pai assentiu.

Olhei para eles, depois para os pequenos irresponsáveis enquanto perguntava:

— Vocês têm certeza de que é isso que querem? Não têm?

— Sim. — Respondem em uníssono.

Fixo meu olhar no da minha irmã. Quero que Hortênsia olhe para mim. Ela quem me deve uma resposta. Foi com ela e para ela que fiz tudo que podia. Quero ter certeza no

fundo da sua alma, que ela quer realmente isso. Porque por mais chateada e traída que me sentisse com essa situação, não há nada que eu não faria para ver a sua felicidade.

— Nós dois nos amamos, mana. — Ela respondeu emocionada.

E com essa sua resposta eu sabia que iria estar com ela. Como sempre estive.

#

— Eles vão ficar bem. — Matteo repetiu o que havia falado infinitas vezes nas últimas vinte e quatro horas.

— Eu espero que sim. — Respondi com um suspiro.

Ainda não havia me acostumado com a atual situação da minha vida. Minha irmã adolescente estava grávida e iria se casar em breve. Planos foram desfeitos e tivemos que fazer novos. Ainda assim isso não me deixava mais tranquila.

Eu não queria ficar pensando sobre isso, afinal, já que ontem nós não saímos por estarmos resolvendo o "pequeno problema" chamado Hortênsia e Micah, Matteo

se *desbundara* para me tirar de dentro de casa e estava se esforçando para que a nossa noite fosse maravilhosa. Então o mínimo que eu poderia fazer, era esquecer, nem que por alguns minutos, tudo isso e apenas curtir a noite com meu namorado.

— Me desculpe por estar estragando nossa noite. — Murmurei e ele sorriu compreensivo.

— Não precisa se desculpar, Fufuzinha. Eu te entendo. — Ele limpou a garganta, parecendo subitamente nervoso e eu o fitei, sem entender sua reação quando ele completava: — Talvez eu possa torná-la um pouco melhor ou pior. — Falou, meio sem jeito. Sua timidez atípica fazendo meu sensor de *fodômetro* apitar.

Depois dos últimos acontecimentos, eu não sabia se estava preparada para mais. Mas ainda assim, me esforcei para tomar um gole do meu vinho e parecer segura, como eu não estava nesse momento.

— Espero que para melhor. — Respondi com cautela e ele sorriu, parecendo achar um pouco de graça da minha reação.

— Prometo me esforçar. — Piscou para mim. —

Então, hoje eu estava pensando na situação dos nos nossos irmãos. Achei que talvez seria uma boa ideia fazer uma oferta pelo apartamento abaixo do meu. — Comentou e eu franzi o cenho.

— Hm. Tudo bem. — Respondi simplesmente.

O pai deles havia dito que pagaria uma casa para eles e como eu não tinha realmente nenhum tostão furado para ajudar, eu não acho que deveria opinar quanto a isso.

— Sei que você ficará preocupada com eles, Fufuzinha. E acho que essa é justamente a solução. Mas não sei como você reagirá a ela e confesso, venho morrendo de medo de lhe propor isso.

Propor... Ele disse propor?

Esperei que ele me dissesse com o coração retumbando em meu peito. E como se tivesse acompanhando um filme em câmera lenta, vi quando Matteo retirou de dentro do bolso do seu terno uma caixinha azul, que me deixou ainda mais chocada.

— Sei como você se sente quanto a casamento, Fufuzinha. E exatamente por isso que prometo ser paciente e esperarei até que você tenha certeza sobre isso. Não

precisa ser agora. Será no seu tempo, como você quiser. Mas enquanto esse dia não chega, more comigo. Quero estar com você, porque estou cansado dessas idas e vindas da minha casa para a sua. Você não precisa se preocupar em pagar um aluguel, quando a minha casa é sua também. Para mim é isso que basta. Minha casa é aonde você estiver. Eu te amo e por isso quero que você aceite que a gente comece uma vida juntos.

Suas palavras me fizeram perder a respiração. Meu coração conheceu um novo significado para a expressão *bater forte*. Por mais assustador que isso parecesse ser, apenas pensar em dormir e acordar todos os dias ao seu lado, fazia meu peito querer transbordar de felicidade.

— Você tem certeza? — Perguntei cautelosamente.

— Apenas se você prometer que jamais cozinhará para mim. — Brincou me fazendo bater na sua mão de brincadeira.

— Não estrague o romantismo. Estou falando sério. — Ele sorriu para mim, o melhor dos sorrisos.

— Sim. Eu nunca falei tão sério na minha vida antes. — Garantiu, deixando-nos envoltos em um pequeno

silêncio. — Estou esperando, mulher. Você aceita ser meu Furacão de inverno à verão? Você aceita se casar comigo e ser minha mulher? Você me daria a chance de viver uma vida feliz e louca ao seu lado, apenas porque para mim não existe vida sem que você esteja nela? — Perguntou, acabando de acabar comigo.

Olhei fixamente para a caixinha aberta e depois olhei para ele, que me encarava ansioso com aqueles olhos escuros que eu sabia que jamais deixariam de amar. E então respondi à pergunta que nunca imaginei que responderia:

— Sim, Matteo Vogel, meu prepotente, eu também te amo. — Confessei pela primeira vez e vi o quanto ele se emocionou. — Nada me daria mais prazer do que virar sua vida de cabeça pra baixo, de inverno à verão. Eu aceito me casar com você. — Seu sorriso parecia não caber em seu rosto, enquanto eu esticava a mão ainda um pouco trêmula e tocava seu rosto e de alguma forma tentava me recompor, por tamanha emoção.

Matteo apertou minha mão e sorriu, antes de tirar a aliança da caixinha e perguntar:

— Posso?

— Deve. — Respondi, tirando uma risadinha dos seus lábios.

Depois de colocar o anel de ouro branco em meu dedo, Matteo me beijou com urgência, enquanto eu enterrava as mãos em seu cabelo e me agarrava ao homem que eu amava. Meu lindo, maravilhoso, gostoso, prepotente e paciente noivo. Eu já disse gostoso?

Entre gritos e aplausos, nós nos vemos sendo o alvo da atenção dos clientes do restaurante. Mas eu não me importava. Não me importava nada além do meu momento e do fato de que pela primeira vez na vida, eu queria pertencer a alguém.

#

— Então... Quando você acha que podemos marcar nossa união? — Matteo perguntou, assim que o garçom devolveu seu cartão após pagar a conta.

— Não sabia que precisamos marcar data para isso. Nos "unimos" duas vezes antes de sair de casa. — Provoquei e ele riu.

— Espero que esse seu sarcasmo nunca acabe, Fufuzinha. Acho que ficaria entediado caso isso acontecesse um dia. — Gracejou, quando me estendeu a mão para que ficássemos de pé.

— Vou me lembrar disso, prepotente. Se um dia minha língua *afiada* for um problema para você, jogarei isso na sua cara. — Ele riu, antes de colocar o braço na minha cintura e beijar minha boca rapidamente.

— De preferência se isso envolver atividades com sua língua, está tudo certo. — Provocou e eu o belisquei.

— Você é um tarado. — Apontei, embora não estivesse reclamando.

— E você ama isso. — Afirmou e eu tive que concordar.

— Pior que amo. Devo ter sérios problemas mentais. — Ele gargalhou.

— Então, você não me respondeu. Quando você será a sra. Vogel?

Virei o corpo de volta para ele e olhando bem sério, avisei:

— Eu não vou deixar de ser Melissa Brandão.

— É o que veremos. — Revirou os olhos.

Estávamos nos preparando para um novo embate, quando olhei para mesa ao lado e vi um casal que ainda não tinha notado quando entraram no restaurante. Um casal que estava se beijando de forma quase indecente. Fiz uma careta.

— Uau... Apenas procurem um quarto! — Falei para Matteo, que seguiu meu olhar e riu.

— Acho que deveríamos fazer o mesmo. — Gracejou.

Só então os dois pararam de se beijar e ao olharem para cima, nos notaram. E meu queixo? Bem, pode olhar para baixo, acho que estou pisando nele nesse momento.

Caralho! Bernardo e Kami? Que brincadeira é essa?

“Existia uma grande diferença entre desistir e perceber que não vale a pena!”



ANTES MESMO QUE PUDESSE ME CONTER, estava rumando em direção à mesa deles e parei à sua frente. Kamila parecia ter visto um fantasma. Bernardo, era Bernardo Grimaldi, parecia apenas um pouco sem graça.

E eu? Estava muito puta!

— Mel. — Minha melhor amiga falou meu nome em um tom que beirava o desespero.

Bem, pelo menos ela teve a decência de ficar constrangida. Eu sorri e ela me conhecia bem demais para saber que meu sorriso não tinha nada de amigável naquele momento.

— É um prazer revê-la, Mel. — Bernardo falou, um tanto quanto sem graça pela minha reação.

— Não sei se tenho tanta certeza de que posso dizer o mesmo. — Olhei de um para o outro, enquanto apontava para os dois. — O que foi isso que eu vi mesmo? Ainda não entendi. — Perguntei de forma nada sutil.

— Você viu um casal de namorados se beijando. — Bernardo respondeu com um sorriso enorme no rosto.

Uau... Fechou a porta da frente!? O que ele disse?

Ainda estava muito chocada para dizer qualquer coisa. Mas claro que eu poderia contar com meu namorado naquele momento:

— Namorados? Então meses atrás você estava entupindo minha namorada com flores, tramando com minha ex pelas minhas costas e quer nos dizer que agora

está namorando com sua melhor amiga?

Sim. Sutil, Matteo, realmente muito sutil!

— Eu não sou sua namorada! — Kami respondeu para Bernardo com uma careta.

— E o que isso quer dizer então? — Perguntei, quando finalmente consegui encontrar minha voz.

— Primeiro quero que saiba que para mim foi horrível não conseguir lhe dizer. — Kamila começou.

— Posso imaginar. Afinal, nunca escondemos nada uma da outra. — Falei um tanto ácida e ela concordou.

— Mas talvez eu tenha escondido... — Ela não teve tanta convicção ao dizer isso — Sempre me senti a pior das amigas. — Choramingou.

— Claro que não! Você é a melhor de todas! Não diga isso, Kami! Não vou deixar que você me venha com uma asneira dessas! — A repreendi, enquanto empurrava o Bernardo e tomava o lugar onde o embuste sentava, para pegar a mão da minha melhor amiga.

— Não tenho certeza de que você pensará isso quando ouvir o que tenho para dizer. — Fungou e quando fui corrigi-la, ela me parou e depois de respirar fundo

confessou: — Eu sempre tive uma queda por ele. Mesmo quando vocês namoraram. — Terminou de falar, deixando-me ainda mais chocada do que eu já estava.

Uou! Eu acho que ela não quis dizer realmente o que disse!

— Como assim? Você sempre o odiou! — Exclamei e ela abaixou a cabeça envergonhada. — Por que nunca me disse? — Inquiri, começando a me sentir culpada por não ter reparado.

— Porque ele era seu namorado! Eu não devia sentir aquilo por ele! Mas, juro, amiga, eu nunca, nunca mesmo pensei em... Ter alguma coisa com ele. Na verdade, dei graças a Deus quando vocês terminaram! — Admitiu, parecendo cada vez mais envergonhada.

— Por que não me disse nada?

— Como eu poderia dizer alguma coisa? Não podia fazer isso com você. Com a nossa amizade. Eu já me odiava pelo que sentia, não poderia permitir que você me odiasse também. Você é minha melhor amiga. Não podia perdê-la. — Choramingou e eu apertei sua mão forte.

— Por isso ficou tão revoltada quando ele me traiu. —

Pensei alto e ela assentiu envergonhada.

— Sim. Foi como se ele tivesse me traído também. Eu o odiava por tê-la feito sofrer. E me odiava ainda mais por nutrir qualquer sentimento que fosse por aquele ser desprezível que machucou minha melhor amiga. — Admitiu.

— Ei. Eu estou aqui. — Bernardo disse, parecendo um pouco ofendido.

— Cala a boca! — Dissemos em uníssono, enquanto ele levantava a mão em rendição.

— Jura que não vai me julgar? — Perguntou, duvidosa.

— Amiga, olhe para mim! Como vou te julgar, quando eu também vivo cometendo erros? Especialmente com os homens? — Perguntei retoricamente.

— Ei. Eu não sou um erro. Me tire desse bolo. — Agora foi a vez de Matteo parecer ofendido.

— Cala a boca! — Falamos juntas mais uma vez e ele, como já conhecia-nos o bastante para temer, também foi esperto e se calou.

— Bom, sabe que não levo desaforo para casa.

Especialmente quando alguém mexe com aqueles que amo. Nessas horas viro bicho! Sou tão delicada quando um coice de cavalo. — Concordei, porque eu sabia que ela era exatamente assim. — Quando você me contou que ele havia traído, na primeira oportunidade fui até ele. Dei um soco em sua cara e um chute nos ovos, antes de lhe pedir para que ele nunca mais chegasse perto de nenhuma de nós duas. Caso contrário, eu mesmo me encarregaria de acabar com a sua raça!

Sim. Essa era minha melhor amiga!

— O soco dela foi tão bom, que tive que passar por uma cirurgia plástica por causa disso. — Bernardo contou como se tivesse orgulhoso e eu o encarei, achando que ele definitivamente estava louco.

Meu Deus! É sério isso?

— Por isso que nos dias seguinte você praticamente se escondeu dentro de casa. — Relembrei-me e ela assentiu.

— É, eu meio que achava que ele entraria com um processo contra mim. — Admitiu, dando de ombros.

— Nem passou pela minha cabeça. — Bernardo falou.

— Por isso que você sumiu. Você estava fazendo

plástica, *mocinha.* — Matteo caiu na gargalhada, e eu e a Kami ignoramos os dois.

— Você sabe que fechei um contrato com a empresa da família dele. — Kamila continuou. — Desde então, inevitavelmente mantivemos contato. A princípio achei que ele tentou se aproximar de mim por sua causa, tanto que no dia que você chegou lá em casa contando sobre as flores no seu escritório, foi o mesmo dia que o reencontrei também e ele se jogou descaradamente para cima de mim. O dia seguinte, procurei por ele e quando o encontrei, me veio com aquela mesma desculpa esfarrapada que te deu e nós discutimos fervorosamente. Eu lhe disse tudo que queria dizer. Mas algo louco aconteceu. Em um momento estávamos gritando, nos engalfinhando e no outro... — Mordeu o lábio, parecendo muito sem jeito completou: — Estávamos nos beijando!

Bem. Se ela queria me chocar ainda mais, conseguiu! Isso foi inesperado!

— Quando me dei conta do que estava acontecendo... Surtei! Quase abri mão do contrato. — Garantiu.

— E quase quebrou meu nariz novamente. — Ele

complementou.

— Mas você começou a namorar com o Matteo, ele nunca mais te procurou e as coisas meio que foram acontecendo... — Kami simplesmente parou de falar.

— Então você quer dizer que ele é o cara misterioso que vive te mandando presentes e você tem dispensado? — Perguntei ligando os pontos, me lembrando da quantidade exorbitante de presentes que ela jogara no lixo.

— Sim. — Respondeu envergonhada.

— Eu sei que fiz tudo isso que você disse, Matteo. — Bernardo começou a falar para o meu namorado e nossa atenção se voltou para os dois. — Realmente sinto muito por isso. Eu sabia que deveria ir até você e pedir desculpas pessoalmente, em nome da amizade que temos há tantos anos, mas eu estava muito envergonhado para isso. — Ele então se virou para Kami com um sorriso no rosto. — Fora que essa mulher tem me dado um enorme trabalho. Não tive muito sossego desde o dia em que a reencontrei. — Falou, me deixando cada vez mais chocada.

— Uau, isso parece... emocionante. Eu acho. — Matteo falou, também tão confuso e surpreso quanto eu.

— Então isso quer dizer que estão juntos? — Perguntei e ela sorriu balançando a cabeça.

— Não tecnicamente. Ainda estou pensando se ele merece uma chance. Juro que essa foi a primeira vez que ficamos juntos depois do beijo. Eu ia falar com você. Juro que iria. Mas só não sabia como faria isso. — Kami falou, nitidamente envergonhada.

— Amiga, você já pensou que ele pode estar apenas te usando. Como fez comigo e com tantas outras? — Perguntei, ignorando completamente o babaca ali, que resmungou alguma coisa, mas não me importei.

— Graça a Deus! Já pensou se quisesse namorar?! — Kami brincou, dando uma risada forçada e eu fiz uma cara feia para ela, que logo tratou de ficar séria e completar: — Desculpe, estou brincando. Eu ainda não sei, tá legal? Esperava que quando estivesse com ele, veria que não queria. Tive medo de perder sua amizade também. Estou muito confusa. — Confessou, à beira das lágrimas e abracei-a.

Estava sentindo ela um tanto... Afastada nos últimos meses. Havia perguntado por que, mas ela me dizia que não era nada. Kami não estava no seu normal. Na verdade, ela nunca foi normal, mas parecia estar ainda mais louca do que normalmente era. Então eu tinha certeza de que realmente algo estava acontecendo, mas que com o tempo ela me diria, porque sempre fomos assim. E agora eu sabia o que. Ou quem.

Eu não tinha dúvidas, minha amiga estava apaixonada. Tudo bem que era pelo embuste do meu ex-namorado, mas ela sempre o odiou, então para que ela tenha chegado até esse momento, é porque realmente sentia algo forte o bastante para trazê-la até aqui.

— Você tem certeza? — Perguntei, olhando para os belos olhos castanhos da minha melhor amiga.

— Sim. — Ela assentiu e então eu sorri para ela.

— Então não se preocupe comigo.

— Você realmente não teria problema quanto a isso? — Insistiu.

— Claro que não! Quero a sua felicidade. Mesmo que seja com o embuste do Bernardo. — Garanti a ela.

— Mesmo?

— Sim. O bom é que você já sabe que ele é um embuste. Então sem grandes surpresas caso ele apronte. Mas se existe uma mulher que pode consertar Bernardo Grimaldi, e ainda de quebra fazê-lo enlouquecer, com certeza esse alguém é você. — Apertei sua mão enquanto nós duas rimos.

— O que nós fazemos quando falam mal da gente? — Ouvi Bernardo perguntar para Matteo.

— Nós ficamos calados para que eu possa ouvir. Esse é o momento em que a gente aprende com as merdas para não fazer de novo. — Explicou sabiamente e Kami e eu rimos baixinho.

— Eu espero mesmo que não esteja fazendo merda! — Kami voltou a falar.

— Bernardo pode ser muitas coisas, mas burro ele não é. Se ele der mancada, sabe muito bem o que duas loucas podem fazer com ele. — Terminei de falar sorrindo para ele de forma nada amigável e ele engoliu em seco.

— Eu devo um pedido de desculpas para você também, Mel. — Bernardo disse, reencontrando sua voz.

— Me desculpe por tudo que lhe causei.

O quê? Bernardo Grimaldi estava se desculpando?

— Eu acho que não ouvi direito. — Exclamei aturdida.

— Quero me desculpar por tê-la magoado. Matteo tem muita sorte de tê-la encontrado. Não é preciso olhar duas vezes para ver o quanto ele te ama muito. Estou muito feliz que as coisas tenham sido da forma como deveriam ser. — Bernardo disse, olhando diretamente para Kami, que sorria para ele.

Ok, eu acho que poderia ter esperança de que ele não magoaria minha melhor amiga, né?

Confesso, eu realmente estava surpresa de ouvir tudo aquilo. Bernardo podia ser um embuste, babaca, cachorro, mas eu tinha que admitir que ele não apenas me parecia sincero, como também parecia querer ajeitar as coisas de verdade.

É, Melissa. Mais uma surpresa e elas estavam apenas começando.

#

— Mel, o Sr. Vogel está pedindo para que você vá até sua sala. — A recepcionista avisa pelo interfone.

Era segunda pela manhã e mesmo com tudo que havia acontecido no último final de semana, eu estava de volta ao trabalho.

— Sr. Vogel pai ou filho? — Perguntei, curiosa.

— Não sei. Sua secretária que pediu para avisar. — Fala, me deixando intrigada.

Termino de salvar a matéria que eu estava escrevendo sobre *Amizade Colorida* e sigo até o elevador, pensando no porquê podem querer falar comigo. Talvez pudesse ser a respeito do programa, afinal, tinha algumas coisas que havíamos ficado de discutir.

Cheguei ao andar da presidência e encontro uma senhora, com um pouco menos de cinquenta anos atrás da mesa que fora de Isa. Ela de certo era a nova secretária que Matteo havia contratado.

— Bom dia. — Cumprimentei a senhora com os óculos na ponta do nariz.

— Bom dia. — Retribuiu o cumprimento com um sorriso sincero.

— Você deve ser a nova secretária. Meu nome é Melissa...

— Sim. A noiva do Sr. Vogel. — Murmurou animada. — Meu nome é Cissa, minhas filhas são suas fãs. Acompanham seu programa semanal. Que o patrão não nos ouça, mas elas compram a revista apenas para ler sua coluna. — Sussurrou a última parte e eu tive que rir do seu entusiasmo.

— Fico feliz. Na próxima edição que sair passa na minha sala, que darei os exemplares e uma dedicatória especial para as duas. — Falei, fazendo-a sorrir ainda mais.

— Elas vão ficar loucas.

— Bom, então qual patrão me chamou mesmo? — Perguntei e ela indicou com a cabeça a sala de Matteo, quando fez a menção de levantar, a contive. — Não se preocupe, conheço o caminho. — Avisei, antes de seguir até lá.

Bati uma vez e de dentro ouvi o som da voz de Matteo permitindo minha entrada. Com a porta apenas entreaberta, pude ver que ele não estava sozinho. Mas

somente quando entrei na sala que vi que eram meu sogro, Jaque, Bernardo e a safada da Isa.

O que diabos estava acontecendo?

— Perdi alguma coisa? — Perguntei, olhando ao meu redor.

Só me faltava agora eu ter que aguentar essa vadia da Isa depois do que ela havia aprontado. Quando entrei e a vi tentando se agarrar com meu namorado e ainda me disse aqueles absurdos, a minha vontade foi de arrancar todos os fios da sua cabeça, mas me segurei. Só que se ela me viesse com alguma conversa fiada agora, não respondia por mim.

— Sente-se, Melissa. — Grande Otávio pediu seriamente e eu olhei para Matteo, que não olhava para mim, enquanto me sentava. Olhei para Jaque e ela também não estava me olhando.

Que porra houve aqui?

— Melissa — Ele recomeçou. — Você sabe que você é uma das minhas melhores e mais queridas colunistas.

— Sei. — Me remexi desconfortável sobre o sofá.

— Também sabe o quanto te admiro não apenas como

profissional, mas também como pessoa. — Falou com pesar, me deixando cada vez mais intrigada.

— Vamos parar de enrolação, papai. — Matteo finalmente se virou para mim e o olhar frio que recebi, deveria ter me preparado para a bomba que veio a seguir: — A equipe de T.I. concluiu a investigação. As matérias que foram enviadas para a *Femme Fatale* saíram do seu computador.

Mas o que?

— Não estou entendendo o que você quer dizer com isso, Matteo.

Não estava mesmo. E principalmente não estava entendendo por que estávamos tendo essa conversa na frente dessas pessoas que não tinham nada a ver com a história.

— Eu preciso mesmo repetir? — Perguntou entre os dentes.

Ele estava querendo dizer que eu havia vendido as matérias para outra revista?

— Você jura que está falando que fui eu quem fiz isso? — Constatei com amargura, implorando internamente que

ele negasse tudo ali.

— Seu computador, Melissa. — Ele afirmou ainda mais sério.

Não. Eu não tinha que ficar ali ouvindo esses absurdos!

— Eu sou apenas a porra da colunista. Não tenho acesso à porra de nada! Não vou ficar aqui ouvindo essa calúnia. — Me pus de pé. — Nunca seria capaz de fazer algo do tipo. Você me conhece. Conhece a minha família. — Falei, magoada.

— A família não impede que, por livre arbítrio, façamos escolhas erradas. — Resmungou.

Aush! Por essa eu esperava ainda menos!

Nesse momento a frase de Marilyn Monroe veio em minha cabeça: *"Uma garota sábia beija, mas não ama, escuta, mas não acredita e parte antes de ser abandonada."* Se eu soubesse que seria assim, se soubesse que ele me magoaria a ponto de duvidar da minha honestidade e me faria sofrer, teria evitado até nosso primeiro "oi".

Isso já estava demais para mim. Não continuaria ali

ouvindo esses absurdos. Engolindo o nó que se formara em minha garganta, tomei um último olhar para Matteo que ainda estava de pé olhando para mim e me virei, decidida a largar tudo que havia construído e me afastar da única pessoa que amei na minha vida.

O pior disso tudo, é que, por mais que ele não acreditasse em mim, eu sabia que ainda assim iria amá-lo para o resto da minha vida. Saudades? Sei que por mais magoada, decepcionada, essa é a melhor coisa a fazer.

Eu não estava desistindo. Existia uma grande diferença entre desistir e perceber que não vale a pena. Agora eu precisava apenas descobrir como esquecê-lo, porque a regra do "tudo que vai, volta" não funcionava comigo. Se eu for, eu não volto. E eu não voltaria. Como uma última olhada para ele, eu repeti para mim mesma:

Nunca mais.

“Ou você me pega

ou desapega!”



— PARE AGORA, MELISSA BRANDÃO!— Matteo gritou e quando me virei de volta para dizer poucas e boas, vi um sorriso de canto de boca, que me deixou sem entender nada.

— O que? — Perguntei sem entender.

— Estava apenas testando para ver se você tinha um coração. — Piscou para mim e minha boca caiu aberta em choque.

Filho da puta! Ele só podia estar brincando!

— Agora vamos esclarecer tudo. — Anunciou vindo em minha direção e eu fiquei apenas parada quando ele beijou minha boca e sussurrou: — Me desculpa por isso, minha Fufuzinha. Mas agora vamos saber quem fez isso com a gente e tentou armar para cima de você. — Acariciou meus lábios enquanto dizia isso.

— Você não acha que fui eu? — Perguntei em um fio de voz.

— Claro que não. — Negou como se fosse óbvio.

Como é? Posso matá-lo agora?

— Não estou entendendo mais nada. — Admiti irritada e ele riu, agora sem humor algum.

— Isso foi pelos ajudantes de palco com tanguinha. — Piscou para mim e se voltou para as pessoas que também estavam na sala. — Vamos ao que interessa. Conversei com Bernardo esses dias e enquanto a Equipe de T.I. trabalhava para tentar descobrir alguma coisa sobre o

ocorrido, decidimos investigar por conta própria. Eu tinha algumas suspeitas e decidi dividi-las com Bernardo. E como jogo do Detetive,[18] começamos a juntar as pistas e peças. — Matteo começou a explicar.

— Não foi difícil pressioná-la. Apenas fingi que a queria e — Deu de ombros. — com um pouco de persuasão, ela confessou. — Bernardo disse, dirigindo um olhar presunçoso para a vadia da Isa.

— Foi ela? — Perguntei incrédula, não conseguindo acreditar que ela era inteligente o suficiente para tramar tal coisa.

— Eu juro que não sabia de nada sobre o roubo da revista. Não tenho nada a ver com isso. — Isa resmungou e eu a olhei sem entender.

— O que você sabe então? — Perguntei, curiosa.

— Era óbvio que eu queria pegar o Matteo, mas ele nunca me deu bola e logo estava namorando com você. — Comentou com amargura, enrolando o cabelo seboso entre os dedos. — Fui paga para fazer aquilo que fiz. Me prometeram além do dinheiro, uma promoção. Avisaram-me que você estava vindo e eu arrumei tudo, deixei a

porta entreaberta de propósito para que você nos pegasse em flagrante.

Filha da puta ardilosa!

Tudo bem que ela era uma vadia escrota. Mas uma vadia escrota e ainda vendida? Era demais para minha cabeça. Dessa vez não consegui me controlar e antes que me desse conta do que estava fazendo, eu fazia o que deveria ter feito desde o momento em que a peguei tentando pegar meu homem. Não lhe dei tempo de agir, apenas dei um tapa em sua cara, antes de socar seu nariz e puxar seu cabelo em seguida.

— Vadia! — Gritei com ela, enquanto continuava a agredi-la sem sessar.

— Não é melhor separarmos as duas? — Ouvi Bernardo perguntando.

— Você namorou com a Mel e nem parece que a conhece. Se você quiser se arriscar, problema seu. Sou eu quem durmo com ela. Não vou separar. Ela, com certeza, estava querendo fazer isso há muito tempo e não serei eu que irei privar essa felicidade da minha noiva. — Matteo respondeu, fazendo Bernardo começar a rir.

Bom, noivo! Terei de recompensá-lo mais tarde! Depois de castigá-lo, é claro!

— Quem foi que te pagou, sua vadia? — Perguntei, quando a derrubei no chão, sentando logo em seguida em cima dela.

— Ai, sua louca! — Ela cacarejou quando lhe dei mais um tapa certeiro na cara.

— Você ainda não me viu louca! — Rosnei, fora de mim.

Sério. Uma coisa era essa vadia dar em cima do meu namorado, o que eu já não admitia, mas outra é ela ser paga para isso e ainda por cima tentar me prejudicar. Tentar de alguma forma jogar a minha carreira, a qual tanto lutei, no lixo.

— Basta, Matteo. — Ouvi meu sogro ordenar e logo em seguida senti alguém me puxando, me tirando de cima da vaca.

Mas como não quero perder a oportunidade, além de me debater, continuei a puxar seus cabelos, decidida a depenar essa galinha filha da puta.

— Calma, Fufuzinha! — Matteo tentava me conter e eu

continuava a lutar como o demônio.

— Louca! Maluca! Eu já disse que não tenho nada a ver com isso aí da Revista! Se você quer descontar em alguém, desconte na sua amiguinha ali. Foi ela quem me pagou para dar em cima dele e parecer que estávamos tendo um caso! — A vadia da Isa aponta para ela.

Parei imediatamente de lutar contra Matteo. Fiquei paralisada, abismada, sem acreditar no que havia acabado de ouvir. Não podia acreditar que ela estava sendo sincera.

— Quando a Jaque falou sobre seu contato na Revista, achei um pouco estranho. — Matteo começou a falar. — Como ela disse que vocês foram colegas da tal Juliana, te perguntei no sábado e você disse que não se davam muito bem. — Ele explicou sério, antes de completar: — Ali eu percebi que Jaque queria incriminar alguém. Ela queria incriminar você. — Terminou, deixando-me ainda mais chocada.

Oh. Meu. Deus. Isso não podia ser verdade!

— Isso é mentira! Não fiz nada disso! — Aquela que um dia acreditei ser minha amiga gritou na defensiva.

— Eu tenho como provar. Passei todas as nossas conversas para o Bernardo. — Isa falou e ele assentiu.

— Não adianta negar mais, Jaque. Nós sabemos que foi você. Está tudo gravado! — Matteo rosnou para sua prima.

Bernardo foi até a mesa do meu noivo e virou o monitor para que pudéssemos ver o que ele estava falando. A imagem das câmeras de segurança do prédio não negava a verdade. Era Jaque, entrando em minha sala após o expediente e em seguida sentada em minha mesa, usando o computador, na hora exata em que ela provavelmente enviou as matérias para a concorrência em uma tentativa de me incriminar.

— Jaqueline, eu não posso nem começar a falar o quanto estou decepcionado com isso. — Grande Otávio disse, a decepção estampada na sua voz, fazendo a falsa da Jaqueline chorar. — Você sempre foi uma excelente funcionária, mas tanto como seu chefe e principalmente como seu tio, não posso admitir esse tipo de comportamento. Isso é inadmissível.

A *falsiane* chorava incessantemente, como se suas

lágrimas de crocodilo fossem comover qualquer um de nós ali. Eu ainda estava aturdida, embasbacada, sem conseguir crer que isso realmente estava acontecendo.

Quem era essa mulher? Por que ela fez isso contra mim?

— Por quê? — Foi a única coisa que consegui perguntar, tentando fortemente segurar o nó que ameaçava se romper da minha garganta.

Jaqueline abaixou a cabeça, ao menos teve a decência de parecer envergonhada. Eu olhava para aquela criatura ali na minha frente, que eu havia conhecido no primeiro dia de faculdade e ainda assim parecia não reconhecê-la mais.

— Por quê? — Gritei exigindo uma resposta, estava começando a perder meu controle novamente.

— Eu queria... queria separar vocês dois. — Disse entre soluços.

— Nos separar? E por causa disso você achava que tinha o direito de brincar com as nossas vidas? — Perguntei furiosa.

— Eu não aguentava mais. Não aguentava mais vê-los

juntos! — Argumentou de volta, enquanto secava suas lágrimas.

Bufei sem acreditar. Ela não estava arrependida. Por um segundo cheguei a acreditar que talvez tivesse se arrependido do que tramara, de ter arriscado minha carreira por motivos descabidos, mas suas respostas e reações só me provaram que não. Não aguentando mais ouvir nada de sua boca, vou até ela e lhe dou o que merece: um tapa certeiro em seu rosto.

— Meu Deus! Como pude achar que poderia chamar de amiga uma pessoa tão dissimulada e falsa como você? Por que fez isso comigo? — Indaguei decepcionada.

— Fiz isso porque eu te amo! — Ela gritou, fazendo-me recuar imediatamente em surpresa. — Sou apaixonada por você desde que lhe conheci! — Confessou, me fazendo levar a mão à boca e ela continuou: — Minha família nunca soube que eu era lésbica e temi que minha opção sexual também a afastasse de mim, por isso escondi meus sentimentos de você. — Quase caí de joelhos quando ela terminou de falar, mas Matteo me segurou a tempo de impedir que isso acontecesse.

— Puta merda! — Matteo murmurou baixinho.

— Porra! Por essa eu não esperava! Não é à toa que nunca consegui comer ela! — Bernardo falou tão chocado quanto nós.

E eu? Ainda estava muda, chocada, completamente pasma e sem saber como reagir tamanha quantidade de revelações.

— Odiei cada um que passou por você. — Voltou a falar, suas lágrimas ainda caindo sem cessar. — Chorei a cada noite em que sabia que você levava outro para cama. Até mesmo arranjei um namorado em uma tentativa patética de te fazer ciúmes, mas isso não mudou nada. Você nunca me olhou como eu queria.

Foi impossível não começar a ver sentido em tudo agora. Era como se tivesse tudo estampado na minha cara e eu tivesse sido apenas cega demais para enxergar algo que estava claro como água. A forma como ela lidava com os homens que passaram em minha vida. As críticas desnecessárias. Os comentários ácidos. Tudo. A forma como ela parecia encarar meu relacionamento com Matteo desde o início, o quanto se afastou desde então. E a tola

aqui chegando a achar que ela tivera uma queda pelo primo no passado, quando, na verdade, era por mim.

Meu Deus! Ainda não podia acreditar nisso!

Ainda assim, nada impediu que eu me sentisse traída. Traída pela amiga que eu acreditava ter tido um dia. Mas também principalmente traída por saber que por causa desse sentimento insano que eu nunca seria capaz de retribuir, ainda fora capaz de tentar arruinar não apenas meu relacionamento, mas também a minha carreira. E o pior, ela não parecia demonstrar nenhum arrependimento por isso.

Admito que às vezes minha sinceridade assustava muita gente. Que também me metia em maus bocados por causa disso. Mas era quem eu era. Era adepta do "sincericídio", em que preferia matar alguém dizendo a verdade, do que me suicidar engolindo uma mentira. E nunca, jamais, prejudicaria alguém em benefício próprio.

— Como você pôde fazer isso? — Indaguei cada vez mais magoada.

— Eu precisava afastá-los. Você estava tão apaixonada por ele, que queria que visse que ele nunca

estaria ao seu lado. Não como eu estaria. — Declarou simplesmente.

— Você é louca! — Matteo rosnou ao meu lado.

— Você mentiu, tentou prejudicar a minha carreira. Sabia que eu não apenas era realizada profissionalmente, como também essa sua atitude repercutiria também na vida da minha irmã. Você não pensou nem por um segundo, que eu não teria mais como sustentá-la e comprometeria seu futuro caso isso acontecesse? Não pensou, nem por um segundo, em como isso me faria sofrer? — Gritei para ela, que se encolheu, mas logo levantava o queixo de forma altiva.

— Eu cuidaria de você! Eu seria sua mulher! — Gritou de volta e olhando para ela, ainda que chocada, senti nojo.

Nojo, não da sua preferência sexual, mas da pessoa que ela era. E raiva. Eu sentia raiva. Estava tomada completamente por esse sentimento e voei para cima dela. Vi-me completamente trilouca, pois fora de mim era pouco, eu estava furiosa, o ódio dominando cada célula do meu corpo.

— Para, Mel! Tudo que fiz foi por amor! — Ela tentava se defender, enquanto batia nela sem pena.

— Amor? — Me afastei bruscamente e gargalhei sem humor algum. — Você não sabe o significado dessa palavra! Caso soubesse, nunca teria tentado interferir ou me prejudicar!

— Você pode não acreditar, mas foi sim por amor. E faria tudo de novo por você! — Afirmou em lágrimas.

Estava prestes a avançar novamente em cima dela, quando Matteo segurou-me com força.

— Para, amor. Não adianta. Ela não se arrepende de nada. Ela é louca. — Falou com amargura.

— Não me arrependo mesmo! E se fiz o que fiz, foi por sua causa! — Gritou para ele. — Você sempre ficou com todas as garotas que eu gostava! Sempre. E quando você voltou, eu sentia, sabia que isso aconteceria com ela também. — Continuou a gritar, conseguindo me deixar cada vez mais chocada.

Meu Deus! Ela era realmente louca!

— Eu sou culpado por você não se assumir? Ou sou culpado por ser gostoso? — Matteo perguntou

ironicamente, com a nítida intenção de provocá-la.

— Imbecil! Nós estávamos felizes antes de você chegar! Eu ia conquistá-la. Ela seria minha! — Continuou ensandecida.

— Você é doente! — Murmurei, apertando-me contra o Matteo.

— Você não entende, não é, Jaque? Você não tem o que ela gosta! — Matteo a provocou e Jaque rosnou, mas o Bernardo foi mais rápido e a segurou antes que avançasse sobre ele.

— Basta! — Grande Otávio se colocou no meio. — Você, para minha sala agora, Jaqueline! Estou chamando seus pais! — Avisou sem dar brecha para contestação e ela ao menos teve a decência de dessa vez abaixar a cabeça envergonhada.

Ainda estava nervosa e meio trêmula, completamente abalada com as revelações quando os dois saíram acompanhados da vadia da Isa. A bicha da Isa era tão cínica, que antes de sair ainda teve a cara de pau de fazer uma tentativa patética de se jogar para o Bernardo, que lhe disse que tinha uma namorada e não estava nem um

pouco interessado. E tenho que dar o braço a torcer, sua atitude me surpreendeu.

— É, novela mexicana perde feio. Tá mais para tragédia de novela grega. — Bernardo gracejou e eu tive que concordar.

— Obrigado, cara. — Matteo lhe agradeceu.

— Não tem que agradecer. Somos *parças*.[19] — Ele respondeu, dando no meu namorado aqueles abraços de cara.

— Obrigada, Bê. — Agradeci sinceramente e ele sorriu.

— Estamos aqui para isso. — Piscou para mim.

— Bom saber. E estamos aqui também para acabar com sua raça caso magoe minha melhor amiga. — Avisei, fazendo-o engolir em seco e seu sorriso se desvanecer.

Muito bem! Ameaça recebida com sucesso!

#

Deitados na cama de Matteo, eu me sentia completamente esgotada. Havia acabado de sair do banho mais demorado da minha vida. O embate dessa tarde fora

muito mais psicológico e a facada tinha sido mais profunda do que queria admitir. Otávio Vogel me deu a escolha sobre o que fazer, se eu processaria a *falsiane* da Jaqueline ou não, e mesmo contra a vontade de Matteo, decidi não dar prosseguimento ao processo.

Podia parecer precipitado ou idiotice da minha parte, sabia que ela tinha que pagar pelo que havia feito, mas eu queria apenas passar uma borracha e fingir que isso nunca aconteceu. Não queria vê-la nunca mais. Queria viver a minha vida em paz.

E foi pensando justamente nisso que um soluço irrompeu inesperadamente da minha garganta. Todas as emoções e sensações previamente reprimidas transbordando naquele momento. As lágrimas desciam e quando Matteo me abraçou, tentando me acalentar, não tive vergonha de mostrar o quanto estava abalada nesse momento.

— Não chora, minha Fufuzinha. Eu odeio te ver sofrendo. Estou com você. Sempre estarei com você. — Garantiu e eu sorri através das lágrimas.

Suas palavras tiveram o efeito contrário, porque não

tinha como não me emocionar quando ele me vinha falando assim. Sério. Estava virando uma poça de manteiga derretida.

— Eu te amo, meu prepotente. — Sussurrei quando ele acariciou minha bochecha.

— Eu sei, Fufuzinha. Eu sei. Eu também. — Sorriu daquela sua forma prepotente que eu tanto amava.

Ainda acariciando meu rosto, vi quando Matteo lambeu os lábios e me fixei no movimento. Eu sabia que ele estava sendo paciente comigo depois do acontecimento de mais cedo. Mas eu não queria ele paciente, eu o queria completamente desnorteado. Precisava disso agora. Precisava perder o controle e apenas da maneira que ele sabia fazer tão maravilhosamente bem.

Meus lábios logo estavam se esfregando contra os dele. Seus lábios em seguida se abriram debaixo dos meus, me recebendo, em um convite tentador que eu jamais recusaria. E não pude me segurar mais, deslizei minha língua em sua boca e a sua se enrolou contra a minha. Mas eu ainda não tinha o bastante. Eu queria mais.

Mas então ele se afastou subitamente, me deixando frustrada perante os planos safados que haviam se formado rapidamente na minha mente só um pouco pervertida.

— O que foi? — Perguntei me sentando na cama, quando o vi procurar alguma coisa pelo quarto.

— Só uma música que queria que você escutasse. — Respondeu, já com o celular em sua mão.

Com um sorriso estampado no rosto, começou a se despir enquanto cantava junto com a canção.

Quando você chega
Me chama de Preta
E eu fico assim paralisada.
Porque você é o meu preto
Tira meu sossego
E me deixa assim apaixonada.

Eu sei que quando te pego
Te abraço, não nego
Eu fico assim descontrolado
Porque você é a minha preta
Que sempre me aceita
Se eu tô bonitinho ou bagunçado.

Você tenta fugir de mim, mas não dá
Porque a gente é assim, tamo colado
Não quero que pense assim, me ajuda
Porque nós somos um time, lado a lado.

E quando tamo na cama
Sua chama me inflama
E eu fico toda derretida
Eu gosto quando me engana
E diz que eu sou
A única mulher da sua vida.

Eu não minto pra você
Faço tipo safado
Mas no fundo tenho muito medo
Eu sei que eu tô feliz do teu lado
Mas fica entre nós
Esse é nosso segredo.

Tento disfarçar não dá
O meu olhar me entrega
Cansei de esperar
Ou você me pega ou desapega.

— Me pega. — Sussurrei, sabendo que ele me pegaria quando pulasse em cima dele e foi o que fez, antes da sua

boca tomar a minha e me entreguei.

Eu estava entregue. Sem dúvidas. Sem medos. Sem reservas. Não tinha jeito, com Matteo Vogel, meu prepotente, eu sabia que era pra sempre.

“Pode desapegar desses

livros e vem comigo nessa “aventura”, tá?”



“ TUDO QUE VOCÊ PRECISA SABER COM A GRAVIDEZ E NINGUÉM TE CONTA!

Na gravidez há algumas verdades, verdadeiríssimas que ninguém te conta. Algumas não. No caso, são muitas mesmo. Há tantos livros que te dizem coisas, tanta coisinha fofa, mas

tenho que te dizer algo que certamente irá te decepcionar: *É tudo mentira, menina! Não existe brilho algum! Pode desapegar desses livros e vem comigo nessa "aventura", tá?*

Acho que a única coisa que pensamos antes de engravidar, é sobre o filho que iremos gestar e nos importamos em nos preocupar com seu futuro, mesmo antes de nos descobrir grávidas. E nos esquecemos de algo primordial durante a gravidez: a gravidez.

Estar grávida, feliz e brilhante é como aquelas propagandas de absorvente, tudo balela. É impossível ser feliz o tempo todo, isso é fato. Mas na gravidez isso é quase impossível. Na verdade, na maior parte do tempo você não vê a hora que o bacuri nasça logo e pare de passar por isso. Aquele brilho que prometem nas capas de revistas, na novela das 8, aquelas mulheres lindas, com a barriga perfeita, sem nenhuma estria e o sorriso perfeito, é como já disse, tudo mentira!

A gravidez é um porre. Não há fase legal, uma é pior que a outra. No início são os enjoos. Depois

vêm as azias e após isso, é o desespero de acabar logo tudo. Gestar é mais difícil do que parece, porque simplesmente perdemos qualquer controle que um dia pdemos ter.

A primeira coisa que preciso falar é sobre os hormônios. Ahhhh! Os Malditos Hormônios! Se na TPM já vivemos em uma miríade de emoções, na gravidez é como você viver em um poço sem fundo de TPM. É tudo elevado à milionésima potência. Tudo fica maior e mais intenso. Nosso humor mais parece uma montanha-russa, caindo e subindo rapidamente. A gente chora até em comercial de margarina ou em saída de BBB. Fora que vez ou outra, parecemos estar possuídas pela Pomba Gira.

É, os maridos sofrem! Se você tem um, dê valor ao seu!

Nossos maridos na maior parte do tempo, por mais compreensivos e participativos que sejam, queremos dar um soco. Só um *soquinho.* Ou dois. Dizemos que o odiamos em um segundo e no seguinte choramos e dizemos que o amamos. A

verdade é que uma parte nossa os culpam por isso. Afinal, eles apenas gozam e nós temos todo o trabalho de carregar o moleque pelos próximos nove meses e ainda por cima passar pelo parto.

Mas você enjoar ou querer dar no seu marido, não quer dizer que você não o ame, certo? Na verdade, você o ama, mas desejava com todas as forças que ele quem estivessem passando por isso. E por mais que tentem nos acalmar, só há uma coisa que realmente nos faz: Nasceu!

Andar com as pernas abertas se torna extremamente necessário. É como se colocassem um alicate invisível no meio das suas pernas e fechá-las se torna praticamente impossível. Você acaba andando, como, por falta de uma palavra melhor, se tivesse levado uma bicuda certeira na sua vagina e isso não é legal, *miga*. Só que não importa o quanto você deteste isso, vai chegar um dia que você nem vai mais ligar.

Sentar em um determinado estágio da gravidez também se torna uma missão quase impossível. A partir de um determinado período, nem sentar e

nem levantar são confortáveis. Você apenas reza para continuar lá, mas sabe que tem que levantar. Provavelmente para ir ao banheiro, porque você mija muito mais do que ingere líquidos. Não irei nem mencionar o fato de que abaixar, é como dar um *duplo twist carpado*. É, tipo, sem chance, *fia*!

Outra coisa que ninguém fala, é que tudo vai ficar inchado. Quando eu digo tudo, é tudo mesmo. E é realmente, definitivamente, inchado. Inclusive nariz, que fará você se sentir uma rena do Papai Noel. Até mesmo bexiga e virilha, uma coisa que você certamente não verá por um bom tempo.

E, Deus! Como as coisas ficam difíceis nessa área!

Se achar sexy sabendo como as coisas estão grandes, é como dizer que você não vai dar "nem uma olhadinha" em loja de promoção. É impossível. E mais uma vez o marido sofre aí, porque você fica insegura, pegajosa e certamente descontará sua frustração em cima dele.

Já disse que amo meu marido?

Azia. Azia na verdade é uma manifestação da Mãe Natureza, que quer descontar em cima de você o fato de você não sofrer mais das cólicas menstruais, por não ter se precavido e por causa disso engravidado. *É, ela é bem escrota quando quer*! E acredite em mim quando digo: Nenhuma receita milagrosa vai ajudar.

Praga da Mãe Natureza, nem Mãe de Santo tira! Quanto mais remédio!

Você nunca, nunca, nunca mesmo encontrará uma posição confortável para dormir. Eu já disse nunca? Virar de um lado para o outro, será um desafio tipo descobrir a Rota das Índias, não há caminho certo, muito menos bom e ainda há perigos que você não estará preparado para enfrentar. E dormir de bruços então, nem pensar!

Há dias que você terá energia para abastecer toda sua casa. No caso, comigo só aconteceu um dia, mas isso é o de menos. Mas em outros dias, mais precisamente 99,8% dos dias, você se sentirá como uma espécie nova de urso polar e a única coisa que pensará em fazer é hibernar. De

preferência até o final da gravidez.

E então o bebê nasce. Pularei a etapa da gravidez, porque descrever o parto é como tentar explicar que uma melancia está saindo pela sua vagina. Enfim, você finalmente se vê livre da gravidez, mas e a barriga, *miga*? É, ela fica tão esquisita. Parece que há um ser estranho em cima de você. E não, isso não muda logo!

Amamentar é também uma missão fodidamente difícil. Por vezes nós precisamos de ajuda e termos ajuda da nossa coleguinha que sempre nos abandona: a paciência.

Me diziam que depois que isso acabasse, você esqueceria de cada privação vivida, e é verdade. Ter um filho é uma benção.

Seja bem-vinda a porra da gravidez, mamãe! “

Terminando de ler a introdução do novo livro da Melissa, eu não apenas me sinto fodidamente orgulhoso da minha mulher, como também de mim, afinal ou eu estava rindo ou estava chorando nessa gravidez. Comecei a

pensar sobre o assunto, porque como a Mel falou sobre o fato de não falarem a verdade da gravidez, para os homens então nem se fala, tudo mentira. Caso contrário, não teríamos povoado a Terra.

Foi nesse momento que passei a odiar Adão! Com certeza no paraíso não existia gravidez!

Ser pai não estava nos meus planos, não imediatos pelo menos. Pensava em ter filhos apenas daqui a alguns anos. Também não estavam nos da Mel, que estava crescendo profissionalmente e foi pega de surpresa tanto quanto eu com a notícia da gravidez. E isso aconteceu um pouco depois que descobrimos que seríamos tios.

É, levar a mulher para comer peixe cru, grávida, não é uma experiência que esquecerei. Nunca mais comerei sushi nessa vida!

Justamente por esse fato que o programa de TV da Mel teve que ser adiado por algum tempo, até um pouco depois do nascimento do nosso filho, Enzo. O que em parte foi bom, porque podemos amadurecer ainda mais as ideias do seu programa e quando ele foi lançado, não poderia ter outro resultado: era um sucesso!

Mas não pensem que não sofri até esse momento, porque com a gravidez da minha mulher, eu havia conhecido um novo significado para a palavra sofrimento. Lembram da minha reclamação sobre a TPM horrível da Mel? Retiro completamente o que eu disse. Sua TPM era como uma ida ao parque comparada à experiência que vivi e felizmente sobrevivi após sua gravidez.

Acho que o único que não sofreu com esse tipo de problema foi Micah, porque ao contrário da Mel, a Hortênsia foi praticamente a Madre Tereza de Calcutá e minha sobrinha, Flor de Lis, era um anjo. Não era a toa que eles pensavam em "plantar" um jardim inteiro de filhos com o nome de flores, igual a Mel, Hortênsia e a mãe delas.

Sério. Às vezes eu achava que tinha casado com a irmã errada! Porque vai ser doida assim lá na minha cama!

Não, isso não é um maldito eufemismo. A verdade é que por mais feliz que estivesse em saber que a mulher que eu amava carregava um filho meu, durante os nove meses em que ocorriam seus surtos intermitentes, era

impossível que não me indagasse: Por que porra eu não usei camisinha?

Vocês devem estar pensando que sou um cara terrível, mas que atire a primeira pedra o homem que nunca pensou isso enquanto sua mulher está grávida, ao menos uma vez. Olha, eu amo meu filho, ele é tudo para mim, só que na minha cabeça de gênio deveria existir um método não tão letal para homem quanto a gravidez, para trazer uma criança ao mundo. Tipo, a história da Cegonha mesmo, sabe? Porque ter que passar por tanto sofrimento, era algo que eu realmente, definitivamente, com toda certeza, não gostaria de repetir.

Felizmente a minha amada esposa, minha Fufuzinha, concordava comigo. Depois do que passamos, não tínhamos pretensão de termos mais filhos. Como eu disse, nós amávamos nosso filho, mas ele também não facilitava a vida, porque *Denis, o Pimentinha,* era um anjo de candura ao lado dele.

Então para que mais filhos? Já tinha um que valia por quatro!

Não foi à toa que, prevendo tudo isso, assim que a

Mel saiu da sala de parto, por exigência dela mesma, eu tomei a segunda melhor decisão da minha vida depois de casar com ela: a vasectomia.

Eu já disse que amava a minha mulher?

Olha, eu recomendo muito, viu? Fazer vasectomia é como você peidar à vontade depois de muito se segurar na frente dos outros. A sensação de alívio é maravilhosa. Hoje me sinto extremamente aliviado, livre e posso foder sem culpa, sem ter medo do que passarei pelo por causa de uma nova gravidez.

O médico achou que eu era louco por fazer isso com somente vinte e nove anos e apenas um filho. Minha família também me condenou, mas não me importei. A porra do pau não era meu? A pessoa mais interessada nele estava de acordo comigo, então era isso que me importava.

Fora que caso mudássemos de ideia, ainda existia barrigas de aluguel, adoção. O que definitivamente não era o caso, quando se tem um filho com poder dos *Gremlins,* [20] que parecia se reproduzir para tocar o terror dentro de casa e em qualquer lugar que estivesse, mas era

resistente a luz do Sol.

Eu sei. O mundo agradecia por termos extinto a possibilidade de uma nova combinação dos nossos DNA's!

Li diversos livros, filmes, mas durante a gravidez, eu vi que não existe um Manual para que nós homens pudéssemos sobreviver a uma gravidez. E, acreditem, isso salvaria não apenas muitos homens, como também muitos casamentos. Por isso que estou pensando seriamente em escrever esse bendito livro. Eu farei um benefício para a humanidade.

A gravidez é dividida em fases. Mas não ache que as coisas melhoram, elas apenas tomam rumos diferente em cada período e a principal dica que dou, que serve para cada uma delas é: Fique calado. Até mesmo calado você está errado. Mas é melhor pecar pelo que não falou, do que sofrer as consequências pelo que falou.

Ah! Se eu soubesse disso antes, teria me poupado tanto sofrimento!

A primeira fase da gravidez é a *fase da descoberta*. Essa é definitivamente uma das melhores, ou devo dizer

menos pior? Enfim, por mais assustados que estivéssemos com a notícia, ficamos felizes de dividirmos isso com aqueles que amamos. No nosso caso nós ficamos tão felizes, que foi justamente aí que decidimos viajar e nos casar em Vegas.

Eu, ela e o Elvis. Para que melhor?

Mas é só esse momento mesmo, cara, porque as coisas começam a se complicar proporcional a idade gestacional. E é quando começa a próxima fase: A *fase Emily Rose*[21] ou a *menina do Exorcista.*

Preciso mesmo explicar? Ok, vocês que pediram. Essa é realmente uma das piores fases. Sua mulher vive com a cabeça mais enfiada na privada vomitando, do que com você com a cabeça no meio das suas pernas, porque sexo nessa fase nem pensar! Só "tu" com "tu" mesmo. Boquete então nem pensar!

Desculpem falar isso, mas é a verdade. Sexo nesse período, é como ganhar na loteria, pois quando ela não está vomitando, ela está comendo com a fome de dez peões juntos, para em seguida vomitar tudo novamente. Ou então ela está como um filhote de pinche molhado e louco,

te culpando pelo que ela está passando, como se você tivesse sido o único que fez sexo, para em seguida vomitar tudo novamente.

Viram o denominador comum nessa fase? Pois é, tudo acaba em vômito! E é aí também que você aprende o significado de contar até seis como no filme, porque senão a sua vontade é de correr. Para bem longe. Para um lugar onde o sexo com a finalidade de reprodução é proibido, ao menos não naturalmente, tipo em *Krypton.*[22]

Depois dessa fase, vem a fase do *Kinder-ovo*[23], cada dia você come, literalmente, uma surpresa diferente. As oscilações de humor são mais presentes nesse período e te deixam a beira de enlouquecer. Você não sabe se ri ou se chora. Porque em um instante ela te ama e você é o melhor marido do mundo e no segundo seguinte ela te odeia e você é o cara mais escroto da Terra.

É, é bem difícil de acompanhar! E nós ainda somos os errados!

Mas nesse período, você ao menos transa. E muito. Tem que ter pique e fôlego para suportar e conseguir acompanhar os desejos sexuais da sua mulher. E se você

se nega, está errado, tem outra na rua, então você tem que dar conta, tem que aguentar. Eu transava tanto nessa época, que do jeito que tudo acontecia com a Mel, era bem capaz dela engravidar de novo, mesmo estando grávida!

E por último, graças a Deus, como você começa a achar que a gravidez tem um tempo de gestação dos elefantes (e não diga isso para ela, porque as consequências podem ser fatais), tem *a fase do "Como eu era antes de você"*. Não, não o livro e nem o filme, mas é porque nesse período, tudo é desculpa para chorar.

Um: Ela está enorme e as roupas não cabem. (Também nunca, em hipótese alguma, digam, olhem demais, concordem ou repitam isso!) Dois: Ela não se acha sexy o suficiente e acredita que você irá arranjar outra, como se depois de ter enfrentado toda essa gravidez, você pensasse em arranjar mais uma mulher na vida. Nunca, é uma forma sutil para nós expressarmos nosso desejo de viver qualquer coisa parecida uma outra vez. Três: Além dos desejos, das agonias, dormir nessa fase é quase impossível. E como elas nos consideram culpados pelo

seu estado, também não nos deixam dormir. E quatro: Ela vira a pessoa mais nostálgica do mundo, reclama, chora, ri, chora de novo, sempre pensando em sua vida antes de você engravidá-la.

Mas então vem o parto. Finalmente! Você não via a hora desse momento único chegar, de poder pegar seu filho nos braços, amá-lo e adorá-lo. Mas a verdade é que, no fundo, você também estava louco, desesperado, para acabar com todo esse pesadelo chamado gravidez.

Ser xingado, ter sua mão apertada a ponto de quebrar, ouvir seus gritos e gritar junto, chorar junto, ver seu *parque de diversões* sofrer um atentado terrorista, é tudo, menos a coisa mais linda do mundo. Um parto é um parto. Sem mas. Não há nada de natural e muito menos de mágico nesse momento. A magia só acontece quando você pega seu pequeno chorão nos braços. Então não, obrigado. Um filho é mais do que suficiente.

Por mais difícil que tenha sido a gravidez, por mais terrorista que seu filho seja e por mais louca que sua mulher também seja, você sabe que não existe amor maior no mundo do que o amor que sente por eles. Eles são a sua

família e você é capaz de tudo por eles.

E é exatamente por isso que estou aqui agora. Então me acompanhem, porque sou melhor que novela das oito. Já vocês, homens, aprendam o que mais tarde me dará uma bela recompensa na cama!

#

— Um fato: Mulher quando está sofrendo, só pensa em sair linda e deslumbrante. Já um homem quando está "sofrendo", quer pegar a primeira vadia que passar. Então, amiga, se ele não foi capaz de manter seu pau na cueca, mesmo dizendo que te amava, desapega, menina! — Mel falava para a menina da plateia que havia acabado de lhe perguntar se deveria dar uma chance para o namorado que a traiu.

O #DesaPega, programa de TV semanal da Mel, assim como sua coluna, tinha como tema principal os relacionamentos. O programa recebia convidados famosos, tratava de assuntos variados a respeito, acompanhados de uma plateia interativa e banda. Desde o início, a Mel bateu o pé porque queria que o programa

tivesse como objetivo entreter e falar sobre sexualidade e relacionamento sem restrição. Por isso a atração só tinha uma regra, que vale tanto para os convidados quanto para o público participante: falar abertamente sobre os assuntos em pauta.

Nós todos sabíamos a puta profissional que a Mel era, tanto que há tempos ela já fazia sucesso nas redes sociais, mas ainda assim minha mulher conseguiu nos surpreender e seu programa tinha um dos maiores índices de audiência que o país já vira.

A Mel tinha apenas um problema, ela falava muito e era sincera demais. Exatamente por isso que resolvemos que o melhor era que seu programa não fosse ao vivo, porque cortes e edições por vezes se faziam necessários. Especialmente quando ela achava que era legal xingar os homens que cometem o erro de trair suas seguidoras.

Como o programa era semanal, era gravado às terças e ia ao ar apenas aos sábados e eu costumava acompanhá-la em cada gravação. Normalmente eu ficava nos bastidores, apenas vendo de longe, principalmente porque mesmo que tivesse sido contra, a direção do programa havia

concordado com a ideia absurda da Mel de ter os putos dos assistentes de palco usando apenas sunga. Eles alegaram que seria bom para a audiência feminina, que estava acostumada apenas a ver as assistentes de palco rebolarem a bunda para os homens.

Mas hoje, eu estava na arquibancada, com nosso filho no colo, que brincava distraído com meu celular. Sua calmaria apenas sendo possível porque havia tomado uma quantidade exorbitante de suco de maracujá, quase do nível da poção do sono da Branca de Neve.

É, para vocês verem. E ainda assim esse pestinha estava aqui, sem nem piscar os olhos!

O quadro que agora a Mel gravava, era justamente o momento em que ela abria espaço para a plateia tirar suas dúvidas sobre relacionamento. E era também o meu momento de fazer o que eu estava ali preparado para tal.

— Vamos para o próximo.

Quando o assistente de palco entregou o microfone para mim, a Mel me olhou com atenção e foi impossível não notar o sorrisinho irônico que se formara em seu belo rosto. Eu quase podia ouvir sua mente me perguntando: *O*

que você está aprontando, seu prepotente?

— Como é seu nome? — Perguntou, cínica, entrando no jogo.

— Matteo. E eu tenho uma pergunta para fazer. — Pisquei para ela, que tentou segurar o riso.

— Então, Matteo, o que você gostaria de perguntar?

— Há alguns anos, conheci uma mulher que é um furacão, que revirou tudo e mudou toda a minha vida. Eu me apaixonei por ela perdidamente. Não tive nem chance de me defender. E nem queria. Tudo que eu podia querer e quero é enlouquecer o resto de vida que me resta com ela ao meu lado. Quando decidimos nos casar, foi completamente no impulso e apesar de ter o que queríamos e também ter sido um dos dias mais especiais da minha vida, afinal, foi o dia que ela ganhou meu sobrenome, nós dois não tivemos a chance de dividir esse momento com a nossa família. — Limpei a garganta, minha voz meio embargada.

Melissa já chorava. Eu acho que ela havia entendido exatamente o que eu queria.

— Eu quero vê-la vestida de branco, vindo em minha

direção no altar. Quero compartilhar esse momento com nosso filho. Quero ver a emoção em seus olhos quando dissermos "sim" e prometermos mais uma vez que será "até que a morte nos separe". E é por isso que esse moleque quer te fazer uma pergunta. — Falei, antes de colocar o microfone na frente do nosso filho.

— Mamãe, você aceita casar com o papai de novo? — Enzo perguntou conforme havíamos ensaiado, com a sua vozinha infantil animada e eufórica.

— Sim. — Ela respondeu, com sua voz falhando pelas lágrimas.

Sem conseguir esperar por mais um minuto para ir até ela, entreguei o microfone para o assistente de palco. Com nosso filho no colo, pulei a arquibancada da plateia ao som de *Baby* de Justin Bieber, música que eu havia cantado para ela no nosso primeiro casamento, e fui em direção à mulher que eu amava.

Melissa passara tanto tempo tentando desapegar de tudo que pudesse prendê-la a alguém, que quando nos conhecemos, não funcionou quando se tratava de mim. Não funcionou nem um pouquinho.

Graças a Deus por isso!

Parei em sua frente e após ela beijar a cabeça do nosso filho e eu colocá-lo no chão, enxuguei suas lágrimas com os polegares.

— Eu te amo, Melissa Brandão. — Sorri, encostando sua testa na minha. — Obrigado por dizer "sim" mais uma vez. Mesmo você sendo louca, meio psicótica ou quisesse ter mais cinco filhos, ainda assim eu ia querer te dizer "sim" pelo resto da vida. Você é a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Tudo que jamais quero desapegar, minha Fufuzinha.

Tudo ao nosso redor se desfez. Tudo que importava agora, era essa mulher linda que havia me colocado aos seus pés no dia em que nos vimos pela primeira vez. O único som que escutava era dos nossos corações, que batiam mais do que acelerados nesse momento. Batiam um pelo outro.

— Eu também te amo. Muito. Eu te amo tanto, meu prepotente. — Sussurrou, antes de nossos lábios se encontram.

E ao contrário do que cantava a canção, que dizia que

para ser feliz não precisamos nos entregar, nós fizemos isso mais uma vez e nos entregamos para nossa felicidade.

Fim.



Em breve

Kamila tem certeza de que ela é uma das pessoas mais azaradas do mundo. Atriz na carreira e na vida, ela não tem sorte nem mesmo para o trabalho. Seu sonho de ser uma Diva das Novelas parece cada vez mais distante, pois o máximo que conseguiu foi ser estrela de um comercial de produtos de limpeza da TV.

Como se o fato de não conseguir trabalhar com o que ama e por causa disso estar dura não fosse o suficiente, Kamila tem azar até mesmo no amor. Ela não tem um dedo pobre, tem a mão inteira quando o assunto é escolher seus

namorados. Ou é idiota, ou cachorro, ou é feio. E claro, gay. Isso resume toda sua vida existencial de solteira.

Até que ao conseguir passar na seleção para ser a garota propaganda de uma marca de bebidas, Kamila acredita que está tirando a sorte grande, pois irá juntar duas das suas paixões: atuar e beber cachaça grátis. Isso até que ela reencontra o ex-namorado da sua melhor amiga.

Bernardo Grimaldi é o filho único da família que tem uma das empresas mais tradicionais no mercado de bebidas do país. Acostumado a ter tudo em suas mãos, se vê louco para reconquistar sua ex-namorada, mas seu plano é deixado de lado quando reencontra com a melhor amiga dela.

Ele tem um plano infalível para tê-la não apenas como a cara da sua empresa, mas também em sua cama. Tudo seria perfeito, se não fosse um único problema nisso tudo: ela o odeia. Principalmente depois de ele ter traído sua melhor amiga.

A amiga louca e com dedo podre da sua ex-namorada. O ex-namorado traíra da sua melhor amiga. Duas grávidas

loucas e uma pessoa naturalmente dramática. Uma comédia romântica que está mais para drama mexicano.

Entre dramas, confusões e muitas risadas, Bernardo tentará conquistar Kamila e fazê-la entender que o importante é desencanar e se entregar ao amor.

Playlist

Lei do Desapego – Thiago Brava
Cinquenta Reais – Naiara Azevedo
Desapeguei - Pablo
Loka – Simone e Simaria e Anitta
Sua Cara – Pabllo Vittar & Anitta & Major Lazer
Chora Boy - Simone e Simaria
Despacito - Luis Fonsi & Daddy Yankee
K.O. – Pabllo Vittar
Hot N' Cold - Katy Perry
Fogo e Paixão – Wando
Vidinha de Balada – Henrique e Juliana
Pega ou Desapega – Preta Gil e Thiaguinho
Baby – Justin Baby

Agradecimentos

#DesaPega foi uma história que surgiu em minha cabeça enquanto eu preparava um café na minha amada máquina de expresso. Enquanto o café enchia a xícara, cada detalhe da história, dos personagens e especialmente da Mel, se formaram em minha cabeça e por mais ansiosa que estivesse para começar logo a contar essa história, tive que aguardar o momento certo e depois de dois anos, ele finalmente chegou.

Jamais cansarei de agradecer a minha família, meus pais, que são meus maiores fãs e a recíproca é mais do que verdadeira. Ao meu marido e filho, meus maiores incentivadores. Não sei o que seria de mim sem vocês. Obrigada por estarem comigo sempre! <3

As minhas dramáticas lindas. Tatiana Pinheiro, Sara, por estarem comigo a cada dia. Especialmente a Marta e a Kami, por terem estado comigo em cada capítulo, cada etapa. #DesaPega é de vocês também! Amo vocês, sempre. <3

Carlie Ferrer, minha BFF, sempre vibrando, torcendo e estando comigo, mesmo com qualquer distância e ausência. Maria Rosa, amiga incrível. Meu apoio de cada dia. De cada etapa da minha carreira e vida. Obrigada por estar comigo sempre. <3

Taciana, Thais & Thuany, sempre presentes em minha vida. <3

As minhas queridas amigas autoras da Panela de Pressão: Joice Bittencourt, Evy Maciel, Sue Hecker, Kacau Ti Amo, Márcia Lima, Sylmara, Bya Campista, Camila Ferreira. Juntas somos mais fortes! <3

Ao Lado Purpurinado da Força: Villar, Paulinha, Liv, Sara e Kami, por serem esse time incrível de pessoas que quero guardar no potinho! Amoooo <3

Minhas princesas lindas e eternas em meu coração, aos meus leitores maravilhosos, obrigada por cada palavra linda, cada homenagem que me fez chorar, obrigada por cada livro, cada e-book comprado, obrigada por me permitirem viver esse sonho. Sinto-me tão sortuda por ter vocês. S2

A minha equipe linda de divulgação: Laís, Paula, May,

Alinne, Laiza. Obrigada por me apoiarem sempre! <3

Aos meus queridos Alinne Leite, Mayse Margarida, Thays Lima, Bianca Patacho, Vanessa Fiorio, Aline Mendes, Aline Silva, Deisi Riewi, Débora Favoretto, Mari Sales, Diana Medeiros, Anne, Ellen, Nilton, Mariana Ornelas, Marianna Rodrigues, Dammy, Veveta, Daiane Marinho e todos os meus parceiros, todo meu amor pra vocês! <3

E a você, que chegou até aqui e me deu a oportunidade de contar mais uma história. Obrigada!

Grande beijo,

Míddian Meireles



Sobre a Autora

Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas

adorava Redação.

É Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão incontrolável, resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias. E hoje com vinte e tantos anos, encontrou-se na escrita, redescobriu-se através das palavras, novas histórias e personagens.

Contato: contato@mimeireles.com
Perfil | Grupo Face | Página Face | Site | Wattpad

Conheça meus outros livros clicando aqui.

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós autores... <3

Notas

[←1]

Hugh Hefner é o fundador e editor-chefe da mais famosa revista erótica do mundo, a Playboy.

[←2]

Ted Mosby é um personagem fictício da série de televisão *How I Met Your Mother*, ele acredita na teoria de que *"Nada de bom acontece depois das duas da manhã"*.

[←3]

Kid Bengala, nome artístico de **Clóvis Basílio dos Santos,** ator pornô brasileiro. Kid tornou-se figura de destaque do cinema pornográfico brasileiro, ganhando o apelido "bengala", devido ao instrumento de auxílio em seu trabalho: uma bengala feita à medida de seu pênis que mediria em torno de 33 cm.

[←4]

Siri é um aplicativo no estilo assistente pessoal para iOS.

[←5]

Damon Salvatore é um personagem vampiro da série de tv americana *The Vampire Diaries,* interpretado pelo ator Ian Somerhalder.

[←6]

Gilmore Girls é uma série de tv americana.

[←7]

Anabelle é um filme que conta a história de um jovem casal atormentado pela boneca vítima de um ritual que deseja uma alma para si.

[←8]

Fofão é um personagem fictício dos extintos programa de televisão infantis brasileiros Balão Mágico e TV Fofão. Durante os anos 90, surgiram lendas envolvidas com o Boneco Fofão, alguns diziam ser amaldiçoado e outros diziam ter uma faca dentro do boneco.

[←9]

Jogos Mortais é um filme centrado na luta contra o tempo, onde os personagens se descobrem prisioneiros de um serial killer que leva suas vítimas a situações limítrofes num jogo pela sobrevivência. Para se salvar, terão que desvendar juntos as peças desse quebra-cabeças.

[←10]

Jason Voorhees é um personagem fictício da série Sexta-Feira 13.

[←11]

Freddy Krueger é o personagem fictício da série de filmes de terror A hora do Pesadelo.

[←12]

Ursinho Carinho, desenho que conta a história de uma família de ursos carinhosos que ajudam as pessoas a trocarem bons sentimentos, e protegem a Terra das sombras do mal e do temido vilão Coração Gelado, que tenta a todo custo acabar com o amor.

[←13]

Taz-Mania é um desenho animado, baseado no personagem Taz, um demônio-da-tasmânia, integrante dos Looney Tunes, e produzido pela Warner Bros na década de 90.

[←14]

Law and Order é uma série de televisão policial norte-americana.

[←15]

Jorge Weasley é um personagem da série Harry Potter, que durante uma batalha perde a orelha e quando isso acontece faz uma piada dizendo: “surdo e estou oco”.

[←16]

Bridget Jones é uma personagem da série de livros e filmes *Diário de* ***Bridget Jones***, solteirona de trinta e poucos anos, que decide registrar em um diário sua vida.

[←17]

Gelol é uma pomada analgésica para dor e contusão.

[←18]

Detetive é um jogo de tabuleiro onde cabe ao melhor jogador desvendar através das pistas o mistério.

[←19]

Parças: O mesmo que parceiros. Um grupo formado de amigos ou camaradas.

[←20]

Gremlins é um filme onde os simpáticos bichinhos peludos endiabrados, que têm uma risada sinistra e diabólica, com sua inteligência, eles destroem casas e lojas, causam incêndios, explosões, acidentes no trânsito, matam pessoas e aterrorizam por onde passam. Embora destruam tudo o que veem pela frente, são um pouco engraçados. Os Gremlins também se multiplicam com a água, pois se molharem, eles começam a se multiplicar, saindo bolotas das costas, similares a ovos e a luz do Sol pode matá-los também.

[←21]

Emily Rose é um filme de terror, baseado em um caso verídico que conta a história de uma jovem católica que acreditava ter sido possuída por, pelo menos, seis demônios, tendo sido submetida a uma intensa série de sessões de exorcismo.

[←22]

Krypton é o planeta de origem do Super-Homem, onde a civilização não tem filhos naturalmente nascidos em séculos.

[←23]

Kinder Ovo é um chocolate em forma de ovo, que carrega uma surpresa dentro.